

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
TESE DE DOUTORADO

MAICON ELIAS KROTH

**O RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE MEDIATEZADO DO SOCIAL:
um estudo do programa João Carlos Maciel, Santa Maria/RS**

São Leopoldo

2012

MAICON ELIAS KROTH

**O RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE MEDIATEZAÇÃO DO SOCIAL:
um estudo do programa João Carlos Maciel, Santa Maria/RS**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fausto Neto

São Leopoldo

2012

K93r Kroth, Maicon Elias

O rádio como dispositivo de midiatização do social: um estudo do programa João Carlos Maciel, Santa Maria/RS. / Maicon Elias Kroth. – São Leopoldo (RS), 2012.

209 f. : il.

Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) –
Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Vale do
Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de Concentração: Processos Midiáticos

Orientação: Prof. Dr. Antônio Fausto Neto.

1. Comunicação Social. 2. Midiatização. 3. Radio – Brasil –
Aspectos Sociais. 4. Radialistas Brasileiros. I. Fausto Neto,
Antônio. II. Título.

CDD 070.19
301.161

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária:
Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437

MAICON ELIAS KROTH

“O RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE MEDIATIZAÇÃO DO SOCIAL: UM ESTUDO DO PROGRAMA JOÃO CARLOS MACIEL, SANTA MARIA/RS”

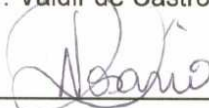
Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 30 de maio de 2012

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valdir de Castro Oliveira – UFMG



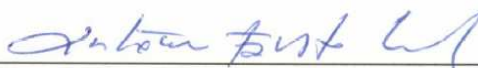
Profa. Dra. Nisia Martins do Rosário – UFRGS



Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira – UNISINOS



Prof. Dr. José Luiz Braga – UNISINOS



Prof. Dr. Antonio Fausto Neto – UNISINOS

*Dedico minha tese aos meus pais,
Astélio José e Izolde Maria Kroth.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de viver tudo o que há;

Em especial:

*Aos meus pais Astélio e Izolde, minha irmã Rafaela
e meus avós. Esta conquista é para vocês!*

*Ao professor e orientador Dr. Antônio Fausto Neto, pela sua amizade,
disposição e dedicação, sempre me estimulando a aprimorar
e deixar ainda mais bonita esta caminhada;*

*Aos meus professores do Doutorado, pelos conhecimentos
partilhados, dicas e sugestões para aperfeiçoar a pesquisa;*

*À banca, que se disponibilizou em ler a tese e
participar do processo de minha formação;*

*Aos colegas da turma de 2009. Compartilhamos momentos
de troca de ideias e angústias. Formamos belas amizades;*

*Aos demais amigos, que me incentivaram,
caminhando ao meu lado;*

*À UNIFRA, onde desempenho meu trabalho,
muito obrigado. Aos colegas, pela
força para seguir em frente.*

*A Maria Remi, pela disponibilidade e empenho
em colaborar na apresentação da pesquisa.*

“Faze-te sem limites no tempo”

(Cecília Meireles).

RESUMO

Investiga-se as estratégias e operações desenvolvidas pelo programa João Carlos Maciel, da Rádio Medianeira AM, de Santa Maria/RS, para dar funcionamento a uma estrutura que visa a manutenção de um projeto de assistência social. Sob a ótica do problema de pesquisa, buscou-se responder como se estrutura um dispositivo de mediação do social a partir de operações que envolvem a *performance* do ator e de suas interações com as lógicas radiofônica, política e do assistencialismo social. Como objetivos da tese, fez-se a descrição dessas operações a partir da problemática da mediação. O estudo foi realizado no período em que se cursou o doutorado, de 2009 até abril deste ano, tendo como metodologia, múltiplas técnicas com ênfase em conceitos da etnografia e estudos de caso. Os resultados principais da tese evidenciam que ações advindas do campo midiático, mais precisamente os efeitos da dinamização de operações realizadas pelo ator, no interior do dispositivo radiofônico, movimentam sujeitos que se agregam ao dar sentido a um determinado social, por meio de processos em constante reelaboração. Para que as ações com vistas a fazer funcionar a proposta de projeto social, via rádio, se efetivem, evidencia-se a importância da *performance* do ator, o comunicador João Carlos Maciel. Ele se constitui na principal operação do dispositivo, ao agenciar operações midiáticas que não se restringem apenas ao contexto interno do dispositivo. Inserido na sociedade, as ações dadas no contexto operativo do dispositivo se alastram sobre os demais sujeitos, constituindo, como efeito, uma rede.

Palavras-chave: Mediação. Dispositivo. Rádio. Ator. Rede.

ABSTRACT

In this study, strategies and operations developed by João Carlos Maciel's program, from Medianeira AM Radio station, in Santa Maria, Rio Grande do Sul, have been investigated so that they could operate a structure which has directed the maintenance of a social assistance project. Under the scope of the problem of research, we attempted to answer how a social mediatization device is structured from the operations that involve the actor's *performance*, as well as his interactions with radiophone, politics and social assistance logic. This research aimed to describe these operations from problematizing the mediatization. In addition, this study was realized during a doctor's degree, from 2009 until April this year, having multiple techniques as the methodology, emphasizing ethnographic concepts and case studies. Thus, the main results of this research have evidenced that actions coming from the field of media, to be more precisely, the effects of dynamics of operations carried out by the actor, inside the radiophone device, move subjects that aggregate when providing sense to a determined social, through processes in constant re-elaboration. In order to actualize the actions addressing the social project proposal and making it work, via radio, the importance of the actor's *performance* has been evidenced, the communicator João Carlos Maciel. Still, he has been in the main operation of the device, when managing media operations that have not only been restricted to the internal context of the apparatus. Therefore, the actions provided in the operative context of the device, inserted in society, spread out to other subjects, constituting, as an effect, a network.

Key words: Mediatization. Device. Radio. Actor. Network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A fachada do prédio da Rádio Medianeira	72
Figura 2 - A entrada do prédio - primeiro espaço de acolhimento	73
Figura 3 - Sala de espera - segundo espaço de acolhimento	74
Figura 4 - Ambiente técnico do dispositivo midiático	76
Figura 5 - Secretária Angélica	76
Figura 6 - O ator em ação	79
Figura 7 - A sala de locução - espaço de mediatização do social	80
Figura 8 - Cartas condensadas em nova redação	92
Figura 9 - João Carlos Maciel “O homem Alegria do Rádio”	94
Figura 10 - <i>Link</i> de acesso ao informativo mediatizado do vereador.....	102
Figura 11 - Jornal mediatizado no <i>site</i>	103
Figura 12 - Oração para purificar o ambiente.....	104
Figura 13 - Rádio <i>Online</i> : remediatizando o programa.....	104
Figura 14 - Uma oração para pedir proteção - estratégia de vínculo.....	105
Figura 15 - Emblemas que “colam” no receptor	106
Figura 16 - Adesivo mediatizador	107
Figura 17 – Carteira do Fã-Clube	109
Figura 18 - Carteirinho funciona como estratégia de vínculo	109
Figura 19 - A sede de João Carlos Maciel.....	112
Figura 20 - Sala para guardar doações.....	113
Figura 21 - João Carlos Maciel atende à população.....	113
Figura 22 - Voluntárias auxiliam no atendimento à comunidade.....	114
Figura 23 - Sala de espera da Sede Social	115
Figura 24 - Um pequeno altar na Sede Social - o campo religioso também é acionado	116
Figura 25 - Itens provenientes de doações.....	117
Figura 26 - Diversos itens para doações.....	118
Figura 27 - Álbuns com fotografias das práticas sociais	119
Figura 28 - Sala com roupas e calçados para doações.....	120
Figura 29 - Roupas selecionadas para a população	120
Figura 30 - Mobilizações da Campanha “Natal do Amor Maior”	121
Figura 31 - Brinquedos doados na campanha.....	121
Figura 32 - Uma mesa com um espaço para amostragem das peças.....	122

Figura 33 - Caminhão para coleta de doações	128
Figura 34 - Ficha de identificação “Caravana da Fé”	132
Figura 35 - Zona de interpenetração.....	133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE MEDIATEZACÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS	26
2.1 MEDIATEZACÃO: UM BREVE OLHAR SOBRE O ESTADO DA ARTE	26
2.2 MEDIATEZACÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS: EXAMINANDO A APLICACÃO DOS CONCEITOS	29
2.3 O RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE MEDIATEZACÃO: DA GÊNESE ÀS APLICACÕES	35
3 O PROGRAMA: DA “ARQUITETURA” AO DISPOSITIVO	56
3.1 NOÇÕES SOBRE O DISPOSITIVO RADIOFÔNICO E SEUS ELOS	66
3.2 OS <i>ELOS DE PRÁTICAS MEDIATEÁTICAS</i>	66
3.2.1 A Rádio Medianeira: primeira edificacão de contato	67
3.2.2 Estrutura de acolhimento: a preparacão dos enlaces.....	71
3.2.3 O estúdio como espaço de relacão entre atores.....	75
3.2.4 O programa: constituicão e articulações	81
3.2.5 Cartas: a memória das demandas sociais.....	90
3.2.6 O site do ator: portal de mediatezacão do <i>self</i>	93
3.2.7 Adesivos: emblemas que “colam” no dispositivo.....	106
3.2.8 “Super fãs de carteirinha”: o alastre dos encaixes	108
3.3 OS <i>ELOS DE PRÁTICAS NÃO MEDIATEÁTICAS</i>	110
3.3.1 Sede Social: segunda edificacão de contato	111
3.3.2 Campanhas assistenciais: mediatezando o social.....	123
3.3.3 Serviço jurídico e contábil: saberes que legitimam a mediatezacão do social	126
3.3.4 Açã móvel da mediatezacão: os “caminhões da solidariedade”	127
3.3.5 Atores em açã: os sujeitos a serviço do ator	129
3.3.6 A missa da saúde: quando o campo religioso também vincula	131
3.4 O DISPOSITIVO PONDO OS ELOS EM FUNCIONAMENTO	133
3.4.1 Instância discursiva	137
3.4.2 Instância técnica	140
3.4.3 Instância institucional	143
3.4.4 Instância social.....	145

4 O ATOR TECENDO DOS ELOS À REDE	147
4.1 A BIOGRAFIA “TRÍADE” DO ATOR	147
4.2 A VOZ DO ATOR E SUA ARTICULAÇÃO COM O “CORPO” DO DISPOSITIVO	159
4.3 COENUNCIÇÕES MEDIATIZADAS: DE FRAGMENTOS DO TECIDO SOCIAL À ESTRUTURAÇÃO DE UMA REDE	168
5 CONCLUSÃO	190
REFERÊNCIAS	201

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, antes de falar dos desdobramentos em direção aos resultados desta pesquisa, darei marcha a um texto que revela um pouco das motivações e dos processos que me levaram a propor esta caminhada.

O rádio fez parte da vida deste pesquisador desde sua infância, quando já havia o especial interesse em ser ouvinte de programas radiofônicos das diferentes emissoras existentes na região dos Vales do Rio Pardo e Taquari, mais precisamente em Venâncio Aires, cidade natal, a 125 km de Porto Alegre/RS.

Essa ligação com o rádio se dá em várias etapas as quais vai apresentar-se neste texto, como forma de contextualizar o interesse especial em torno deste meio de comunicação e os processos inerentes a sua complexidade.

Filho de fumicultores, quando ainda morava na zona rural do município, dava-se mais atenção a programas radiojornalísticos, pela possibilidade de saber das notícias relacionadas ao campo. Na parte da manhã as informações sobre o que viria no dia, em especial a previsão do tempo, para saber das condições ou não do plantio das mudas de fumo, em época de safra, atraíam a atenção de toda a comunidade e arredores. À noite, os programas sobre esporte e musicais distraíam, muitas vezes, até a hora de dormir.

Com a chegada da adolescência, levando em consideração uma aguçada curiosidade em torno do rádio, o desprendimento, a intenção de buscar uma profissão e a facilidade de comunicar leva este pesquisador a buscar a qualificação como jornalista, aos dezoito anos de idade.

Recém iniciado o curso de graduação na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, na busca por um espaço no mercado de trabalho, logo trouxe a conquista de uma vaga em um jornal local, chamado “Gazeta do Chimarrão”. Isso ainda no primeiro ano de faculdade. A experiência oportunizada numa empresa que possuía o veículo impresso, uma rádio com frequência AM (Rádio Venâncio Aires 910) e a 105,1 FM, desenhava os primeiros passos como futuro jornalista e pesquisador.

Depois de algum tempo no jornal “Gazeta do Chimarrão” e uma experiência de estágio numa assessoria de imprensa em Santa Cruz do Sul (*Four Comunicação*), a Rádio Venâncio Aires AM 910 kHz oportunizou a ocupação de uma vaga de produtor executivo e de apresentador do “Jornal da Tarde” – um radiojornal de quinze minutos com informações gerais e previsão do tempo, que dava ênfase às informações policiais colhidas pouco antes, nos diferentes órgãos de segurança pública espalhados na região. Assumido o cargo, iniciou-se uma trajetória de seis anos nessa emissora. Assumiu-se, aos poucos, a apresentação e produção de outros diversos programas

dentre os quais o “Jornal da Manhã” e o “Jornal do Meio dia”, considerados os de maior audiência da emissora, segundo dados de pesquisa da época.

Nesse momento foi que surgiu o interesse em acompanhar mais de perto um programa da Rádio Venâncio Aires, que se constituía com singular: era de auditório e itinerante. O “Gente Nossa” ia ar às sextas-feiras à noite e foi extinto há cerca de um ano, por motivos não esclarecidos pela emissora. A peculiaridade de se apresentar em espaços instalados em diferentes lugares do município e arredores, como: ginásios de esporte, salões de festas, no meio da rua e até em estacionamentos de supermercados despertou o interesse em acompanhá-lo, e em compreender como aquele produto midiático apresentado por um comunicador de sessenta e quatro anos na época conseguia reunir cerca de quatrocentas pessoas a cada sexta-feira.

Mas, esse interesse pelo programa somente ocorreu ainda durante o terceiro ano de faculdade, acessando livros e trabalhos acadêmicos que tratavam sobre a mídia radiofônica. O contato com produções intelectuais levou a constatação da predileção por pesquisar. Nessas condições, como forma de monografia de conclusão de curso, foi justamente estudar o programa “Gente Nossa”, numa proposta de estudo de recepção do mesmo junto à comunidade venâncio-aiense. A pesquisa teve como resultado, a compreensão de que o programa radiofônico reunia marcas da audiência, capazes de causar identificação nesta mesma. Outro apontamento foram as considerações dos ouvintes, os quais destacaram que o formato de auditório itinerante e a presença de atrações das comunidades nas quais o programa se instalava, era o fato que mais captava a atenção e atraía para a audição.

Depois de realizar esta pesquisa, então já como jornalista diplomado, constatou-se que ainda haviam questões a serem verificadas, como por exemplo, as especificidades do contexto dos processos de produção do rádio. Queria-se entender as ações engendradas pelo programa *Gente Nossa* como forma de estratégias para capturar o receptor.

Nesse momento, já despontava o interesse em aliar à carreira jornalística à carreira docente. Afinal, ao longo desta travessia pelo campo prático do jornalismo, ocupou-se e exercitou-se funções referentes do processo produtivo em jornais, assessoria de imprensa e emissoras de rádio. Nesse contexto, sempre em busca de novos aprimoramentos, surgiu a oportunidade de ingressar no Curso de Pós-Graduação em nível de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Neste momento, então, compreende-se com mais clareza as estratégias de produção e transmissão utilizadas pelo “Gente Nossa” para capturar o receptor. A pesquisa sobre o tema apontou fatores ligados aos processos de identificação, e, de identidade cultural como

fundamentais para a instituição da audiência. Também se vislumbrou a lógica mercantil entremeadada às estratégias midiáticas de captura do ouvinte e, dessa forma, a manutenção do programa no ar.

A dissertação produzida ao longo do curso *Strict-Sensu* fez avançar o entendimento sobre o campo midiático, sobretudo dos seus modos de produção. Mas não foi só isso. Também se ampliou o conhecimento a respeito das transformações da sociedade na época, já que o mundo passava por muitas mudanças que diziam respeito à economia, à política e a cultura e a própria comunicação, bem retratadas por Manuel Castells, na obra “Sociedade em Rede” (1999) e outros pesquisadores que corroboravam com a afirmação, de que haveria avanços significativos na configuração social, a partir da interferência do surgimento das novas tecnologias, sobretudo no que se refere ao campo da comunicação.

Um pouco antes de finalizar o mestrado, então atuando como repórter para o “Jornal Gazeta do Sul” e a “Rádio Gazeta AM 1180”, ambos do mesmo grupo, localizados em Santa Cruz do Sul/RS, surgiu a proposta de iniciar a carreira docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, em São Miguel do Oeste/SC.

Depois de um semestre viajando todas as semanas, surgiu uma nova oportunidade de trabalho, agora mais próximo de Venâncio Aires, no Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, em Santa Maria/RS, onde até hoje se desempenha atividades como professor de diversas disciplinas, e uma delas ligada à produção radiofônica. Na Unifra, também se coordenou o Laboratório de Produção Radiofônica – LAPRA e, atualmente, coordena-se os cursos de Pós-graduação *Latu Sensu* de Cinema e Comunicação e Projetos de Mídia.

Recém chegado na cidade em julho de 2007, logo houve o interesse na audição de emissoras de rádio AM. Curiosidade aguçada pela experiência profissional e pela predileção pelo rádio como veículo de comunicação para a atualização das informações importantes do dia a dia. Passado alguns meses, sintonizei pela primeira vez, o programa João Carlos Maciel na Rádio Medianeira AM 1.130 kHz.¹ Mas o programa, num primeiro momento, não interessou pelo trabalho jornalístico que levava ao ar.

Entretanto, uma particularidade chamou a atenção quando das escutas: um programa radiofônico que desenvolvia ações assistenciais por meio de um projeto mantido pelo apresentador, fora da emissora, mas intimamente relacionado ao programa. O que instigou foi

¹ A Rádio Medianeira foi fundada pela Diocese da Igreja Católica em 13 de agosto de 1960, em Santa Maria/RS. Desde então, a marca principal da emissora são os programas de conteúdo informativo e musical, com programação durante as 24h. São trinta programas ao todo, que vão ao ar todos os dias. Cultura, esportes, lazer, serviços e evangelização são os temas que norteiam a produção radiofônica. A rádio, atualmente, opera com uma potência de 5 kW. Esta capacidade garante um alcance de mais de cinquenta municípios da região Central e Sudoeste do Rio Grande do Sul.

a percepção de que, através do discurso radiofônico, João Carlos Maciel construía uma relação entre suas atividades como radialista e vereador, com as necessidades tematizadas através de histórias de vida dos ouvintes nos diferentes momentos de interação propostos no programa radiofônico. Esta característica se constituiu na primeira pista que, logo depois, se configuraria num interessante objeto de estudos.

Preocupado em aumentar o conhecimento acerca do rádio, buscou-se mais informações, por meio de terceiros, sobre o programa radiofônico o qual suscitava o interesse em ser estudado. Levou-se em conta o contexto sócio-histórico local como relevante para uma investigação. Santa Maria contava com treze emissoras de rádio, onze de caráter comercial (AM e FM), mais duas comunitárias. Este panorama apontou para a representatividade midiática que este meio de comunicação tem para a comunidade do município e arredores. Um estudo de uma destas emissoras poderia configurar a possibilidade de entender mais sobre a sua natureza e relação social.

Foi então que se motivou o início de um processo de pré-observação do programa João Carlos Maciel² e do contexto onde se inseria. Percebia-se que a proposta de produção do produto radiofônico mostrava algumas semelhanças com outros apresentados em diferentes emissoras, em outras cidades do Estado. No entanto, o programa ganhava proporções relevantes por causa de sua capacidade de inserção social, através da promoção de campanhas assistencialistas. O programa mantém uma sede social, na qual oferece à comunidade uma série de benefícios e serviços. A população carente de Santa Maria encontra cadeiras de rodas, muletas, remédios, aparelhos eletrônicos, móveis, roupas, calçados e outros. O material é angariado por meio de doações realizadas pelos ouvintes, que são mobilizados a participar de campanhas, diariamente.

A sede social do programa João Carlos Maciel, abriga os serviços jurídicos e contábeis gratuitos, para encaminhamento de aposentadorias. O programa radiofônico também conta com o “Caminhão da Solidariedade” (são dois) e um outro veículo “A amarelinha”, utilizados pela equipe de João Carlos Maciel para fazer o recolhimento e a distribuição das doações. Todo esse sistema entra em funcionamento quando o programa está no ar, e a partir dele toma rumo que ingressam pela vida e organização sociais.

O programa João Carlos Maciel nasceu em 08 de março de 1999, portanto há 13 anos. A motivação da emissora em contratar João Carlos Maciel, se deu a partir do sucesso dos

² De origem humilde, o radialista começou cedo a sua carreira no rádio. Quando ainda era adolescente, deu seus primeiros passos na profissão, incentivado por seu pai-adoativo. Depois de passar por várias emissoras na região metropolitana de Porto Alegre, na própria capital gaúcha e na Rádio Record, em São Paulo, decidiu mudar-se para Santa Maria, onde não imaginava a repercussão que tomaria seu programa.

programas que ele apresentava em Porto Alegre e São Paulo, antes de se mudar para Santa Maria. Desde a sua criação, o programa foi transmitido de segunda a sábado, das 7h às 11h45min na rádio Medianeira AM 1.130 kHz, em Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul. Para ampliar o espaço destinado ao programa informativo da Igreja Católica, o programa João Carlos Maciel passou a terminar às 11h30min da manhã desde março de 2010.

João Carlos Maciel não só é comunicador (radialista), mas também se apresenta como amigo do povo, algo que se autoalcanha a partir de efeitos do programa; sabe-se que o programa tem função assistencial, e é direcionado a uma audiência composta pela camada baixa da população. Também é relevante o fato de que João Carlos Maciel foi escolhido pela segunda vez, o vereador mais votado da história de Santa Maria, talvez por injunções ensejadas por sua atividade socioassistencialista.

De um modo geral, o que mais atraía a atenção nesse estágio de observação, pode ser vislumbrado por algumas marcas, como o fato do comunicador João Carlos Maciel em meio a uma série de atividades que propõe acionar questões sociais, que diziam respeito ao cotidiano dos cidadãos, da cidade e dos arredores. A sua intenção parecia tentar dar “voz aos ouvintes”, e solucionar os problemas que vinham com eles de alguma forma, instituindo-se, portanto, como um típico mediador, ao mesmo tempo na política e no rádio.

Outra marca evidenciada foi que o ouvinte estava diretamente inserido no contexto de produção do programa, ao ter oportunidade constante de falar ao vivo, nos diversos espaços de contato direto, como as ligações telefônicas, a presença no estúdio, as cartas que destacam momentos de emoção, como por exemplo, o pedido de perdão por algo acontecido, como um agradecimento a um amigo, um amor não correspondido e simplesmente uma homenagem a alguém considerado especial.

No programa, notaram-se outras marcas instigantes: a preocupação em oferecer um espaço de debate destinado às reivindicações feitas por ouvintes, além de leituras de notícias extraídas dos jornais locais, a prestação de serviços como, por exemplo, anúncio de documentos e objetos perdidos, desaparecimento de animais e pessoas, roubos de veículos, pessoas que se oferecem para trabalhar, reclamações e informações dos mais variados órgãos.

O contato com os ouvintes e deles com o programa é desencadeado a partir de uma série de enunciações que retratam a vida cotidiana de quem está, e mesmo, de quem não está escutando o programa, constituindo assim, a escuta, como um vínculo tácito entre o programa e a audiência.

Inicialmente, esses foram indícios mais relevantes que puderam ser notados para apontar futuras hipóteses, e que poderiam repercutir numa proposta de pesquisa que seria

levada para um curso de doutoramento. Nessas condições, ao final de dois anos morando em Santa Maria e com o apoio da instituição de ensino na qual se desempenha a função de professor ainda hoje, o projeto de tese foi aprovado em novembro de 2008 no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, em São Leopoldo/RS.

Ao longo do curso de doutoramento, foi possível reproblematicar as questões lançadas em torno do objeto, buscando compreender melhor o programa, a partir de novos possíveis ângulos, que pudessem oferecer algum avanço com relação às pesquisas sobre a mídia radiofônica até agora apuradas. Sobre estas perspectivas falar-se-á mais adiante.

A opção em estudar o programa João Carlos Maciel originou-se através de algumas particularidades encontradas na proposta desse dispositivo midiático, que serão descritas na sequência e que justificam esta pesquisa. Essa condição justifica-se a partir de marcas consideradas relevantes para a proposição de um estudo, como forma de entender as singularidades vistas a partir das referências advindas das pré-observações (descritas anteriormente), e que foram consideradas como ricas e estimulantes para a execução de uma pesquisa aprofundada acerca do mesmo.

Enquanto observações em torno das caracterizações do programa, foi possível lançar algumas novas inferências que determinaram, a partir dessa etapa, a definição de objetivos e o problema da pesquisa que começava a andar.

Em um âmbito mais próximo, vislumbrou-se que o programa de rádio estudado estrutura suas ações, tendo como base o estabelecimento de uma relação direta com a audiência, por ela também construída, ocupando a vida do receptor, trazendo-o para dentro da emissora através de diferentes modos de interação, que estabeleceriam a noção de um novo campo de sociabilidades³, ideia que será retomada mais adiante.

Ampliando ainda mais os olhares sobre o objeto de pesquisa, inferiu-se também o desenvolvimento de uma espécie de personalidade própria⁴ do programa, ao se constituir por

³ Nessas condições, toma-se emprestada a noção de sociabilidade construída pelo rádio, desenvolvida por Raquel Paiva. Segundo a pesquisadora, sociabilidade “[...] é uma rede de relações que se constrói em torno de um sentir comum, de uma experiência compartilhada e, nesse sentido, ela se institui a partir de coisas efêmeras e momentâneas. É o cotidiano, os fatos comuns da vida que constroem essa multiplicidade de ligações e que fazem a sociedade” (PAIVA, 1995, p. 44).

⁴ Sobre personalidade própria, pode-se recorrer ao que Goffman (1985, p. 25) entende quando um indivíduo desempenha um papel. Segundo o autor, implicitamente este sujeito solicita que seus observadores levem a sério a impressão sustentada perante eles. “Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, as coisas são como parecem ser”. Mais sobre esta perspectiva analítica com relação ao comunicador será discutido em texto específico dentro da presente pesquisa.

uma série de estratégias de produção. O discurso⁵ do comunicador, permeado de narrativas⁶ do cotidiano, que constituem uma das bases de diferentes gêneros⁷ midiáticos, retrata a vida social da comunidade santa-mariense.⁸

Mas não foi apenas isso. Uma das reflexões se desenhou quando da percepção de que o programa atua como uma espécie de gestor do tempo social e comunitário dos receptores, ou seja, o comunicador João Carlos Maciel, ao constituir certo tipo de cotidiano da audiência, tenta demonstrar que os conflitos trazidos pelos ouvintes, para o programa, são ou já foram comuns na sua vida pessoal. O fato é que ele singulariza a conversa, numa tentativa de causar um sentimento de intimidade com o receptor.

Nessas condições, viu-se que a formulação do tema da pesquisa - analisar as estratégias utilizadas pelo Programa João Carlos Maciel para estabelecer novos vínculos com a recepção - tem fundamento a partir do objetivo geral de entender a relação entre comunicação e sociedade, e as maneiras em que aquela afeta esta, quando um dos efeitos possíveis do processo de midiaticização é a modificação dos vínculos dos indivíduos, tanto entre si, com os meios e com as demais instituições (VÉRON, 1980).

Maciel faz questão de ampliar a visibilidade Dos percalços do dia a dia do cidadão, ressaltando a sua intervenção com relação ao fato narrado pelo receptor. Essas histórias são narradas pelo apresentador, via programa radiofônico, no intuito de mobilizar outros possíveis agentes atenuantes da situação, como o poder público, para dar atenção às reivindicações do cidadão.

Finalmente, após quase um ano depois de iniciar a pesquisa, Maciel se disponibilizou a falar durante quase duas horas, sobre sua vida e sobre a constituição do programa ao longo de dez anos no ar. A conversa contribuiu para a explicação de fatos os quais desencadearam novas hipóteses acerca do objeto, que a partir daí, passou a ser compreendido como um

⁵ O discurso é um espaço onde se constrói uma relação de intercâmbio e negociação de sentidos entre sujeitos, noção que habilita-se a pensar que no discurso produzido por determinado emissor, também estão presentes seus potenciais receptores, esses 'outros' que deixam suas marcas nas maneiras em que o emissor se dirige a eles (MATA, 1988).

⁶ “[...] narrar significa buscar e estabelecer um encadeamento e uma direção, investir o sujeito de papéis e criar personagens, indicar uma solução. As narrativas, assim, tecem a experiência vivida e podem aparecer no cotidiano, contadas pelos seres humanos, ajudando-os a viver e agrupando-os, distinguindo-os, marcando seus lugares e possibilitando a criação de comunidades” (LEAL, 2006).

⁷ Gênero é: “[...] o elo de ligação dos diferentes momentos da cadeia que une espaços da produção, anseios dos produtores culturais e desejos do público receptor [...]” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 239).

⁸ A análise de exemplos das histórias de vida contadas pelo apresentador e pelos próprios ouvintes, através dos diferentes dispositivos de interação colocados em funcionamento no programa serão apresentados na tese, posteriormente.

dispositivo⁹.

Neste sentido, foi desenhada a perspectiva de que o programa João Carlos Maciel se constitui como um dispositivo midiático peculiar, pois faz uso de operações da mídia para realizar um determinado tipo de trabalho social, na medida em que, ao conduzir a execução de um projeto assistencial¹⁰, atende sob certas condições, às pessoas carentes de Santa Maria e alguns municípios vizinhos.

A partir desse cenário, objetivou-se entender como o programa radiofônico centraliza uma série de ações que repercutem diretamente na sociedade, por meio de um processo de dinamização do social, e a partir disso, dá marcha a um processo de mobilização de sujeitos em torno de determinadas concepções de causas sociais, que se encontram cada vez mais intimamente ligados ao programa radiofônico estudado.

Assim como a Sede Social do programa, na qual a população encontra uma série de produtos (citados anteriormente) também existe o fã-club de carteirinha do Programa João Carlos Maciel, constituído por mais de cinco mil pessoas, que agrega ao mesmo a sua conotação de prestador de serviços, quando motiva os fãs a mobilizar campanhas localizadas, nos mais diferentes bairros e vilas da cidade, sempre com a intenção de ajudar o próximo.

O programa também oferta à sociedade, por meio do projeto social, a Campanha de Arrecadação de Livros para as escolas de Santa Maria; a “Missa da Saúde” promovida pelo programa e que se realiza em Itaara (cidade vizinha); as “Super fãs de Carteirinha”, que auxiliam na promoção do “Natal do Amor Maior” e, ainda, junto à sede do programa, o oferecimento de serviços de assessoria jurídica e contábil, gratuitos à comunidade carente.

Nessas condições, agora, leva-se a pesquisa a considerar o programa radiofônico como uma instituição social. Sobre instituição social, o que se entende, a partir da visualização do programa, é que este funciona como um mecanismo agenciador das práticas sociais dos ouvintes. Compreender tal dinâmica foi outro objetivo lançado na pesquisa, na medida em que se inferia que o programa constitui e transforma os indivíduos em atores de uma determinada ação interacional, cujas operações e lógicas se definem no âmbito do projeto radiofônico.

⁹ Para ilustrar teoricamente este conceito, parte-se do entendimento de uma aproximação realizada por Maurice Mouillaud (1997, p. 234). O autor afirma que os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material, nem um suporte inerte do enunciado, nem somente um contexto. Essa formulação permite ver o que ele chama de “acoplamento estrutural” entre contexto, enunciado, suporte e forma de inscrição, ou seja, entre dimensões que expressam os objetos centrais da comunicação midiática – a sociedade, a linguagem e a tecnologia.

¹⁰ João Carlos Maciel mantém um projeto assistencialista por meio do programa radiofônico. O programa serve como espaço mediador entre as mazelas apresentadas pela população, suas intenções de ajudar ao próximo e o projeto do comunicador. Maciel conta com o trabalho voluntário de diversas pessoas da comunidade que auxiliam da coleta e entrega de uma série de objetos doados pela comunidade. Mais detalhes sobre o projeto social serão abordados em capítulo específico.

Ao lançar mão de estratégias de captura do receptor, busca satisfazer as necessidades dos indivíduos que dele participam em seus diferentes momentos de interação. Da observação mais aproximada, com visitas ao estúdio da emissora, realizadas ao longo de um período de cerca de doze meses, mais a transcrição de três edições do programa, pode-se inferir que o programa/dispositivo radiofônico se torna um “lugar de negociação” a fim de construir, por meio do discurso, um sistema de vínculos com o receptor,¹¹ dados a partir da viabilização de contratos de comunicação possíveis a partir de um conjunto de elementos que levam o público a estabelecer um acompanhamento continuado e rotineiro do programa.

Como efeito desta dinamização, constitui uma rede de sujeitos que vão se agregando ao dispositivo através de diversos pontos de contato, ou elos. Não é um social que interliga sujeitos por meio de vínculos comuns, mas um social de natureza midiática em constante ação e reação, como efeitos de operações, de acordo com Latour (2008, p. 21-3): “Como um movimento muito peculiar de re-associação e remontagem”, e que: “É visível somente pelos rastros que deixa (ao enfrentar obstáculos) quando se está produzindo uma nova associação entre elementos [...]”.

O que se quer dizer é que os processos de interação ou a noção de vínculos estabelecidos entre as gramáticas de produção midiática e a recepção, dados a partir de operações arquitetadas pelo dispositivo, passam a ser anunciadas de forma explícita para os sujeitos sociais, estabelecendo regras e pedindo o reconhecimento de seu trabalho. Este processo de produção de sentido, na abordagem de Ferreira (2006) ocorre na circulação, ou seja, no espaço relacional, de articulação entre os pólos de produção e recepção constituídos pelo dispositivo e que também é abordado por Scolari (2004, p.105) como uma gramática de interação que “contribui não somente para impor uma maneira de ler, mas sobre tudo, um modo de fazer”. Nessas condições, o sistema midiático produz sentidos que, ao chegarem ao campo receptor, estão afetados pela influência do campo midiático, preparando os sujeitos sociais para desempenhar sentidos que convergem com as lógicas da mídia.

No caso da pesquisa, o dispositivo midiático demonstra pistas de ser capaz de agenciar processos de interação envolvendo várias dimensões da vida cotidiana. Sua ação se define com o propósito de se estabelecer como uma instância na sociedade, e que ganha projeção relevante, tanto quanto outras. As observações feitas até aqui, fizeram compreender que o programa faz parte de um complexo dispositivo. Um dos fatores interessantes desta

¹¹ Esta ideia será melhor trabalhada na sequência, seguindo-se referências de Fausto Neto (1995) e Verón (2004).

observação e que merece especial reflexão é a centralidade que o comunicador ganha ao desempenhar o papel de articulação do dispositivo no ambiente o qual está inserido.

Como se observa no objeto de pesquisa, o dispositivo radiofônico é operado através de uma figura central, configurado aqui no comunicador João Carlos Maciel. A tese quer entender suas operações no âmbito do dispositivo e as marcas do desempenho de seu trabalho. O ator elabora estratégias com as quais dá sentido às mensagens que circulam na *semiose* radiofônica. Então, uma vez que se entende que há o trabalho de um sujeito central (que se passa a chamar de ator, no âmbito desta pesquisa) e que pode atribuir importância às suas ações, far-se-á necessário, algumas considerações a seu respeito.

Para tanto, mapeia-se fragmentos de reflexões de alguns autores, ainda que de modos distintos, que pensaram a questão do indivíduo e suas relações no seio social. Para não deixar o conceito de ator frouxo, se buscou quatro autores que, apesar de suas abordagens diferentes, procurou-se por meio de elementos convergentes de suas teorias, fazê-los trabalhar para a tese, no sentido de trazer explicações a respeito da *performance* de João Carlos Maciel como dinamizador do dispositivo estudado. Desta forma, inicialmente, buscou-se compreender mais sobre o conceito de ator a partir da noção sociológica, no sentido weberiano.

Weber (1994) formulou uma primeira teoria sociológica em um texto em 1913, a qual chamou de “Conceitos Básicos de Sociologia”. Mais tarde, ampliou e reformou o texto, apontando para seu objeto de estudo, a ação social, e ainda seu método de análise. Sua abordagem retoma o pressuposto de que o indivíduo é o fundamento da explicação sociológica e que por isso a sociologia ocupa-se da ação social, como também a ideia de que a análise da ação social requer a conjugação de procedimentos explicativos.

Weber (1994) define, então, conceitos sobre ação e ação social. Este segundo conceito é a razão de ser da atividade interacional, a qual é atribuída aos atores, quando orientada em relação a outros atores. Trazendo este entendimento weberiano para a pesquisa, pode-se identificar que as operações do ator aqui identificado como agenciador do dispositivo radiofônico podem ser definidas como ações sociais.

Para Weber (citado por COHN, 1991, p. 34) uma ação social significa uma ação que: “Quanto a seu sentido visado pelo agente ou pelos agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso”. Conforme Weber (1991, p.16) há uma infinita variedade da conduta humana, e que um “determinado agente social organiza a sua ação com base na expectativa de que outros orientam a sua conduta pelo mesmo conteúdo de sentido”, quando temos o que ele chama de relação social.

O que ocorre, segundo a teoria de Weber (1994), é o que se pode identificar na conduta de João Carlos Maciel. Suas práticas como ator social resultam em efeitos os quais estruturam uma cadeia de relações entre sujeitos, a qual se constitui regular e permanentemente. Isso ocorre por meio de uma ordem social estabelecida através de estratégias midiáticas, ou seja, da constituição de certos padrões de interação capazes de permitir o entrelaçamento contínuo de operações que são dinamizadas por ele, no dispositivo.

No contexto da pesquisa, este cenário sobre interações também foi vislumbrado por Goffman, que introduziu em 1956, a explicação sobre a representação do sujeito social no cotidiano. O seu ponto de vista se estrutura no entendimento de que uma interação social se constituía como um encontro em que os participantes se representam algo, ou seja, a *performance* de cada um leva a cabo a busca por um determinado ator ser visto e aceito pelo público de uma determinada maneira.

Segundo o modelo dramático de ação de Goffman (1985, p. 29), usa-se o termo “representação” para referir sobre “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores, e que tem sobre estes alguma influência”. Ainda Goffman (2010), já em uma nova abordagem sobre processos interacionais em ambientes públicos, o autor postula sobre como se complexifica a *performance* dos atores sociais, trazendo contribuições à pesquisa, ao se analisar, aqui, um ator midiaticizado.

Outro ângulo, com o qual, se pode compreender o objeto de estudo da tese, é fato das relações interpessoais serem reguladas, a partir de uma observação regulada pelo observador, ou seja, o ator observa a realidade que o cerca para que, a partir da relação constituída, possa acionar operações de observação recursiva, para obter uma diferença em relação ao meio, como consequência.

Essa operação é entendida através de Luhmann (2009) em sua teoria dos sistemas, ao problematizar o conceito de observador. De maneira complementar, a conceituação do autor é apropriada para entender as ações do ator dinamizador de operações midiáticas, por que, no contexto desta pesquisa, pode-se configurar que João Carlos Maciel é um observador, conforme Luhmann (2009, p. 154) postula que, “não é um sujeito situado fora do mundo dos objetos; ele é, ao contrário, um deles”.

Para Luhmann (2009), o observador, para que possa observar as operações, ele próprio tem de ser uma operação, ou seja, o ator que aqui se estuda está dentro do mundo que ele busca observar, constituindo-se num sistema dentro de outro sistema, com capacidade de observar.

Como se pode notar, as abordagens feitas pelos autores mapeados para constituir uma reflexão sobre o conceito de ator são distintas. Entretanto, apesar das diferenças nas quais os autores se movem, tais postulações são recuperadas de modo que possam tencionar esta pesquisa, por se considerar que ajudam a compreender os movimentos realizados pelos atores sociais, mas em circunstâncias históricas particulares. Sabe-se que tais conceitos não podem ser aplicados diretamente ao contexto do objeto, pois o que se observa é uma situação particular de um ator que faz uso de uma espécie de regulação social por meio do dispositivo radiofônico. Portanto é preciso considerar que os autores citados acima situaram suas teorizações as quais não condizem com o panorama da sociedade midiaticizada, na qual se insere este objeto e pela qual está afetado.

Feitas as considerações que foram se tornando pertinentes ao longo do processo de observação acima apresentado, trazendo à tona características e inferências a respeito do objeto em estudo, chega o momento em que se propõe a seguinte questão/problema que norteará o eixo desta pesquisa: como se estrutura um dispositivo de mediação do social a partir de operações que envolvem a *performance* do sujeito e de suas interações com as lógicas radiofônica, política e do assistencialismo social?

Para o enfrentamento das questões acima expostas, propõem-se uma estrutura que será apresentada em vários capítulos e subitens. Inicialmente apresenta-se uma revisão do estado da arte sobre o conceito da mediação. No seguinte item, aciona-se as contribuições de diversos pesquisadores para destacar, em forma de recorte, o estado da arte acerca de reflexões sobre a aplicação de conceitos a mediação e suas afetações em diversas práticas sociais.

No subitem seguinte, se vislumbra uma breve gênese sobre o conceito de dispositivo. Na sequência deste mesmo texto, afunila-se as discussões para as particularidades conceituais sobre dispositivo radiofônico. Encadeando a discussão, se analisa os estudos que exploraram diversas nuances a respeito da complexidade do rádio, enfatizando seus modos de operação e atuação junto à sociedade em mediação. O objetivo deste texto é trazer à tona contribuições de diversos estudos para a presente pesquisa, bem como explorar a possibilidade de novas abordagens, como forma de oferecer avanços em termos de conhecimentos a respeito de práticas radiofônicas peculiares, como no caso da tese.

No segundo capítulo, há uma descrição das particularidades do funcionamento do dispositivo radiofônico estudado. Faz-se um retrato minucioso da arquitetura do dispositivo, de suas partes até a construção da sua estrutura sistêmica. Descreve-se dois conjuntos de articulações. De um lado o que se chamou de *elos de práticas midiáticas*. Neste, procura-se apresentar seus elementos, características e relações. Parte-se da Rádio Medianeira como

primeira edificação de contato; sua estrutura de acolhimento dos sujeitos sociais; o estúdio e as características do programa João Carlos Maciel, as cartas de leitores, o site do ator, os adesivos do programa e o fã-clube do mesmo. Em seguida, descreve-se o que se considera como *elos de práticas não midiáticas*, constituídos pela Sede social do programa; as campanhas assistenciais; a prestação de serviços; os caminhões da solidariedade; as equipes de trabalho e a missa da saúde, além de outros serviços.

Ainda nesta parte da tese, apresenta-se um texto o qual descreve os processos interacionais decorrentes do acoplamento e da formação de uma zona de interpenetração entre o sistema midiático e a sociedade. Faz-se uma análise da estruturação e articulação dos elos e das instâncias *técnica, discursiva, social e institucional* que, em interação, põe em funcionamento circuitos que fazem circular os sentidos produzidos pelo dispositivo radiofônico em análise.

Finalmente, no terceiro capítulo, aprofunda-se o trabalho empírico através da análise da biografia “tríade” do personagem central da pesquisa, o radialista João Carlos Maciel. A tese discute os modos de como o ator se constituiu como comunicador, político e agenciador de um projeto assistencialista, ao longo dos anos. No subitem seguinte, a análise recai sobre como o ator, por meio da *performance* da voz e de outras estratégias discursivas, opera ações midiáticas as quais visam mediatizar o social. O último subitem discute as operações estratégicas engendradas pelo ator e seus coenunciadores do programa radiofônico que estruturam como consequência, a constituição de uma rede de sujeitos envolvidos na execução da proposta de projeto assistencial.

2 RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE MUDIATIZAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS

Este capítulo visa a apresentação de um quadro teórico que dará sustentação à análise do dispositivo midiático e estrutura-se em torno de três subitens. No primeiro discute-se algumas abordagens de pesquisadores que têm refletido sobre a problemática da midiatização. O segundo subcapítulo examina textos de autores que aplicaram os conceitos de midiatização em análises de diferentes práticas sociais.

Já o terceiro enfatiza um breve estado da arte sobre a midiatização a partir de práticas radiofônicas, refletindo a aplicabilidade dos conceitos sobre estudos a respeito do rádio. Vale dizer que não há intenção de abordar a totalidade dos estudos, nem mesmo de sintetizá-los como forma de apresentar o que já foi analisado, mas perceber os possíveis avanços que podem ultrapassar os conhecimentos trazidos por estas pesquisas, a partir do empenho analítico aqui proposto.

2.1 MUDIATIZAÇÃO: UM BREVE OLHAR SOBRE O ESTADO DA ARTE

Sabe-se que as questões referentes à problemática da midiatização são recentes, da qual ainda pode-se considerar mais como uma cobaia, no intento de compreender melhor os meandros dessa nova forma de ver o mundo. Há cerca de algumas décadas, pesquisadores têm se dedicado a investigar os processos que explicam a constituição e o funcionamento da sociedade midiatizada, seja através de estudos de processos, operações, simbólicas, estratégias ou negociações entre campos sociais.

Nessas condições, a literatura que está em formação, já aponta algumas considerações relevantes para a compreensão do novo cenário, quando estamos vivendo, nas palavras de Gomes (2006, p. 113): “Uma mudança epocal, com a criação de um *bios* midiático que incide profundamente no tecido social [...] um novo modo de ser no mundo representado pela midiatização da sociedade”.

Como se observou na introdução, as temáticas relacionadas à midiatização contemplam estudos sobre as relações entre o campo midiático e campos sociais. De maneira mais próxima ao objeto em estudo, do funcionamento dos dispositivos midiáticos com relação à sua capacidade de midiatização. Ainda se apresentam discussões sobre os modos como o campo midiático tematiza e infere ações mobilizadoras no campo da recepção e, por fim, a midiatização do social.

Os aparatos técnicos, transformados em meios de comunicação a partir do século XX, em alguma medida tiveram responsabilidade na midiatização da sociedade. A acentuação do processo tecnológico, propiciando ao homem o uso dos meios de comunicação em uma escala cada vez maior, é aspecto decisivo para o cenário da atualidade.

Segundo Fausto Neto (2005; 2006), discussões contemporâneas no campo das Ciências da Comunicação apontam para a transformação da sociedade dos meios em sociedade midiatizada ou em vias de midiatização. Isso se dá quando os meios – anteriormente concebidos em sua centralidade – passam a apresentar-se nas interações e no próprio funcionamento das diferentes práticas sociais, a partir das quais resultam complexos sentidos emergentes.

Junto com os indivíduos, que tiveram mais facilidade de alcance à mídia, as empresas de meios de comunicação ganharam abrangência nos diversos campos sociais. O que observa-se é a produção de diferentes fenômenos que tem como característica, as disjunções entre as estruturas de oferta e de apropriação de sentidos. A mídia passa a operar como um dispositivo agenciador.

Neste sentido, volta-se a atenção à abordagem de Fausto Neto (2006, p. 11) ao afirmar que as mídias, na sociedade midiatizada, se misturam com todos os aspectos significativos do funcionamento social, instituindo relações complexas por sua natureza, como é o caso do programa radiofônico estudado. Ao refletir sobre a inserção dos meios de comunicação nas dinâmicas e no funcionamento das instituições sociais, o pesquisador enxerga a midiatização como fenômeno que transcende aos meios e as mediações, e que estaria no interior de processualidades sociais, “cujas dinâmicas tecnodiscursivas seriam desferidas a partir de suas lógicas, operações ‘saberes’ e estratégias na direção de outros campos sociais”.

O fenômeno da midiatização organiza mediações (técnicas e discursivas) utilizadas pelas mídias para sua construção da realidade, tornando-se um poderoso canal de sociabilização. Nesse contexto, Fausto Neto (2005, p. 4), afirma que existem pontos de referência que formatam a identidade e o sentido de vida para as pessoas, uma nova realidade estruturada e dinâmica “que não só instituem como faz funcionar um novo tipo de real, e cuja base das interações sociais não mais se tece e se estabelece através de laços sociais, mas de ligações sóciotécnicas”.

Para Fausto Neto (2005, p. 3): “A nova vida tecno-social é origem e meio de um novo ambiente, no qual se institui um novo tipo de real que está diretamente associado a novos mecanismos de produção de sentido, nos quais nada escaparia às suas operações de inteligibilidade”. O que ele quer dizer é que nesse novo ambiente gerador de sentidos

culmina o funcionamento de uma sociedade ligada às lógicas de fluxos e operações que mediante a tecnologia, dispositivos e linguagens produzem outros conceitos de comunicação, transpondo fronteiras de espaço e tempo.

Ou seja, a mediação pode ser um fenômeno com mecanismos próprios de funcionamento, pois os meios atuam como sujeitos interacionais e dinâmicos adquirindo uma nova identidade, constituindo-se verdadeiros atores midiáticos. Estes, por sua vez, deixam de ser apenas mediadores, mas imprimem afetações nas práticas sociais e nos diferentes processos de interação da sociedade. A interferência do programa radiofônico (em estudo) sobre o ambiente onde está inserido pode ser vislumbrado por meio de lógicas e afetações as quais serão detalhadas no capítulo empírico da tese.

Outro autor que também traz abordagem teórica a respeito da mediação é Ferreira (2010). Ele denomina matriz de mediação, quando a técnica, ao se interpor entre os indivíduos em interação, produz uma redefinição nos modos de interação/comunicação entre eles. A técnica se converte em meios e estes, por sua vez, ao invés de serem pensados de forma isolada, apenas como instrumentos, passam a ser associados à noção de processos midiáticos.

Nesse sentido, os meios assumem um lugar de centralidade na dinâmica social, ou seja, deixam de ser suporte e emergem na vida cotidiana como fonte de informação e de entretenimento, ou conforme discute Braga (2006), passam a figurar gradativamente na condição de processualidade interacional de referência.

A cultura midiática instala-se nos processos sócio-discursivos e técnicos, como uma matriz para a produção simbólica dotada de um estatuto próprio e complexo, que liga modos de interação antigos com novas formas de expressão, constituindo, como exemplo, o rádio como um dispositivo operador de práticas sociais.

As relações dos sujeitos e das instituições são atravessadas pelos dispositivos midiáticos, na ambiência mediada. As articulações das mídias por meio do seu bem tecnossimbólico e de mercado influenciam determinada esfera social, na qual as relações de interação podem ser observadas pelo ponto de vista da mediação.

Para Braga (2006), nessa ambiência ocorre um processo interacional de referência que se constitui como um organizador; um direcionador na construção da realidade social. Neste novo cenário ocorre a instituição da mídia como novo regulador social, pautando formas de interagir, de pensar, de se comportar e, principalmente de ser dos sujeitos. A relação dos sujeitos com variadas instâncias passa a ser mediada por referentes midiáticos. Inaugura-se,

assim, uma cultura da mídia; um momento histórico em que os processos sociais são cada vez mais atravessados por dinâmicas de mídia.

Nesse sentido, tornando-se cada vez mais evidenciado o seu protagonismo, a mídia opera importantes transformações sociais que, segundo Sodré (2002), culminam na imersão do cotidiano em “espaços midiáticos”. Estes espaços produzem atravessamentos e transversalidades que trazem consigo implicações das mais diversas ordens, na medida em que figuram como importantes vetores de produção de sentidos e significações sociais quando são responsáveis, entre outras coisas, de produzir sujeitos e suas formas de existência.

Desta forma, acordando com a perspectiva de Sodré, Fausto Neto (2008, p. 96) postula que a mídia produz realidades, ao mesmo tempo em que as múltiplas realidades produzem reciprocamente novas mídias. Desse modo, a midiática traz como característica “o fato de se constituir progressivamente num dispositivo que goza da autonomia crescente para se apresentar como um operador de complexidades e, ainda, para construir realidades por suas próprias operações de sentido”.

Os autores citados até aqui são uma espécie de formuladores de conceito sobre o fenômeno da midiática, o que auxiliará na compreensão do que entende como o rádio operando a midiática de um determinado social. Este subcapítulo é importante porque revela as condições do que os autores entendem como sociedade em processo de midiática e as afetações que esta ambiência pode gerar em diferentes práticas sociais, como no caso em estudo, o rádio se constituindo num dispositivo operador de midiática de um determinado social, como se verá mais adiante, na tese.

Neste sentido, a preocupação do próximo capítulo é justamente verificar até que ponto existem reflexões que possam oferecer um panorama de como a midiática afeta práticas sociais. Tomando Verón (1997) como mais um autor que formulou ideias a respeito da midiática, quando postulou que o fenômeno afeta uma série de práticas sociais, inclusive de modo distinto, entendeu-se que seria interessante acionar algumas pesquisas que, de alguma forma, examinaram essa possibilidade e fizeram pertinente o plano teórico traçado até agora e sobre o qual se refletiu até neste momento.

2.2 MUDIATIZAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS: EXAMINANDO A APLICAÇÃO DOS CONCEITOS

Para examinar a aplicação dos conceitos de midiática em diferentes práticas sociais, acessou-se pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação no qual se está

inserido, priorizando trabalhos empíricos que fizeram essa aproximação. Neste texto, vislumbra-se pesquisas da linha de pesquisa Mídiação e Processos Sociais.

Primeiramente, toma-se como exemplo, a pesquisa produzida por Chagas (2009). O autor problematiza a mídiatização do fenômeno das drogas, através de uma campanha de prevenção, que tem como questão norteadora as estratégias e operações utilizadas no processo interativo entre a Organização Não-Governamental CTDia¹² e a agência de publicidade OpusMúltipla, com o objetivo de produzir uma campanha antidrogas. Segundo Chagas (2009) a questão das drogas, vista como um fenômeno complexo é analisado como um processo de construção midiática.

Um dos objetivos principais da pesquisa foi investigar como a problemática das drogas é mídiatizada através de uma nova modalidade de se fazer campanha, tendo como singularidade o fato desta ser construída pelos próprios usuários.

O referido estudo traz apontamentos sobre o processo de produção de uma campanha na qual usuários de drogas foram trazidos para o interior do campo midiático e, em interação com ele, participaram ativamente do processo através de estratégias específicas. O conjunto de diferentes anúncios publicitários veiculados em 2006 é produzido numa nova modalidade de campanha, onde a problemática das drogas é mídiatizada.

O estudo de Chagas (2009) identificou que a novidade, em especial a participação de usuários de drogas, proposta e veiculada pela CTDia, seria uma estratégia sobre a qual a construção da campanha caracterizou-se como meio e operação simbólica de reconhecimento e legitimação do social. Para Chagas (2009, p. 240) isso ocorre: “na medida em que lança mão do campo midiático para publicizar, segundo fundamentos publicitários, seu “novo modelo” de tratamento oferecido a dependentes químicos”.

Nessa perspectiva, o autor percebeu que, a mídiatização das drogas por meio de uma campanha preventiva, ocorria da conjunção de operações tecnodiscursivas que gerenciam as estratégias de prestação de serviços, o que implica reconhecer, aos olhos do pesquisador, as transformações de um campo social de larga tradição, como o campo da saúde, que é afetado ao mesclar referências de suas práticas às de natureza midiática. Segundo Chagas (2009, p. 241), “trata-se mais de contaminações entre operações significantes do que, necessariamente, de uma dissolução no sentido convencional”.

A investigação inferiu que, no processo interativo, a mídiatização de práticas sociais no caso uma campanha antidrogas, é que o campo da saúde e o campo da comunicação

¹² Comunidade Terapêutica Dia.

estabelecem cruzamentos em seus fundamentos tecnodiscursivos para juntos atingirem seus objetivos, de acordo com Chagas (2009, p. 241), “legitimação e reconhecimento social, assim, melhorando a imagem das empresas (ONG e agência) através da visibilidade pública”.

Nessas condições, o estudo de Chagas (2009) oferece para a presente pesquisa, pistas sobre alguns aspectos do funcionamento do processo de midiatização de práticas sociais. Cabe dizer que, o exame da midiatização das práticas aqui estudadas, auxilia no entendimento das características do objeto analisado, na medida em que, conforme se propõe no problema de pesquisa, a questão se caracteriza justamente pela articulação de práticas sociais, midiáticas e não midiáticas, a partir de um trabalho do dispositivo. Ao compreender que a midiatização constitui-se num complexo e amplo processo em que os dispositivos midiáticos atuam sobre práticas sociais, engendrando-as por meio de operações tecnossimbólicas, recorre-se a outros estudos que remetem à dimensão na qual a midiatização também opera sobre outros campos sociais, como o religioso.

Pode-se obter uma visão mais clara na tese de doutorado de Borelli (2007), onde o autor apresenta uma pesquisa sobre as injunções das culturas e das lógicas midiáticas sobre o campo religioso¹³ e as reestruturações e adequações a que se submete como forma de estratégia de permanência junto aos seus públicos.

Trata das especificidades do que considera uma prática sociocultural singular. Compreende por simbólicas o conjunto de procedimentos e processos comunicacionais que são desenvolvidos pela Rede Vida de Televisão através de operações discursivas como estratégia de expressão e de apresentação dos sujeitos envolvidos em tais processos.

Focada na compreensão dos sentidos produzidos pela emissora de televisão, Borelli (2007) entende os processos televisivos como manifestações da midiatização sobre a Romaria, na medida em que tais processos afetam o ritual religioso propriamente dito. Assim como a pesquisa organizada por Chagas (2009) e Borelli (2007) problematizam a codeterminação e construção dos modos de funcionamento das operações empreendidas pelos sujeitos e seus campos na preparação e efetivação do produto midiático.

É através de operações discursivas que ocorrem os processos de contatos e de afetações entre os campos sociais, anunciando suas intenções, seus valores e motivações, o que, nessa linha de entendimento, se assemelha ao que Chagas (2009) estuda quando ambos apontam a complexidade que indicia os processos simbólicos com a qual a Romaria e a campanha

¹³ A pesquisadora se dedica a compreender como a mídia age sobre o campo religioso, ao fazer uma leitura dos processos comunicacionais da Romaria Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que ocorre nos meses de novembro, em Santa Maria/RS.

publicitária se expressam, denotando que a regulação sobre ambos não é uma atividade apenas restrita aos campos sociais, a que pertencem no caso o religioso e da saúde.

Outra pesquisa convergindo com o mesmo ângulo de abordagem é “A midiaticização do social: Globo Esperança tematizando a realidade brasileira”, publicado por Gomes (2008). O trabalho traz à tona o desafio de problematizar a centralidade conferida aos processos midiáticos, quando foca sua atenção às operações que fundam os sistemas comunicacionais e suas práticas e das demais esferas implicadas nas interações sociais tecnologicamente mediadas.

Segundo a autora são operações midiáticas específicas que permitem que um determinado tema, o social, no caso da pesquisa publicada, seja utilizado na construção de uma estratégia discursiva do campo de produção midiática, como no caso do “Criança Esperança” – programa criado pela Rede Globo¹⁴. Trata-se de um exemplo de midiaticização da própria atividade midiaticizada.

Para Gomes (2008, p. 23), trata-se de retratar as intervenções sociais contemporâneas de um período em que a prática coletiva de ações solidárias, ganha centralidade por meio do terceiro setor: “O objetivo é mostrar a ascensão dessa área como sistema social de importância estratégica nas engrenagens da sociedade brasileira”.

A obra contextualiza o objeto de pesquisa historicamente, na tentativa de levar a compreender algumas marcas do processo de tematizações do social. O que singulariza este estudo é que a reflexão, ao considerar a televisão como um sistema social, se vale de uma visão sistêmica¹⁵ para investigar os modos como a emissora de TV constitui estratégias de acoplamento da simbólica de outras áreas da sociedade para dentro de si, em operações de autorreferencialidade.

Tendo por parâmetros essa visão sobre a televisão, o estudo avança na discussão de especificidades da mídia, traçando uma cartografia do social na programação da Rede Globo. O panorama desenhado destacou a atuação singular do que ela chama de um operador institucional da Rede Globo, o “Criança Esperança” no qual se identificou a operação de tematizações sobre questões sociais.

A perspectiva dada à pesquisa aponta para a identificação de operações que permeiam o “Criança Esperança”, capazes de produzirem uma semiose diferenciada, porque seria constituída em um contexto extra-discursivo específico. Todo esse processo tem a

¹⁴ A Rede Globo integra o grupo empresarial Organizações Globo. Com 121 emissoras entre geradoras e afiliadas, pode ser assistida em quase 100% dos municípios brasileiros. O público estimado é de 159 milhões de pessoas. Disponível em: <<http://www.tvglobo.com>>. Acesso em: 24 out. 2011.

¹⁵ A autora se apropria dos conceitos de sistema desenvolvidos pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann (2005).

tematização do social como categoria central, pois funcionaria com um meio de ligação entre o sistema midiático e os demais sistemas.

A relevância desta pesquisa ao presente estudo se dá a partir da adoção de uma compreensão localizada na Teoria dos Sistemas de Luhmann, com a qual se guiará com mais profundidade a observação do campo de produção do programa radiofônico e sua relação desencadeada com os ouvintes. Outra contribuição dada pela autora a esta pesquisa em desenvolvimento pode ser atribuída ao que se refere a autorreferencialidade.

Assim como no estudo sobre o “Criança Esperança”, a tematização de uma determinada noção de social também configura-se no programa João Carlos Maciel. O fechamento operacional dos meios de comunicação, e assim o não desacoplamento da sociedade, é assegurado pela tematização, quando os temas organizam a memória da comunicação e atam as colaborações entre os campos. Nas palavras de Luhmann (2005, p. 31): “Os temas servem por isso ao acoplamento estrutural dos meios de comunicação com outras áreas da sociedade [...]”.

Outra análise, também sobre práticas sociais midiáticas e que é relevante para esta pesquisa é a tese de doutorado de Soster (2009), que aborda uma análise das transformações que ocorrem com o jornalismo na medida em que esta prática social se imbrica com outros níveis midiáticos, bem como em outros campos sociais.

A tese foca a análise em dois fenômenos comunicacionais publicizados pela cobertura jornalística, o “Escândalo da Arbitragem”, que envolvia denúncias de corrupção da arbitragem do Campeonato Brasileiro do ano de 2005 e “O acidente da Gol”, que diz respeito ao Boing 737-0800, da companhia aérea Gol, que desapareceu quando a aeronave se dirigia de Manaus para o Rio de Janeiro, por volta das 16 horas no dia 29 de setembro de 2006, com cento e cinquenta e quatro pessoas à bordo.

Soster (2009) analisa o estabelecimento do cenário da midiática. Ele defende que a midiática, no caso da cobertura dos casos que analisa, afeta seus próprios dispositivos, nos casos jornalísticos, midiaticizando-os. Essa dinâmica, segundo o autor, complexifica formas e processos do fazer jornalístico, requerendo novas gramáticas de interpretação, já que a partir do momento em que são divulgados, irritam o sistema midiático-comunicacional.

Soster (2009) defende que o sistema midiático, a partir de uma prática de jornalismo midiaticizado, passa a ser indispensável para o funcionamento dos demais sistemas sociais. Sua perspectiva revela que o funcionamento dos dispositivos midiáticos se dá de forma autorreferencial. Ou seja, os dispositivos interferem nas gramáticas discursivas de seus próprios enunciados, deixando marcas de sua própria dinâmica de operação.

Os acontecimentos, ao serem midiaticizados, irritam o sistema. Nesse processo, se transformam e são transformados pelo mesmo. Para o autor, essa processualidade tem como efeito a criação do acontecimento, a partir do momento em que este entra em contato com o sistema midiático, passando a existir apenas quando referenciado, perpassado pelos dispositivos midiáticos.

Salienta-se que as considerações do autor convergem com a presente pesquisa porque aborda os efeitos de sentido das processualidades midiáticas exercendo afetações sobre práticas sociais. Acredita-se que há semelhanças no processo que ocorre no caso analisado nessa tese, ou seja, compreende-se que o sistema midiático, por meio do processo de midiaticização do social, no caso do programa radiofônico analisado, torna-se central para o funcionamento de práticas sociais que visam dar manutenção a um projeto assistencialista.

Desta forma, os estudos acima citados apontam para uma compreensão ampla do fenômeno da midiaticização, a partir de *cases* que identificam o processo de afetação de operações do campo midiático sobre determinadas práticas sociais. Todavia, a relação entre as pesquisas trazidas para este breve estado da arte servem não apenas como uma visada sobre o que já há de produção científica a respeito da temática neste trabalho problematizada.

O que se quis, nessa ação, é tentar identificar indícios capazes de aprofundar o trabalho analítico na busca por conseguir avançar na processualidade do problema que ora se formula, e que norteia a pesquisa sobre a midiaticização do social através de um programa radiofônico, pode-se observar algumas características convergentes entre as pesquisa e o estudo ora proposto.

As pesquisas citadas contribuem para analisar marcas que podem ser identificadas com aspectos da presente tese, primeiro, por tratarem de questões estruturadas em torno das relações de afetação do campo midiático, sobre os demais campos sociais, e, destes sobre o campo da mídia. Em segundo lugar, entende-se que as pesquisas buscaram reconhecer o caráter singular dos processos de midiaticização a partir de uma análise que se concentrou em estudos de caso, o que se propõe nesta investigação como forma de técnica de pesquisa, auxiliando na compreensão dos modos de atuação como pesquisador.

As abordagens anteriores fazem pensar sobre os diferentes dispositivos midiáticos e as diversas operações por eles engendradas. Ainda há uma contextualização de características comuns e peculiares ao programa radiofônico analisado aqui, mas perpassados por organizações técnico/discursivas complexas. De alguma forma, as pesquisas analisadas problematizam o conceito de dispositivo e suas articulações quando este é posto em

funcionamento. Essa pesquisa partirá das noções abordadas para classificar o dispositivo radiofônico e suas peculiaridades, o que se fará em texto logo mais a frente.

No texto em seguida, tratar-se-á de compreender um pouco mais sobre as implicações da comunicação midiaticizada, uma vez que se escolheu um objeto midiático como dispositivo de midiaticização do social, ou seja, levando-se em consideração o fato de não se tratar de qualquer prática social, mas do rádio sendo apresentado como um dispositivo complexo que midiaticiza o social por meio de processos interacionais, em sua maioria, assistenciais, voltadas para um certo modelo conservador de promoção de indivíduos ao campo midiático e as afetações decorrentes desse processo.

2.3 O RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE MUDIATICIZAÇÃO: DA GÊNESE ÀS APLICAÇÕES

Para compreender os processos de midiaticização do social através do programa radiofônico João Carlos Maciel, é preciso compreender o conceito de dispositivo, a fim de ampliar a visão a respeito das ações, engendramentos e afetações que fazem parte da complexidade que compõe o rádio.

Nessas condições, o objetivo deste subitem é, justamente, refletir sobre a construção do conceito de dispositivo e examinar a sua aplicação em diferentes pesquisas que abordaram afetações da midiaticização no rádio e sua relação com outras que fornecem elementos teóricos e metodológicos que podem ser interessantes para a produção da tese.

Esta breve recuperação de alguns aspectos sobre a gênese do conceito de dispositivo foi necessária para que se pudesse compreender os modos de como os conceitos evoluíram, a partir de diversas abordagens, sobretudo junto aos autores que focam a noção de dispositivo em comunicação e sua relação com os conceitos de midiaticização.

A exploração destes autores se evidenciará ao longo da tese, não para somente corroborar (quando se achar necessário) com o que já foi postulado, mas entender como contribuir para a repercussão deste conceito sobre o objeto em análise. Revela-se também, a adoção de alguns autores como balizadores da pesquisa, em especial para compreender os observáveis advindos do campo empírico.

Inicialmente toma-se a reflexão cunhada por Foucault (1979). A explicação conceitual do termo concentra-se, sobretudo, quando o pensador francês é entrevistado para falar sobre a História da Sexualidade. A introdução da entrevista remete ao entendimento sobre um dispositivo de sexualidade. Mas antes de especificar a questão da sexualidade de maneira

mais pontual, o autor é interrogado sobre qual o sentido e a função metodológica do termo dispositivo.

Na sua resposta, afirma que tenta demarcar, num primeiro momento, um conjunto heterogêneo que englobaria discursos, instituições, organizações administrativas, enunciador científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, Foucault (1979, p. 244) pontua, “o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”.

Ainda considera relevante a demarcação da relação que pode existir entre elementos heterogêneos. Nessas condições, o discurso sobre o qual cita anteriormente pode aparecer como um programa de uma instituição, e/ou como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda ou ainda funcionar como reinterpretação desta prática. Foucault (1979) explica, resumidamente, que entre estes elementos discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, uma mudança de posição.

Num terceiro momento, Foucault (1979) entende o dispositivo com um tipo de formação que teve função estratégica, em dado momento histórico. Como exemplo, cita a absorção de uma massa da população flutuante, que uma economia mercantilista achava incômoda, ou seja, que aí existe um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, tornando-se de controle e dominação da loucura.

Nesse olhar, Foucault (1979, p. 245) defende que um dispositivo define-se também por certa gênese, em dois momentos:

Um primeiro momento é o da predominância de um objetivo estratégico. Em seguida, o dispositivo se constitui como tal e continua sendo dispositivo na medida em que engloba num duplo processo: por um lado, processo de *sobredeterminação funcional*, pois cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente, por outro lado, processo de *perpétuo preenchimento estratégico*. [grifo do autor].

Com o conceito de dispositivo, o autor demonstra que quer ir além do discurso, quando postula que quer enxergar quais foram os elementos que intervieram em uma racionalidade, em uma organização. Foucault (1979, p. 247) postula que se chama instituição “todo comportamento mais ou menos coercitivo, aprendido. Tudo que em uma sociedade funciona como sistema de coerção, sem ser um enunciado, ou seja, todo o social não discursivo é a instituição”.

Nessas condições, o dispositivo pode ser compreendido a partir da formulação de uma noção de um modelo arquitetônico elaborado para as prisões modernas, o qual Foucault

(1979) chama de panóptico¹⁶.

Segundo Foucault (1979, p. 169):

O Panóptico pode até constituir-se em aparelho de controle sobre seus próprios mecanismos. Em sua torre, o diretor pode espionar todos os empregados que tem em seu serviço [...] modificar seu comportamento, impor-lhes métodos que considerar melhores; e ele mesmo, por sua vez, poderá ser facilmente observado.

Desse modo, o dispositivo panóptico regularia, em seu interior, a adequação dos sujeitos à máquina produtiva. A contextualização teórica acerca do conceito de dispositivo, baseado na idéia de Foucault (1979), também é relevante para o presente estudo sob outros aspectos que podem ser pensados sobre o objeto de pesquisa.

Um dos aspectos que se pode inferir como capital para a compreensão do presente estudo é a preocupação do panóptico em organizar a vida coletiva. Foucault (1979) afirma que, o poder moderno distingue e segmenta, o tecido social sob o olhar vigilante e classificatório, instaurando redes ou canais de mediação entre os diferentes segmentos sociais, o que no nosso estudo, se configuraria a partir das ações de mobilização social propostas pelo programa radiofônico para fomentar seu projeto assistencialista.

Essas condições que partem de um olhar objetivo e disciplinar convertem o Panóptico num dispositivo ordenador. E é nesse contexto que a prática dos meios de comunicação surge como dispositivo panóptico das consciências, sendo que a generalização atinge seu maior grau por meio das recentes tecnologias de informação.

O conceito de dispositivo, no olhar de Foucault (1998), pode ser ainda aplicado às formações sociais, como é o caso do discurso radiofônico. Para dispositivo discursivo, Foucault (1998, p. 126) postula que, “é uma amálgama que mistura o enunciável e o visível; palavras e as coisas, discursos e arquiteturas; programas e arquiteturas; formação discursiva e não discursiva”.

A visão foucaultiana ainda reflete sobre os discursos na sociedade, na qual existe segundo ele, procedimentos de exclusão e de controle, desta forma determinando que estes discursos só possam ser entendidos em relação ao meio em que se encontram. Certeau (1994), ao buscar compreensões a respeito dos modos de proceder da criatividade cotidiana, explica

¹⁶ O panóptico de Bentham é uma metáfora aplicada ao mecanismo de vigilância nas prisões. [...] O princípio é conhecido: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel [...] O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente [...] Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação [...]. (FOUCAULT, 1998, p. 166).

que Foucault substitui a análise dos aparelhos que exercem poder como: (instituições localizáveis, expansionistas, repressivas e legais) pela dos dispositivos.

Na concepção de Certeau (1994), as práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar, que pode ser designado como o dos procedimentos. Estes seriam esquemas de operações e manipulações técnicas. A partir de Foucault (2010) é possível, segundo Certeau (1994), entender melhor o funcionamento do dispositivo.

Na visão de Certeau, fundamentado nas postulações de Foucault (2010), as tecnologias determinam ou curtocircuitam as encenações institucionais. As maneiras de fazer do lado dos usuários dos dispositivos, nesse sentido, constituem as práticas pelas quais os mesmos se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.

Neste sentido, os dispositivos uma vez caracterizados, são tomados como equipamentos automáticos, estruturados por meio de operações que comandam processos de interação, como um terceiro agente entre os participantes dessa interação. Para Certeau (1994, p. 113), Foucault põe em evidência as condições de operacionalidade do poder do dispositivo, que seria eficaz de modo quase autônomo de comandar práticas a partir de determinadas condições de funcionamento que determinariam uma “microfísica do poder”.

Certeau (1994), ainda destaca que Foucault atribui papel notável e decisivo aos procedimentos, e dispositivos tecnológicos para a organização da sociedade, sendo que o conceito de dispositivo é retomado com um tipo de formação que não apenas produz controle e restrições. Certeau (1994, p. 116) ainda afirma que a heterogeneidade e as relações equívocas dos dispositivos e das ideologias constituem um objeto histórico onde os procedimentos tecnológicos têm “efeitos de poder específicos, obedecem a funcionamentos lógicos próprios e podem produzir uma alteração fundamental nas instituições da ordem e do saber”.

Desta forma, táticas no discurso pode ser o ponto de referência formal de táticas sem discurso. Como efeito de dispositivos organizadores, o discurso designaria por aqueles que pode abordar aqueles que não têm mais esse papel.

Uma galeria de procedimentos instrumentalizada pelas tecnologias organiza um espaço discursivo, relacional e interacional, trazendo à tona um espaço de visibilidade de práticas sociais e um discurso sobre essas práticas, como se pode vislumbrar no objeto estudado. Partindo de tal compreensão, deve-se fazer uma transição para um exame de conceito sobre dispositivo, agora compreendendo que em um discurso, qualquer que seja sua natureza, as modalidades do dizer é que dão forma a um dispositivo de enunciação. Neste sentido, recorre-se a Verón (2004), para entender sobre os modos de operação e constituição dos dispositivos de enunciação presentes no discurso.

Ao interpretar a oposição enunciado/enunciação, que comporta a distinção entre o que é dito as modalidades ou modos de dizer, o autor caracteriza o dispositivo de enunciação ao explicar que a imagem de quem fala pode ser chamada de enunciador. Trata-se do lugar (ou dos lugares) que aquele que fala atribui a si mesmo. Para Verón (2004, p. 217), “essa imagem contém, portanto, a relação daquele que fala ao que ele diz”.

A segunda marca apontada diz respeito à imagem do destinatário e, em terceiro lugar, o dispositivo de enunciação é caracterizado pela relação entre o enunciador e o destinatário, que é proposta no e pelo discurso.

Segundo o autor, enunciador e destinatário são entidades discursivas, sendo necessário, assim, a distinção entre o emissor real do enunciador e, depois, o receptor real do destinatário. Essa dupla distinção é necessária, na medida em que, um mesmo emissor poderá, em discursos diferentes, construir enunciados diferentes, de acordo com o alvo visado, por exemplo. E, pelo mesmo motivo, construirá, cada vez diferentemente, seu destinatário.

De acordo com Verón (2004, p. 218), estudar o dispositivo de enunciação é estudar o contrato de leitura¹⁷, “o que o enunciador diz, as coisas que supostamente ele fala, constituem uma dimensão importante do contrato de leitura”. Quando é dada atenção ao dispositivo de enunciação, não se observa mais o enunciado, apenas. O que pesquisador quis dizer que é por meio da investigação dos contratos de leitura que se pode perceber com exatidão a especificidade de um suporte e valorizar essa especificidade em relação aos seus concorrentes. No entender de Verón (2004, p. 219), é o “contrato de leitura que cria o vínculo entre o suporte e seu leitor”.

Mas as perspectivas lançadas até aqui a respeito de conceituações sobre dispositivo não são suficientes. Uma reflexão considerável e que demonstra relação com o ponto de vista de Verón (2004), mas que consegue esclarecer, ainda mais, a noção de dispositivo de enunciação é Rodrigues.

Para o autor, os dispositivos que intervêm no processo enunciativo destinam-se a garantir ao seu discurso um reconhecimento, a sua validade à audiência. Conforme Rodrigues (1994, p. 148), isso ocorre por meio da formulação de um quadro enunciativo próprio, “a que vamos dar o nome de social, distinto do quadro enunciativo que delimita o horizonte das relações intersubjetivas”.

¹⁷ Os estudos de Fausto Neto podem servir para explicar esta expressão. O autor define como “contratos de leitura”, a existência de dispositivos que “[...] funcionam como espécie de ‘apanhamentos’, ‘assédios’, ‘capturas’ do receptor, feitos no âmbito e na especificidade dos discursos [...]”. (FAUSTO NETO, 1995, p. 199).

Ao identificar o espaço de interlocução das personagens que intervêm no processo enunciativo de um telejornal, é possível diferenciar vários dispositivos, em especial os que definem o discurso de gênero jornalístico. Desta forma, o gênero é por excelência um dispositivo enunciativo. Exercendo sua função de enquadramento, volta-se, ao mesmo tempo, para fora e para dentro do discurso que delimita.

Nesse sentido, exemplifica o telejornal como um dispositivo enunciador, no qual o jornalista recorre a trabalhos de narrativização. Rodrigues (1994, p. 154) postula que a narração opera sobre o conjunto dos acontecimentos narrados, cada um dos fatores ocorridos passa a ocupar um lugar relativo em relação aos outros, ao ser inserido na sequência narrativa do programa, tendo como marcas principais desse efeito de narratividade a ordem sequencial da narração dos fatos, e a duração que confere aos acontecimentos “uma espessura relativa, em função da importância relativa que adquirem, no quadro dos acontecimentos disponíveis”.

Para Rodrigues (1994, p. 154), um dos processos de narrativização é a conversação:

É o discurso do jornalista que enquadra as personagens da narração, assumindo o estatuto de enunciador ou de narrador pressuposto e, pela mesma ocasião, construindo a teia de relações actanciais que confere sentido às ações narradas. Este processo consiste numa figuração complexa, à maneira de uma representação que se desenrola numa cena.

A especificidade da narrativa de um telejornal pode ser comparada à narrativa ocasionada no programa radiofônico. É um processo de narrativização que coloca em cena os acontecimentos do cotidiano, os atores e agentes, convertendo-os assim em sequências de ações articuladas por meio do discurso posto em operação. Os relatos colocados pelo apresentador nos momentos de interação são articulados, pelo fato de apresentarem uma propriedade comum e por serem altamente mobilizadores de uma ação e reação.

A perspectiva lançada por Rodrigues (1994) é importante para esta pesquisa e se aproxima da discussão proposta por outros autores que se debruçam sobre estudos a respeito do dispositivo enquanto comunicação midiática.

Dentre os conceitos basilares de dispositivo midiático, Aumont (1995, p. 135) se destaca ao analisar a imagem. Para o autor, o dispositivo pode ser definido como um conjunto de elementos, dados e materiais que compreende “os meios e técnicas de compreensão de imagens, seu modo de circulação e eventualmente de reprodução, os lugares onde elas estão acessíveis e os suportes que servem para difundi-las”.

Apesar de estar ligado à esfera técnica, a conceituação de dispositivo formulada por Aumont (1995) abarca os processos de produção de circulação, as relações construídas no

âmbito dos sentidos da produção e recepção. Isso quer dizer que, na abordagem do autor, o dispositivo televisivo, objeto o qual detém sua análise, é o que regula a relação do telespectador e suas imagens em um determinado contexto simbólico. A imagem estaria ligada não apenas a uma questão de ordem técnica, mas sócio-simbólica que incide sobre lógicas de produção e modos de recepção, entendendo-se que é a partir da construção de vínculos sociais que os sentidos se constroem.

Discutindo com a reflexão de Aumont (1995), entende-se que as ações, que se referem à ordem técnica do dispositivo televisivo não possuem uma lógica própria, sendo necessária a intervenção de agentes do campo de construção das imagens. Isso configura a inseparável associação entre as instâncias técnica e simbólica. É a partir das ações realizadas nestes dois ambientes que determina a natureza do dispositivo.

É por meio de um conjunto de ações, ou de regras constitutivas do dispositivo que os receptores acabam construindo seus próprios sentidos, em que as relações entre o tempo e o espaço passam a ser mediadas pela tecnointeração. Num processo de transmissão de um programa ao vivo, o dispositivo permite que o receptor compartilhe de experiências ao mesmo tempo, mas atravessados pelos aparatos tecnossimbólicos.

Tratando sobre a imagem, Aumont (1995) detalha o funcionamento do dispositivo, apontando estratégias e modos singulares de operação; considera também os efeitos ressonantes na circulação, onde os receptores estabelecem vínculos entre si e com o dispositivo.

Já Carlón (2004), para definir o conceito de dispositivo, postula distinções entre técnica, o suporte físico televisivo, as mídias, que abrangem práticas sociais com aparatos tecnológicos e os dispositivos, que são capazes de envolver os diversos modos de funcionamento e produção de sentidos.

A associação dessas instâncias exprime a complexidade das ações produtivas do campo midiático resultantes das relações estabelecidas entre a recepção e produção. Carlón (2004, p. 80) afirma que a especificidade das transmissões televisivas ao vivo é resultado da variedade de acontecimentos que se pode transmitir,

a diversidade das operações e mecanismos que entram em jogo no seu visionamento [...] e os distintos dispositivos com os quais o visionamento direto aparece articulado em cada ocasião: em outros termos, seu caráter de hiperdispositivo.

O que se pode afirmar, a partir de Carlón (2004), é que os dispositivos midiáticos, enquanto caracterizados como um hiperdispositivo atuam afetados por atravessamentos, co-

determinações, concorrências, sobreposições e entrelaçamentos, resultando de distintas operações de produção e de efeitos de reconhecimento por parte da audiência.

Pensando este conceito, da perspectiva de estudos sobre o jornal e seu trabalho de produção de sentidos, Mouillaud (2002, p. 33), parece ter uma posição semelhante a de Carlón. Descreve o dispositivo como sendo “matrizes (mais do que suportes) em que se vinham inscrever os textos”, sendo que, texto é qualquer forma (de linguagem, icônica, sonora, gestual) de inscrição. Desta forma, não comanda apenas a ordem dos enunciados, mas a postura do leitor frente ao texto. Um exemplo é o envelope que não está indiferente à carta que contém em seu interior. Nestas condições, Mouillaud (2002, p. 30) pontua que:

[...] ele me prepara para esperar um correspondente (ou para interrogar-me a respeito de sua identidade, o que permanece uma espera), para mobilizar esse o aquele interesse (ou desinteresse), para acordar o *ethos* (favorável ou desfavorável) com o qual vou ler a carta. Em resumo, o dispositivo prepara para o sentido.

Ainda assinala Mouillaud (2002), que os dispositivos se encaixam uns nos outros. O jornal se inscreve no dispositivo geral da informação e contém, ele próprio, dispositivos que lhe são subordinados (o sistema dos títulos, por exemplo).

Num contexto mais aproximado, o conceito de dispositivo ainda é discutido aqui a partir de perspectivas mais afins ao campo midiático, como a que formula Ferreira (2003), segundo uma construção que se apoia em outras visões multidimensionais. Postula Ferreira que o uso dominante do termo dispositivo é associado a um outro conceito, o de tecnologia. Ele propõe que o dispositivo seja entendido como triádico, formado pelas ligações entre a sociedade, a tecnologia e a linguagem. A complexificação do conceito está atrelada, sem dúvida, a compreensão de produção de sentido, não apenas ligado ao suporte tecnológico ou de linguagem, “mas de um conjunto de relações práticas, discursivas e tecnológicas”.

A sua formação é entendida não mais apenas como um suporte técnico que liga dois sujeitos. O trabalho do dispositivo geraria novas modalidades de contato e de interação, em que normas e operações anteriores são revistas e reformuladas a partir de outras operações de sentidos. Ainda explicando sua concepção de dispositivo, Ferreira (2003, p. 102) constrói um desenho com o qual define como uma “fábrica de autopilotagem, de autoconstrução da individualidade nas interações com os outros e com os objetos heterogêneos nela colocados”.

Nesta perspectiva, se refere a capacidade de autorregulação e autorreformulação de que o dispositivo é capaz e que estes movimentos afetam os vínculos estabelecidos entre sujeitos e as ofertas discursivas postas em operação. Desta maneira, pode-se pensar que o funcionamento do dispositivo radiofônico, num olhar mais específico, permite alterações em

seus protocolos de funcionamento, atualizações de vínculos e processos de produção de sentidos, ou seja, o dispositivo altera os modos de relação entre os sujeitos.

Ao formular seus conceitos a partir de uma matriz mais geral de entendimento epistemológico, a abrangência do dispositivo relaciona aspectos do campo da produção, recepção, estratégias, temas, trocas e linguagens. Ou seja, para dar conta da complexidade do dispositivo, o autor procura compreendê-lo como operador de diferentes ações de promoção de interações e promovendo a relação de práticas heterogêneas.

Neste momento, valendo-se das noções de dispositivo defendidas pelos autores acima, pode-se considerar diversas contribuições para a presente pesquisa. Entretanto, a postulação organizada por Ferreira (2003), a respeito da composição e funcionamento do dispositivo midiático sugere um avanço a respeito do objeto de estudos posto em questão.

Ao lado das formulações de Ferreira, há, porém, outro autor que sugere relações e complementações a respeito do entendimento do conceito de dispositivo. Enfatizando o aspecto relacional, Braga (2011) faz uma reflexão que vem ao encontro das marcas e indícios encontrados no objeto aqui pesquisado, ou seja, da constituição de um sistema de relações. Sistema este, que o dispositivo entretém ao constatar-se que ele é constituído por aspectos heterogêneos e que são articulados em um determinado processo social.

A partir daqui, ele compreende que o aspecto organizador e/ou articulador dos dispositivos decorre da historicidade de processos reiterados, que tendem a se configurar como modos tendenciais para o exercício continuado de suas ações, tornando-se padrões, regras e códigos.

Segundo Braga (2011, p. 10):

Para esse conjunto de atividades relativamente estabilizadas, ora mais tentativas, ora mais ancoradas em repetições e automatismos – creio que a demoninação de ‘dispositivo’ é adequada: modos de fazer socialmente produzidos e tornados possíveis.

Neste sentido, o termo é propício para estudo sobre midiaticização, pois permite incluir as mediações que o usuário traz para a interação, assim como as experiências sobre o usuário, os modos de endereçamento e contratos. Permite incluir análises sobre os processos em geral que cercam a circulação midiática, os contextos de produção, apropriação e resposta social.

Nesse sentido Braga (2011, p. 11) postula um conceito para tratar de dispositivos. Ao salientar o processo de constituição de matrizes socialmente elaboradas e que se fazem por meio da prática de interações, considera, deste modo, que:

“Dispositivos de interação” são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas, mas também estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais.

Fazendo referência mais aprofundada dos conceitos trazidos à tona a partir do olhar dos diversos autores relacionados, assumimos nesta pesquisa, preferencialmente, as postulações de Braga e Ferreira, quando estes entendem o conceito de dispositivo, para além de um simples instrumento técnico, ou seja, como um lugar de interações entre o universo técnico e simbólico, engendrado pela linguagem.

Assim, depois de se traçar um panorama sobre o que é dispositivo e dos possíveis cruzamentos de conceitos pertinentes para a pesquisa, se discutirá noções a respeito de dispositivo radiofônico e suas singularidades. Nessas condições, partindo de um olhar mais focado, voltando-o sobre o rádio, enquanto objeto desta pesquisa, compreende-se que os conceitos de Braga e Ferreira ganham ainda significado pelo fato de suas reflexões aproximarem-se das construções também formuladas por Fernández (1994). Sua postulação recai ainda mais próxima as considerações analíticas que vão se desenhando nesta tese, pois este autor desloca seu olhar exatamente sobre a constituição de dispositivos radiofônicos e suas especificidades.

Argumenta ainda que, o desenvolvimento do suporte tecnológico pode ser considerado relevante no plano histórico de constituição do meio de comunicação, mas não é necessariamente tão importante quanto do ponto de vista do discurso. Valendo-se do pensamento de Fernández (1994), deve-se considerar que o dispositivo midiático, no universo do discurso, pode definir-se como um campo de relações que, possibilita em todas as dimensões da interação comunicacional (levando-se em conta: mudanças de tempo, espaço, da presença de corpos, de práticas sociais que conectam a emissão e a recepção), a mobilização de intercâmbios discursivos quando não se está face a face.

Ele entende que se denomina meio, todo dispositivo técnico ou o conjunto dos meios de comunicação que, com suas práticas sociais vinculadas, permitem o estabelecimento de uma relação discursiva entre os indivíduos e/ou setores sociais. Descreve algumas características de certas dimensões, que podem definir restrições e possibilidades que apontam para o entendimento do campo discursivo do rádio.

Ao observar a sobrevivência do meio e seu desenvolvimento até os dias atuais, Fernández (2009, p. 95) afirma a inegável competência do dispositivo radiofônico, que através da intersecção de complexas operações tecnodiscursivas, participa da vida do cidadão,

estimula o mesmo a mediatizar a complexidade social, e que ao longo da história, se evidencia como um “meio que simplesmente vive e é naturalizado pela sociedade”.

Neste sentido, parte-se agora, para uma discussão sobre a estruturação do rádio como um amplo dispositivo (técnico/discursivo/social), articulador e legitimador de práticas sociais. Outros autores que de alguma forma guardam uma conexão com o conceito de dispositivo discutido até aqui, sobretudo no que tange às práticas radiofônicas, também contribuem para a pesquisa. Entende-se que, para a realização da presente reflexão, torna-se imprescindível a consulta a outras diferentes pesquisas acerca dos processos que envolvem a mídia radiofônica ao longo do tempo, em especial quando se vivencia a experiência da passagem da cultura massiva para a mediática¹⁸ e ainda, quando, no caso em análise, o rádio se presta a realizar intervenções na vida complexa de uma sociedade, oferecendo-se como alternativa para além de suas funções tradicionais, como informar e entreter.

Para tanto, buscou-se analisar estudos considerados importantes para uma consulta, a partir de sua relevância para o campo de pesquisa das Ciências da Comunicação. Sobretudo, como forma de contextualizar o funcionamento do rádio na conjuntura atual, formula-se aqui um diagnóstico analítico a partir dessas leituras, tentando revelar e propor avanços a respeito do conhecimento produzido sobre fenômenos como o objeto de estudos ora apresentado.

Primeiro, para dar início à contextualização ampla sobre os estudos do rádio, parte-se das considerações feitas na dissertação de mestrado, concluída em 2006, quando já se dedicava atenção especial aos processos relacionados ao meio de comunicação. Conforme Kroth (2006, p. 35) naquele momento, considerava-se que, em paralelo à tendência de tecnologização, segmentação e especialização do processo de produção de conteúdos, que constituem o rádio na atualidade, ainda há emissoras de caráter local que mantêm a preocupação em apostar numa programação carregada de marcas do sujeito, tentando atender incisivamente aos “interesses sociais, econômicos e culturais das pessoas num espaço territorial demarcado”.

¹⁸ Segundo a autora, o aparecimento da noção de cultura midiática ou de noções equivalentes a de mediatização tem a pretensão de promover novos modos de compreensão sobre os fenômenos de produção coletiva de significados nas sociedades atuais, que poderiam ser qualificadas como pós-industriais. “Em particular, aludiu a insuficiência da noção de cultura massiva ou cultura de massa, onde se analisavam as relações de produtos culturais elaborados de maneira industrial e destinados às grandes massas da população. Sem dúvida, e creio que este é o primeiro ponto interessante que acredito para o aparecimento dessas novas noções, é que elas revelaram que a insuficiência não era apenas para analisar as transformações materiais dos modos de produção cultural, mas sobre uma transformação dos pontos de vista adaptados para a análise da comunicação e da cultura. Em outras palavras, se a noção de cultura massiva já não mais dava conta é porque ela foi entendida basicamente como um conjunto de objetos, produtos para as massas e consumidos por elas” (MATA, 1999, p. 23).

Outro autor que problematiza as relações do rádio e os ouvintes, mas a partir de uma outra dimensão conceitual é Oliveira (2008), ao discutir os limites e os alcances das chamadas rádios comunitárias na esfera pública em contextos locais na perspectiva da cidadania. Sua discussão aborda um processo que contribuiria para a constituição de um espaço comunicativo engendrador e democrático no qual estaria presente uma pluralidade de opiniões e informações enquanto local de discussão, denúncias, mobilização e processo de cidadania. O autor chama esse processo de utopia comunicacional radiofônica comunitária.

Oliveira (2008, p. 7), diz que o encanto e a magia do rádio caracterizam marcas de uma forma particular de interação, processo o qual é emitido e refletido uma

variada e microscópica rede de significados que procuram estabelecer, reiterar ou mudar situações de sujeitamento social na vida cotidiana e/ou propor rupturas com o modelo midiático de comunicação caracterizado pelo monopólio da palavra e da interpretação sobre os fatos e os acontecimentos.

Nessas condições, a abordagem do autor, apesar de ser refletida sobre o contexto de emissoras de caráter comunitário, coaduna com as observações feitas nesta pesquisa, já que o objeto estudado, o programa João Carlos Maciel, possui marcas semelhantes àquelas estudadas pelo autor. Ou seja, a reflexão do autor se dá sobre as reivindicações dos sujeitos sociais por obras, serviços e assistência que ganham visibilidade no espaço público por meio do rádio.

O novo paradigma comunicacional radiofônico ensejado se propõe a dar visibilidade à ação e aos discursos de diferentes atores sociais, dando condições, desta maneira, segundo o autor (2008, p.7), “para que possam atuar no espaço público e interferir em ações políticas e sociais”.

Neste contexto, assim como no programa João Carlos Maciel, Oliveira (2008, p.7) ainda analisa que as emissoras radiofônicas comunitárias podem ser consideradas como espaços de organização social, “indutoras do estabelecimento de pautas e temas de determinadas coletividades e instância para se invocar a responsabilidade das instituições diante do interesse comunitário”.

Também fazendo uma reflexão a respeito do rádio, sua inserção e significado social, Grisa deslocou sua atenção para um resgate sobre a audiência, fazendo uma análise dos sentidos que os ouvintes do programa Comando Maior, apresentado por Sérgio Zambiasi, na Rádio Farroupilha, dão às mensagens postas no ar. Grisa (2003, p. 20), assim,

busca o ponto onde o cotidiano, a vida, o nível não organizado da sociedade se encontra com uma instituição cultural de determinada trajetória histórica e configuração atual específica. É o rádio entrando na vida das pessoas, penetrando no lar, no ambiente de trabalho, no meio de transporte de seus ouvintes; é vida entrando pelo rádio.

Não se estuda o rádio sob uma perspectiva da produção, no discurso produzido pela emissora. Mas uma pesquisa que insere o rádio no âmbito da cultura, compreendendo, como objetivo maior, a relação estabelecida entre o meio de comunicação, um de seus comunicadores – Sérgio Zambiasi e um grupo de mulheres ouvintes.

A pergunta básica da investigação é: quais os sentidos da rádio de audiência popular para o público ouvinte? A partir desse problema, o autor colabora com a presente pesquisa quando faz uma análise sobre um programa radiofônico, que possui algumas semelhanças em sua caracterização com o programa João Carlos Maciel, entre as quais podemos destacar a forte interatividade com a audiência, a presença do apresentador como fio-condutor das interações engendradas neste programa.

Tem haver ainda com a presente pesquisa, pela natureza do personagem que se apresenta. João Carlos Maciel, assim como Sérgio Zambiasi, utiliza-se de *performances* específicas para dinamizar ações que visam responder a demandas assistenciais, ou seja, são semelhantes os modelos comunicacionais adotados.

Como é sabido, o programa Comando Maior da Rádio Farroupilha AM de Porto Alegre é recheado por relatos de tragédias particulares feitos por seus ouvintes, comuns no programa que se estuda nesta pesquisa. Também tem como ponto comum a presença de um comunicador popular, que faz a ponte de ligação entre a realidade do sujeito e a midiática.

O comunicador da emissora porto-alegrense, do mesmo modo que João Carlos Maciel problematiza em seu discurso as mazelas da população, que busca no programa a solução ou apenas a visualização de seus problemas do dia a dia. Outra semelhança revela-se quando Sérgio Zambiasi elegeu-se deputado federal por diversas vezes, com votação expressiva. João Carlos Maciel, da mesma forma, ocupa um cargo político em Santa Maria, sendo o mais votado vereador da história da cidade em duas oportunidades.

A pesquisa proposta por Grisa (2003) analisa os sentidos dados por um grupo de ouvintes ao discurso emitido pelo programa, constituindo-se assim num estudo de recepção. Ao contrário, aqui se propõe entender os sentidos da produção do programa João Carlos Maciel, e o trabalho de interação realizado entre os *elos midiáticos* e *não midiáticos*.

Percebe-se que a proposta apresentada por Grisa (2003) pode contribuir com o entendimento do rádio como não somente um meio de difusão, mas como prática significativa

e como experiência cultural, marcas que constituem a complexidade do programa João Carlos Maciel. O marco teórico utilizado por Grisa não converge com o que se adotou nesta pesquisa, já que sua preocupação não era com a midiaticização do social.

Entretanto, justamente neste ponto é que o avanço desse panorama se dá numa análise diferenciada, conforme já explicitado anteriormente. Ao deixar-se claro os objetivos e o problema de pesquisa formulado, constatou-se que o programa João Carlos Maciel é analisado a partir de do contexto da midiaticização e suas complexidade, compreendendo que é este o ponto crucial que o diferencia em relação aos estudos até agora realizados, entre eles, os citados neste trabalho científico.

Numa linha de raciocínio próxima a de Grisa (2003), Mazzarino (2001) em sua dissertação de mestrado, analisa processos midiáticos inseridos na dinâmica do contexto sociocultural da região do Vale do Taquari, mais precisamente na cidade de Lajeado/RS. Observa a interrelação dada entre o programa “Acorda Rio Grande” da Rádio Independente AM, e a vida da comunidade. Compreendeu Mazzarino (2001, p. 6) alguns fatores sobre como a participação da mídia radiofônica interfere na construção simbólica da realidade dos sujeitos da região onde o programa é ouvido: “O programa tem acompanhado o desenvolvimento regional, agendando as conversas com a comunidade a partir da seleção que faz dos acontecimentos transformados em notícia”.

Trabalhou conceitualmente as noções de mediação, midiaticização e negociação que permeiam o processo de produção das mensagens mediadas e midiaticizadas e também aquelas mediadas nos diferentes contextos da audiência. Quando do estudo dos pólos de produção e recepção, o autor vislumbrou alguns laços criados entre o programa e os ouvintes, reavivados diariamente pelo ato de sintonizar o rádio.

Neste sentido, pode-se entender que a pesquisa referida aponta uma colaboração com a proposta aqui engendrada. Mazzarino (2001), quando analisa em determinado espaço, as especificidades do programa radiofônico, oferece uma ampla observação da produção de sentidos a partir das narrativas colocadas no ar como estratégias para comunicar sentidos que, em contrapartida, deixam transparecer os sentidos produzidos na recepção. Na presente pesquisa, quer-se avançar neste contexto, analisando as particularidades de operações engendradas que podem ser encontradas no objeto em estudo.

Tanto a pesquisa de Grisa (2003) quanto a de Mazzarino (2001) mostraram-se limitadas com relação à análise da diversidade de operações, que podem ser identificadas no processo de produção do rádio, deixando brechas para a investigação de sua complexidade, em especial sobre que se pretende estudar nesta tese. Quer-se analisar as dinâmicas, os

processos, as lógicas, os elementos mais pertinentes do sistema de relações que o dispositivo radiofônico entretém.

Ainda considerou-se relevante a leitura e a observação de outros estudos a respeito da mídia radiofônica, dentro de um universo previamente delimitado de busca, de conhecimento sobre as abordagens dadas, até então, por diferentes pesquisadores.

Nessa mirada, estudos recentes abordaram o rádio sob diferentes prismas, mas caracterizando sua situação/atuação conforme os reflexos dos movimentos da sociedade midiaticizada. Bianchi (2010) em sua tese problematiza os processos de constituição da cultura radiofônica na recepção, configurados como memórias de ouvintes que acompanharam o desenvolvimento do rádio desde o século passado, e que são idosos hoje. Ela considerou, na análise, as apropriações, usos, recusas, sentidos e mediações que envolveram esta trajetória de vida dos ouvintes.

Nesse processo de constituição da memória radiofônica, Bianchi (2010) compreende os contextos de produção e de oferta radiofônica, relacionados aos gêneros específicos, programas e personagens que se relacionam com as marcas da memória radiofônica dos ouvintes. Ela observa os aspectos constituintes da linguagem do rádio como participantes do processo de relacionamento entre o meio e a recepção. Seu foco ganha ainda mais importância quando se propõe a compreender os hábitos, usos e apropriações feitas pelos ouvintes, constituem-se como marcas da memória radiofônica dos mesmos. A análise traz à tona as experiências do indivíduo e sua relação com a mídia ao longo dos tempos. Essa análise aponta para as competências que se desenvolvem nos âmbitos da produção e recepção.

Tal pesquisa oferece uma excelente referência a respeito da constituição de uma cultura midiática, a partir da profusão de relações desencadeadas por meio de vínculos estabelecidos pelo campo radiofônico e sua audiência. Essa perspectiva, conforme Mata (1991) já postulava, demonstra o desenvolvimento de um contínuo processo dinâmico de interações e estruturações de práticas sociais, marcadas pela presença dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas, o que se configuraria como a profusão da cultura midiática.

Bianchi (2010) ao revelar aspectos da construção de uma memória midiática, através de uma análise de recepção, necessariamente teve que traçar um panorama analítico sobre os processos de midiaticização radiofônica, que na constituição de uma relação, evoluiu e se empenha em dar conta das demandas do seu ouvinte. É exatamente neste ponto da pesquisa da autora, que se podem vislumbrar, marcas/elementos/indícios capazes de ajudar a compreender o contexto que se configura no objeto de estudos que se propõe neste momento.

As pesquisas analisadas acima dialogam com a presente proposta de compreensão de fenômenos que dizem respeito às operações da mídia radiofônica. Enxergam-se semelhanças entre os objetos de estudo dos autores com o que se estuda aqui, bem como, de alguns aportes teóricos que ajudam a compreender os fenômenos, acerca dos modos de produção do rádio e o estabelecimento de relações com os demais campos sociais.

A análise dos estudos mencionados também qualifica este trabalho, trazendo apontamentos sobre operações e estratégias radiofônicas que fazem do meio mais do que um instrumento apenas técnico, capaz de informar e entreter. O que se quer é compreender sobre sua complexidade e sua inserção na complexidade social, aspectos os quais se aprofundam na análise e garantir, dessa forma, a meta de avançar em relação ao que já foi estudado.

O rádio se insere às situações da vida cotidiana, como também gera noções de espacialidades, temporalidades e outras formas de regulação. É capaz de colaborar com a organização de distintas ocasiões, já que trabalha a partir de um mecanismo de reiteração social, pelo qual se conecta, regula, ativa as diferentes ações no sujeito em sociedade. Nessas condições, o presente capítulo tem por objetivo avançar na definição do conhecimento produzido acerca das especificidades do universo sonoro, que compõe a complexidade do dispositivo radiofônico.

Neste sentido, particularizando ainda mais a análise de estudos acerca das características do rádio, quando ele ainda era uma nova tecnologia de comunicação, o teórico Brecht (1981) já apontava sugestões sobre a sua transformação como um meio de comunicação com uma real função social, voltado aos interesses do público ouvinte. Preocupou-se com a forma e o conteúdo com que os responsáveis por fazer rádio comunicariam à audiência. Como dispositivo, em sua “Teoria do Rádio”, o autor previa o papel que o rádio passaria a desempenhar nos dias de hoje, reconhecendo a sua potencialidade como instrumento a serviço da comunidade.

Na atualidade, fase na qual se vive numa sociedade em midiatização, quando em função do impacto das novas tecnologias, a radiofusão ganha novos suportes, recursos e avanços no desenvolvimento de suas características como dispositivo midiático, vê-se aumentar a possibilidade do meio desempenhar sua expressão, explorando e adaptando recursos técnicos de linguagem e de conteúdos.

De forma paralela aos investimentos técnicos, econômicos e conteudísticos, emissoras de rádio local ainda se preocupam em produzir programações recheadas de conteúdos que dão uma noção de proximidade com relação à audiência. A fácil identificação causada pela

contextualização do local, ainda atrai o ouvinte de forma que esta estratégia, advinda dos formatos mais tradicionais, parece não ter hora para desaparecer.

No universo de operações que visam constituir vínculos com o receptor, um dos aspectos enunciativos, e que mais atuam, enquanto dispositivo, ou parte dele, no processo de comunicação radiofônica é a voz¹⁹ do locutor. Até antes dessa possibilidade, toda mediação excluía a presença do corpo do emissor. Como postula Fernández (1999, p. 39), “em efeito, a voz é o corpo do emissor”. Na mesma linha de pensamento, Zumthor (1993) quando pesquisou a poesia medieval e a *performance* do intérprete, chamava a atenção para a dimensão que o texto adquire ao receber uma ação vocal. O texto deixaria de ser texto para adquirir o estatuto de obra. Nessas condições, o que é comunicado, desta maneira, em um espaço e tempo determinados: o texto e as sonoridades inerentes ao processo fazem a *performance*, considerada pelo autor como um processo de significação condicionada pela capacidade de atuação de quem fala.

No entendimento do autor, os avanços da tecnologia proporcionaram ao ouvinte da voz no rádio a possibilidade de recriar em sua mente os elementos que estão ausentes, de tal maneira que este processo conduzia a uma interpretação íntima do que decodificava.

No entendimento de Zumthor (citado por NUNES, 1993, p. 45): o aparelho individualiza mais ainda a *performance*,

sem necessariamente a aprofundar, presta-se aos longos períodos de solidão, sem penetrá-la verdadeiramente, é hoje um espetáculo familiar, o camponês curvado sobre sua plantação, o transistor ao alcance do braço, mas cuja voz é coberta pelo barulho da ferramenta. Com os escutadores ocorre o seguinte: cortados todos os laços sociais, o ouvinte intoxicado ziguezagueia entre nós, os olhos vazios, interiorização local – em que loucura?

Para Nunes (1993) a presença do corpo definiria a realização concreta da oralidade. As manifestações do corpo e a intervenção da voz conferem vitalidade à *performance*, sendo que o ouvinte passa a fazer parte desta. Segundo Nunes (1993, p. 91), “mais do que escuta, sua função pressupõe troca de papéis: ora emissor, ora receptor”. Esta relação desenvolve uma espécie de acordo coletivo entre os campos de emissão e recepção da mensagem, sem o qual não ocorreria caso não houvesse a constituição de uma *performance* integral.

¹⁹ A voz é um ruído antes de um discurso. Este ruído por sua vez não é indiferente – ele já é “voz”, quer dizer “via”, “caminho”, “percurso” e “trajeto” em uma polifonia. [...] Se a voz é um instrumento entre outros, os instrumentos são eles mesmos vozes – e o corpo humano deixa de ser considerado como entidade fechada, auto-suficiente: ele aparece atravessado, percorrido e invadido pelas vozes dos “multiversos”, pelos fluxos incessantes, ao mesmo tempo vivos e maquinais de todo contexto/processo que é o mundo. (CHARLES (1978 citado por NUNES, 1993, p. 22).

A autora postula que as mídias eletrônicas tocam individualmente um número ilimitado de receptores, interiorizando a *performance* proposta pelo campo emissor. O receptor, ainda que em silêncio, é considerado coautor da obra, seduzido pelo envolvimento proporcionado pela participação vocal e corporal do locutor radiofônico. A intervenção da voz, por meio da presença do corpo, singulariza a obra. O intérprete modula a sua voz em função de uma pressuposição de sua audiência.

Arheim (1980) destaca que a voz dos locutores radiofônicos precisa necessariamente ser trabalhada com relação a impostação da mesma, e, que o locutor do rádio batalha contra a fugacidade, ao se referir ao rádio como um “meio cego²⁰”. A voz com o objetivo de capturar o ouvinte precisa ser usada de forma criativa, conforme a atuação, a *performance* incorporada pelo locutor no momento da sua fala.

Outro autor que problematiza a questão da *performance* do sujeito é Goffman (1985, p. 213), o personagem que alguém representa, e o próprio indivíduo são de certa forma equiparados, e este indivíduo-personagem é geralmente como “algo alojado no corpo do possuidor [...]”. O autor ainda entende que a personalidade encenada é considerada uma imagem, geralmente digna de crédito, que o indivíduo no palco e como personagem efetivamente tenta induzir aos outros a terem a seu respeito, como se pode inferir, no caso da *performance* de João Carlos Maciel, em seu programa radiofônico.

Para justificar sua afirmação, Goffman (1985) argumenta que as pessoas que trabalham no campo da radiotransmissão, sabem que a impressão momentânea que dão, terá efeito sobre a opinião da audiência a seu respeito. A voz articulada pelo locutor radiofônico atua como um signo, e que no processo de intermediação entre o objeto representado e o intérprete (ouvinte), este signo composto de sons articulados forneceria informações perceptíveis. A decodificação realizada pela audiência estaria ligada à forma/organização dos elementos que constituem a complexidade do dispositivo radiofônico.

Desta forma, os autores refletem sobre o estabelecimento de uma relação firmada em princípios de interioridade constituídos junto à audiência, mas levando em consideração que este acesso à esfera íntima dos sujeitos é sempre alcançada por uma voz externa, que intermedia, que vincula, que faz funcionar operações de estabelecimento de pontos de contato

²⁰ Rudolf Arheim denominou o rádio como: “meio cego”, não pelo fato de necessitar de elementos visuais, mas reconhecendo-o como um meio de comunicação capaz de criar “segundo suas próprias leis um mundo acústico da realidade” que pode ser constituído essencialmente através de sons, tanto de elementos da sonoplastia radiofônica como da voz. (ARHEIM, 1980, p. 88).

através das peculiaridades deste elemento constitutivo da *performance* do ator no dispositivo radiofônico.

Com a evolução das novas tecnologias, o rádio foi ganhando novos formatos e novos adeptos, sempre em busca de estratégias de captura da recepção a partir da adequação às exigências impostas pelo mercado. Em consequência, entende-se que a aquisição de novos recursos reforçou suas características como dispositivo midiático do social.

Hoje, o contínuo processo de convergência sócio-tecnológica oferece novas condições de organização social. A tessitura das interações no ambiente midiático ganha novas configurações. No caso do rádio, como bem lembra Salomão (2003), as operações propostas pelo enunciador (locutor radiofônico) e as ofertas de lugar oferecidas ao destinatário são resultado de peculiaridades deste dispositivo e suas estratégias de vinculação social.

Os modos como o dispositivo radiofônico dinamiza o contexto interativo, expõe um trabalho complexo, específico de envio e reenvio de discursos entre os envolvidos. Essa perspectiva lançada por Salomão dialoga com o que Menezes (2007) percebe, ao se referir ao rádio como um universo simbólico que assume o papel de sincronizador social.

O autor assinala que no campo das interações de sobrevivência, ainda conta-se com os códigos linguais, que permitem a vinculação com outros indivíduos, e assim, constituindo os organismos sociais, como o dispositivo radiofônico.

Para Menezes (2007, p. 41):

Os meios de comunicação, como o rádio, envolvem o indivíduo numa rede de símbolos que faz com que a simples expressão ‘um bom dia para nossos ouvintes’ não indique apenas que o sol nasceu, mas especialmente uma rede de símbolos que envolve os homens. Mais uma vez, mesmo utilizando limitadas denominações técnicas, como ‘emissora de rádio’ ou ‘aparelho receptor’, estamos diante de um processo de interação.

O que o autor expressa nessa citação é que as emissoras têm apostado na inserção do sujeito comum, que está em casa, no carro ou mesmo no local de trabalho atento aos programas como forma de manutenção da sua audiência. As estratégias mais comuns para atrair a participação da audiência são baseadas em uma série de dispositivos os quais permitem diferentes circuitos de contato.

Neste contexto, a incorporação de sujeitos sociais ao dispositivo poderia supor a realização de uma efetiva função orientada de serviço público, exercendo um certo efeito de gerenciar e suprir as insuficiências, que se detectam por meio das histórias do cotidiano trazidas ao ar. Os espaços de interação inscrevem-se dentro da estrutura do dispositivo, através da constituição de um lugar especialmente criado para as intervenções dos sujeitos.

Este ambiente é midiático de práticas sociais, onde os locutores das emissoras acabam convertendo-se em “defensores do povo” ao assumir o papel de representante midiático de cidadãos dispersos ou reunidos em comunidades imaginárias. O que importa para ambos os envolvidos é a visibilidade alcançada.

As reflexões acima a respeito do rádio são centrais, para a compreensão do que está se propondo nesta pesquisa. O aporte teórico desenvolvido neste capítulo sugeriu apontamentos acerca de conceituações sobre o meio, considerando-o mais do que um simples suporte técnico, mas um complexo dispositivo gerador de mudanças ao nível de estruturação da sociedade.

A análise dos conceitos de dispositivo, também organizada acima, é importante para esta pesquisa, pois, percebem-se no caso estudado, marcas que condizem com as ideias dos autores, em especial aqueles que tomamos como centrais e que serão acionados ao longo da tese, como de Braga, Ferreira e Fernández. Suas teorizações, em síntese, entendem que os dispositivos podem ser situados como espaços de articulação entre oferta e recepção midiática, instaurando modalizações e enquadramentos da oferta de sentido, e que são identificados no contexto do dispositivo radiofônico analisado. Não se pode desconsiderar outros autores citados, que em suas abordagens convergem para o entendimento, de que o dispositivo pode ser considerado uma espécie de rede que se estabelece entre diversos elementos.

Ressalta-se que os autores citados neste texto servirão como forma de balizadores para a compreensão dos processos observados. O nosso objetivo é propor avanços de entendimento sobre fenômenos comunicacionais encontrados nesta pesquisa. Do presente subitem, pode-se valer de alguns apontamentos feitos pelos autores que auxiliarão no processo de análise do conjunto de elementos que compõe o dispositivo radiofônico aqui estudado. A pertinência recai sobre os modos de como o rádio em processo de transformação permanente, se insere e se adapta às condições da sociedade em vias de mediação.

As relações existentes entre as abordagens feitas pelo aporte teórico se fazem necessárias para dar andamento à pesquisa. Neste sentido, para compreender-se mais sobre a natureza simbólica que o meio de comunicação assume diante dos sujeitos e do ambiente social em que está inserido o objeto desta pesquisa, aborda-se no próximo capítulo, de forma focada, a intervenção do programa João Carlos Maciel nos processos de reorganização de práticas sociais.

As impressões colhidas a partir do campo empírico levam a inferenciar que o dispositivo radiofônico, sob a ótica do que se entendeu das abordagens feitas até aqui, fazem supor que o dispositivo radiofônico se torna uma espécie de matriz, muito mais do que

suporte, e que tem a potencialidade de estruturar condições de tempo e espaço das relações sociais, motivando e mobilizando sujeitos em torno de diversas práticas sociais, através de operações de mediação.

3 O PROGRAMA: DA “ARQUITETURA” AO DISPOSITIVO

Neste capítulo, apresenta-se a complexa constituição e o funcionamento do que se considera ser um dispositivo radiofônico de mediação do social. Então, no primeiro subcapítulo, apresenta-se uma descrição detalhada do que se chamou de *elos de práticas midiáticas* e *elos de práticas não midiáticas*, que são partes constituintes do dispositivo.

Em seguida, no último subcapítulo, o texto abordará como o dispositivo coloca os elos em funcionamento, ou seja, as especificidades das operações das práticas midiáticas, e suas interações com a complexa atividade de organização da mediação do social que passa por fundamentos midiáticos, sobretudo pela *performance* do seu ator. É por esta matriz e pelos elementos do campo midiático que esta se constitui, dando sua feição, desdobrando-se como efeito, o que se vislumbra como a constituição de uma rede social.

Entretanto, antes de desenvolver a descrição da dinâmica do dispositivo de mediação do social, apresentamos algumas questões metodológicas das quais nos ocupamos para observar o objeto. Encontramos, em alguns aspectos de trabalhos etnográficos, respaldo de indicações que regeram as ações de investigação da tese. Esclarece-se que a perspectiva de investigação se deteve no campo de produção midiática, não se comprometendo em analisar os campos de circulação e recepção como proposta de trabalho. Mas não há como escapar de observar, e, fazer inferências sobre espaços afetados pelas estratégias de comunicação desenvolvidas pelo campo da produção, uma vez que, o processo é um método em função dos liames que produção-circulação e recepção têm entre si.

Para dar conta dessa preocupação, procurou-se observar, descrever e interpretar aspectos do processo da produção, aqui entendidos como fundamentos, regras, operações que compõem as estratégias do programa, e também, pontos de contato que tratam de constituir os elos e as situações de negociação entre a produção e recepção. Isso decorre do entendimento de que é preciso averiguar as mecânicas e as potencialidades das interações que ocorrem entre os dois campos simbolicamente.

O processo de análise do programa João Carlos Maciel, se deu também a partir de aspectos etnográficos, tratando-se de constituir um trajeto de problematizações, de formular hipóteses, ou seja, de enunciar respostas prováveis e provisórias à questão/problema de pesquisa, que incessantemente foi retomada para dar andamento à investigação.

Nesse sentido, a pesquisa (exploratória) de campo ganha o olhar, o ouvir e o escrever como dimensões estratégicas da pesquisa etnográfica, capacitando e possibilitando o pesquisador a aprofundar sua interpretação acerca do que quer descobrir.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo tenha sido a de “domesticação do olhar”, pois a partir do momento em que há uma preparação para a investigação empírica, o objeto sobre o qual o olhar se dirige já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Entretanto, para o etnólogo chegar à estrutura das relações sociais que permeiam o objeto de estudos, deverá valer-se preliminarmente, de outro recurso para a obtenção de dados: o ouvir.

Entende-se, que tanto o ouvir quanto o olhar, não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambos se complementam. Mas se o olhar e o ouvir podem ser considerados com os atos cognitivos mais preliminares do trabalho de campo, conforme Oliveira (1996, p. 22) é no ato de escrever, “portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento se torna tanto ou mais crítica”.

Nesse sentido, o olhar e ouvir seriam parte da primeira e o escrever da segunda etapa. Depois do cumprimento dessas etapas, é realizada uma interpretação que tem por base categorias ou conceitos básicos constitutivos da disciplina. Assim, ao se esclarecer mais sobre as ações que constituem a pesquisa etnográfica, compreende-se que os atos de olhar e ouvir são funções de um gênero de observação muito peculiar, pelo qual o pesquisador busca interpretar a sociedade.

Este processo de análise foi empreendido em nossa pesquisa, considerando-se, ainda, que se trata de um estudo de caso, sendo que este programa é um caso a ser estudado partindo-se da premissa de que esta é uma pesquisa que envolve uma determinada estratégia de mediação do social. Neste sentido, Becker (1993, p. 120) auxiliou sobre os modos de investigação, ajudando a esclarecer sobre como “o observador se coloca na vida cotidiana da comunidade de modo a poder ver, ao longo de um certo período de tempo, o que as pessoas normalmente fazem quando realizam seu conjunto diário de atividades”.

O cientista social que realiza um estudo de caso faz uso de método de observação participante em uma de suas diversas variações, muitas vezes estruturado com outros métodos mais estruturados, como as entrevistas. A técnica auxiliou nesta pesquisa para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e descritivos, advindos dos fenômenos revelados ao longo da trajetória de observação.

Nessas condições, os objetivos do estudo de caso sugeriram técnicas específicas de coleta e análise de dados, a iniciar-se pela coleta. Registrou-se observações o mais breve possível, e, depois de fazê-las, reparou-se os sujeitos que interagem, o conteúdo e as conseqüências da interação. Também se coletou documentos e estatísticas (relatórios, recortes de jornal, materiais com dados históricos, etc.). Examinou-se cuidadosamente os documentos descobertos ou que

foram colocados em mãos pelos sujeitos envolvidos com o objeto de estudos.

A abordagem de Becker (1993) defende que cada situação, cada objeto de estudos possui peculiaridades, como é o caso do programa analisado, deve ser tratada desta mesma forma, singularmente, a partir da produção de modelos de teorias e métodos necessários para o trabalho específico que hora está sendo feito. Mesmo havendo princípios básicos gerais de construção de uma análise, é necessário adaptar estes à situação específica que se tem em mãos.

Esta dimensão vem de encontro com o que postula Feyerabend (2007), quando defende que a ideia de um método que contenha princípios firmes, imutáveis e absolutamente obrigatórios para conduzir os passos dos processos de análise científica se depara com consideráveis dificuldades.

Conforme Feyerabend (2007, p. 37):

Descobrimos, então, que não há uma única regra, ainda que plausível e solidamente fundada na epistemologia, que não seja violada em algum momento. Fica evidente que tais violações não são eventos acidentais, não são resultado de conhecimento insuficiente ou de desatenção que poderia ter sido evitada. Pelo contrário, vemos que são necessárias para o progresso. [...] Essa prática liberal, repito, não é apenas um fato da história da ciência. É tanto razoável quanto *absolutamente necessária* para o desenvolvimento do conhecimento.

O autor entende que, o êxito da utilização de alguns modos e operações de pesquisa não necessariamente precisa ser utilizado como argumento para tratar de maneira padronizada problemas que ainda não foram resolvidos.

Esta perspectiva, apesar de ser considerada “anarquista”, lançada por Feyerabend (2007), parece ser a que melhor se encaixa no contexto de produção desta pesquisa. Assume-se, assim, que as técnicas e métodos utilizados foram definidos a partir de uma espécie de assédio do objeto, ou seja, permitindo que as situações espaço-temporais, os sujeitos e a subjetividade do próprio pesquisador direcionassem os modos de observação.

O que justificam as opções metodológicas são as particularidades do objeto analisado. Sua especificidade pode ser vislumbrada pelo vínculo que mantém com a sociedade, quando desenvolve práticas sociais que são peculiares de sua produção como, por exemplo, o desenvolvimento de conjunto de ações não midiáticas, como a manutenção de uma proposta assistencialista, estruturada e mantenedora de uma sede social, de campanhas assistenciais, oferecimento de serviços gratuitos à comunidade e a mobilização de sujeitos em torno de sua proposta. Também há especificidades nos modos de como são dinamizadas operações e fluxos de comunicação que visam dar vida à proposição do programa, sem contar as especificidades do ator que engendra tais operações as quais tem como efeito a formação de uma rede de

sujeitos, o que se esclarecerá no desenvolvimento da tese.

Por fim, partiu-se do pressuposto de que seria a complexidade do objeto de estudos que sugeriria os caminhos a serem tomados no *modus operandi* da pesquisa, e não o contrário, partindo de um caminho já pré-estabelecido para “moldar” o objeto dentro de um protocolo tido como cientificamente mais adequado. Assim como, Feyerabend (2007, p. 34), compreende-se que “devemos, portanto, deixar nossas opções em aberto e tampouco devemos nos restringir de antemão”.

Após uma imersão em aporte teórico consistente, capaz de delinear passos seguintes no trabalho de campo, foram sendo definidas e colocadas em uso várias técnicas de pesquisa, como observação participante, entrevistas com diretores e funcionários da empresa radiofônica, com o apresentador, técnicos de rádio, colaboradores, ouvintes e equipe do programa João Carlos Maciel. A abordagem metodológica permitiu trabalhar em cima de realidades (espaços e tempos) os quais são fundamentais para a compreensão do problema de pesquisa.

O que se quer dizer é que o mergulho no trabalho de campo permitiu observar os agentes inseridos na complexidade do objeto de estudo em pleno funcionamento. Isso dá a dimensão da atuação dos atores sociais envolvidos em diferentes situações, bem como, as marcas que devem ser trazidas à tona como forma de diagnosticar as realidades existentes nas tramas do processo comunicacional analisado.

As origens, os lugares de fala (os discursos) dos indivíduos inseridos na *semiose* radiofônica são pistas necessariamente recuperadas *a posteriori*, mais a frente, dentro da pesquisa, como forma de corroborar o que se pretende defender nesta tese, e, sobretudo, sublinhar a riqueza dos conteúdos vislumbrados nas microrredes que funcionam no interior desse universo de discursos.

Nessas condições, bem no começo de tudo, quando ainda não se sabia qual seria o problema de pesquisa e quais as hipóteses poderiam ser levantadas, optou-se em escutar o programa como um ouvinte qualquer, a fim de identificar elementos os quais chamariam a atenção deste ouvinte, em meio à realização das diversas atividades do cotidiano.

Uma primeira escuta foi possível na manhã do dia 04 de maio de 2009. Neste primeiro contato mais atento, pode-se observar a constante participação da audiência no programa, através da interação proporcionada por diferentes blocos do programa, como por exemplo, a fala de João Carlos Maciel, que se mostrava atenta às falas da audiência, como se quisesse que os ouvintes aprofundassem as histórias que contavam em tom dramático, as formas de proposição de uma regulada ação de interação dele com os ouvintes e demais sujeitos dentro do estúdio e fora dele, foram as marcas que mais chamaram a atenção e que impulsionaram

uma nova observação feita no dia 25 de maio, do mesmo ano.

Depois disso, foi possível observar novas pistas que se tornaram interessantes, ao longo do processo de aproximação com o objeto. Estas pistas davam conta de uma estrutura particular de programa radiofônico, na qual se destacavam os apelos da população em busca de atendimento às suas demandas sociais, e, que eram midiaticizadas por meios da dinamização de fluxos interacionais específicos. O comunicador falava de um projeto assistencial mantido junto a uma Sede Social, e que era uma espécie de portal de entrada dos sujeitos à esfera midiática dada pelo programa de rádio.

Diante de tais características, num segundo momento, optou-se pelo uso de um gravador digital para poder melhor estudar o programa, gravando-o. O objetivo foi identificar e descrever os blocos que compõem o programa, sua estrutura e roteiro, em suma, sua organização. Esta sistemática habilitou o pesquisador a um entendimento mais profundo do produto midiático. Afinal, era necessário enxergar o programa no seu conjunto, descrevendo falas, trilhas sonoras, intervenções de ouvintes, a locução do apresentador, as músicas, enfim, o seu tecido e sua dinâmica do início ao fim.

Depois de gravar os programas, decidiu-se transcrevê-los. Este é um terceiro momento, quando podem esmiuçar-se os diferentes blocos que compõem o produto midiático. Este procedimento garantiu uma maior proximidade junto ao objeto de estudo para analisá-lo com mais profundidade, as operações, sequências, articulações do programa, e finalmente, fazer questionamentos pertinentes à problemática proposta, resultando inferências as quais levaram a formulação da questão/problema.

A terceira etapa ocorreu a partir do dia posterior às gravações, quando foi elaborado um roteiro com uma série de perguntas pertinentes à compreensão do processo de produção do programa, a fim de analisar com profundidade as operações identificadas no mesmo, ou seja: Como o programa se relaciona com o universo dos receptores? Quais noções de cotidianidade podem ser encontradas no programa? Como se realiza essa cotidianidade? Quais são as formas de presença do receptor? O que esses receptores querem? Quais são as formas de interação que o programa oferece? Como os fenômenos teóricos, observados a partir da carga de leituras das disciplinas cursadas no PPGCOM e outras leituras paralelas podem ser identificados nessa modalidade de comunicação, a experiência radiofônica?

Esses questionamentos, apesar de parecerem inicialmente limitados, significaram avanço da pesquisa. Afinal, queria-se entender por que o programa é assim, como é. Outros apontamentos que puderam ser realizados como uma espécie de “diário de bordo” foram pertinentes. O objetivo foi tentar identificar se o programa permanece com a mesma estrutura todos os dias, ou se há e

quais são as mudanças propostas pela produção em uma e outra edição.

Outras escutas quase diárias foram realizadas. O que resultou da transcrição foi a possibilidade de apontar a estrutura do programa. O que se percebeu é que os blocos e atrações permanecem os mesmos, nos horários previstos e sistematizados pela produção. O que muda, por vezes de horário, são as músicas introduzidas entre os blocos informativos de interatividade com o ouvinte e/ou de prestação de serviços.

Depois dessas operações de aproximação, foi interessante a realização do primeiro contato direto com o programa e a equipe de produção através de uma visita do pesquisador. Neste momento, buscou-se lançar questões para avançar na observação de fatos sócio/históricos que compõem o universo do objeto de estudo. A história da emissora, do programa, fatos relativos à vida do apresentador e dos que produtores trouxeram informações relevantes ao contexto que se pretendia desenhar.

A visita foi rápida, de apenas uma hora no dia 28 de junho de 2009. A produção foi simpática ao receber-me no estúdio no intervalo do programa. Falou-se da intenção em estudar o programa, e, assim que o comunicador voltou ao ar, colocou-me ao vivo para explicar aos ouvintes sintonizados todo o processo de pesquisa e análise proposto.

Neste momento, o meu lugar de fala mudou. Passei a fazer parte do contexto do objeto, sendo regulado pelos enunciados do apresentador, o que representou a adoção de um rápido movimento de percepção do que estava ocorrendo e, ao me enunciar, negociar a volta do lugar de “personagem do programa” para a posição inicial, de pesquisador. O locutor buscou inserir-me na lógica de produção do programa, com o objetivo de auto-referenciar sua condição de sujeito singular que, pela sua condição de locutor, vereador e mobilizador de ações sociais estaria, sob seu próprio julgamento, merecendo ser alvo de um estudo em nível de doutorado.

Uma leitura de Goffman (1985), quando refletiu sobre as interações, as negociações a que os sujeitos e suas representações estão propensos no campo interacional pode me proporcionar a compreensão deste momento da pesquisa. Pode-se dizer, que de alguma maneira, a estratégia do comunicador, indiretamente legitimou socialmente o meu ato de pesquisa, mediatizando-me, assim como minha prática social, ali em ação.

Esta observação foi possível, quando ele mesmo no ar, se julgou uma atração para ser analisada. Depois de cinco minutos passados, quando se pode sintetizar os objetivos da pesquisa, João Carlos Maciel aceitou a troca de números de telefone para o estabelecimento de novos contatos e o acerto de que haveria uma observação da rotina dos modos de produção do programa em data a ser combinada.

Depois de passados três dias da primeira visita à emissora Medianeira AM, fiz o contato telefônico com o apresentador do programa, para combinar uma visita ao programa. A intenção foi passar uma manhã com ele, dentro do estúdio, dando prosseguimento à entrada do objeto para observar a rotina produtiva do mesmo. Entretanto, decidiu-se fazer um intervalo maior para um novo contato, a fim de evitar que ele pudesse, com receios pessoais, regular o trabalho de pesquisa e assim prejudicar o levantamento de informações.

Ou seja, o que se percebeu, nesta fase da investigação, parecia ser uma espécie de receio do comunicador em ser investigado. Elogios ao meu investimento como pesquisador, como professor universitário, à instituição em que eu atuo e a ele mesmo, foram enunciados no ar e em particular. Ele acreditava que, ao me referir como “preocupado com as questões comunicacionais da sociedade”, poderia de alguma maneira, melhor manejar meu acesso ao objeto, deixando-me menos à vontade com relação a alguma observação de caráter crítico que eu pudesse vir a fazer, em caso de levantamento de alguma informação que deslegitimasse suas práticas como ator social.

Diante disso, tomou-se a decisão de realizar uma observação externa do programa, para me desvincular de qualquer possibilidade de inibição das ações de pesquisa. Assim, buscou-se organizar um levantamento de aspectos que envolvem a produção do programa João Carlos Maciel – tudo o que está exterior a ele, mas com alguma ligação com o dispositivo. Foi então que se decidiu conhecer o trabalho assistencialista proposto, com vistas a outro contato posterior com o locutor. Uma visita à Sede Social do Programa foi realizada. A proposta visava uma infiltração no local, assim como, um dos atores sociais (pessoas que buscam e que doam objetos e alimentos, atendendo aos apelos do apresentador, dentro da dinâmica assistencialista proposta).

Assim, pode-se entrar na sede e acompanhar o trabalho realizado por diversos voluntários. Logo ao penetrar no ambiente, fui abordado por um dos voluntários, que me guiou no local, já que apresentei a pretensão de conseguir um casaco para levar comigo. A experiência durou cerca de dez minutos. Dentro da sede social, dezenas de pessoas, a maioria de classe social baixa procurava peças de roupas, calçados ou algum objeto como cadeiras de rodas, muletas, remédios e outros objetos disponibilizados.

Havia alguns voluntários que organizavam a distribuição numa sala especial, montada numa espécie de porão do prédio. O ambiente mal iluminado pode ser comparado a uma loja de confecções masculinas, femininas e infantis. Os casacos estavam pendurados em cabides e peças para crianças estavam numa caixa, misturadas com calçados infantis.

Subindo as escadas, voltou-se ao andar por onde se tem o acesso à sede. Ali, o espaço

estava repleto de objetos oriundos das doações feitas pelos ouvintes do programa radiofônico. Uma voluntária organiza o acesso das pessoas interessadas em doar e buscar alguma doação. São televisores, aparelhos de som, telas de computadores e outros objetos móveis para o lar. No mesmo espaço, há uma mesa para a voluntária, no qual um telefone está instalado e com o qual faz com João Carlos Maciel, diariamente para entrar no ar ao vivo, e, falar das demandas apontadas pela comunidade que procurou a sede social. O locutor também está presente na sede para atender ao público nas sextas-feiras e em alguns outros horários esporádicos.

Na outra extremidade deste mesmo ambiente, existem duas mesas, nas quais profissionais da área jurídica e contábil prestam atendimento gratuito aos interessados. Além de cadeiras para acomodar os beneficiados, também há dois sofás. (Mais adiante, se abordará como funciona este atendimento).

A reação da voluntária que coordena a Sede social, na chegada ao ambiente, foi de direcionar-me ao porão do prédio, afirmando que lá eu seria atendido pelos outros voluntários e que atenderiam a minha solicitação. Esta observação contribuiu para entender o funcionamento de parte do trabalho assistencialista oferecido pelo programa. Ou seja, os sujeitos, logo que adentram a Sede Social, são saudados e interrogados pelos membros da equipe, sobre qual o motivo que leva este sujeito a procurar o local. O atendimento é organizado. Existem voluntárias espalhadas no ambiente, sempre dando atenção simpática a qualquer um que comparecer.

O objetivo é oferecer uma espécie de sensação de acolhimento. Em troca, pode-se perceber que os membros da equipe sugerem à escuta periódica do programa, a adesão às campanhas assistenciais e alguns convites para participar das campanhas, como voluntário lançados para os mais interessados.

A intimidade dos diálogos é que pode resultar na adesão, como padrinho ou madrinha de campanhas como o “Natal do Amor Maior”. Depois de mais de quase cinco meses, o próximo passo foi voltar ao local, mas desta vez como pesquisador, a fim de conhecer a estrutura e seus detalhes por meio de entrevistas com os voluntários. Também foi possível fazer contato com os responsáveis pelo “Caminhão da Solidariedade” e pela “Amarelinha”, uma Kombi que trafega entre os bairros durante o programa, distribuindo prêmios aos ouvintes que participarem de brincadeiras desenvolvidas ao longo das manhãs. A entrevista com os voluntários e os detalhes do funcionamento do trabalho realizado pelo programa por meio da sede social será abordado posteriormente.

No dia 04 de março de 2011, uma nova visita foi realizada, mas desta vez para o estúdio da emissora, de onde o programa é apresentado. Sem mesmo avisar que se estaria

presente no local naquela manhã, iniciou-se a observação na rua, ao fotografar o prédio da emissora. Ao adentrar na sala de recepção da Rádio Medianeira, o recepcionista Wagner Costa dos Santos saudou um grupo de ouvintes que estavam entrando.

Uma família (pai, mãe e três crianças estavam sentados no local, aguardando a permissão para subir até a outra sala de espera, que antecede o estúdio radiofônico. Depois de identificar a família, chegou a vez do autor desta pesquisa. Aproveitou-se o tempo naquele lugar para fotografar o espaço e o funcionário da emissora. Ao subir até a outra sala de espera, descobriu-se que a família que ali estava era a beneficiada por uma das campanhas assistenciais do programa João Carlos Maciel.

Como se tinha o costume de acompanhar o programa quase que diariamente, em casa, já se sabia do que se tratava. O casal José Ribamar Félix Monta e Lucimara Luiza Samuel (ele de Fortaleza/CE e ela de São José dos Campos/SP) foi agradecer o comunicador pela mobilização que teve com o objetivo arrecadar dinheiro para a compra de passagens de transporte rodoviário de Santa Maria até São José dos Campos.

A família havia chegado à Santa Maria há poucos dias em busca de emprego e melhores condições de vida. José Ribamar conta que conseguiu emprego numa empreiteira, mas que não recebeu o pagamento pelos serviços prestados. Ele, a esposa e os quatro filhos, três meninas e um menino de onze anos, que não os acompanhava porque estava na escola naquele horário, foram morar num barraco, às margens de uma das rodovias estaduais que passam nas proximidades de Santa Maria.

Sem dinheiro, com dificuldades de sustentar os filhos, a alternativa foi procurar o programa radiofônico e tentar uma solução. A campanha lançada por João Carlos Maciel contou com dezenas de pessoas que doaram desde R\$ 10,00 até R\$ 200,00. Ao todo, a iniciativa somou R\$ 839,00. O valor foi suficiente para que o comunicador comprasse as passagens de ônibus e ainda sobraram recursos para a família alimentar-se ao longo do trajeto da viagem.

No estúdio a família pode agradecer ao vivo o empenho do programa e dos colaboradores da mesma. Dentro do estúdio, pode-se acompanhar ao longo de toda a manhã o desenrolar do programa. Pode-se aproveitar a oportunidade de entrevistar Carlos Alberto Teixeira (o Carlão), do qual se recebeu uma atenção especial, o mesmo é técnico em áudio e que opera a mesa de som durante o programa João Carlos Maciel, assim como, Angélica Nunes que é auxiliar de estúdio do programa e do próprio João Carlos Maciel.

Assim que percebeu as fotografias que se tirava da mesa de som e da equipe que ali estava trabalhando em pleno vapor, o comunicador tratou logo de midiatizar o que via, e

lançou no ar o convite para ocupar o microfone destinado aos ouvintes, para falar mais sobre os procedimentos da pesquisa de doutorado. João Carlos Maciel se disse honrado em servir como objeto de estudo e agradeceu por tê-lo escolhido, assim como o Centro Universitário Franciscano, destacando a atuação da instituição junto à comunidade regional.

No ar, indagou pela segunda vez do que tratava a pesquisa, fazendo com que eu e minha pesquisa entrássemos na lógica da midiaticização, autorreferindo-se através de enunciados que destacavam minhas ações no local. Depois de explicar algumas ações até então executadas, liberou o espaço para caminhar, sentar, fotografar, conversar livremente com todos que estavam dentro do estúdio, fazer imagens do espaço de locução, que permitem logo mais descrever-se sobre o dispositivo radiofônico.

Ao longo da manhã, João Carlos Maciel recebeu mais de vinte ouvintes no programa. Citou diversas vezes a presença deste pesquisador no estúdio. Ao final do programa, lançou o convite para acompanhá-lo numa ação de recolhimento de doações, com o “Caminhão da Solidariedade”, que se daria na parte da tarde. O convite foi aceito. Entretanto, o compromisso teve que ser adiado por motivos profissionais.

Depois desse contato direto com João Carlos Maciel, um novo encontro ocorreu na sede social, em fevereiro de 2011. Foi quando se tirou fotografias da Sede Social e conversou-se mais um pouco com João Carlos Maciel e com a coordenadora do espaço, Fátima de Vargas e outros voluntários do trabalho assistencialista.

O objetivo da visita foi buscar mais detalhes sobre as práticas realizadas junto à Sede social. Depois disso, foram feitos novos contatos, via telefone, a fim de esclarecer e complementar informações úteis para a formulação da tese. O conteúdo das entrevistas feitas no contato com os integrantes do projeto assistencialista estará no subcapítulo específico, ou seja, os sujeitos a serviço do ator.

Após abordar os métodos e técnicas acionados para executar a pesquisa, lembrando o início deste capítulo, através destes momentos de contato com o objeto e seu mundo, se apresentará a “arquitetura” do dispositivo, partindo-se da descrição do conjunto das características do dispositivo, bem como, de operações e produtos por ele engendrados. Este está estruturado em duas dimensões (*elos de práticas midiáticas e elos de práticas não midiáticas*) que se movem com suas especificidades, que se entrelaçam e que também, são afetadas e se afetam reciprocamente, uma pela outra, produzindo interações que são permeadas por lógicas e operações de diferentes práticas sociais.

3.1 NOÇÕES SOBRE O DISPOSITIVO RADIOFÔNICO E SEUS ELOS

As duas dimensões (*elos de práticas midiáticas e elos de práticas não midiáticas*) têm seus movimentos constituídos e dinamizados a partir do rádio, as suas competências, práticas, os seus fundamentos, onde se engendra o programa. Sabe-se que o campo midiático mantém uma atividade relacional com os demais campos, neste caso, como uma regulação das práticas dos demais campos, marca de uma sociedade em processo, conforme as caracterizações da midiaticização, vistas anteriormente.

Neste tópico aborda-se o campo midiático colocando em funcionamento determinadas operações, através das práticas e processualidades que se configuram como ação da midiaticização. É importante mostrar a arquitetura do dispositivo radiofônico, os fundamentos, as motivações deste dispositivo, chamando a atenção, principalmente, para o papel das lógicas no funcionamento do mesmo a ser descrito, e em segundo lugar fazer a descrição propriamente dita das ações, estratégias que tratam de dar a ele um âmbito de existência. Descreve-se também as suas disposições e os agenciamentos que se estabelecem.

A apresentação de tal arquitetura é importante para compreender os circuitos interacionais dinamizados, que dão vida ao dispositivo. À luz do problema de pesquisa e dos objetivos lançados na tese, tal contextualização contribui para identificar como se estrutura um dispositivo de midiaticização do social a partir de operações que envolvem a *performance* do sujeito e de suas interações com as lógicas radiofônica, política e do assistencialismo social.

3.2 OS ELOS DE PRÁTICAS MIDIÁTICAS

O dispositivo radiofônico é constituído por elos os quais representam a estrutura ligada diretamente ao campo midiático, ou seja, o que de materialidades e não materialidades está relacionado ao programa radiofônico a partir de seu contexto de produção midiática. Neste sentido, configuram-se como *os elos de práticas midiáticas* a Rádio Medianeira AM 1.130kHz, enquanto instituição, sua estrutura, o próprio programa João Carlos Maciel. Também são elos, o conjunto de produtos e operações que se engendram no interior do programa, segundo lógicas radiofônicas, como as cartas enviadas pelos ouvintes, o *site* de João Carlos Maciel, os adesivos do programa e, ainda, a constituição do fã clube.

Já *os elos de práticas não midiáticas*, que serão descritos na sequência, são formados pela Sede Social do programa João Carlos Maciel, as campanhas assistenciais, o oferecimento de serviços jurídico e contábil, os caminhões que levam e trazem as doações, a equipe de voluntários que atua na proposta assistencial e a organização da missa da saúde. Descreve-se em seguida as características destes elos.

3.2.1 A Rádio Medianeira: primeira edificação de contato

A Rádio Medianeira AM 1.130 kHz, oficialmente, iniciou suas atividades como emissora comercial em 13 de agosto de 1960. Isso porque, antes havia sido fundada para ser o que na época era chamado de uma “rádio cativa”. Segundo o entrevistado e atual Diretor da Emissora Padre Antônio Bonini²¹, a rádio foi criada com o objetivo de dar educação e formação religiosa às famílias católicas da diocese de Santa Maria.

A título de experimento, determinadas famílias receberam aparelhos radiofônicos que transmitiriam apenas o sinal da emissora, com o objetivo de facilitar a evangelização por meio dos programas de cunho religioso que iriam ao ar na época. Segundo Bonini, o Bispo da época Dom Luiz Vitor Sartori, foi a um Congresso Eucarístico em Bogotá, na Colômbia, e lá observou o funcionamento de um sistema de rádio²² e obteve a informação que “*uma emissora nesses moldes atingia mais de um milhão de famílias em todo o país. E através do rádio eles davam todo o tipo de informação, e é claro, a formação evangelizadora*” (Padre Bonini).

Entusiasmado com a proposta de fazer uso de um meio de comunicação para poder aproximar-se da comunidade, o Bispo Sartori ao regressar para o Brasil, logo pediu ao governo a concessão de um canal de rádio. Imediatamente atendido, a emissora foi ao ar em meados de 1959. Neste momento, a rádio não contava com patrocinadores. Os recursos para o pagamento da equipe que trabalhava no local e a manutenção dos equipamentos eram fornecidos pela Igreja Católica.

Entretanto, depois de alguns meses em funcionamento, os problemas financeiros começaram a surgir. De acordo com o Padre Bonini, sem rentabilidade para pagar a produção radiofônica gerada na época, foi necessário transformar a Rádio Medianeira AM em uma emissora comercial em agosto de 1960. Até 1990 a emissora teve como diretores: o Padre Orlando Penna, Paulo Aripe, Padre Erasmo Dall’Asta, João Trevisan e o Padre Floriano. A partir de 1991 até os dias atuais, a emissora é administrada pelo Padre Antônio Bonini.

²¹ Entrevista com o Padre Antônio Bonini dada ao pesquisador no dia 14 de abril de 2010.

²² Segundo o pesquisador Hernando Vaca Gutiérrez, o modelo de rádio adotado na Colômbia, pela Igreja Católica, tinha o objetivo de oferecer educação fundamental integral a camponeses do país inteiro e, desta forma, transformar as condições de vida dos mesmos. O modelo de comunicação, implementado na década de 40, era constituído de *sistema combinado de meios* (rádio, cartilha, livros, periódico, disco-estúdio e outros); *radiodifusão* (programas); *radiorrecepção* (audição organizada – escolas radiofônicas); *comunicação interpessoal* (auxiliar imediato, líderes, etc) e *acesso* (disponibilizando aparelhos de rádio e garantindo som de qualidade). A estratégia da Igreja era facilitar e multiplicar o acesso à educação e à informação evangelizada. A experiência foi adotada em diversos países latino-americanos. No Brasil, deu origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), que é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e que completou, em 2011, 50 anos de criação, com fundação datada de 21 de março de 1961. (GUTIÉRREZ, 2009).

A década de 1960 foi marcada pela presença constante de jovens estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na emissora. Eles criavam e apresentavam diversos programas, desde os noticiosos até os musicais. A Rádio passou a se chamar por um curto período, de Rádio Jovem Medianeira. Os universitários residiam no prédio onde a emissora fora instalada na época de sua fundação.

No entanto, em 1975, a estrutura da emissora foi transferida para uma sala junto ao altar/monumento do Parque da Basílica Nossa Senhora Medianeira, local relativamente afastado do centro da cidade. A mudança provocou a queda da popularidade da emissora, que se distanciou do público ouvinte. Conforme o padre Antônio Bonini, o intuito era buscar mais espaço físico para as instalações técnicas, já que estas eram implementadas a cada momento a partir dos objetivos comerciais que eram visados pela emissora.

O padre Bonini conta que, em 1989, um pouco antes de assumir a direção da emissora, o Bispo Dom Ivo Lorscheiter conseguiu a concessão da rádio Medianeira FM 100.9 kHz. *“Isso por que a Rádio Medianeira AM sempre viveu numa situação deficitária. Nunca conseguiram se pagar, desde o primeiro ano”*. Continua explicando que, na época Dom Ivo ao participar de um evento em Belo Horizonte (MG), descobriu que o Bispo daquela cidade havia fundado uma emissora em frequência modulada (FM), que por meio da rentabilidade desta, conseguisse recursos para manter o funcionamento da emissora de frequência ampliada (AM).

Todavia, no caso das rádios Medianeira AM e FM, ambas se tornaram deficitárias.

Tanto que cada final de mês, o padre que era diretor iria até o bispado buscar dinheiro. Isso foi a vida toda. Então, peguei a direção da rádio Medianeira e aí chegou-se a conclusão de que era melhor trazer a emissora, novamente, para o centro. Dom Ivo conseguiu uma verba na Europa e ampliou a sede. A inauguração de um novo espaço coincidiu com uma reunião de bispos da região, em 1991. Depois disso, em 1994, as emissoras começaram a se pagar. A FM e a AM. Houve melhorias no departamento comercial, foram pagas as dívidas e empréstimos realizados pela comunidade e pelos próprios padres. Novos equipamentos foram adquiridos, tanto dentro do estúdio, como as torres de transmissão e os transmissores (Padre Bonini).

Desde então, a marca principal das rádios são os programas de conteúdo informativo e musical, ambas possuem programação durante as 24h. No caso da AM, são oito programas ao todo que vão ao ar todos os dias. Como por exemplo: Cultura, esportes, lazer, serviços e evangelização são os temas que norteiam a produção radiofônica da Medianeira AM 1.130 kHz. Atualmente, aos domingos, os fiéis podem acompanhar ao vivo da Basílica de Nossa Senhora Medianeira, a missa proferida pelo Arcebispo Dom Hélio Adelar Rubert, empossado em 23 de maio de 2004.

Além da programação fixa, a emissora AM tradicionalmente abre espaços para coberturas de eventos especiais, como: os vestibulares das universidades de Santa Maria, a Tertúlia Musical Nativista e a Romaria de Medianeira. Segundo o Padre Bonini, a filosofia da emissora é participar dos assuntos de interesse da comunidade de Santa Maria e região. Dentro da grade de programação, está o programa João Carlos Maciel, “um dos líderes de audiência da emissora”.

A grade de programação inicia com o programa “Bom Dia Notícias”, com a apresentação de Carlos Urubatini, das 6h até as 7h. Em seguida entra João Carlos Maciel até as 11h30min, e até as 12h, está no ar o programa “Nossas Comunidades” com a produção dos padres e equipes da Arquidiocese de Santa Maria. Na sequência, até as 13h vem o programa “Atualidades” com Ari Vilmar. Depois disso, até as 14h “Canta Brasil” com José Luiz. Das 14h até as 18h entra no ar o “Super Show da Tarde” com Luiz Fernando, e depois, o Padre Silvio Weber reza a oração da “Ave Maria” exatamente às 18h. Em seguida até as 19h, vai ao ar o programa “Nova Seara” com Ari Vilmar, todos os programas acima mencionados são ao vivo.

A programação realça o objetivo histórico da emissora de ser identificada por sua postura religiosa e vinculadas as questões sociais. Os programas, em sua essência, são constituídos por conteúdos de fácil inserção social, dando ênfase à prestação de serviços (por meio de informações como: a previsão do tempo, hora certa, avisos e recados, notícias das editoriais de saúde, economia e política. O entretenimento é realçado com música e alguns espaços de interação com os ouvintes.

A partir das 19h, entra no ar uma programação gravada. É o Noturno 1.130, que vai até as 6h da manhã. Também há a programação esportiva com a Equipe *Show* de Bola da Medianeira, que faz a cobertura jornalística de diversas modalidades esportivas, nas categorias: amador e profissional com destaque ao futebol. O campo esportivo é acionado com uma estratégia, dentro da lógica comercial da emissora. A transmissão de partidas de futebol é uma das ações de produção para garantir mais patrocinadores. É com o recurso dos anunciantes que é realizada a manutenção da emissora no ar.

A rádio, atualmente opera com uma potência de 5 Kw. Esta capacidade garante um alcance de mais de cinquenta municípios da região Central e Sudoeste do Rio Grande do Sul. Entre eles, além de Santa Maria, São Gabriel, Santiago, Rosário do Sul, Ijuí, Santo Ângelo, São Borja, São Sepé, Som Pedrito, Piratini, Bagé, Santana do Livramento e Alegrete. Totalmente informatizada, a emissora conta com equipamentos novos e vinte e seis funcionários. Em 2010, a Rádio Medianeira investiu R\$350 mil em equipamentos, desde uma nova antena de transmissão até microfones e equipamentos de transmissão externa.

Segundo o gerente comercial e de programação das rádios Medianeira AM e FM, Luiz Ademir de Oliveira²³, a emissora sempre contou com altos índices de audiência, segundo pesquisa *Top Of Mind*. Também houve o registro de uma pesquisa de audiência encomendada ao IBOPE, em 2005, a Rádio Medianeira AM 1.130 alcançou o primeiro lugar na preferência do ouvinte santa-mariense, em mais de 50% dos entrevistados. Em 2007, pesquisa do *Top Of Mind* revelou que a Medianeira AM 1.130 era a quarta emissora mais ouvida no Rio Grande do Sul. Em 2010, novo estudo da mesma instituição mostrou que a Medianeira AM é a terceira mais ouvida no Interior do Estado.

A Rádio Medianeira AM 130 kHz tem 60% de sua programação dirigida para o público feminino e 40% masculino. A explicação para isso, é que os programas visam atender às donas-de-casa que estão mais tempo em suas residências, e por isso, mais tempo do dia com o rádio ligado.

Dados atuais (2011) da empresa revelam que 44,5% dos ouvintes pertencem a classe A da população economicamente ativa; 57,4% da classe C e 60,6% das classes D e E. A ênfase é dada a produção de informações de fatos e eventos locais, com forte inserção musical e do ouvinte em todos os programas. Ademir Oliveira afirma que, a empresa representada pelas emissoras AM e FM, tem programações destinadas ao mesmo público, ou seja, da Classe B, C, D e E.

O programa João Carlos Maciel é considerado o carro-chefe da emissora, e que recebe boas condições de produção para favorecer a proposta de assistir a comunidade carente de Santa Maria e região. A emissora configurou-se aos poucos, como um espaço de intensa interação com a comunidade santa-mariense. O programa João Carlos Maciel vinha ao encontro da lógica comercial que fora instituída na rádio, a fim de fazer, com que os investimentos feitos pudessem ser pagos.

A proposta de Maciel, ao chegar na Rádio Medianeira, também vinculava-se aos ideais dos administradores da época: disponibilizar à comunidade um canal de acesso a algumas demandas que pudessem auxiliar a população em mazelas do dia a dia, constituindo desta forma, a identidade da emissora reconhecida pelas ações sociais, corroborando com fundamentações religiosas da época por causa de sua natureza.

Desde a chegada de João Carlos Maciel, a liderança na disputa da audiência vem se consolidando por meio de uma marca de identificação do programa com o público ouvinte.

²³ Entrevista com o Luiz Ademir Oliveira dada ao pesquisador no dia 08/02/2010.

Mantemos o Maciel no ar a manhã toda a fim de conseguirmos criar uma identidade. Acho que a comunicação passa por essa criação de identificação de quem fala para quem ouve. Se colocares muito ruído na cabeça das pessoas, ela não compreende. A pessoa precisa saber que é ele que está lá de tal a tal horário (Oliveira).

Neste sentido, identificou-se que a emissora estruturou-se arquitetonicamente para receber a comunidade. A estrutura técnica foi montada para constituir um espaço de aproximação no qual os sujeitos possam ser acolhidos.

3.2.2 Estrutura de acolhimento: a preparação dos enlaces

A Rádio Medianeira AM 1.130 kHz fica em Santa Maria - RS, na Avenida Rio Branco, a mais antiga da cidade, onde estão localizadas agências bancárias, estabelecimentos comerciais de diversos artigos, farmácias, lojas de vestuários, padarias, mercados e lojas de outras categorias de produtos constituem o espaço de comercialização mais popular do município. Na mesma rua, também se localiza o “Paradão” – o mais conhecido e maior ponto de ônibus da cidade, no qual todas as empresas responsáveis pelo transporte urbano passam diariamente, fazendo a conexão do centro da cidade com os bairros e zona rural do município.

A avenida conta com uma das maiores circulações de pessoas da cidade, principalmente em horário comercial. Em prédio próprio, no número 809, no CEP 97010-423, a Rádio Medianeira AM 1.120 e FM 100.9, tem uma fachada pintada, em creme com cinza em detalhes sobre as aberturas, possui um *banner* afixado sobre a porta com a logomarca das emissoras AM e FM. Na porta de entrada, que é de vidro, há apenas um adesivo da logomarca da rádio e que está fechada. É preciso empurrá-la para chegar mais ao fundo da sala, ao balcão de atendimento da recepção, conforme (figura 1).

Figura 1 - A fachada do prédio da Rádio Medianeira



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

O prédio da emissora pertence à Arquidiocese de Santa Maria²⁴ e foi recentemente reformado. No mesmo complexo está instalada a Secretaria da Arquidiocese, que por sua vez, está ladeada pela Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Conceição. No mesmo espaço, ao lado da porta de recepção, havia um espaço destinado à Livraria Medianeira, que comercializa material escolar e produtos sacros da igreja católica. Hoje a livraria foi deslocada para outro prédio. Do lado direito do prédio, localiza-se uma farmácia com a esquina da Avenida Rio Branco e com a Rua dos Andradas.

O modo mais eficaz de dar visibilidade à localização do prédio é por meio dos enunciados dos locutores que, ao buscarem interação com os ouvintes, divulgam o endereço ao longo da programação. “A nossa rádio é no rádio, tem que achar ela no dial”, enfatiza o gerente de comercial e de programação das emissoras AM e FM, Luiz Ademir de Oliveira, cinquenta e oito anos, que trabalha na empresa desde 1992.

A entrada do prédio e a recepção, como mostra a (figura 2), tem um balcão de atendimento, no qual o funcionário pede a identificação das pessoas que solicitam adentrar. O mesmo fica incumbido de receber e encaminhar as pessoas que procuram algum serviço, ou algum funcionário das emissoras durante o horário comercial. É o primeiro espaço de acolhimento e de triagem dos ouvintes, que procuram o Programa João Carlos Maciel.

²⁴ A Arquidiocese de Santa Maria é uma divisão territorial da Igreja Católica no Rio Grande do Sul. Foi criada diocese no dia 15 de agosto de 1910 e foi elevada a Arquidiocese pelo Papa Bento XVI, no dia 13 de abril de 2011. É composta de 38 paróquias, das quais 13 na cidade de Santa Maria e outras 25 nos municípios arredores.

Figura 2 - A entrada do prédio - primeiro espaço de acolhimento



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Ainda na sala de recepção, há um banco confortável com três lugares, e ainda, três cadeiras de modelo escolar (com um braço de madeira ao lado direito, que possibilita aos ouvintes fazerem alguma anotação e/ou mesmo preencherem uma pequena ficha distribuída pelo recepcionista). O sujeito que procura o programa João Carlos Maciel preenche o documento onde constam informações como: o nome, a data, o endereço e o assunto que o ouvinte deseja tratar. Esta ficha visa detalhar alguns dos motivos que levam os sujeitos a procurarem o programa João Carlos Maciel.

Ao entrar na recepção, uma escada leva até o 1º andar onde se localizam diversas salas e os estúdios radiofônicos. Uma porta lateral, ainda no primeiro piso do prédio, dá acesso à secretaria da Arquidiocese de Santa Maria. Esse acesso interno é utilizado pelos funcionários da emissora e da secretaria. Há uma sala com uma mesa ao centro, e, logo ao lado, tem uma sala onde trabalha o Padre Antônio Bonini, na qual também recebe visitantes da emissora.

Depois de passar pela recepção, é necessário subir uma escada até o 2º andar, onde estão os estúdios e outros espaços sociais como: as salas de gravação de produção, de comercialização, de espaços publicitários, banheiros, uma cozinha e a sala de reuniões. Uma das salas é destinada ao gerente Luiz Ademir de Oliveira. Há um espaço (aquário) destinado ao atendimento de uma secretária. À esquerda da escadaria, chega-se a uma sala de espera, conforme (figura 3) que fica antes do corredor que dá acesso aos estúdios de rádio.

Figura 3 - Sala de espera - segundo espaço de acolhimento



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Nesta sala se configura como um segundo espaço destinado ao acolhimento dos sujeitos que interagem ao vivo nos programas. No local, as pessoas que visam interagir com João Carlos Maciel aguardam o chamado de um dos integrantes da equipe do programa. Este momento é interessante ser analisado, pois os sujeitos passam a interagir e aos poucos se sentindo mais à vontade para falar. Há dois sofás, de cor azul e duas cadeiras iguais as da recepção (modelo escolar). O espaço parece uma sala de espera de um consultório médico ou dentário.

Nas três visitas realizadas ao programa, havia várias pessoas esperando uma oportunidade de entrar no estúdio e falar com o comunicador. Assim que estas saem, outras vão chegando ao longo da manhã.

A integrante da equipe do programa, Angélica Mabel Nunes Soares, vinte e nove anos, faz uma espécie de 2ª triagem baseada em alguns critérios, como o grau de urgência dos sujeitos, a partir da leitura daquilo que foi escrito nas fichas entregues na recepção da emissora. Também há a consideração da ordem de chegada dos mesmos. Ela sai do estúdio e gentilmente conversa com os mesmos sujeitos, a fim de adiantar ao apresentador João Carlos Maciel, quais são os assuntos que desejam tratar no programa.

Antes do primeiro encontro com João Carlos Maciel no estúdio, logo na entrada do prédio, existe um espaço para recepção, onde o recepcionista solicita o preenchimento de uma ficha de identificação. Nela, um pequeno pedaço de papel, há um campo que pede o nome e o motivo pelo qual procura o programa. Quando lá estive, a secretária recepcionou-me na sala ao lado do estúdio e, antes mesmo de tomar conhecimento do conteúdo da ficha, perguntou-me quem eu era e qual era o motivo de estar ali naquele momento. Informei-lhe ser um

professor do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), e no momento também um pesquisador com interesse em fazer uma pesquisa sobre o programa, já tendo feito um contato com João Carlos Maciel por telefone. Depois da resposta, objetivamente, ela foi ao estúdio e em poucos instantes retornou, avisando-me de que Maciel iria receber-me assim que a pessoa anterior à minha chegada fosse atendida.

Enquanto pessoas aguardam sua vez de ingressarem no estúdio, conversavam sobre os mais diversos temas. Geralmente, o assunto introdutório é sobre a previsão do tempo, sobre as condições de deslocamento até a emissora quando da saída de casa. Os ouvintes de diferentes bairros da cidade acabam encontrando identificação, quando relatam uns aos outros sobre os motivos que os levam até o programa, como, por exemplo, a solicitação de dinheiro para a compra de um remédio ou mesmo a compra de uma passagem de ônibus para visitar um familiar distante.

Cada um com uma história pessoal, mas que causa comoção e curiosidade no outro e vice-versa. A antessala do estúdio poderia ser caracterizada como um espaço de preparação sobre o como dizer, o como falar diante do microfone, caso o apresentador do programa requisitasse tal ação. Os sujeitos justificavam uns aos outros os motivos de estar ali, ao passo que, nos diálogos, um dizia ao outro o que deveria enfatizar na presença do comunicador no ar. O ambiente também funciona como um “espaço terapêutico”, a troca de enunciados, para alguns, parecia servir de consolo e de motivação para sanar os problemas que seriam midiaticizados logo mais.

No dia 04 de março de 2011 (conforme foi relatado na Introdução da tese), acompanhei o programa no estúdio, pela segunda vez. Foi quando tive a oportunidade de aprofundar mais o contato com os integrantes da equipe de Maciel, tentando perceber como funciona a dinâmica de acolhimento das pessoas que se dirigem até o programa para pedir e/ou apenas para agradecer algo ao comunicador.

3.2.3 O estúdio como espaço de relação entre atores

Ao entrar no estúdio radiofônico, o terceiro espaço de acolhimento do ouvinte, logo se vê um lugar organizado em torno da mesa de sonoplastia. Este é o momento em que o ouvinte está dentro do ambiente técnico do dispositivo midiático, que é especialmente preparado para recepcioná-lo, conforme (figura 4).

Figura 4 - Ambiente técnico do dispositivo midiático



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

O operador dos equipamentos é Carlos Alberto Teixeira, que está na emissora há dezesseis anos, e junto com ele fica a secretária Angélica, como é demonstrado na (figura 5). Neste momento, pode-se perceber que há mais um espaço de acolhimento do ouvinte, antes de entrar na cabine na qual fica o comunicador e os microfones. Uma breve conversa, sobre variados assuntos com Carlão, como é conhecido o técnico de áudio, precede o diálogo no ar.

Figura 5 - Secretária Angélica



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Angélica fica nesta mesma sala, mas circula entre a sala de espera e de locução. A mesma exerce várias funções como, recolher as fichas de identificação dos ouvintes que estão na sala de espera, informar ao comunicador sobre os assuntos que os trazem ao programa, atender as ligações, e, a partir de uma prévia conversa com quem está na linha, selecionar quem poderá contatar com João Carlos Maciel.

A seleção é feita a partir de um julgamento fundamentado na lógica do programa, atender as necessidades daqueles que, por meio de seus pedidos, alguns escritos nas cartas, outros anotados por Angélica em contato com as pessoas na ante-sala do estúdio, e expressarem sua urgência ao procurarem o programa. Também se leva em conta a possibilidade de atendimento das requisições dos sujeitos que interagem via telefone fixo, celulares e mensagens de SMS disponíveis os ouvintes.

Alguns telefonemas são atendidos por Angélica, mas as demandas expostas por quem está do outro lado da linha, algumas vezes são direcionadas para outro elo do dispositivo, no caso a Sede Social do programa, instância esta que compõe um *elo não-midiático*, a ser descrito proximamente.

A ajudante de Maciel solicita aos sujeitos que procurem a Sede Social, pois considera que lá poderão resolver suas demandas como: a busca por medicamentos, carrinhos de bebê, dinheiro, atendimento jurídico e/ou contábil. Por vezes, em dúvida sobre como operar, Angélica consulta Maciel durante os espaços comerciais, quando ele mesmo entra em contato com candidatos aos benefícios para tentar esclarecer o que pretendem, e a partir daí, tomar a decisão de colocá-los no ar, ou direcioná-los até a Sede Social do programa.

Esta ação é dividida com o sonoplasta. Sobre a mesa localizada à esquerda de Carlos Alberto (Carlão), estão dispostos três aparelhos telefônicos, todos disponíveis para o contato do ouvinte com o programa. Uma das linhas está conectada com a sede social, já que Maciel faz contato diário com Fátima de Vargas (uma das integrantes da equipe de Maciel atua como gerente da Sede Social). Também ficam disponíveis mais dois telefones celulares, sendo que um deles é o aparelho pessoal do apresentador. O acesso aos telefones é irrestrito.

Ainda no estúdio, na antessala do espaço onde o apresentador fala, está a mesa de som. O equipamento da marca SCALA, possui dez canais (que podem se transformar em vinte pontos de ligações/linhas de contato via microfone, para as transmissões internas e externas promovidas pela emissora).

Os equipamentos foram adquiridos porque a Rádio Medianeira faz uma série de transmissões externas por meio de suas equipes de radiojornalismo e esporte. Eventos de destaque social, em especial com envolvimento da emissora e da Igreja Católica, ganham

transmissões ao vivo do local onde ocorrem. Há também, as partidas de futebol que são transmitidas dos respectivos estádios.

O programa João Carlos Maciel, também usufruiu da tecnologia de transmissões externas, para ampliar a visibilidade de suas ações, visando a constituição de vínculos com o receptor. Exemplo disso é a transmissão do “Natal do Amor Maior”, evento idealizado e comandado por João Carlos Maciel e que ganha cada vez mais notoriedade pelo aumento do número de pessoas que beneficia, por meio de seu projeto social, e também, pelo aumento do número de pessoas que passam a colaborar com a ação social (detalharemos sobre esse subitem mais adiante). O evento é estratégico como efeito de processos de midiaticização das práticas do programa João Carlos Maciel ao longo do ano, atendendo também, assim, à lógica comercial da emissora, que ganha visibilidade e geração de identificação com a audiência.

Voltando à descrição do estúdio, ao lado da mesa de sonoplastia, encontra-se um computador à disposição do Sr. Carlos Alberto Teixeira²⁵. O dispositivo digitalizado facilita as operações de sonoplastia. *“É preciso muita dinâmica. O programa é muito dinâmico. Tudo está programado. Os blocos do programa, a entrada dos ouvintes. Entretanto, sempre há fatos e acontecimentos inesperados. Tudo está em função do ouvinte”* (Teixeira).

O sonoplasta conta com um aparelho de *Mini-Disc* (MD) e dois aparelhos de *Compact Disc* (CD). Estes equipamentos são utilizados somente se ocorrer algum problema de acesso ao computador que possui a programação digitalizada.

Ainda há um ar-condicionado, um relógio e um aparelho telefônico específico para o contato com a equipe da emissora que fica junto à torre de transmissão. Segundo Teixeira, há um casal que mora no morro onde a antena está localizada e que fica atenta para operar em caso de problemas de transmissão.

Ainda na sala de sonoplastia, há um sofá preto, que fica disponível para os visitantes da emissora. O técnico em áudio fica sentado em uma cadeira de madeira com rodinhas, sem revestimento que possa oferecer maior conforto para dar mais agilidade nas diversas ações. Um tapete vermelho está colocado embaixo da mesa de som e que se estende por cerca de um metro.

Adentrando na sala de locução, conforme (figura 6), o quarto e último destino no qual a pessoa será inserida e transformada em ouvinte-solicitante é a sala de locução. Percebe-se que não há uma preocupação com a entrada de ruídos exteriores neste espaço, apesar de o espaço ter forração para manter o ambiente acústico em melhores condições. Há o aquário (uma janela de vidro) comum em estúdios radiofônicos, que divide o setor de sonoplastia e o

²⁵ Entrevista com Carlos Alberto Teixeira dada ao pesquisador no dia 04/03/2011.

local onde fica o comunicador. Uma porta dá acesso a esta pequena sala, onde há uma mesa com os suportes móveis de microfones.

Figura 6 - O ator em ação



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Um microfone fica disposto à direita da mesa, no qual João Carlos Maciel fala. O suporte do microfone do apresentador possui um rosário de cor bege, pendurado. Também há um pequeno ramo de flores, da cor vermelha, colocada entre o vidro do aquário e o suporte. A intenção é de que estes objetos ofereçam uma espécie de bênção aos comunicadores que passam por ali, segundo Maciel (2011). O outro microfone fica disponível para o ouvinte. Sobre a mesa, ficam diversos objetos. São dois calendários, um relógio, os aparelhos telefônicos, controles-remoto de uma televisão e um *vídeo cassete* que ficam dispostos à esquerda da mesa, dentro da sala.

Na mesa, ainda, há uma caixinha de madeira, na qual estão disponibilizados os textos publicitários dos patrocinadores do programa. Entretanto, o que mais ocupa a mesa são as cartas dos ouvintes (sobre este elo falaremos mais especificadamente adiante).

Figura 7 - A sala de locução - espaço de midiatização do social



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Também sobre a mesa está o dispositivo luminoso que informa quando o microfone está aberto, ou seja, quando a emissora está “NO AR”. Quatro cadeiras estofadas e um sofá preto auxiliam no conforto e organização dos ouvintes dentro da sala de locução. A cadeira de João Carlos Maciel é peculiar, pois tem formato diferenciado. De madeira, revestida no assento com um material que permite maior conforto, a cadeira é de sala de jantar. Seu formato, com um encosto alto e com *design* arrojado, dá a impressão de ser um trono. No chão, um tapete vermelho reveste parte do ambiente, especialmente no local onde ficam os pés do locutor e dos ouvintes.

Maciel concentra-se numa peculiar tarefa dramaturgica, quando está falando, conforme se pode verificar nas visitas ao programa. Como se estivesse enxergando os ouvintes para quem enuncia seu discurso, ele fica sentado, com uma postura ereta, com a boca próxima ao microfone para que haja uma boa captação da voz no microfone. Suas ações visam realçar os dados que tem em mãos, em especial quanto está em contato telefônico com um ouvinte e/ou com um integrante de sua equipe. Também se concentra ao ler as cartas, enfatizando frases e palavras que podem causar maior emoção, ou seja, segundo Goffman (1985), mantendo uma espécie de disciplina dramaturgica, na qual a resposta emocional precisa ser dissimulada a ponto de comover. Afinal, a *performance* do ator precisa estar enquadrada conforme a seleção de platéia pré-condicionada aos efeitos que deseja ter.

Angélica e João Carlos Maciel acessam frequentemente, uma caixa grande (de aparelho de som doméstico) no qual estão todos os apetrechos do programa. CD's, canetas,

pastas de papel, nas quais, estão os textos e outros materiais das campanhas lançadas pelo programa ficam disponíveis para o protagonista.

Conforme Rodrigues (1994) o processo de dramatização é desencadeado por meio da narrativização dos fatos que se constitui como um quadro de conversação. João Carlos Maciel enquadra as personagens da narração, assumindo o estatuto de enunciador ou de narrador pressuposto e, pela mesma ocasião, construindo a teia de relações que confere sentido às ações narradas. É nesse processo de narrativização que coloca em cena os acontecimentos do cotidiano, os atores e agentes, convertendo-os assim, em sequências de ações articuladas por meio do discurso posto em operação.

Os relatos, colocados pelo apresentador nos momentos de interação, são articulados pelo fato de apresentarem uma propriedade comum, por serem altamente mobilizadores, visando atender às lógicas assistencial, política e midiática, entrelaçadas pelo programa radiofônico.

3.2.4 O programa: constituição e articulações

Indicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para receber a premiação como o único programa radiofônico do Brasil e da América do Sul com sede social, e que dispõe de veículos para desempenhar funções sociais, pagas pelo próprio comunicador, o programa João Carlos Maciel, segundo o comunicador, é reconhecido pelo trabalho de solidariedade realizado há mais de uma década em Santa Maria e região.

No ar das 7h às 11h30min., de segunda à sábado, o programa, ao longo do tempo foi ganhando novos quadros e atrações com vistas a aumentar sua inserção na comunidade santamariense. Sua característica mais forte é a interatividade e uma ampla conversação com os ouvintes tratando de histórias do cotidiano social como, por exemplo, os modos de educação dos filhos, o respeito ao próximo, os problemas sociais com os quais tem contato mais direto, como as dificuldades de atendimento nos postos e hospitais públicos, a falta de dinheiro, a falta de emprego. Também sobre fatos como as melhorias do bairro, da cidade, de condições de vida, das relações pessoais com demais sujeitos e mesmo da relação destas pessoas com o programa.

As diferentes atrações trazidas pelo comunicador João Carlos Maciel remetem a um contato direto com o campo receptor, constituindo com a audiência, como postula Verón (2004) a estruturação de um vínculo sob a forma de contrato de leitura, que serão vislumbrados neste texto.

Segundo o próprio radialista, o programa ganha em versatilidade e flexibilidade por meio dos dispositivos interativos, que funcionam como elos com o receptor. As interações no programa envolvem uma variedade de processos ao recorrer a determinadas matrizes interacionais que estão em constante reelaboração e invenção, correspondendo a caracterizações do que Braga (2011) chama de dispositivo interacional. É a partir do programa que são dinamizadas as operações e estratégias que forma um sistema circular de comunicação, o qual se mencionou na introdução da tese, e se identificou como zona de interpenetração, o que se abordará mais a frente.

Nos programas observados, a produção tenta seguir um roteiro planejado. No entanto, diariamente uma série de mudanças ocorre conforme a movimentação de pautas e assuntos trazidos à tona, a partir da demanda advinda dos momentos de interação com os ouvintes. De acordo com o radialista, as mudanças levam em consideração, numa escala de prioridades, aquelas que dizem respeito às necessidades apontadas pela audiência num encontro que ocorre na Sede Social do programa, em especial nas sextas-feiras, quando ele atende, pessoalmente, os sujeitos que se dirigem até o local. *“Tem umas coisas que são assim fixas, por exemplo: tem o momento de fé do programa, uma ligação premiada tem que acontecer durante toda a manhã. O atendimento ao público é meio de acordo com a demanda”* (MACIEL, 2010).

Todas as segundas-feiras, na Sede Social do programa, João Carlos Maciel, e mais uma equipe de voluntários que o auxilia no atendimento à comunidade, recebem os *“ouvintes do programa pra conversar, entender qual é o problema daquela família, daquela mãe, que está desesperada precisando de um remédio pro filho, daquele homem que está precisando, com urgência, de um emprego”*. (MACIEL, 2010). São cerca de vinte pessoas levadas ao ar todos os dias. Este encontro funciona como um pré-agendamento do programa.

O radialista explica que é realizada uma triagem dos assuntos que exigem maior urgência de atendimento. Esse movimento ocorre por meio dos assessores, tanto no programa junto à emissora, quanto na sede social e mesmo no gabinete do vereador. Essa triagem também é feita pela leitura antecipada das cartas, pelo próprio comunicador, assim como sua esposa, que também participa da seleção. *“Acho que o assistencialismo, se existe, de faz necessário, infelizmente, né, porque o poder público deixa muito a desejar”* (MACIEL, 2010).

A produção do programa radiofônico está a cargo do próprio apresentador. *“Na verdade tenho que fazer tudo. Tenho que pensar, eu tenho que elaborar o programa, eu tenho uma equipe que me ajuda muito no sentido social, na sede”* (MACIEL, 2010). A explicação do processo de retroalimentação é vislumbrada por meia da explicação do próprio ator.

O locutor admite que muitos dos assuntos abordados no programa são ocasionados a partir do contato direto que tem com os ouvintes, nas visitas que realiza como vereador em bairros e vilas da cidade, o que gera pautas para o programa, deslocando o fazer político. Isso demonstra um dos níveis de entrelaçamento de suas ações como comunicador, vereador e mantenedor de um projeto assistencialista.

Eu tenho na minha agenda diária, isso há muito tempo já, quartas-feiras e sextas-feiras eu vou às vilas, esse é um trabalho que muito poucas pessoas conhecem, e talvez se perguntem: como é que alguém pode chegar a uma votação que nem eu cheguei, não é? (MACIEL, 2010).

O locutor afirma sentir “carência” do contato com os ouvintes. *“Eu vou lá pra responder o que eles precisam. Eu vou lá dialogar com eles, achar o melhor caminho, a melhor saída. É o gabinete do vereador indo até o bairro. Sem publicidade, nem falo, no programa, isso. Isso é em off” (MACIEL, 2010).* Neste sentido, o deslocamento do ator até o campo social articula demais campos envolvidos na sistematização e constituição do dispositivo.

A interação aqui é proporcionada pela proposta de aproximação do ator aos seus “militantes”, ou seja, ele representa, nessas condições o campo midiático, bem como, sua operação é revestida por afetações do campo político e assistencial. A ida até os bairros configura em mais uma ação, que intersecciona os campos sociais de modo, a se constituir uma estratégia de vínculo social que dá ao dispositivo, condições de manutenção dos processos comunicativos enveredados a fim de capturar e fidelizar o receptor.

A funcionalidade do processo de intersecção dos campos sociais se dá, quando se vislumbra que o comunicador “carrega consigo o programa”, ou seja, o campo midiático está simbolicamente representado por meio de sua pessoa enquanto estratégia de ação sócio-comunicativa, já que o campo social aqui, numa perspectiva lançada por Rodrigues (2000), possui suas próprias simbólicas, ou seja, um conjunto de procedimentos, e processos comunicacionais desenvolvidos através de operações, como a de Maciel, de se lançar ao encontro do receptor como estratégia singular, de expressão e de apresentação desse ator como político, permeado pela lógica assistencialista de uma proposta de projeto social, o qual dá dinamização.

Conforme Maciel, os ouvintes têm a liberdade para fazer críticas a órgãos públicos e privados. A partir da reclamação, sugestão, opinião ou mesmo um elogio, o apresentador procura abrir espaço para que representantes do órgão referido, ou mesmo a pessoa que é citada pelo ouvinte, tenha a oportunidade de fazer o contraponto da questão levada ao ar, desencadeando, assim, um sistema de resposta social, conforme aborda Braga (2006),

reconhecendo-se o fato da sociedade, através dos fluxos interativos constituídos no dispositivo radiofônico, atribuir um sentido social às ações oriundas do programa.

Sobre os quadros que constituem o programa, Maciel destaca que a intenção é transmitir para o ouvinte, informações de utilidade pública, com notícias atualizadas, entretenimento por meio das ligações premiadas e dos espaços musicais. Mas o programa tem uma outra intenção:

Nós oferecemos tudo o que os ouvintes querem ouvir de esperança, de incentivo. Impulsionar a comunidade para mudar. Mobilização em torno de uma causa aqui, de outra causa ali, mas a mobilização não é só em torno disso, não. Ela procura colocar nas pessoas uma mensagem altamente positiva. De esperança! (MACIEL 2010).

É este aspecto descrito na citação que se constitui a diferença do contrato de leitura do programa, ou seja, onde está a singularidade do rádio como midiador do social. Maciel mobiliza as pessoas por meio de operações e estratégias discursivas (veremos mais adiante) visando capturar seus ouvintes para participar da *semiose* radiofônica e intensificar suas ações de mediação do social. Uma pequena equipe colabora com a produção do programa. São funcionários da Rádio Medianeira AM 1.130 MHz. Além do recepcionista, (como descrevemos anteriormente), o sonoplasta Carlos Alberto Teixeira, além de auxiliar na operação dos equipamentos, também indica ao comunicador alguns assuntos que considera interessantes para debater no ar. “*Ele colabora de uma maneira maravilhosa. Ele tá ali pensando enquanto eu narro o fato. E daí surge uma deficiência numa informação e ele diz: olha Maciel, tu esqueceu tal coisa*” (MACIEL, 2010).

Maciel revela que sua esposa, Cátia, também o auxilia na produção dos programas, lendo as cartas e organizando-as conforme a urgência de atendimento. Aqui temos uma afetação do campo familiar. O envolvimento da esposa no processo de produção demonstra mais um exemplo de que as operações do dispositivo saem de sua estrutura midiática estendendo um de seus braços para os demais campos sociais.

Outra colaboradora é Júlia Ribas, assessora de gabinete do vereador, que também faz a triagem das cartas. A participação dela no processo de produção midiática demonstra mais uma vez o viés político afetando o midiático. “*Ela separa as cartas, mas mais dramáticas, digamos assim, que conte uma história. Daí eu tenho que pegar essa demanda, eu tenho que ler ela*” (MACIEL 2010). A ação de triagem por parte da assessora demonstra que há uma preocupação em mediar o social que está permeado pelo campo político. É mais interessante para o comunicador dramatizar sobre conteúdos que dizem respeito a práticas as

quais condizem com sua *performance* “tríade”, conforme veremos mais adiante. O contrato de leitura transparece aqui, novamente. A estratégia é causar identificação. Mdiatizando narrativas de viés político, fica mais fácil de encenar sua *performance*, deixando implícita a sua condição de vereador, mascarada pela de comunicador e assistencialista.

As lógicas que permeiam o programa também devem se fazer presentes nas cartas, como um outro elo de contato (como veremos mais adiante). Maciel, inclusive, quando está no ar, pede que os sujeitos que interagem com o programa, sejam enfáticos na narrativa de suas histórias de vida. Ou seja, ele orienta a intervenção dos ouvintes, porque sabe o capital discursivo sobre o qual o programa se assenta, constituindo este outro elemento do contrato de leitura do programa. A dramatização é para efeitos de comoção, no sentido de que, segundo as lógicas assistencialistas específicas do programa e de seu ator principal, essa comoção poderá servir como fator de persuasão dos ouvintes, para que logo atendam os anseios mdiatizados por meio da leitura das cartas, e dos enunciados trazidos à tona em outros momentos de interação no programa radiofônico.

Júlia Ribas é referida por Maciel em alguns programas. Inclusive a mesma é convidada para falar ao microfone. Ainda assessora o vereador João Carlos Maciel no Poder Legislativo, e no programa atua como colaboradora. Mas essa colaboração, de alguma maneira, explicita um deslocamento de papéis, pois ele não fala mais apenas como: comunicador, dinamizador de um projeto social, mas como político, organizando a representação de si próprio, como postula Goffman (1985), a partir dos diferentes campos que se cruzam.

Mas também atua como integrante da equipe da Sede Social. Maciel e a assessora trocam informações advindas do campo político e assistencial, no ar. Geralmente, o comunicador faz uma conversa a três. Conversa com Júlia Ribas e com um ouvinte ao mesmo tempo, colocando este ouvinte em contato com o Gabinete do Vereador, (essa descrição do diálogo ocorrerá mais adiante no terceiro capítulo).

Essa operação somente ocorre quando Maciel percebe que a assessora, por meio do campo político, poderá atender as requisições daquele ouvinte, que logo são encaminhados até a Câmara de Vereadores. Isso acontece, por exemplo, quando algum ouvinte necessita gozar de algum benefício que o Poder Público deixa de oferecer. “*Quando precisam de uma ficha ou de um atendimento mais qualificado, peço para a Júlia, por meio do gabinete, intermediar o serviço. Muitos vão até o programa reclamar da falta de atendimento, de profissionais na hora do atendimento*” (MACIEL, 2010). A intervenção da assessora no processo de produção midiática torna o programa um espaço de discursos, de negócios que envolvem o cruzamento de campos sociais.

O radialista conta que as equipes de voluntários ficam subdivididas entre a Sede Social, os veículos – Caminhão da Solidariedade e A amarelinha (Kombi) e o gabinete do vereador. *“Na verdade é assim: todas as equipes ajudam em todos os lugares. Não tem como separar uma coisa da outra, não”* (MACIEL, 2010). Os voluntários da Sede Social somam dez pessoas em média.

O enunciado acima respalda a complexidade que se vislumbra a partir da análise do dispositivo, quando se percebe que a afetação do campo midiático sobre os demais, configura uma estratégia de operação midiática, que arrebanha não apenas sujeitos solidários na ação de doação de bens, mas também no oferecimento de serviços. São os voluntários que destinam um determinado tempo de sua semana (de segunda à sexta-feira), para se dedicarem ao projeto. Desta forma, esta ação dá visibilidade aos voluntários, midiaticando suas práticas sociais.

Esse processo se dá pela articulação do discurso radiofônico, colocado em operação diariamente. Os sujeitos são convidados ao inserirem-se na lógica do assistencialismo, proposta a partir do dispositivo radiofônico. Estes trazem consigo suas práticas cotidianas que, de alguma forma, relacionam-se ao ambiente na qual estão sujeitadas, retroalimentando a lógica assistencial que ali se constitui. Estas operações serão apresentadas mais adiante em texto específico.

Segundo Mata (1993) o locutor ganha fiéis ouvintes que, atraídos pelas atrações dos programas, pela voz e/ou discurso proferido no ar, convida o ouvinte para entrar na lógica produtiva midiática. Ambos os tipos de sujeitos, emissores e receptores cumprem a mesma função de produtores de sentido quando ocupam posições ou lugares diferentes dentro do processo.

O programa, de acordo com o comunicador, garante bom retorno financeiro à emissora, que disponibiliza uma equipe para a comercialização de espaços publicitários. Ao longo de uma edição, são em média dezoito espaços comerciais mesclados entre os diversos blocos de informação, música e interação com o ouvinte. A comercialização destes espaços publicitários é operacionalizada pelo próprio comunicador que é auxiliado por funcionários da emissora.

Maciel, também faz publicidade por meio do seu discurso, anunciando ofertas e promoções especiais dos patrocinadores do programa. Entre estes, estão uma empresa de materiais de construção, uma farmácia, empresa de empréstimos financeiros, supermercados e lojas diversas do comércio de Santa Maria. De acordo com o gerente comercial e de programação da emissora, Luiz Ademir de Oliveira, o programa João Carlos Maciel tem o patrocínio de quarenta e oito a sessenta empresas, com faturamento mensal não informado pela produção do programa.

Já segundo Maciel, não há patrocinadores específicos de seu programa. “*A inserção comercial é grande em virtude da grande audiência*” (MACIEL, 2010). Ele acredita que o programa no ar praticamente não apresenta custo nenhum à Rádio Medianeira. Maciel afirma que o programa se destaca pelas qualidades do próprio comunicador. “*Então, se tu tens uma grande audiência, tem o domínio dela, tem um comunicador, esse comunicador cobre um turno inteiro, pra emissora também é econômico*” (MACIEL, 2010).

O programa João Calos Maciel é dividido por blocos de anunciantes e espaços de informação, entretenimento e interação, constituindo, conforme explica Fernández (1996) um *show* radiofônico. Os blocos são constituídos a partir de lógicas radiofônicas como informações sobre prestação de serviços, músicas, previsão do tempo, hora certa e, na maioria do tempo, interação com os sujeitos que escrevem cartas, ligam, mandam torpedos SMS ou comparecem ao estúdio do programa.

Na primeira hora, o comunicador faz a divulgação de vagas de emprego que estão disponíveis nos classificados dos jornais que circulam na cidade. As 7h30min, diariamente, traz a previsão do tempo para a semana. A qualquer momento, entra no ar o “Ligação Premiada”.

Neste quadro, o programa liga para um número de telefone contido numa urna que fica no estúdio. O ouvinte é orientado pelo próprio apresentador a midiatar o programa em seu enunciado. Quando atender, deve dizer: ao invés de alô, a senha, “aqui só dá João Carlos Maciel”. Esta é uma espécie de senha de entrada no processo interacional de referência, o qual Braga (2006) postula. É a resposta do receptor aos fluxos propostos pelo dispositivo, marca da midiatarização da sociedade, pois propõe um lugar ao destinatário da mensagem, no processo produtivo, instituindo um tipo de regulação social, pautando a forma de interação e de comportamento dos sujeitos envolvidos na trama radiofônica.

Outro quadro do programa é o “Coração Aberto”. Trata-se de uma proposta, a qual o apresentador lê uma carta de forma interpretativa, em que o ouvinte destaca momentos de emoção descritos por ele, como por exemplo, alguém que pede perdão por algo acontecido, um agradecimento a um amigo, um amor não correspondido e/ou simplesmente uma homenagem especial. A análise deste *elo* está no próximo subitem.

Na segunda hora do programa, Maciel apresenta o “*Show das Loterias*”, para divulgação dos resultados dos principais jogos de loterias (Lotofácil, Lotomania, Mega-sena, Timemania, Quina, Dupla-Sena e Loteria Federal). Constitui-se em mais um espaço de prestação de serviços ao ouvinte.

As 9h5min, Maciel apresenta o “Momento de Fé” e a “Oração da Ave-Maria” com a divulgação de nomes de ouvintes que enviaram cartas, ligaram ou procuraram o programa para ter o nome relacionado à uma espécie de benção de João Carlos Maciel, fazem deste bloco do programa uma das estratégias de captura e fidelização dos ouvintes. A lógica religiosa, neste espaço, é atravessada pela midiática. O programa midiatiza a ideologia cristã através da midiatização do som. Um conjunto de elementos da linguagem radiofônica (trilhas sonoras, somadas à voz e discurso do ator) constitui mais um dos mecanismos do contrato de leitura do programa, em especial neste momento, quando as trilhas são voltadas para a reflexão e, especialmente abordando temas religiosos.

“Parabéns a você” é outro espaço que visa dar visibilidade aos receptores, no sentido de que estes passam a protagonizar a cena midiática não mais como receptores, mas como coprodutores do processo produtivo. O objetivo é homenagear aniversariantes do dia contidos nas agendas do programa, vindas por telefone, cartas, ou ainda, de forma pessoal no estúdio. Também o “Tribuna livre” que serve para reivindicações feita por ouvintes destinados a questões sociais como: a falta de água em um bairro, o conserto de vias de acesso, melhorias de iluminação pública, reivindicação de benefícios a pessoas carentes e/ou doentes da comunidade.

Atualmente a participação com estratégia de interação, tem incluído cada vez mais, as demandas cidadãs no espaço radiofônico. Isso tem provocado uma transformação importante no papel do meio de comunicação. Ele não mais se limita a ser um simples mediador, mas passa a exercer a função de mediador junto às instituições. Essa mediação ele faz por meio de sua *performance* “tríade”, o que se estudará mais a frente. Ora como comunicador, ora como político ou mantenedor de um projeto assistencialista, o ator midiatiza os enunciados advindos da plataforma social que institui por meio do programa. São as falas dos sujeitos que acessam o programa e os demais elos que compõe o sistema. Estas falas são simplificadas pelo discurso do ator. Jogadas no ar como forma de conteúdo estratégico, pode se dizer como uma peça do contrato de leitura do programa.

Conforme postula Certeau (1994), ao referir Foucault, citado no primeiro capítulo, o dispositivo estabelece interações, propõe afetações do campo midiático sobre os outros campos representados nas demandas sociais, mas que não é apenas um tipo de formação que produz controle e restrições. E isto, pode-se analisar no dispositivo radiofônico. A explicação do como se faz uma reclamação, um pedido, uma participação no programa e outras coisas, sem dúvida pode ser caracterizada como uma gramática pedagógica proposta pelo ator. Entretanto, essa pedagogia nem sempre vigia, controla e restringe, pois o ator perde o controle, escapa de suas mãos a regulação. Mas, mesmo que este escape acaba sendo utilizado

como forma retórica de persuasão de sua gramática pedagógica.

Em qualquer horário do programa, o quadro “Puxão de orelha” permite que o ouvinte, faça suas reclamações, sobre os mais diversos serviços que lhe são ou não oferecidos pelos diversos órgãos públicos da cidade e região. Há uma filtragem do tipo de reclamação que ocorre no atendimento do telefone, pela assessora Angélica. Quando chega via carta, SMS, ou o sujeito procura a emissora, pessoalmente, o filtro já ocorre na ficha de preenchimento recebida na recepção da rádio Medianeira, conforme se explicou anteriormente.

Outro espaço de interatividade é o “Quadro Amigo Especial”. O ouvinte no telefone pode ganhar um almoço, pago pelo programa, para compartilhar com um amigo que escolher. Ainda há a brincadeira “A palavra é?” que premia o primeiro ouvinte que acertar qual a palavra que está na mente do apresentador. Nesse mesmo modelo, também há a brincadeira “O que é que eu tenho na minha mão?”. Maciel pergunta ao ouvinte que, por telefone tenta adivinhar. O primeiro que souber leva prêmios. Esses blocos configuram-se como formas de entretenimento dentro do formato do programa. Isso funciona como uma manobra do programa. Uma estratégia de captura.

A música é mais uma das atrações do programa. Mescladas entre os diversos espaços, não há um momento determinado para anunciá-la. Geralmente, as músicas são gravações de artistas brasileiros, com ênfase nos gêneros sertanejos, pagode e axé, reafirmando o contrato de leitura com o ouvinte.

Algumas das músicas ilustram, (são tocadas como pano de fundo) de alguns quadros do programa. Quando Maciel lê uma carta ou mensagem com um discurso esperançoso, ou mesmo pela falta de confiança na busca por algum objetivo, a música que toca logo depois da leitura é direcionada a este tema com mensagens de fé e de louvor. Ao anunciar os aniversariantes do dia, o “Parabéns a Você” é apresentando em forma de canção.

O espaço para a informação jornalística entra de hora em hora no programa. É o “Medianeira Notícias”, com informações gerais de Santa Maria e do Estado, com previsão do tempo. Dentro do programa, João Carlos Maciel também lê notícias extraídas dos jornais locais e *internet*, assim como, prestação de serviços, por exemplo: a divulgação de documentos e objetos perdidos, desaparecimento de animais ou pessoas, roubo de veículos, pessoas que se oferecem para trabalhar, reclamações e/ou informações dos mais variados órgãos, o que podemos vislumbrar como estratégias de constituição de vínculos.

O funcionamento do programa depende da harmonia das interações entre os componentes da instância da produção, ou seja, entre o técnico de áudio Carlos Alberto Teixeira, a auxiliar de estúdio Angélica Mabel Nunes Soares, a responsável pelo atendimento

junto à Sede Social Fátima de Vargas, a assessora da Câmara de Vereadores, Júlia Ribas e o protagonista João Carlos Maciel.

No estúdio, ao longo do programa, o fluxo de entrada e saída de visitantes precisa ser controlado. A comunicação entre Maciel, Angélica e Carlão precisa estar afinada, podendo-se comparar ao que Goffman (2010) fala sobre engajamentos de face, num processo de interação focada.

Tudo funciona porque é feito com muita seriedade. Eu e o Maciel mantemos contato visual e gestual, através do aquário. Ele sabe o que quero dizer. Eu sei o que ele quer. Também há, a todo instante, o contato verbal. Aviso o João da sequência do programa. É preciso que tudo saia de maneira encadeada. Nem sempre os blocos saem necessariamente na hora prevista. Às vezes atrasamos alguma coisa. Mas tudo é feito até as 11 e 30 (TEIXEIRA, 2011).

Teixeira explica que esta interação é necessária, pois, o programa “*pega fogo*” todas as manhãs. A demanda de telefonemas, cerca de 30 ligações, os ouvintes no estúdio, anúncios de comercias e mobilização da comunidade para ajudar nas campanhas que estão no ar, provoca um movimento ininterrupto do operador e da auxiliar de estúdio. A preocupação é dar total atenção aos ouvintes.

O que se percebe, ao acompanhar o programa de dentro do estúdio, é que a intersecção, no ar, entre João Carlos Maciel, os ouvintes e a sonoplastia tornam o programa um sistema complexo produtivo, que visa capturar o receptor, por meio da identificação com cada uma das estratégias lançadas (o que se vislumbrará no terceiro capítulo).

Outra estratégia, ou o que podemos configurar como um *elo* entre o programa e os sujeitos, são as cartas, conforme se descreve no item que segue.

3.2.5 Cartas: a memória das demandas sociais

As cartas se constituem como mais um *elo*, ou seja, uma forma de interação entre os campos da produção e recepção, tornando-se mais uma operação do programa para vincular os ouvintes. Também, tornam-se um arquivo social, do qual o dispositivo radiofônico se alimenta. De acordo com os entendimentos de Braga (2006) as cartas podem ser vislumbradas como um sistema de resposta social.

Os receptores do programa enviam o documento, assim, que o mesmo é filtrado pela equipe de produção midiática, tem seu conteúdo midiaticizado. A lógica midiática assim, afeta a lógica assistencialista neste processo. Ou seja, reconhece-se que o conteúdo das cartas, ao ser midiaticizado, é potencialmente gerador de debate a respeito de temas diversos do cotidiano

social, constituindo o dispositivo radiofônico num espaço profícuo de crítica da e sobre a sociedade. São cerca de cem novas cartas todos os dias, das quais pelo menos 30 são lidas a cada semana. As cartas lidas e não lidas no programa são direcionadas à Sede Social. Pelo menos dez, as quais constam com diferentes demandas, são atendidas diariamente.

As cartas dos sujeitos trazem conteúdos diversos como, por exemplo: pedido de um remédio; aquisição de material de construção, requisição de material escolar; de objetos para casa, como colchões, sofás; de cadeiras de rodas; muletas, de produtos alimentícios como leite; dinheiro, de leitura da carta prestando uma homenagem a algum familiar e outros assuntos. A maioria visa dois objetivos: agradecer algum benefício que o programa proporcionou ou fazer uma requisição. Os pedidos também são de músicas para tocar no programa, ou alguma crítica ao poder público ou mesmo aos serviços prestados por alguma instituição privada.

Um exemplo de carta que foi ao ar no dia 26 de abril de 2011:

Hoje Maciel, quero fazer uma homenagem para o meu filho, Adriano. Dizer pra você filho, que você é a razão do meu viver. Eu te digo, filho, que amar é viver, eu vivo por que eu te amo. Adriano, vamos juntos colher mais um cravinho no jardim da vida. Filho, seja feliz, muito feliz. Só pra lembrar, o instante do teu nascimento foi o dia mais lindo da minha vida. O sol radiante tanto quanto na manhã de hoje. Os passarinhos cantando. Eu peço a Deus que ele abençoe a ti. Você é minha estrelinha. Te guardo no coração. Vou te amar eternamente, jamais vou te esquecer. Fazes parte de tudo o que tenho, és um menino lindo. Por nosso irmão Jesus sempre serás abençoado. Homenagem da mãe, dos amigos e familiares pelo passagem do aniversário.

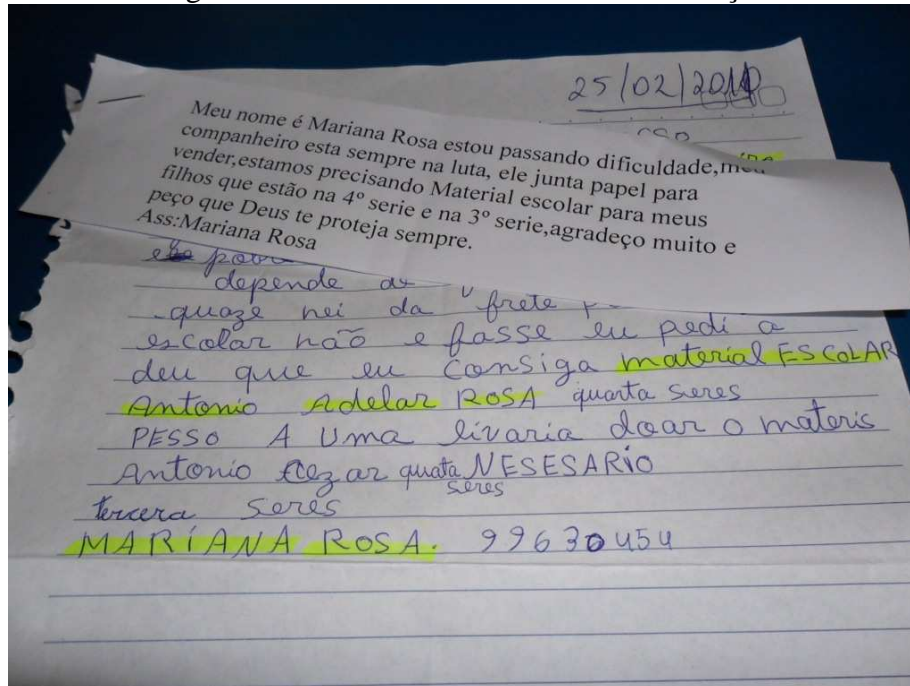
A carta lida por Maciel está com algumas linhas a mais do que esta, lida pelo apresentador. Também conta com um adendo que foi produzido pela produção do programa, como forma de ampliar a dramaticidade do texto: “*Por nosso irmão Jesus sempre serás abençoado. Homenagem da mãe, dos amigos e familiares pela passagem do aniversário*”. A carta funciona como um *elo* que representa mais um espaço de coprodução do receptor dentro da gramática produtiva do programa, como se analisará mais detalhadamente em seguida, proximamente.

O que se pode inferir, de acordo com a abordagem de Sodré (2002) feita no primeiro capítulo é que há uma imersão do cotidiano dos sujeitos em espaços midiaticizados, conforme lógicas do próprio fenômeno da midiaticiza o, ou seja, o conteúdo do sujeito está imerso no programa, por meio dessa opera o midiática, penetrando nas tessituras do cotidiano social.

Na carta, conforme (figura 8) não há o enunciado “*agradeço muito e peço a Deus te proteja sempre*”. É a equipe do programa que redige esta frase a mais, conforme explicado

anteriormente. O que se quer dizer é que quem sustenta o discurso do ouvinte é o discurso do programa. O que ocorre, conforme postula Sanz (1999) é um processo de dramatização radiofônica. Esse processo, também responde aos atravessamentos da lógica religiosa da emissora preconizada pela sua constituição sócio-histórica. A nova redação não serve apenas para facilitar a leitura do comunicador, por causa dos erros ortográficos e pela ilegibilidade do documento.

Figura 8 - Cartas condensadas em nova redação



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

A afetação do campo midiático ocorre sobre o documento, ou seja, sobre o social que se apresenta simbolicamente pela carta e seu conteúdo. O que se infere é que a lógica midiática transparece nesse processo, sobrepondo-se sobre a mensagem dos sujeitos, afetando os outros campos sociais, já que o texto final lido pelo ator nada mais é do que a condensação de dois textos, o dele e dos ouvintes. Essa operação se constitui em mais uma marca da midiatização, conforme explica Fausto Neto (2008), quando o dispositivo interfere na realidade social, construindo realidades discursivas por suas próprias operações de sentido.

E a afetação não acontece apenas nesta nova redação de trechos da carta, mas também, quando o locutor leva-a ao ar e, por meio de sua seleção de enunciados, dá sentidos pelo trabalho de entonação da voz pela qual se encontram as lógicas midiáticas, assistencialista e política, das quais está atravessado o seu discurso.

Assim como as cartas, outro elo identificado entre o dispositivo e os atores sociais é o *site* de João Carlos Maciel. Entretanto, vale dizer que o *site* não é um *elo* que vem do campo

de recepção, mas sim que se impõe aos sujeitos sociais, se abrindo como um complemento ao programa, constituindo-se como um dos mecanismos de construção da zona de interpenetração, a qual se referiu na introdução da tese.

3.2.6 O *site* do ator: portal de mediação do *self*

Este elo é um componente dentro do dispositivo maior, o radiofônico-midiático e serve como espaço de mediação das operações complexas do sistema constituído. O *site* de João Carlos Maciel, disponível em (<http://www.joaocarlosmaciel.com.br>).

Figura 9 - João Carlos Maciel “O Homem Alegria do Rádio”



JOÃO CARLOS MACIEL

"O Homem Alegria do Rádio"

Trabalho e Solidariedade - Vereador e Comunicador



Seja Bem Vindo ao Site do VEREADOR e COMUNICADOR JOÃO CARLOS MACIEL

O Vereador

O Comunicador

Amigo Especial

Caminhões da Solidariedade

Campanha de Livros

Grupo My Heart

Missa da Saúde

Natal do Amor Maior

Prêmio Landell de Moura

Super Fãs

Equipe J. C. Maciel

Contato

CAMPANHA PARA ARRECADAÇÃO DE LIVROS:

UMA IMPORTANTE INICIATIVA DO PROGRAMA JOÃO CARLOS MACIEL TEM TIDO UMA RESPOSTA ALTAMENTE POSITIVA DA SOCIEDADE SANTAMARIENSE (OUVINTES E FÃS DO TRABALHO DO JOÃO CARLOS MACIEL).

TRATA-SE DA CAMPANHA PARA DOAÇÃO DE LIVROS (DIDÁTICOS, LITERÁRIOS, TÉCNICOS, INFORMATIVOS ENTRE OUTROS).

O OBJETIVO É AUXILIAR AS ESCOLAS QUE NÃO POSSUIM BIBLIOTECAS OPORTUNIZANDO A FORMAÇÃO DAS MESMAS OU ENRIQUECENDO-AS. PARA AS ESCOLAS QUE NÃO TEM ESPAÇO PARA ESTE OBJETIVO O PROGRAMA PROMOVE A IDÉIA DA SALINHA DE LEITURA (CANTINHO DA LEITURA). POR OUTRO LADO TODOS OS MATERIAIS DESATUALIZADOS INCLUINDO REVISTAS DE TODOS OS TIPOS, SÃO INGREDIENTES PARA QUE OS ALUNOS POSSAM TER MATERIAL EM ABUNDANCIA PARA RECORTE E COLAGEM. TODOS SABEM QUE A CRIANÇA INSENTIVADA A LER DESENVOLVE MELHOR O APRENDIZADO, TORNA-SE MAIS CONCIENTE DO MUNDO A SUA VOLTA E TEM ABERTO HORIZONTES INFINITOS DE CONHECIMENTOS, FAZENDO COM QUE ESTE ALUNO SE DESTAQUE NO FUTURO.

PARA DOAÇÕES DE LIVROS ENTRE EM CONTATO COM O TELEFONE DA SEDE DO PROGRAMA – (55) 3028-2500 (PELA PARTE DA MANHÃ), O CAMINHÃO DO PROGRAMA JOÃO CARLOS MACIEL VAI ATÉ VOCÊ.

VARIAS ESCOLAS JÁ FORAM BENEFICIADAS, ESTA É MAIS UMA DELAS NO MUNICIPIO DE DILERMANDO DE AGUIAR, ESCOLA VALENTIN BASTIANELLO NA LOCALIDADE DE SÃO JOSÉ DA PORTERINHA – POSSUI MAIS DE 400 ALUNOS.

PREVISÃO DO TEMPO

PUBLICIDADE



JOÃO CARLOS MACIEL COM A DIREÇÃO DA ESCOLA (FOTO ACIMA)

(continuação)

JOÃO CARLOS MACIEL COM ALUNOS ORGANIZANDO OS LIVROS (FOTO ABAIXO)



2007. www.joaocarlosmaciel.com.br - Todos os direitos reservados.

Fonte: Montagem feita pelo autor (2012).

No *site*, logo na parte superior, se encontram duas fotografias do radialista e o seguinte enunciado: João Carlos Maciel “O homem alegria do rádio” – Trabalho e solidariedade – comunicador e vereador. Essa menção ao radialista e, ao mesmo tempo ao vereador, conforme Luhmann (2009, p. 30) apresenta algumas marcas de autorreferencialidade, no sentido de tratar-se de uma característica intrínseca ao sistema de meios de comunicação, pois o sistema

operaria através de uma reentrada²⁶,

e pressupõe-se a si mesmo como irritação autoproduzida, sem ser atingível por meio de suas próprias operações, e então ocupa-se com a transformação de irritação e informação que ele produz para a sociedade (e para si mesmo na sociedade). Exatamente por isso que a realidade de um sistema é sempre correlata às próprias operações, sempre uma construção própria.

Ainda na parte superior da capa, uma frase de boas vindas sugere que o *internauta* navegue pelas informações dispostas de forma simples e direta. O *site* não possui nenhuma sofisticação. Talvez seja de simples manejo e visualização para ensinar, justamente, o acesso aos internautas. As informações são de fácil leitura e limitadas por um protocolo de produção midiático, constituindo-se como operação do campo da mídia para construir uma espécie de modelo de seu receptor.

O portal é uma espécie de elo convergente que integra em seu conteúdo, as ações praticadas pelo radialista e vereador, constituindo-se um espaço convergente de afetação entre os campos: midiático, político e assistencialista. O processo de autorreferencialidade se dá por meio da ampliação da visibilidade de toda a estrutura do sistema complexo que compõe o dispositivo radiofônico. No *site*, uma barra com *links* para acesso do público, traz uma síntese descritiva dos elos que pertencem diretamente ao campo midiático, e daqueles que são afetados por ele, mas que fazem parte do dispositivo.

O primeiro *link* do *site* é com o campo político, pois o apresentador é apresentado como: “O vereador”. Com um *clic* apenas, o *internauta* pode ter acesso a conteúdos sintetizados em pequenos textos, digitados em caixa alta, onde constam projetos aprovados pelo vereador João Carlos Maciel, e projetos que estão tramitando junto ao Poder Legislativo Municipal. Há ainda pronunciamentos do vereador e fotos dele atuando como presidente da Câmara de Vereadores, como Primeiro Secretário do Legislativo (função que exerce este ano – 2011) e diversos momentos em que está atuando como vereador, em imagens nas quais está sozinho ou com outros atores sociais (autoridades políticas e eleitores).

Na sequência, ainda na barra à esquerda, o segundo *link* leva o leitor do *site* para o espaço intitulado: “O comunicador”, ou seja, à biografia midiática de João Carlos Maciel. Nesse, pode-se encontrar um breve texto, com erros de concordância verbal, falta de crases, acentos e pontuação ruim. O texto traz uma breve biografia de João Carlos Maciel e seu

²⁶ Niklas Luhmann traz o termo *re-entry* (ou reentrada), que seria a capacidade que possuem os sistemas autopoieticos que se diferenciam do meio de forma autofortificada de introduzir essa distinção no interior de si mesmos e de utilizá-la para a estruturação das próprias operações (2005, p. 28).

percurso histórico como radialista até a chegada em Santa Maria. No mesmo *link*, há o “espelho do programa”, no qual se pode observar os blocos e as diversas atrações que compõem o programa radiofônico.

Também há uma descrição das ações desenvolvidas na esfera política e assistencialista, demonstrando a intersecção destas ações com o campo midiático. Por meio de entretítulos grifados em negrito, o espaço esclarece sobre as ações sociais propostas pelo programa como: as campanhas; sua estrutura física (Sede Social, veículos disponibilizados para o trabalho assistencial); dados sobre a equipe de trabalho; relação das empresas que apoiam o programa por meio de recursos destinados à manutenção dos veículos do projeto assistencial; os prêmios recebidos pelo programa, formas de participação do programa e do projeto solidário e por fim, a missão proposta pelo radialista ao agenciar o funcionamento do dispositivo. O *site*, desta forma correferencia os elos, ou seja, esclarece sobre a articulação dos *elos de práticas midiáticas e não midiáticas*, dando corpo e vida ao processo de mediatização do social.

Em seguida, no mesmo *link*, o destaque é para a ação social, como os serviços prestados. Abre-se uma janela onde estão dispostas as fotos e informações sobre atendimentos do que se descreve como: “Profissionais voluntários do programa João Carlos Maciel”. Estes são Newton Iruá Scherer Júnior, Vinícius Hubner e Carolina Gomes Lozardo. Os três prestam serviços jurídicos gratuitos junto à Sede Social do Programa João Carlos Maciel em diversos horários da semana.

Isaias Inkelmann Dorneles é contador e também atende a comunidade gratuitamente, junto à Sede. No espaço, além das fotos e informações sobre horários de atendimento, também é possível clicar num outro *link*, o qual esclarece de maneira mais direcionada quais são os serviços sobre os quais os profissionais estão mais aptos a prestar esclarecimentos.

Com um novo *clic*, se torna ainda mais evidente a autorreferencialidade. O leitor do *site* encontra uma galeria com dezenas de fotografias de João Carlos Maciel atuando como: radialista no estúdio da emissora, na sede social, com fãs e amigos do comunicador. Todas as fotos são legendadas. Ao final deste espaço, há uma frase: “Se você tem uma foto ao lado do seu ídolo (referendo-se a João Carlos Maciel) mande para o endereço de *e-mail* de Isaias Dorneles – organizador da página (isaisasdorneles@globo.com).

Depois de sair deste *link*, o próximo disposto à esquerda da página *virtual* tem como título: “Amigo especial”. Aqui, o leitor terá informações sobre um dos quadros do programa radiofônico. O texto explica o objetivo da atração, como participar e, num texto final, há agradecimentos às pessoas que apoiam a iniciativa, ou seja, os patrocinadores.

São dispostas fotografias com a equipe do Restaurante Cantone, que patrocina o quadro e as fãs/ouvintes que participaram. João Carlos Maciel também aparece em algumas das fotos, ao lado de ouvintes (todas são mulheres). As fotos revelam que o programa consegue atingir o público feminino, em maior proporção que o masculino.

Ingressando num novo *link*, volta à referência à ação social, ou seja, o espaço do “Caminhão da Solidariedade” no qual o *site* mediatiza o trabalho de recolhimento e doação de bens materiais disponibilizados pela comunidade. Os caminhões funcionam como *elo* de relação entre as lógicas interseccionadas. É a mediatização móvel do programa e de suas práticas sociais, ampliando a visibilidade das operações engendradas a partir da lógica midiática, (veremos no texto sobre a articulação do dispositivo, na sequência).

Logo no início, há informações sobre a proposta do uso dos caminhões, justificando sua importância e sobre o funcionamento da iniciativa. O texto também esclarece que os custos de manutenção dos veículos são pagos pelo próprio vereador e por meio do apoio de empresas. Ainda existe um breve texto no qual o comunicador interpela o leitor do *site* a participar do projeto assistencialista:

Seja solidário! Ajude a construir um futuro melhor para o seu próximo, doe roupas, alimentos, remédios, móveis etc., muitas vezes você tem “coisas” em sua casa que não usa, que não tem serventia para você. Mas, que para muita gente está fazendo muita falta. Seja solidário, ajude seu próximo! Ligue (55)3028 - 2500, que a equipe do caminhão da solidariedade vai até você. Através do “Caminhão da solidariedade”, o programa recolhe e distribui donativos nos diversos bairros e vilas da cidade! (MACIEL, 2011).

O texto destaca que a missão dos “Caminhões da Solidariedade” – são dois, um adquirido em 2010 – é para fazer pelo menos vinte visitas por tarde, o que nem sempre se torna possível, de acordo com os voluntários que atuam junto aos veículos. As fotografias, todas legendadas com textos explicativos das ações desenvolvidas, dão referência aos caminhões, à equipe que atua nesse processo de recolha e doação. Apenas uma doadora aparece numa das fotografias. (As lógicas em operação serão visualizadas na sequência, em texto específico).

A “Campanha de livros”, como está no *link* localizado na sequência, é uma campanha de arrecadação e distribuição de material escolar que visa auxiliar as escolas na disponibilização de material didático aos alunos. Mais uma vez, aqui, a mediatização das ações sociais. Esta é mais uma forma de vislumbrar a lógica assistencialista afetando, e, sendo afetada pelo campo midiático. O texto destaca que escolas de outros municípios também são

beneficiadas com a campanha.

Várias escolas já foram beneficiadas, esta é mais uma delas no município de Dilermando de Aguiar, Escola Valenti Bastianello na localidade de São José da Porteirinha – possui mais de quatrocentos alunos.

Sete fotos retratam João Carlos Maciel com professores, direção da escola citada acima e alunos com os livros e demais materiais sendo entregues no educandário. As fotos, no *site*, ampliam ainda mais as práticas sociais dos benefícios assumidos pelo programa com principal articulador. A campanha configura-se como tática política, mas que é tematizada sob forma de um apelo assistencial, pelo discurso radiofônico empreendido no programa, e no *site* pelas fotos que serviriam como um espaço de prestação de contas da ação assistencial, como efeito do próprio campo midiático afetando-se, regulando-se.

Um novo *link* apresenta fotos e informações a respeito de outro elo, o Grupo *My Heart*, que teve dois anos de duração e logo foi extinto. Tratava-se da mobilização social, ou seja, de convidar crianças de dez a treze anos, para que, por meio de diversas atividades trabalhassem na conscientização de vários temas educativos junto à comunidade, em especial com relação às boas maneiras nas relações sociais. Fotos legendadas com o nome da equipe estão disponíveis no *site*.

O campo religioso que aparece no *link* “Missa da Saúde” também afeta e é afetado por outros campos sociais. O enlace entre campos acontece quando a missa da saúde, outro elo que constitui o programa João Carlos Maciel e é midiaticizada pelo *site* com um texto no qual explica o intuito da promoção do evento religioso. Existem vinte e cinco fotografias que apresentam a mobilização de fiéis para participar da missa que ocorre no município vizinho em Itaara. As imagens retratam as filas para o embarque dos ônibus contratados pelo programa, que saem em frente à Sede da Rádio Medianeira AM. As legendas descrevem as imagens no *site*.

Também, são exibidas fotos dos motoristas de uma das empresas que realiza o transporte; a chegada dos fiéis no local da missa; o palco montado como altar (o padre e equipe de liturgia); o lonão que abriga as pessoas; João Carlos Maciel com outros sujeitos durante a missa, e a equipe do programa fica responsável ao longo da semana que antecede o evento de distribuírem as fichas, que garantem o acento gratuito no ônibus que transporta os fiéis até Itaara.

A midiaticização da maior campanha realizada pelo programa radiofônico, “Natal do Amor Maior” ganha proporções de espetáculo no *site*. O *link* leva o *internauta* a conhecer o objetivo de mais este elo, entre os campos sociais envolvidos na trama, por meio de um breve

texto que destaca o funcionamento da iniciativa. O *site* traz informações de eventos de 2007, 2008 e de eventos anteriores. O texto afirma que são cinco mil crianças e três mil e quinhentos adultos beneficiados. Mas João Carlos Maciel afirma que são sete mil crianças assistidas pela campanha com brinquedos e doces.

No *link* podem-se encontrar dezenas de fotografias dos eventos de 2007 e 2008, todas legendadas. Um outro *link*, dentro deste, permite que sejam acessados os nomes das madrinhas e coordenadores do “Natal do Amor Maior” (conforme explicamos em texto referente a este dispositivo), e há também fotos de eventos anteriores misturadas. O destaque são os brinquedos, as pessoas que compõe às equipes de trabalho e as crianças e adultos beneficiados.

Essa ampliação da visibilidade do que se configura como, o maior evento e a ação de maior impacto social, promovida pelo programa, mais uma vez revela a articulação de campos sociais. A afetação do campo midiático sobre ele próprio, sobre o assistencialismo, e sobre o político transparece nas diferentes práticas regidas pela lógica midiática, ou seja, as operações são construídas a partir de operações advindas do campo midiático, mas, está afetado em consequência de outros campos, (os detalhes serão descritos em texto específico).

João Carlos Maciel disponibiliza um *link* especial somente para ampliar a visibilidade do recebimento do 18º Prêmio Landel de Moura – evento promovido anualmente pela Arquidiocese de Santa Maria, em comemoração ao Dia Mundial das Comunicações – 1º de junho. A promoção é transmitida ao vivo pela Rádio Medianeira e com espaço de divulgação nos demais meios de comunicação da cidade e região, ocorreu na Catedral Diocesana, com a presença do então Bispo Dom Ivo Lorscheiter. A premiação ao programa João Carlos Maciel ocorreu em 2003. Cinco fotografias legendadas estão disponíveis no *site*.

O elo de contato que constitui o *site* também oferece um *link* para os fãs de João Carlos Maciel. O *link* “Super fãs”, ou seja, mais um elo midiaticizado pelo *site*, traz um texto de abertura explicando porque a adjetivação dada a algumas ouvintes do programa radiofônico. Também, apresenta fotos e depoimentos de nove “super fãs”. Na legenda consta o nome delas. Nas imagens, todas demonstram seu carinho pelo comunicador por meio de álbuns de fotografias, recortes de jornal e outras imagens e informações a respeito da biografia e das ações sociais realizadas pelo ídolo. As fãs respondem a seguinte pergunta, que está escrita no *site*, assim: “Porque eu sou uma super fã?”

Por que eu pesquiso sobre toda vida de João Carlos Maciel, acompanho passo a passo a vida desse “mano” querido desde 1999, me considero uma super fã, pois coleciono recortes de jornais, revistas, fotos, tudo a respeito desta pessoa querida, que sempre esta junto nas horas tristes e alegres. Meu ídolo Maciel é tudo para mim (Maria Dutra – Residente na Tancredo Neves).

No fragmento, é possível visualizar os vínculos instituídos entre o ator e os demais sujeitos. Isso é efeito das operações interações feitas pelo sistema midiático. Os enunciados são midiaticizados por meio do site, dando pistas de como as estratégias do campo midiático circula e de qual uso desse conteúdo faz a recepção. São indícios das afetações da midiaticização, conforme pode-se considerar nas pesquisas sobre a incidência do fenômeno em diferentes práticas sociais, abordadas no primeiro capítulo da tese.

O ator responsável pela articulação do dispositivo é referenciado pelos sujeitos comuns que ao serem midiaticizados, passam a protagonizar a cena midiática, dando efeito às aspirações de visibilidade do próprio ator. Mais uma vez, como em todo o conteúdo disponibilizado, se observa erros no emprego de algumas palavras como, neste caso, a palavra “Porque”, deveria ser “por que”, por carregar o significado de qual razão e, na resposta da super fã, o “por que” separado, deveria ser escrito junto – “porque”, atendendo a norma, justificando a causa da ação.

A equipe de João Carlos Maciel é apresentada no penúltimo *link* de interação do *site*. São dezessete fotografias legendadas. Na primeira, João Carlos Maciel está ao lado de Carlos Alberto Teixeira (Carlão) sonoplasta da Rádio Medianeira. Depois José Claudio Rigui e Pedrinho Bitencourt (voluntários) numa foto em frente ao Caminhão da Solidariedade. Fabiano Bitencourt ladeado de João Carlos Maciel no estúdio do programa é a terceira foto. Os advogados Newton Iruá Scherer Júnior, Vinícius Hubner e Carolina Gomes Lozardo estão, cada um, nas fotos subseqüentes.

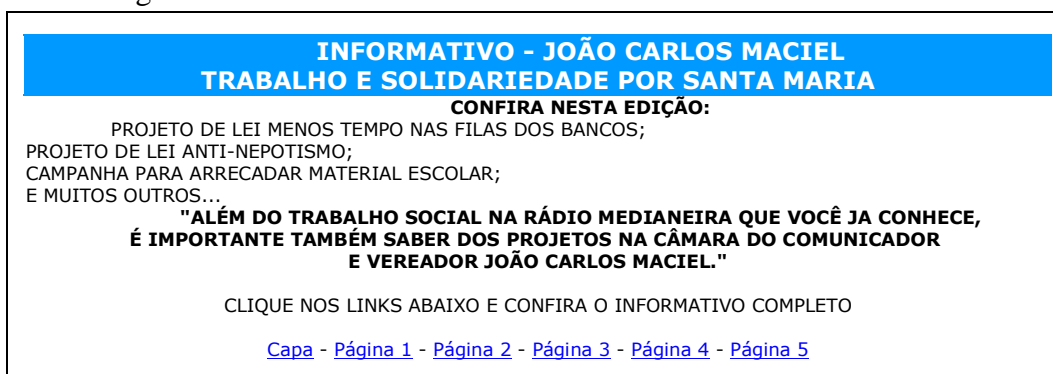
Isaias Inkelmann Dorneles está novamente neste *link*. Depois disso, uma fotografia de João Carlos Maciel com Odaliz Eleutério Alves (Dadá), outro sonoplasta da Rádio Medianeira AM, e que também atua como comunicador na Medianeira FM. O sonoplasta Carlos Alberto Teixeira volta a protagonizar uma fotografia. Em seguida, o diretor e coordenador de programação da rádio Medianeira, Luiz Ademir de Oliveira também ilustra a página *virtual* com sua imagem. Wagner Costa dos Santos (recepcionista da emissora radiofônica) e Carmen Lúcia Schaurich (coordenadora do gabinete do vereador João Carlos Maciel) estão no álbum. Malvina Trevisan Debus, Vani Machado dos Santos, Simone Santos da Silva, Fátima Vargas e Norma Parmeggiani (todas voluntárias do programa) tem suas fotos neste espaço.

Por último, na barra de acessos da esquerda do *site*, está o *link* “Contato”, no qual João Carlos Maciel disponibiliza horários, locais, números de telefone e seu *e-mail* para interagir com a comunidade. No final da página *virtual*, salienta que “Obs: o seu *e-mail* será respondido o mais rápido possível, conforme a ordem de *e-mails* recebidos”.

Uma barra de interação, do lado direito da página inicial do *site*, convida o *internauta* a fazer parte da legião de fãs do João Carlos Maciel. Uma foto do comunicador com a frase: "Faça parte do fã clube", tenta convencer o público a acessar o *link*. Dentro dele, o texto interpela para aqueles que o acessarem, procure a Sede Social do programa para preencherem a carteirinha do Fã-clube. Uma imagem da frente e verso do documento está disponível no *site*. Os enunciados interpelam o sujeito a fazer parte do fã clube, mas não explica qual, ou quais, vantagens esse documento pode trazer para o associado.

Na galeria de imagens que é disponibilizada na parte central do *site*, ainda há outras dezenas de fotos e enunciados das ações do ator como vereador, comunicador e de seu envolvimento com a comunidade por meio de seu trabalho assistencialista. Há espaço para curiosidades sobre o ator, um quadro com seu perfil, e no final do *site*, o "Informativo João Carlos Maciel". Este é um jornal, disponibilizado para "baixar", conforme (figura 10).

Figura 10 - *Link* de acesso ao informativo midiaticado do vereador



Fonte: Maciel (2011).

A capa do jornal traz o ator, referindo a sua *performance* como político, mas logo abaixo, uma espécie de publicidade de seu programa radiofônico, conforme (figura 11).

O jornal é um meio de informação do gabinete do vereador, conforme a descrição na capa.

Figura 11 - Jornal midiaticizado no site

Informativo
João Carlos Maciel
INFORMATIVO DO GABINETE DO VEREADOR JOÃO CARLOS MACIEL - SANTA MARIA

TRABALHO E SOLIDARIEDADE POR SANTA MARIA.

Confira nesta edição:

Menos tempo nas filas dos bancos.
Projeto de Lei aprovado! Confira mais detalhes na página 2.

Projeto de Lei Anti-nepotismo.
Parlamentares não podem mais contratar parentes. Página 3.

Campanha para material escolar.
De olho pra não faltar material escolar. Campanha quinzenal. Página 3.

Ao mesmo tempo, em que agradeço a votação recorde de Santa Maria na última eleição municipal, quero aqui fazer um registro dos nossos deveres cumpridos. Mas não posso esquecer de dizer, que me orgulha o fato de ser vereador da nossa cidade, porque além do trabalho de solidariedade individual, ou seja para famílias (pessoas em particular), hoje tenho a possibilidade de promover um trabalho para um grupo maior de pessoas por meio de projetos. Além da vitória pessoal, eu pude com isso ampliar todo trabalho social que temos, bem como manter todos os mecanismos para realizá-lo com menos dificuldades. Obrigado povo de Santa Maria, obrigado meus eleitores. Estou trabalhando por vocês.

João Carlos Maciel. Eleito o vereador mais votado de Santa Maria em 2004, com 6.575 votos.

“ Além do trabalho social na Rádio Medianeira que você já conhece, é importante também saber dos projetos na Câmara do comunicador e vereador João Carlos Maciel.”

Confira nesta edição quais os projetos do vereador para Santa Maria.

OLÁÁÁ GENTE!
Rádio Medianeira-AM 1130.
7:00hs às 11:45 De Segunda a Sábado.

João Carlos Maciel
PROGRAMA
“O HOMEM ALEGRIA DO RÁDIO”


Visite a nossa página na internet:
www.gmccontabilidade.com/jcmaciell

Fonte: Maciel (2011).

Na galeria de imagens disponibilizadas pelo *site*, ainda pode-se encontrar imagens de adesivos que o ator lançou para midiaticizar suas ações. São três modelos. (conforme visualizaremos em texto na sequência). Há um adesivo que o ator lançou fazendo alusão aos 150 anos de história da cidade de Santa Maria. A imagem dos adesivos está disponível para ser baixada pelo *internauta*. Também, há a informação de que os adesivos podem ser retirados na emissora, da Sede Social, no gabinete do vereador, na Câmara de Vereadores ou junto aos Caminhões da Solidariedade.

Logo mais abaixo, postado em 2011, há uma imagem com o seguinte enunciado: “Oração para purificar o ambiente. Faça parte dessa corrente de fé!” É mais um exemplo de como o *site* funciona com espaço de acolhimento e intersecção de manifestações discursivas de diferentes e campos sociais. A oração, impressa, pode ser retirada com “a equipe João Carlos Maciel”, conforme (figura 12).

Figura 12 - Oração midiaticizada para purificar o ambiente



ORAÇÃO PARA PURIFICAR O AMBIENTE

Muito obrigado, Deus, por este local de trabalho,
 Deus, ilumine, oriente e proteja a todos aqueles que aqui entrarem.
 Deus, muito obrigado pela Sua segurança e proteção.
 Em cada centímetro de área deste ambiente abençoado,
 Deus se manifesta, purificando-o em definitivo.
 Muito obrigado, Deus!

Aqueles que vierem com maus pensamentos, ao cruzarem esta porta abençoada,
 purifica-lhes as mentes, tornando-os nossos melhores amigos.
 Deus zela por este local sagrado e protege-o também,
 fazendo com que amigos, parentes, vizinhos, tenham a satisfação de estar aqui
 e partilhar de perene amizade em sublime confraternização.

Uma lembrança do Programa **JOÃO CARLOS MACIEL**

Contato:
 Sede do Programa: Rua Dr. Pantaleão, nº 200 / Fone: 3028 2500
 Fone Rádio Medianeira: 3222 0210 / 3222 9500

Site: www.joaoCarlosMaciel.com.br

Fonte: Maciel (2011).

Outra inovação do *site* é a disponibilização de um *link* que leva o *internauta* a ouvir o programa *on-line*, conforme (figura 13).

Figura 13 - Rádio *Online*: remidiaticizando o programa



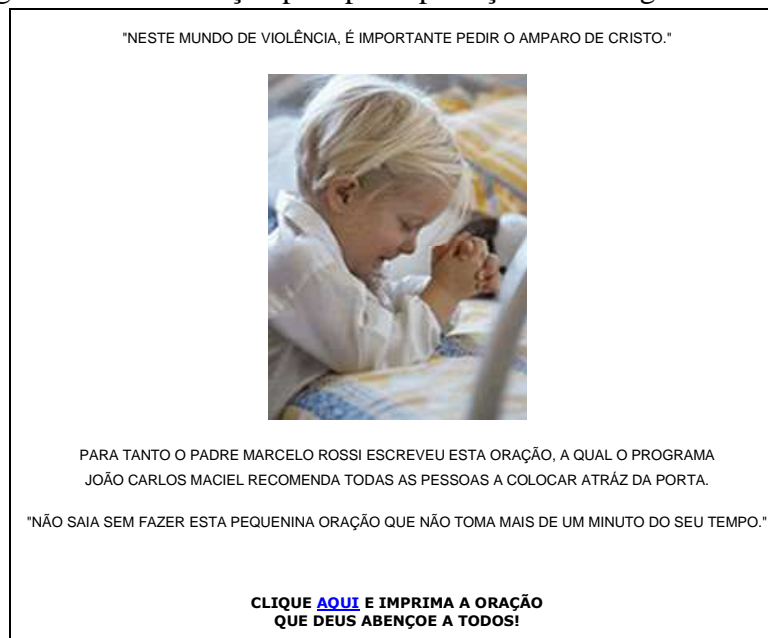
**Rádio
 Online**
Clique e Ouça!!!

Fonte: Maciel (2011).

O *link* dá acesso irrestrito aos internautas, para que possam acompanhar o programa pela *internet*. Na galeria de imagens e informações, ainda há a “oração de proteção ao lar e a

família!” Uma imagem é disponibilizada para impressão, junto com a oração, que só pode ser acessada se o *internauta* interagir com o *site*, conforme (figura 14). Os enunciados são:

Figura 14 - Uma oração para pedir proteção - estratégia de vínculo



Fonte: Maciel (2011).

Do lado direito do *site*, ainda, há um dispositivo que atualiza informações utilitárias como a previsão do tempo para Santa Maria, com indicações de temperatura máxima e mínima para data. Logo abaixo, o único anúncio publicitário do site é de uma empresa de Contabilidade, a GMC Contabilidade. Com poucos recursos técnicos, o *site* apresenta, em seu *layout*, a predominância das cores azul, branco e vermelho.

A descrição do *site* e as considerações que se pode fazer ao longo deste subitem sugerem inferir que o *site* mostra por sua estrutura os circuitos, o processo de circulação no qual o trabalho de mediação opera uma noção de social. Ele é uma síntese didática de como se dão as operações e de como o sistema midiático e o meio, o entorno social, convergem, estruturando um espaço de interpenetração.

Especialmente este site reproduz de certa forma a dinâmica que configura a ação entre os *elos de práticas midiáticas e não midiáticas*. A sua estrutura ancora os elos num único espaço. Os *links* contextualizam as ações engendradas no dispositivo radiofônico, ampliando a visibilidade de uma totalidade de práticas sócias e, ao mesmo tempo, as afetações dos diversos campos sociais presentes em tais práticas. O *site* concentra, num só espaço, as operações do dispositivo, autorreferindo-se, mediando a mediação do social.

3.2.7 Adesivos: emblemas que “colam” no dispositivo

Os adesivos são mais um elo que o dispositivo utiliza para estabelecer contatos com práticas e ações dos diferentes campos sociais. Como aborda Rodrigues (1994) é uma espécie de emblema que estabelece uma marca pela qual se contrai uma relação entre o programa e os indivíduos. O material é disponibilizado por meio do *site*, na sede social, na Câmara de Vereadores e na emissora radiofônica. Uma mensagem de caráter interpelativo dirigida aos militantes da ação social. É desencadeada pelo operador do dispositivo e se faz explícita no enunciado nos adesivos.

Os dois primeiros, em formato de coração, conforme a (figura 15), visam causar efeitos de comoção aos sujeitos. Os enunciados são iguais, com exceção das frases que ficam em destaque: “Eu pratico!” e “Eu tô nessa”. Nestes enunciados, vislumbram-se a interligação entre os campos sociais que se identificou ao longo da tese. São eles o midiático, político e assistencialista. A articulação destes campos pode ser apontada pela estratégia enunciativa apresentada no adesivo. É o texto que indica os sentidos protocolados pelo operador como estratégias de persuasão dos receptores.

Figura 15 - Emblemas que “colam” no receptor



Fonte: Maciel (2011).

A primeira frase, afirmativa, propõe ao sujeito vincular-se à militância assistencialista pelo programa e seu ator principal, o que é reafirmada pelo enunciado que ganha destaque com formato e cor maiores. Na sequência, como se interligasse o sistema de relações que se impõe, há a referência ao programa radiofônico, espaço no qual a midiaticização da tematização da lógica assistencialista em jogo é mais uma vez articulada.

O enunciado “A minha voz”, pode-se configurar um contrato de leitura no qual as três lógicas estão imbricadas. Sob o viés do campo midiático, a expressão remete à voz como instrumento de mobilização dos sujeitos envolvidos na trama radiofônica. No campo assistencialista, o enunciado remete ao sentido, no campo receptor, de que o programa radiofônico tem o poder de ação social capaz de atender as demandas que lhe são apresentadas.

Já a afetação do campo político pode ser vislumbrada ao refletir sobre o sentido de que o ator, pelo fato de ser vereador, representar os demais sujeitos, como se fosse a voz do povo, ou seja, o discurso de autoridade que sustenta remete ao sentido de que os sujeitos devem acreditar na forma de representação e poder do ator junto aos órgãos públicos que, no sentido de Goffman (2010), por meio do discurso, articulará em prol do contexto social engajado.

Outro adesivo criado pelo dispositivo radiofônico é parecido com os anteriores. Está sistematizado, na figura a seguir, conforme afetações do campo midiático e assistencialista. Os enunciados destacam o campo midiático, anunciando o nome do programa e o *slogan*: o homem alegria do rádio, autorreferenciando-o. A expressão “Doação Presente” carrega o sentido de que o ato de doação se configuraria com uma espécie de presente que se estaria dando ou recebendo do próximo.

Uma pequena imagem de uma mão infantil (figura 16), sendo tocada por uma mão de um adulto faz remissão ao ato solidário, em especial à Campanha do “Natal do Amor Maior”, cujo objetivo é arrecadar brinquedos para crianças. (Como poderá observar-se em texto na sequência). A seguir a referência à Sede Social do projeto assistencial mantido pelo programa, com o número de telefone, para contato, indicando um dispositivo de interação com o campo receptor, dentro do elo (o adesivo).

Figura 16 - Adesivo midiaticizador



Fonte: Maciel (2011).

Na parte inferior do documento, o reforço ao campo assistencialista: Ação e solidariedade, com o objetivo de autorreferenciar as iniciativas do ator e sua intenção, sempre renovada em constante articulação, de mobilizar novos militantes à causa determinada.

Configurado como mais um *elo de práticas não midiáticas*, o programa João Carlos Maciel conta com o apoio do fã-clube e das seis equipes de apoio do programa, que pertencem ao fã-clube e se espalham fisicamente pela cidade. As equipes de trabalho assistencialista (cada uma é composta por um número diferente de pessoas) podem ser caracterizadas, nos moldes de Goffman (1985), como “equipes de representação”, referindo-se a qualquer grupo de sujeitos que cooperem na encenação. Mobilizados pelas lógicas que permeiam o funcionamento do dispositivo, tais grupos se unem mensalmente na casa de uma família de determinado bairro para contabilizar as doações. Esse movimento alastra o encadeamento interacional dinamizado pelo dispositivo, somando novos adeptos, a cada ano.

3.2.8 “Super fãs de carteirinha”: o alastre dos encaixes

O radialista João Carlos Maciel criou uma expressão e uma carteirinha para identificar os seus “militantes”. Neste sentido, como forma de caracterizar aqueles sujeitos que participam do programa intensamente, engajando-se nas campanhas e ações sociais promovidas ao longo do ano, adjetivou-os de “super fãs de carteirinha do João Carlos Maciel”. A mobilização dos sujeitos, para que se tornem membros do fã-clube, é feita por meio do discurso do apresentador no programa radiofônico.

O documento, conforme (figura 17), é entregue junto à Sede Social do programa. Consta de um documento de papel, de cor amarela, com uma fotografia do comunicador, ao lado direito de quem lê. Na borda superior, consta o enunciado: Programa João Carlos Maciel: o homem alegria do rádio. Centralizado, estão escritas as palavras fã clube, em vermelho, dentro de um coração. Logo abaixo, na borda inferior, como se fosse uma nota de roda pé, consta uma espécie de tarja azul com a seguinte frase: Esta carteirinha é uma lembrança do apresentador ao seu torcedor.

A carteirinha serve com documento para legitimar o elo, a adesão que um fã-clube representa no processo de constituição do dispositivo de mediação do social. A conexão dá transparência a formação de uma comunidade de pertencimento, como Salomão (2003) pontua quanto à capacidade do rádio de absorver características do receptor, e traçar estratégias de captura do mesmo através de marcas de identificação.

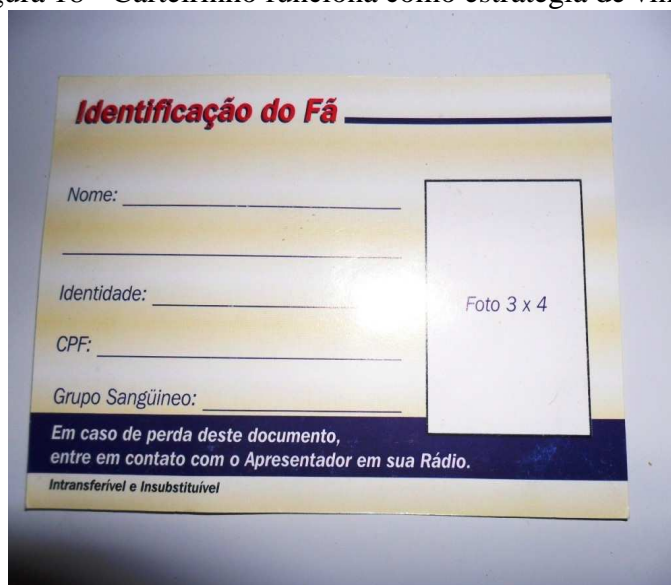
Figura 17 - Carteira do Fã Clube



Fonte: Maciel (2011).

Já na parte de trás da carteirinha (Figura 18), o texto na borda superior diz, em vermelho: Identificação do fã. Logo abaixo, há espaço para nome, número da carteira de identidade, CPF e grupo sanguíneo. Ao lado direito, o fã tem espaço especial destinado para colar uma fotografia 3x4.

Figura 18 - Carteirinho funciona como estratégia de vínculo



Fonte: Maciel (2011).

Uma tarja azul explica: Em caso de perda deste documento, entre em contato com o Apresentador em sua Rádio. Mais abaixo, em letras bem menores, e fora da tarja azul, ainda está escrito: Intransferível e Insubstituível. O enunciado quer dizer que o sujeito, possuindo a carteirinha, é marcada pelo programa, carregando consigo uma das marcas de identificação do dispositivo. São mais de cinco mil fãs cadastrados na Sede Social. Podem integrar o fã-club

crianças a partir de oito anos. Para João Carlos Maciel, a vantagem do fã-clube é a posse da carteirinha que identifica os sujeitos em caso de perda de outros documentos. Este *elo*, assim com os demais, relaciona os campos midiático, assistencial e político.

O sujeito é interpelado através da lógica midiática e inserido em seus protocolos. Mas ao se relacionar com o programa por meio da adesão ao fã clube, está aderindo à lógica assistencialista e política que ali estão contidas, mascarada pelo discurso radiofônico empregado como estratégias de vínculo, ou seja, infere-se que o campo político manifesta-se quando se pode interpretar a carteirinha de fã, como uma espécie de “santinho” – material publicitário utilizado por políticos em época de eleições. Assim como o fã-clube e os demais elos vislumbrados, outros pontos de contato são agenciados pelo operador do dispositivo.

Entretanto, como já vinha se dizendo, também existem operações as quais não estão diretamente ligadas ao campo midiático, mas que de alguma forma, são relacionadas e afetadas por ele. É o conjunto de ações que pertence ao dispositivo, pois a operacionalização de seu funcionamento parte do programa radiofônico e dos enlaces com os *elos de práticas midiáticas*. Neste sentido, no item seguinte, aborda-se o entendimento do que são os *elos de práticas não midiáticas* e descreve-se o funcionamento dos elos no contexto do corpo do dispositivo.

3.3 OS ELOS DE PRÁTICAS NÃO MIDIÁTICAS

Como já foi destacado no começo desta pesquisa, o objeto em análise conta com uma peculiaridade em comparação ao outros programas radiofônicos que exploram o mesmo filão assistencial, ou seja, o comunicador João Carlos Maciel mantém e aciona, diariamente, um projeto assistencialista, que mantém em paralelo com suas atividades de radialista e de vereador.

A partir dessa iniciativa são deflagradas uma série de ações que visam dar funcionamento a tais atividades. A dinamização do projeto no meio social está intimamente ligada ao programa radiofônico, pois é por meio do dispositivo de mediação que o comunicador processa as demandas advindas do social e busca atendê-las.

Assim, a existência de *elos de práticas não midiáticas* nos quais são postos em operação um conjunto de práticas sociais, cria um ambiente, porém reorganizado por meio da lógica da mediação. Neste sentido, se retomam as noções conceituais de mediação trazidas à tona anteriormente, para explicar a complexidade da constituição do dispositivo radiofônico aqui analisado, ou seja, que é preciso considerar seus processos interacionais, visto que, ela é um fenômeno que organiza toda a sociedade e, por isso, temos os cenários sociotecnológicos da

sociedade e suas dimensões explicativas. Conforme Fausto Neto (2006), estamos diante de um novo cenário onde se percebe a complexificação da cultura da mídia.

Imerso nestas condições, o dispositivo radiofônico é constituído por elos dotados de materialidades que envolvem o ambiente social. O programa radiofônico constitui um circuito interacional, mediante operações de mídia, a tal ponto que os transforma em atores dessas operações, com participação efetiva nas ações propostas pelo ator operador da lógica assistencialista que midiaticiza.

Nos próximos subitens, identifica-se e descreve-se a estrutura dos *elos de práticas não midiáticas*, a começar pela Sede Social.

3.3.1 Sede Social: segunda edificação de contato

O lado externo da Sede Social²⁷ está identificado com uma grande placa indicando que o local está subordinado ao programa radiofônico. De um lado, a palavra Sede, e do outro, as palavras Ação e Solidariedade reafirmando a ideia de que o espaço é destinado ao trabalho social desenvolvido pelo comunicador.

Centralizado, a frase em destaque: “João Carlos Maciel: o homem alegria do rádio” enfatiza uma das vinhetas que rodadas dentro do programa, assim como a expressão: “Olaaá gente” utilizada diariamente como uma marca de identificação do ator ao iniciar o programa, de segunda a sábado, conforme (Figura 19). O enunciado significa que o campo midiático se desloca para o campo social, ou se faz também no social, ao se deslocar do ambiente do programa para o ambiente urbano, misturado aos demais aspectos da cidade, configurando o que Mata (1999) classifica como uma marca da cultura midiática.

A expressão “Olaaá gente” causa nos atores sociais a sensação de pertencimento, como insumo para a construção de estratégias, ou seja, de atravessamentos de formas de discursos inerentes aos campos sociais. O que se tem é uma saudação compartilhada. Usada no rádio por João Carlos Maciel, conclama qualquer um que interiorize a mensagem como um convite para pertencer ao sistema que constitui. Dentro do sistema, assim que o convite for aceito, as lógicas que se relacionam, vão permear a vida dos atores compondo novos sujeitos pertencentes ao todo, como se fosse um nó da rede vai-se constituindo e reconstituindo ininterruptamente em sua processualidade diária.

²⁷ A Sede funciona de segunda à sexta-feira, na parte da manhã, das 8h30 às 11h30 e na parte da tarde, das 14h às 18 horas. Está localizada no Edifício Senzala, na rua Dr. Pantaleão, número 200, bairro Centro de Santa Maria/RS.

Figura 19 - A sede de João Carlos Maciel



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Podemos identificar nitidamente as marcas do cruzamento dos campos assistencialista, político e midiático. A lógica assistencialista, neste *elo* do dispositivo, é a que sobressai, indicando a existência de um espaço específico, no qual são engendradas as ações de solidariedade que alimentam as lógicas midiáticas no programa radiofônico, e as lógicas políticas por meio do trabalho de vereador.

Entretanto, como se salientava anteriormente, a centralidade (o dinamizador do funcionamento das operações desencadeadas neste elo é o campo midiático). É ele que institui as relações com os outros campos, por meio do processo de midiatização, ou seja, conforme Verón (1997) a relação dos meios com as instituições; dos meios com os indivíduos, das instituições com os indivíduos e a maneira pela qual os meios afetam as relações entre instituições e indivíduos.

Ao entrar na sede, logo se pode reparar que o local serve de depósito, como espaço de entrega de doações direcionadas à comunidade. Aqui há uma nova arquitetura, uma edificação diferente da sede da emissora radiofônica, mas que se relaciona com ela por meio de marcas do cruzamento das lógicas que envolvem o dispositivo.

O local é alugado por João Carlos Maciel e conta com duas salas amplas. No primeiro piso ficam os objetos a serem doados, de maior tamanho, como fogões, cadeiras de rodas, televisores, sofás, demais objetos como: armações para óculos, geladeiras, muletas e carrinhos de bebê. Também há uma bicicleta ergométrica e um triciclo, conforme (figura 20).

Figura 20 - Sala para guardar doações



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Ao lado desse material, há uma mesa onde João Carlos Maciel atende a população que procura a sede nas segundas-feiras à tarde (figura 21). Em outras oportunidades, mesmo nos dias em que ele não está no local, os sujeitos são atendidos pelos voluntários do projeto social.

Figura 21 - João Carlos Maciel atende à população



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Neste ambiente, a lógica assistencialista está em evidência, articulada com a lógica política. Entretanto, as práticas efetuadas aqui só são possíveis através de lógicas midiáticas, a partir do entendimento de que há uma ação designadora ativada pelo ator, enquanto comunicador radiofônico estabelecendo uma relação de circularidade.

É pelo programa de rádio que o sistema se move e se amplia, e o dispositivo interacional fechando o processo de circulação articulado pelo ator, ou seja, a vinda dos sujeitos até a Sede Social, a partir das operações desencadeadas pelo discurso do ator no programa radiofônico. O que se pode vislumbrar, assim como em outros espaços de interação articulados pelo dispositivo, de acordo com Fausto Neto (2006) é a relação entre a instituição e seus usuários sociais, passam a ser mediadas por protocolos que se apoiam nas lógicas da midiaticização, ou seja, nas afetações dadas pelo campo midiático em relação com os demais campos sociais.

Como se fosse um consultório psicológico ou um balcão de prestação de serviços públicos, a Sede Social atende a comunidade que é recebida pelas voluntárias. Elas fazem um cadastro do sujeito, com nome, data de nascimento, também pedem informações a respeito dos motivos que o levou até ali, conforme (figura 22).

Figura 22 - Voluntárias auxiliam no atendimento à comunidade



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

As voluntárias repassam o documento de identificação ao comunicador, que vai chamando para uma conversa particular por ordem de chegada. Este momento de “intimidade” entre o ator e os demais sujeitos que passam a pertencer à trama, dá condições de legitimar os vínculos, que inicialmente são propostos através do discurso no programa radiofônico.

Essencialmente, o contato direto e restrito a cada um dos ouvintes desencadeia a constituição de um vínculo, realçando ainda mais as afetações dos campos ali envolvidos, ou seja, constitui-se numa circunstância em que o campo midiático por meio de sua afetação, opera com um regulador.

A mesa, nos outros horários, os quais o locutor não comparece à sede, é utilizada por Fátima de Vargas, a coordenadora da Sede Social e que é responsável pelo gerenciamento do

espaço e dos demais voluntários. Ela atende cerca de duzentas ligações por dia. São doadores e pessoas em busca dos objetos disponibilizados na Sede Social. Cerca de cinquenta pessoas passam pelo local todos os dias. Esse contingente de sujeitos, na maioria das vezes é direcionado até a Sede por meio do programa radiofônico. Ou seja, mais uma instância do *elo* entre as lógicas midiática e assistencialista. Ali, a comunidade busca atenção às suas necessidades como remédios, alimentos, objetos de uso pessoal como roupas e objetos de uso doméstico, como uma TV ou uma geladeira. Também os remédios, a prestação de serviços e, às vezes, apenas alguma pessoa que ouça suas mazelas, seus problemas e conflitos pessoais e de familiares. Um conselho das voluntárias ou mesmo do próprio João Carlos Maciel, quando ele está presente, também mobiliza a ida das pessoas até o local.

À direita da mesa, na parede está um dos murais com retratos de João Carlos Maciel e sua equipe junto com os ouvintes. Sobre as fotografias, há uma frase escrita em letras garrafais, em vermelho: “*Assim construí minha história*”. Também há fotos das ações realizadas pelos voluntários de João Carlos Maciel com diversos sujeitos, que de alguma forma foram envolvidos pelas operações do dispositivo radiofônico. O ambiente está repleto de marcas autorreferenciais das práticas sociais vinculadas ao dispositivo, destacando a *performance* do ator e suas representações, comportamentos e rituais em espaços públicos.

Neste espaço também ficam depositados materiais de doações e um sofá para acomodação das pessoas que procuram a sede (figura 23). O local, que também é estruturado para acolher os sujeitos que acessam o dispositivo, oferece mais conforto do que os ambientes da emissora, descritos anteriormente.

Figura 23 - Sala de espera da Sede Social



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Entre as peculiaridades do ambiente está, depois de uma porta que leva ao único banheiro do local, um pequeno “altar”. Uma mesa, coberta com uma toalha branca e, sobre ela, diversas imagens de diferentes santos da igreja católica doadas pelos usuários. Também há espaço para velas. Diversas pessoas passam por ali todos os dias apenas para fazer uma oração. O altar foi constituído ao longo do tempo, pelos usuários da Sede Social (figura 24).

Figura 24 - Um pequeno altar na Sede Social: o campo religioso também é acionado



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Logo acima da mesa do altar, numa porta que está fechada, se destaca uma imagem de Jesus em oração. Também se identificou algumas caixas de papelão que estão cheias de utensílios para doação, há um quadro com a imagem de João Carlos Maciel, quando era mais jovem.

A estruturação do altar na sede social funciona como estratégia, ou seja, como espaço de significação do campo religioso, afetado pelos demais campos. Isso acontece, porque o acesso ao altar é midiaticado através do operador do dispositivo. A sua localização dentro da Sede Social, também conta com a afetação do campo assistencialista e político, entrelaçados ali aos demais campos sociais.

Ou seja, assim, o campo religioso não se faz presente apenas na estrutura do programa radiofônico (como vimos anteriormente), mas também se dispõe como espaço de ação social, acoplado com o campo midiático, que dá visibilidade e sustento à ideia de que este lugar merece atenção e relação com os sujeitos, ouvintes que se transformam em fiéis. Fiéis que se transformam em militantes de uma ação social proposta por meio de acoplamentos dos campos sociais. Este ambiente visa dar legitimação à ação social, constituindo-se como materialidade do campo

político se valendo de outras simbólicas para atribuir níveis de legitimidade à sua ação, que é compartilhada pelos imaginários e mundo da vida dos sujeitos sociais.

As pessoas frequentam o lugar, muitas vezes, apenas para fazer uma oração, ou mesmo para deixar alguma vela acesa ou alguma mensagem, escrita em papel, sobre a mesa. Também são deixadas imagens de santos e outros produtos religiosos. O altar, segundo Maciel (2011), foi constituído pelos indivíduos que, aos poucos, foram aumentando o número de imagens de santos e outros objetos sacros sobre a mesa.

Ao lado do espaço religioso, encontram-se alguns carrinhos de bebê que ficam dispostos neste espaço para as mães que procuram o objeto. Centralizada ao lado de mais alguns sofás, está uma mesa de plástico, na qual ficam dispostos mais objetos provenientes de doações como leite em pó, conforme (figura 25). Também há frascos de produtos de limpeza e duas térmicas, sendo que uma delas está com água para o chimarrão, que é servido aos visitantes.

Figura 25 - Itens provenientes de doações



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Do lado direito da sala, para quem acessa o ambiente, estão duas mesas, próximas uma a outra, formam o espaço destinado aos atendimentos jurídicos e contábeis ao longo da semana, conforme horários especificados. Uma das demandas mais atendidas são encaminhamentos judiciais de aposentadorias.

Atrás das mesas há uma grande estante de madeira, com objetos os mais diversos, mas, sobretudo, com fotografias de João Carlos Maciel em mais uma de suas ações sociais. No canto, há um computador, utilizado pelos prestadores de serviços jurídicos e contábeis. Na

parede, fotos da trajetória de João Carlos Maciel como radialista e político, autorreferenciando-o. Ao lado, mais um mural que ocupa boa parte da parede, tratando-se de um painel que pretende visibilizar as ações propostas pelo comunicador, mas que na verdade são ações eleitoreiras do vereador que ele é. São seis mil fotografias do comunicador com seus ouvintes, eleitores e fãs. Também estão nas fotos os voluntários das campanhas desenvolvidas ao longo do ano e pessoas da comunidade beneficiada.

Muitos sacos e sacolas com roupas que serão doadas ficam dispostas para serem levadas pelo Caminhão da Solidariedade, conforme (figura 26), onde também se visualiza um retrato do apresentador quando era mais jovem. É como se as doações estivessem sob o olhar supervisionante de João Carlos Maciel, mesmo ele não estando o tempo todo presente, fisicamente.

Figura 26 - Diversos itens para doações



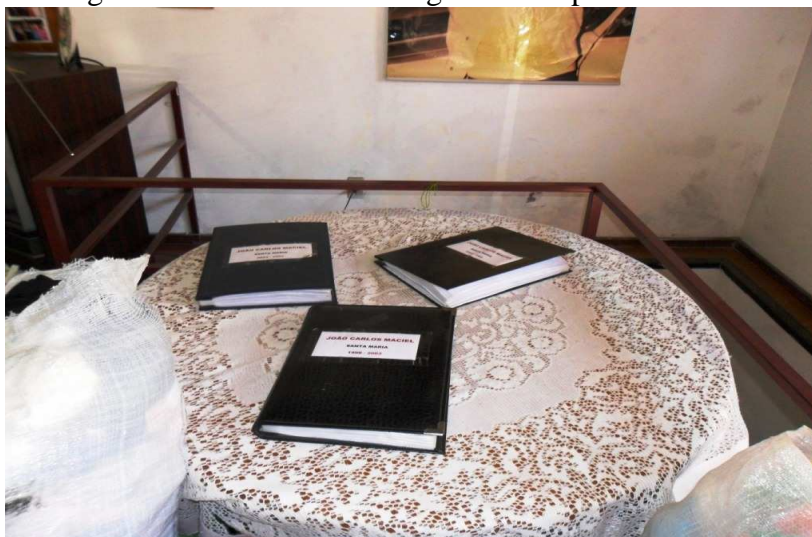
Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Chama atenção, também, uma mesa, com toalha branca, especialmente utilizada como espaço de disposição de álbuns de fotografias de João Carlos Maciel. Nos alguns (três), observa-se que há uma espécie de *clipping* - expressão utilizada em Assessorias de Comunicação, ou seja, uma coleta de fotos, recortes de jornais e outros documentos que refletem as manifestações de João Carlos Maciel como político e como radialista. Este material é proveniente de recortes de jornais da cidade.

Há fotografias com fãs, dos veículos, de Maciel com outros políticos e amigos. Os álbuns, organizados por tarjas que indicam o ano em que o material foi publicado, podem ser acessados por qualquer pessoa, estão ali para serem observados, exercendo a função de legitimação das práticas sociais desencadeadas pelo sistema constituído e em constante operação (figura 27). As fotografias midiaticizam as ações do ator e seus militantes, transformando estes últimos em testemunhas das operações do dispositivo. Os álbuns se configuram como uma espécie de memória que privatiza a ação pública de midiaticização do social. Apenas os sujeitos que forem até a Sede Social tem acesso ao material.

Assim, a manutenção da Sede Social também funciona como espaço de ampliação da visibilidade das práticas não midiáticas, mas que possui marcas do campo midiático em seu interior, como os quadros com fotografias das ações do ator e os álbuns dispostos sobre uma mesa. A Sede Social é mais do que isso. Configura-se também em micro-ambientes, funcionando como espaço caritativo, realizando ainda múltiplas funções, como de natureza familiar, religioso, médico, psicológico, de prestação de serviços e como um comitê eleitoral, sobrepondo-se as ações de natureza de política de ação social.

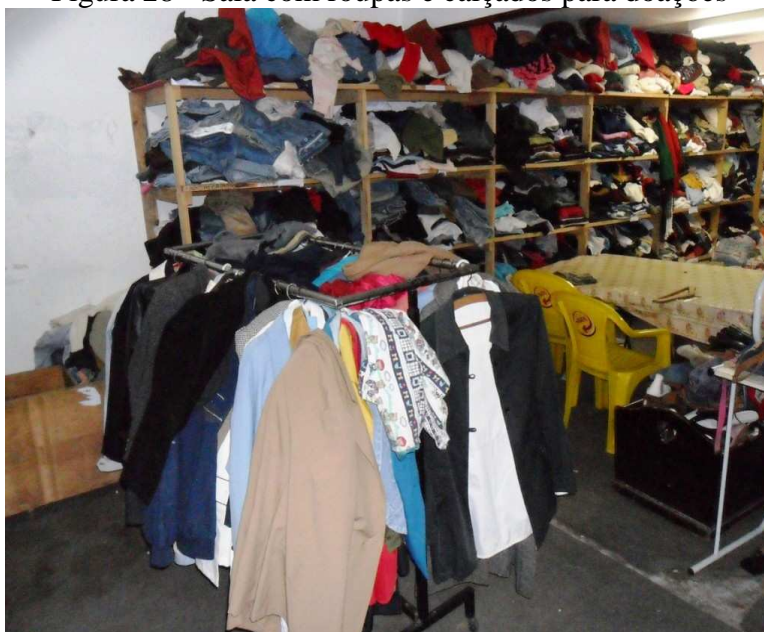
Figura 27 - Álbuns com fotografias das práticas sociais



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Ao lado da mesa com os álbuns, há uma escada que leva aos espaços das roupas e calçados (figura 28).

Figura 28 - Sala com roupas e calçados para doações



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

O local possui uma série de prateleiras e sacos cheios de casacos, camisetas, calças, blusas e roupas para crianças. Há uma determinada organização das peças de roupas que estão divididas e identificadas para facilitar o atendimento da população. Há desde roupas íntimas, blusas, calças *jeans*, *blazers*, ternos, bolsas femininas, calçados para todos os gêneros e tamanhos, conforme (figura 29).

Figura 29 - Roupas selecionadas para a população



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Também há um espaço para os brinquedos que são doados ao longo do ano por meio das mobilizações da Campanha “Natal do Amor Maior”, conforme (figuras 30 e 31).

Figura 30 - Mobilizações da Campanha “Natal do Amor Maior”



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Figura 31 - Brinquedos doados na campanha



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Centralizada, existe uma mesa que serve como espaço de amostragem das peças. Ainda há caixas com diversos brinquedos, conforme (figura 32).

Figura 32 - Uma mesa com um espaço para amostragem das peças



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

O espaço é pouco iluminado, e ainda conta com mais uma sala na qual ficam armazenados remédios, os quais são doados pela comunidade, e por meio da Sede Social são repassados às pessoas carentes.

De acordo com João Carlos Maciel, são cerca de 8,5 mil espécies de remédios diferentes, estoque maior do que algumas farmácias e entidades públicas possuem. Alguns chegam a custar entre R\$ 300,00 e R\$ 500,00. Os remédios são doados à Sede Social, pelos ouvintes, pessoalmente ou através de algum contato estabelecido com os voluntários que atuam dentro da Sede ou circulando na cidade. As voluntárias fazem uma triagem, a fim de garantir que o produto doado não esteja com o prazo de validade vencido. Os medicamentos podem ser adquiridos gratuitamente.

Outro setor, este de utilidade pública, da Sede Social é o de documentos achados e perdidos, mais um serviço oferecido, e que é marca da relação entre os campos midiático e assistencialista. Por meio do programa radiofônico, a comunidade é orientada a comparecer ao programa ou à Sede Social para retirar o documento ou objeto que tenha perdido.

Já os ouvintes que encontrarem um destes objetos, são orientados por João Carlos Maciel para entregarem os mesmos na Sede Social do programa. Este mesmo procedimento é realizado para mobilizar os sujeitos, a participarem da organização do projeto social e das campanhas que são lançadas ao longo do ano.

Os micro-ambientes da Sede Social, encadeados, visam nutrir toda a espécie de necessidade apontada pelas pessoas que acessam o local. A intenção é de que, ao adentrar o espaço relacional que se constitui, os sujeitos possam sentir-se acolhidos de algum modo, e

que uma sensação de confiança seja instaurada entre os envolvidos. A estratégia é “fisgar” novos militantes da causa assistencial para garantir a continuidade do projeto e, por conseguinte, a manutenção do sistema engendrado pelo dispositivo radiofônico.

3.3.2 Campanhas assistenciais: midiaticizando o social

As atividades do projeto social organizado por João Carlos Maciel são centralizadas na Sede Social. A coordenadora da sede Fátima de Vargas, é orientada a atender telefonemas, cartas e sujeitos que passam pelo local para realizar doações e/ou buscar alguma ajuda. João Carlos Maciel também faz o que chama de um “plantão” junto à sede, nas segundas-feiras à tarde.

Mas a afetação dos campos sociais ultrapassa as paredes da Sede Social, neste que é, mais um dos elos que constituem o dispositivo radiofônico. A organização da estrutura do projeto social inicia por um cadastramento onde constam dados pessoais de identificação das pessoas como nome, telefone e local de residência e é realizado logo que um sujeito entra em contato com a equipe do comunicador.

O cadastro é um caderno escolar, preenchido pelos componentes da equipe que atua para o projeto assistencialista. Com estas informações, João Carlos Maciel pode interagir com a comunidade, sempre que achar necessário. Exemplo disso é a preocupação em enviar uma carta de felicitações aos aniversariantes, ou seja, este levantamento gera um arquivo que se estrutura para dinamizar o programa radiofônico, pois o comunicador lembra dos aniversariantes e os parabeniza, no ar. Ao mesmo tempo, o cadastro se configura como uma forma de cadastrar possíveis militantes para atuarem em suas ações filantrópicas e eleitorais.

Os serviços de coleta e entrega de doações dos sujeitos sociais, também recebem um olhar especial em termos de organização. A equipe segue um itinerário pré-organizado antes da partida dos caminhões. O objetivo é que a rota de coleta e recolha seja otimizada, garantindo agilidade e economia. João Carlos Maciel aproveita as tardes de sexta-feira para acompanhar as visitas dos caminhões.

Geralmente ele mesmo dirige um dos caminhões e pessoalmente leva e traz das doações. É uma maneira de aproximar-se ainda mais de doares e beneficiados, tornando-se, nessas condições, um novo ator, ou seja, um entregador e mensageiro, mas sempre com a pretensão de manter o contato com o meio social, para poder legitimar ainda mais suas ações e, de alguma forma, capturar informações a respeito dos sentidos dados pela população às práticas as quais engendra. É um dos modos de retrabalhar suas estratégias, alimentado pelo *feedback* possibilitado pelo contato direto com o estrato social.

No programa, na parte da manhã, João Carlos Maciel já prepara os ouvintes Pelo microfone, avisa aos sujeitos por onde andarão com o caminhão à tarde. A intenção é prepará-los para uma recepção (veremos mais adiante). Essa recepção deverá ser dada segundo Goffman (1985, p. 32) a partir da “relação entre aparência e maneira” que João Carlos Maciel representa em seu papel de comunicador. Ou seja, utiliza-se de táticas como parecer ser de posição mais elevada que seus ouvintes/militantes e age de maneira surpreendentemente igualitária, íntima ou humilde. Essas ações de aproximação por meio da dramatização do próprio trabalho são bem planejadas pelo ator, e tem na organização do projeto social, nada mais é do que a constituição de pontos de contato entre diferentes elos que constituem o dispositivo radiofônico.

Estes pontos de contato realizam a interação proposta pela mediação das operações postas em curso, ao serem articuladas, são permeadas pelas lógicas do campo assistencialista, político e midiático. Os campos sociais se enlaçam, via diferentes práticas, constituindo elos com os atores sociais, não somente fazem uso das operações postas à disposição, como meros usuários, mas também operam como cogestores de estratégias interacionais de ofertas de sentido.

Contaminados pelas lógicas da mediação, os atores sociais ali enveredados se fazem existir em suas funções, na representação de seus papéis sociais, engendrando à constituição de uma equipe que coopere na encenação de uma rotina particular, de maior alcance, como se analisa neste caso, ou seja, um conjunto de sujeitos e suas práticas mediadas pela articulação.

Um elo direto entre o âmbito de produção e recepção da lógica midiática são as campanhas assistenciais “Natal do Amor Maior”, “Campanha de volta às aulas” e doações de livros e materiais didáticos às bibliotecas das escolas. Todas têm organização junto da Sede Social, mas não funcionariam se não fosse o programa radiofônico, centralizando operações de articulação, regulação, mobilização e preparação dos atores para se engajarem nas iniciativas.

Considerando os mais diferentes temas sociais que são recorrentes no dia a dia dos sujeitos sociais, o dispositivo radiofônico, a partir das lógicas da mediação, tematiza uma determinada lógica assistencialista particular, constituindo-se assim, como uma estratégia de oferta de sentidos. A campanha do “Natal do Amor Maior” é a mais importante iniciativa realizada pelo programa João Carlos Maciel. É realizada há nove anos. Cerca de sete mil crianças e três mil e quinhentos adultos (acompanhantes das crianças) são beneficiados com presentes (brinquedos e doces).

O Natal do “Amor Maior” ocorre no Centro Desportivo Municipal (CDM). Maciel com mais de trezentos voluntários (que se chamam coordenadores do evento) promove um circuito de brincadeiras para os participantes e um *show* musical com diversos artistas.

Os beneficiados com a iniciativa são escolhidos por meio de uma triagem realizada pelo apresentador e sua equipe. Todas as famílias que desejam participar do evento são credenciadas na Sede Social do programa. Crianças de um a doze anos recebem os brinquedos. Adolescentes e acompanhantes podem entrar no evento e aproveitar as brincadeiras e *shows*. Não há um critério específico para a participação. É necessário, apenas, que os nomes das crianças estejam no cadastro realizado anualmente, na Sede Social.

Cada pessoa cadastrada recebe um número com o qual poderá participar do sorteio de prêmios no dia da promoção. Entre os prêmios há aparelhos de televisão, bicicletas e outros. Tudo é proveniente de doações de ouvintes, fãs, militantes e amigos e patrocinadores do programa João Carlos Maciel.

Outra iniciativa que beneficia a comunidade santa-mariense e da região é a “Campanha de volta às aulas”. O trabalho busca angariar livros, cadernos, canetas, lápis, borrachas, lápis coloridos, mochilas, estojos e outros materiais que possam auxiliar crianças de famílias carentes a frequentar a escola. A campanha ocorre nos meses iniciais do ano, período que antecede o começo do período letivo.

Anualmente, pais e crianças entram em contato, indo até a Sede Social e com o programa radiofônico, por telefone ou mesmo deslocando-se até a emissora em busca das doações. O material é entregue logo que chega à Sede Social. Dezenas de crianças, segundo o radialista, frequentam as aulas porque receberam o material da campanha. As famílias, geralmente numerosas, muitas vezes não conseguem adquirir material escolar para todos os filhos. Então procuram o programa para complementar este material.

A ação auxilia os estudantes que precisam escrever uma carta para o programa radiofônico. As cartas são triadas pela equipe. As mais contundentes e que apresentarem maior apelo, são as escolhidas para serem lidas no ar e beneficiadas com as doações.

Uma terceira campanha é a de doações de livros e materiais escolares, realizada todos os anos. Didáticos, literários, técnicos ou informativos, o objetivo da iniciativa é auxiliar as escolas que não possuem bibliotecas na cidade. O material, que inclui revistas, pode ser utilizado para trabalhos escolares de recorte e colagem. As doações podem ser realizadas por meio de contato por telefone com o programa ou na sede social. Diversas escolas já foram beneficiadas, inclusive em Dilermando de Aguiar (município vizinho).

Outras campanhas são organizadas esporadicamente por meio do programa radiofônico, mas que acabam desembocando suas práticas na Sede Social. Semanalmente, João Carlos Maciel promove a mobilização de sujeitos em prol de necessidades específicas apresentadas pelos mesmos através dos diferentes dispositivos de interação do dispositivo midiático. Há que destacar que estas campanhas se engendram e tem seus resultados em tempo real, como efeito dos processos de mediação do social. Num balanço geral, pode-se inferir que aproximadamente 30 mil pessoas, de diferentes idades e classes sociais são beneficiadas, anualmente, com as campanhas do programa João Carlos Maciel.

Assim como as campanhas assistenciais, outra modalidade de operação agenciada a partir das lógicas que se vislumbram no processo de mediação do social é a prestação de serviço jurídico e contábil, oferecidos gratuitamente.

3.3.3 Serviço jurídico e contábil: saberes que legitimam a mediação do social

Na sede social, há duas mesas nas quais profissionais da área jurídica e contábil trabalham. Os advogados Newton Iruá Scherer Júnior, Vinícius Hubner e Carolina Gomes Lozardo. Isaias Inkelmann é contador e também oferece seus serviços. Junto com a equipe de advogados, ele esclarece dúvidas sobre aposentadoria à comunidade.

O atendimento ocorre nas quartas, quintas e sextas-feiras, das 8h30 às 11h30 e está aberto a qualquer pessoa interessada, gratuitamente. Em caso de encaminhamento de aposentadorias ou outros procedimentos jurídicos, a equipe transfere o interessado para escritórios, fora da sede do programa radiofônico.

O serviço de consultoria contábil é oferecido em forma de troca com o programa. Maciel abre espaço para Isaias falar ao vivo no programa, respondendo dúvidas de um ouvinte. O espaço comercial é garantido pelo programa, em troca do espaço de atendimento junto à sede social. Pelo menos trinta pessoas recebem assessoria a cada semana, segundo o contabilista. As pessoas, em contato com o programa, buscam informações sobre com encaminhar aposentadorias, registrar nova empresa ou tirar dúvidas sobre pendências financeiras com terceiros.

O contato com os sujeitos usuários destes serviços é realizado através da lógica midiática. Os prestadores dos serviços são mediados. Eles são convidados, semanalmente, para falar no programa radiofônico, como se analisa no terceiro capítulo. Maciel faz o contato telefônico e amplia a visibilidade dos atores. Estes, por sua vez, aproveitam o espaço midiático para orientar os sujeitos que estão em contato com o programa, ou que procuram os

serviços junto à Sede Social. Quando midiaticizados, os profissionais explicam no ar, os procedimentos para que os cidadãos possam resolver suas demandas.

Os campos político e assistencialista ganham mais uma estratégia de contato interacional, (conforme se analisará mais adiante). Este *elo de práticas não midiáticas* é afetado quando o comunicador João Carlos Maciel abre o microfone para divulgar os serviços prestados. Também, quando os profissionais são chamados por telefone para conversar ao vivo. A função deles é mais do que enunciar suas habilidades e propostas de trabalho, mobilizar o ouvinte para que participe da proposta assistencialista do programa radiofônico e orientá-los com informações utilitárias. O ator faz questão de contar com estas coenunciações para midiaticizar suas operações, como estratégia de estabelecimento de vínculo entre o sistema midiático e a sociedade.

Outra estratégia utilizada pelo dispositivo para fomentar a midiaticização do social é a constituição de um sistema móvel de doação e recolhimento das doações advindas dos sujeitos mobilizados. São os “caminhões da solidariedade” que dão ainda mais dinamismo ao processo de midiaticização.

3.3.4 Ação móvel da midiaticização: os “caminhões da solidariedade”

A proposta assistencialista do programa levou João Carlos Maciel, a adquirir um caminhão para facilitar o trabalho de recolhimento e entrega das doações vindas dos ouvintes.

A arrecadação de uma série de objetos para o lar e de uso pessoal aumentou com o passar dos anos e uma equipe teve que ser montada para fazer o serviço. Segundo Maciel (2011), no início era dez ou vinte unidades. Agora, algumas vezes, já são mais de cem por mês.

Entre as doações estão sofás, Tv's, rádios, cadeiras de rodas, bicicletas, fogões, livros, armários, roupas e calçados dos mais diversos modelos e tamanhos. O sujeito que precisa de ajuda escreve uma carta para o programa e o “Caminhão da Solidariedade” leva até a residência. As cartas são recebidas no programa e lidas pelo comunicador no ar.

Os veículos constituem-se em elos móveis de ligação entre o âmbito de produção e recepção do dispositivo radiofônico. A equipe responsável pelos veículos de recolha e coleta também fica de prontidão para buscar as doações que são oferecidas ao vivo, no programa ou na Sede Social onde tudo fica armazenado. Para manter o caminhão (manutenção mecânica, pneus e combustível), sempre em boas condições, o programa conta com o apoio de empresas de Santa Maria, como: a Coca-cola; Pampeiro – concessionária *Wolkswagen*; Coopaver e Mercado Bela Vista.

O objetivo é visitar pelo menos vinte famílias ao dia. José Cláudio Rigui, quarenta e oito anos, é ex-bombeiro e trabalha como voluntário há sete anos no programa. Ele é o motorista do Caminhão da Solidariedade. Ele é responsável pela organização de um roteiro de coleta e doação. Por semana, cerca de duzentas doações são realizadas. Junto com Rigui atua Pedrinho Bittencourt, há seis anos como voluntário e seu filho Fabiano Bittencourt, vinte e cinco anos, que há quatro anos auxilia o programa. Seu Pedrinho estava desempregado depois de ser motorista de ônibus da Planalto Transportes.

Em 2010, um segundo caminhão foi adquirido por João Carlos Maciel, conforme (figura 33).

Figura 33 - Caminhão para coleta de doações



Fonte: Registrada pelo autor (2011).

Os recursos são oriundos da venda de um apartamento dele em Porto Alegre. O caminhão custou R\$ 70 mil, financiados em dezoito vezes.

Neste sentido, retoma-se o que foi dito anteriormente, os caminhões funcionam com se fossem unidades móveis do dispositivo radiofônico, que transitam pela cidade com o logotipo do programa, dando ênfase à lógica assistencialista num primeiro momento. O enunciado “Caminhão da Solidariedade” remete a esta inferência. Os veículos mediatizam as operações que são propostas por meio do programa radiofônico.

Nesta estratégia do programa, se pode vislumbrar o cruzamento dos campos sociais, conforme Rodrigues (2000). Ou seja, o campo midiático, afeta o assistencialista e o político dando visibilidade e efeito de reconhecimento. Desta maneira o campo midiático não só tematiza suas ações, mas também ganha em legitimidade por meio das simbólicas

mediatizadas pela ação móvel.

O programa também conta com a “Amarelinha” (como já foi salientado no início da tese). Trata-se de uma Kombi, que circula nos bairros, e tem o mesmo objetivo dos caminhões. Também é utilizada para a distribuição de prêmios do programa radiofônico, quando este está no ar.

3.3.5 Atores em ação: os sujeitos a serviço do ator

O projeto de ação social de João Carlos Maciel possui com mais de cem “padrinhos e madrinhas”, que são tidos como militantes e mobilizam-se durante o ano nos diferentes bairros da cidade, para arrecadar os brinquedos doados ao evento. Os mesmos são sujeitos comuns que aceitaram o convite de João Carlos Maciel de participarem ativamente de suas ações assistencialistas. Eles assumem o compromisso de arrecadar uma determinada cota de brinquedos e outros materiais como pacotes de balas, que serão doados no dia do “Natal do Amor Maior”. A cota é de pelo menos cem brinquedos. São mais de quinhentos apoiadores (empresas de diversos ramos) que patrocinam a iniciativa.

Qualquer pessoa da comunidade pode tornar-se um “padrinho ou uma madrinha” da campanha. Basta procurar a Sede Social do programa ou mesmo falar pessoalmente com João Carlos Maciel. Depois de inscrever-se o novo/a “padrinho ou madrinha” deve participar de reuniões de organização do evento, agendadas ao longo do ano. A seleção é feita com base na disponibilidade de tempo e espaço, em suas residências, que as pessoas se comprometem a oferecer à ação social.

Com cinquenta e três anos de idade, dois filhos e tempo ocioso em casa, Fátima de Vargas estava em depressão. Vinda de São Borja, ao chegar em Santa Maria e ouvir o programa João Carlos Maciel na Rádio Medianeira AM, decidiu apresentar-se como voluntária na realização das ações sociais desencadeadas pelo programa. Fátima é responsável pela coordenação da sede social do programa João Carlos Maciel no turno da manhã. Ela, assim como os demais voluntários que atuam junto à iniciativa, adere ao projeto social que o programa mantém. Mas esta adesão se ressalta e é organizada por meio do programa radiofônico, ou seja, a lógica midiática enlaçando com mais um elo do dispositivo radiofônico, os sujeitos sociais.

Por meio de uma escala de trabalho afixada na parede da sede social, vinte voluntários se revezam para atender à população na Sede Social do programa. Entre eles está Vani Machado. A voluntária tem quarenta e nove anos, e, há um ano auxilia o atendimento na Sede

Social. Mãe de cinco filhos, já realizou trabalho voluntário em outras entidades da cidade. “Aqui no Maciel comecei como madrinha do “Natal do Amor Maior”. Agora estou aqui na sede todas as segundas, quartas e sextas”.

Também comprometido com o assistencialismo do programa, Otilio Fabrin, aposentado de noventa anos, trabalha em prol da comunidade há sessenta e oito anos. Ele é responsável pelo recolhimento de roupas e calçados usados. “Sou amigo do Maciel. Busco mais ou menos trezentas peças de roupa toda semana. Levo para a sede do Maciel, onde é feito uma triagem. Separamos tudo nas prateleiras. O povo pode escolher o que quer levar, de graça”, explica.

Outro sujeito envolvido diretamente com a proposta assistencialista do dispositivo radiofônico é Tatiane Ávila. Ela tem trinta e quatro anos. Cuida de pessoas idosas e trabalha com a família em negócio próprio. Entretanto, desde 2010, dedica-se ao trabalho voluntário junto à Sede Social do programa João Carlos Maciel. Ela revela que a comunidade carente de Santa Maria busca por meio do programa radiofônico, e da Sede Social suprir algumas das necessidades primárias do ser humano.

Aqui aparecem pessoas de todo o tipo. Elas, às vezes, não procuram um objeto material. Vem aqui apenas para ouvir uma palavra. Buscar o conforto de um abraço. As pessoas vêm aqui para contar seus problemas. Vem aqui para agradecer a ajuda que recebem por meio do Maciel. Vem aqui para chorar. A gente chora com elas. (Tatiane²⁸).

A afirmação da voluntária e a observação dos desdobramentos das operações dos sujeitos que compõem este elo do dispositivo, (como ela mesma relatou nos enunciados acima) sugerem inferir a afetação do campo midiático sobre os demais campos sociais, quando se vislumbra a contaminação dos sujeitos, constituindo uma comunidade de associados a práticas discursivas resultantes da retroalimentação do sistema, que ali se constitui.

O engajamento de novos voluntários tem aumentado, é resultado dos desdobramentos a que se referiu anteriormente. Exemplo disso é o estudante Gustavo Cardoso Fernandes²⁹ de dezesseis anos. Através do convite de sua mãe, Edelweiss Cardoso Fernandes que já atua como voluntária, o jovem decidiu ocupar suas horas livres para auxiliar na organização da maior campanha produzida pelo programa João Carlos Maciel: o “Natal do Amor Maior”. Atuante na edição de 2010 e 2011, Gustavo acredita que o trabalho voluntário “*causa uma*

²⁸ Tatiane Ávila, entrevista dada ao pesquisador no dia 11 de março de 2011 na Sede Social do Programa João Carlos Maciel.

²⁹ Gustavo Cardoso Fernandes, entrevista dada ao pesquisador no dia 11 de março de 2011, na Sede Social do Programa João Carlos Maciel.

sensação de bem-estar. Ver as crianças felizes ao receberem um brinquedo é gratificante”.

Júlia Ribas³⁰ quarenta e nove anos, é outra voluntária da Sede Social. Ela compõe a equipe desde que o programa foi criado. Também atua como assessora do vereador João Carlos Maciel (PMDB). Sobre o trabalho que desenvolve junto ao projeto assistencial, Júlia se emociona ao comentar que se colocou à disposição como voluntária depois de ouvir João Carlos Maciel convocar a comunidade a se engajar na campanha do “Natal do Amor Maior”. *“Logo me tornei madrinha do evento. Mas aqui a gente não só atende as pessoas que buscam coisas materiais. Também ouvimos seus problemas e damos uma palavra de conforto”.* (Júlia).

As ações dos atores engajados no projeto assistencial promovido pelo programa são fomentadas pelo discurso do ator principal, João Carlos Maciel. Os sujeitos entrevistados foram unânimes em afirmar, que seus movimentos de conexão com o programa e como ator, se deram depois de ouvir o programa em casa, e identificar-se com as narrativas do ator e das coenunciações de sujeitos comuns, que entram no programa para pedir ou para agradecer, assim como dos sujeitos que já estavam engajados, e suas histórias de sensibilização e gratificação por estarem participando da proposta assistencial.

Neste sentido, as lógicas identificadas até aqui afetam os sujeitos de modo a contar com suas adesões, que se multiplicam a cada ano. Entretanto, não somente as lógicas assistenciais, política e midiática estão explícitas nos modos e operações de dinamização do dispositivo. O campo religioso também ganha destaque como estratégia de interação. Isso pode ser observado pelo elo que se constitui por meio da organização da Missa da Saúde, de acordo com a descrição e análise do próximo texto.

3.3.6 A missa da saúde: quando o campo religioso também vincula

João Carlos Maciel agencia, por meio do programa de rádio, mensalmente, um encontro religioso que reúne fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana, em Itaara. A cidade tem cerca de cinco mil habitantes. Fica a doze quilômetros de Santa Maria. Este é mais um dos elos que compõem o dispositivo radiofônico. A mobilização da comunidade é realizada durante o bloco “Momento de Fé” dentro do programa radiofônico.

João Carlos Maciel organiza uma caravana de seis ônibus que levam os fiéis até o evento religioso. Empresas de ônibus como: a Transton, Lourenci Transportes, Jardim da

³⁰ Júlia Ribas, entrevista dada ao pesquisador no dia 11 de março de 2011, na Sede Social do Programa João Carlos Maciel.

Serra e Santa Catarina Transportes e ainda o auxílio financeiro da prefeitura de Itaara fazem o transporte (gratuito).

Para participar, basta que o ouvinte apanhe a senha de embarque em horário comercial, junto à emissora e na Sede Social. A senha é distribuída quinze dias antes do evento. O documento tem a imagem de Nossa Senhora da Conceição impressa ao lado de enunciados de identificação com o número do documento, dia e mês da “Missa da Saúde”. Ainda há uma frase que faz alusão ao programa: João Carlos Maciel e, em letras maiúsculas, *caravana da fé*, conforme (figura 34).

Figura 34 - Ficha de identificação “Caravana da Fé”

Fonte: Registrada pelo autor (2011).

O embarque ocorre nos horários, que são amplamente divulgados durante o programa radiofônico e na Sede Social. Nesta estratégia, o campo midiático se acopla ao religioso, buscando engendrar sentidos de pertencimento à comunidade ouvinte do programa radiofônico.

A missa é tematizada ao longo da semana. A lógica midiática é ressaltada, quando a adesão ao evento é organizada por meio do discurso do ator, que midiaticiza os processos que dizem respeito às formas de transporte e contextualização de práticas sociais, advindas do campo religioso baseado nas experiências de Missas da Saúde, anteriores.

Neste elo, o enlace dos campos midiático, religioso e da saúde se estrutura por meio de operações que serão visualizadas no texto sobre a articulação das práticas do dispositivo radiofônico, no subcapítulo a seguir. Nele, a arquitetura do dispositivo será analisada a partir de uma figura criada para representar a estrutura de uma zona de interpenetração.

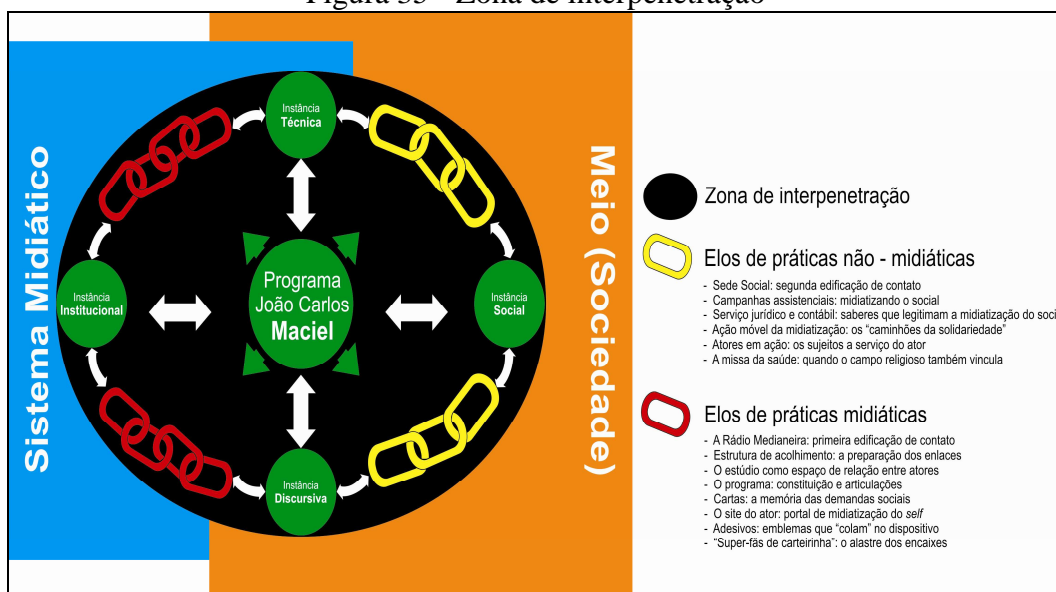
O objetivo é representar e explicar, detalhadamente, o processo de acoplamento do sistema midiático com o meio (a sociedade) e, desta intersecção, o dispositivo radiofônico e seus elos, instâncias e fluxos de comunicação articulados pelo núcleo central deste sistema, o programa João Carlos Maciel, em funcionamento.

3.4 O DISPOSITIVO PONDO OS ELOS EM FUNCIONAMENTO

Após conhecer a arquitetura dos *elos de práticas midiáticas* e *elos de práticas não midiáticas*, que estruturam o dispositivo radiofônico, pretende-se mostrar uma descrição dos processos de funcionamento destes elos enfatizando-se a articulação de suas partes, chamando atenção para suas especificidades, relações, em suma, mostrando como sistema e ambiente se contatam ensejados por tecnologias convertidas em meios, e também pela racionalidade das práticas sociais convertidas em processos de comunicação.

As observações feitas na pesquisa de campo, os processos observacionais e a leitura de documentos possibilitaram desenvolver a formalização de um modelo (figura 35) que representa o que já se vinha chamando de zona de interpretação, ou seja, um espaço de interação entre sistema midiático e meio (sociedade). Estas articulações entre sistema e meio, se manifestam, como se disse, através de *elos de práticas midiáticas* e *elos de práticas não midiáticas* mediante a atividade de quatro instâncias (*social, discursiva, técnica e institucional*), cuja constituição e atividade dão vida ao dispositivo.

Figura 35 - Zona de interpenetração



Fonte: Produção do autor (2011).

A figura mostra o conjunto da dinâmica constituída pelo sistema e meio, relação esta de acoplagem que se faz em decorrência dos processos de circulação, ou seja, a articulação de circuitos, ou “pontos de articulação” que, na abordagem de Fausto Neto (2010, p.11) “[...] é lugar no qual os produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento”, em termos de estratégias de produção de sentidos.

A dinâmica do dispositivo, por sua vez, pode ser compreendida através das articulações – das operações que ocorrem dentro do dispositivo, mas, que não repercutem apenas no seu interior, mas também sobre os demais campos sociais, e vice-versa.

Inicialmente, para entender a forma e a dinâmica de funcionamento das operações do dispositivo radiofônico, vai-se entender suas partes constituintes, começando pelo círculo de cor preta, utilizada como de fundo, em formato oval. Ele representa o dispositivo como um todo, com sua configuração e complexidade.

Nesse sentido, inicialmente, explica-se que a imagem mostra que as instâncias que formam o dispositivo fazem parte de uma estrutura que possui especificidades, neste caso, radiofônicas, e que, as relações existentes entre estas partes, também estão protocoladas por esta singularidade, assim como postula Fernández (2003), quando afirma que o dispositivo radiofônico em operação, forma um contexto singular de produção de espaços sociais a partir de suas particularidades articuladas. A especificidade se dá pela formação topográfica particular do dispositivo radiofônico estudado.

Ao se identificar marcas singulares, observa-se por seu turno, a constituição de uma zona particular que, nos termos de Luhmann (2009, p. 101): “Consegue produzir sua própria unidade, na medida em que realiza uma diferença”. Essa diferença se estabelece com relação ao meio em que este sistema se encontra, ou seja, a sociedade no qual está inserido.

No dispositivo radiofônico, a diferença com relação ao meio no qual ele está inserido se expressa pelo estabelecimento de suas atividades, a partir de seus próprios limites, mediante operações exclusivas, na qual a comunicação ali produzida desenvolve uma lógica própria de conexão, conforme Braga (2006) com regras que pretendem uniformizar a atenção e capacidade social de resposta à mesma, a ser dinamizada. Ou seja, é a própria atividade autopoietica do dispositivo que “atrai” para uma atividade interativa, elementos do entorno e que por essa atividade serão dinamizados.

O programa constitui-se num espaço de articulação entre as instâncias identificadas e é a partir de sua estruturação e funcionamento produtivo que ocorre a intersecção dos elos. O contato entre o espaço interno do dispositivo e o lado externo (os sujeitos sociais) se dá por meio dos elos. É por eles que o campo midiático afeta os demais campos sociais, e *vice-versa*.

As afetações também ocorrem através das instâncias. O programa radiofônico, o que se considera como o núcleo matricial do dispositivo, está centralizado porque assume a condição de dinamizador da complexidade do dispositivo radiofônico representado pela animação.

Do acoplamento entre sistema midiático (cor azul) e meio (sociedade) (cor laranja) se constitui uma zona específica (de cor preta). Neste ambiente ocorre a articulação de espaços discursivos e não discursivos, os quais advindos de uma gramática (sob condições específicas de produção radiofônica) e de gramáticas dos sujeitos sociais, que seriam os receptores (com suas especificidades de produção em seu ambiente social). Esse cenário, no sentido luhmaniano, pode ser entendido como a produção de uma “zona de interpenetração”, ou seja, um ambiente que emerge em consequência de uma ação do sistema midiático face o meio, permitindo que este se manifeste por meio de operações, mas por aquele sistema dinamizado.

No desenho, tenta-se mostrar que o sistema midiático é penetrado pelo meio, e este penetra o sistema midiático, num processo de interpenetração, ou seja, “uma intersecção recíproca” no qual o comportamento do sistema penetrador está codeterminado pelo sistema receptor.

Para esclarecer ainda mais este processo, no mesmo sentido de Luhmann (2009), busca-se o auxílio das postulações de Capra (2006). Ao desenvolver suas teorias sobre interações na área da física, traçando um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental, Capra (2006, p. 166) compreende os fenômenos naturais a partir do conceito de interpenetração, ou seja, “uma inter-relação essencialmente dinâmica”, que acontece não apenas espacialmente, mas também temporalmente. Para o autor, as coisas existem em virtude de suas relações mutuamente consistentes e que o universo é visto como uma teia dinâmica de eventos interrelacionados.

Neste sentido, tais autores ajudam a compreender conceitualmente o que é uma zona de interpenetração, e subsequentemente, o que se vislumbra no caso da constituição do dispositivo radiofônico estudado na tese. Entende-se que o sistema midiático, agenciado pelo ator (João Carlos Maciel) a partir do programa de rádio, penetra na sociedade que é codeterminada por ele. E é sobre esta dinâmica que suas práticas se desenvolvem e se manifestam na forma de alguns produtos midiáticos, ou não.

Como um sistema receptor, os sujeitos sociais envolvidos na trama radiofônica também exercem influência retroativa sobre a formação das estruturas (as instâncias, os elos, o programa), intervindo nelas. Essa conexão é agenciada pelo programa. Mas, é preciso também esclarecer que é pela principal operação do dispositivo, ou seja, a constituição de um ator que se constrói um coletivo, ou seja, de acordo com Boutaud e Verón (2007, p. 4), uma

comunidade ou uma rede de sujeitos submetidos a “complexas operações [...] nutridas por lógicas individuais”.

O que se explica é que a partir da estruturação e funcionamento produtivo das relações das instâncias com a matriz central do dispositivo é que ocorre a intersecção dos elos, ou seja, para além da intersecção entre produtores e consumidores, há movimento convergente que se caracteriza como a circulação. Por conseguinte, entende-se que há um processo de acoplamentos entre os campos sociais vislumbrados (midiático, político e assistencial), dados pela regularidade do programa no ar e as operações advindas de sua produção, ocupando tempo e espaço diário dos sujeitos envolvidos na trama radiofônica que põe em funcionamento.

As práticas sociais reguladas pelo programa são operações próprias do dispositivo e tornam-se possíveis pelos resultados das operações específicas do mesmo que goza de autonomia para desencadear ações de relação entre as instâncias que o constituem. Do programa partem flechas indicativas das interações constituintes entre as quatro instâncias e da relação estabelecida entre as partes. As flechas indicam que é a partir do programa que são estabelecidas interações (agenciamentos) com as instâncias que formam o todo do dispositivo. Estas flechas de interações demonstram o movimento de vai e vem e/ou de circularidade entre as partes e o núcleo, constituindo um sistema de relações interacionais pragmático, organizado, explicado por Braga (2011), e que foi referenciado no primeiro capítulo da tese.

Cada instância ocupa espaço e exerce uma função particular dentro do dispositivo radiofônico, como se descreverá proximamente. Sua posição na animação significa que cada uma possui propriedades que autofortificam o dispositivo radiofônico, ou seja, das quais saem os “nutrientes” que determinam a energia necessária para que o dispositivo se mantenha em operação. Esse processo ocorre quando se observa as flechas que relacionam estas instâncias com o núcleo central e entre elas mesmas. Mais do que pertencer à complexidade do todo que compõe o sistema que se verifica, as instâncias social, discursiva, institucional e técnica se relacionam consigo mesmas, ou seja, tem especificidades próprias.

A zona formada pelo dispositivo radiofônico reconhece que há, em seu meio, outras dimensões (as instâncias), que se diferenciam ao se fecharem diante de seus próprios meios circundantes. Cada instância é capaz de reproduzir-se por si mesmo, mas necessita do núcleo matricial (o programa) para regular operações de nutrição de cada uma delas e das relações entre si. Dispostas como espaços singulares, as instâncias se relacionam uma com as outras, do modo como mostram as flechas maiores, que apontam as conexões das mesmas. Estas relações podem ser observadas a partir de operações enunciativas mais uma vez dinamizadas pelo programa.

É no programa radiofônico e a partir dele que estas conexões se efetivam por meio de um processo dinamizador de desencadeamento de operações midiáticas. Estas particularidades são visualizadas pela constituição dos elos e pelas lógicas que afetam os processos e dinâmicas que ocorrem em fluxo contínuo.

As relações entre os *elos de práticas midiáticas* (vermelhos) e os *elos de práticas não midiáticas* (elos amarelos), desenvolvidas predominantemente por lógicas e operações midiáticas postas em ação a partir do programa radiofônico, são decorrentes de “irritações”, ou seja, de conexões de natureza sociotécnica e discursivas, porque combinam as partes do dispositivo em sua estrutura. Há o desencadeamento de uma processualidade de alimentação e retroalimentação dos elos, que se interligam um ao outro, e com as instâncias, indispensáveis à sua constituição como um todo, como um sistema, autorreforçando-se a si mesmo.

O dispositivo radiofônico precisa da dinamização realizada pelo programa e utiliza da construção de atividades interacionais para estabelecer contatos com suas fronteiras internas e, ainda, com o externo, de forma que as unidades de produção midiática (o que estritamente pertence aos *elos de práticas midiáticas*) afetem diretamente as unidades de produção não midiática (os *elos de práticas não midiáticas*) e vice-versa. Neste sentido, essa processualidade gera novas formas de contato e interação entre as partes do dispositivo e, nesse sentido, dos sujeitos envolvidos atualizando os vínculos estabelecidos na zona de interpenetração.

Assim, depois da descrição da forma e dinâmica do dispositivo radiofônico, é necessário, ainda, esclarecer as características das instâncias discursiva, social, institucional e técnica formadoras do mesmo que, como já se afirmou anteriormente, são constituídas por marcas singulares e que interferem diretamente no funcionamento do sistema. Junto com a descrição, pode-se também trazer à tona as operações, os processos, as dinâmicas que são colocadas em ação pelo dispositivo radiofônico, por meio das interações que articula e/ou engendra com as instâncias e com os elos. Neste sentido, descrevem-se inicialmente as características da instância discursiva.

3.4.1 Instância discursiva

O discurso é uma forma simbólica complexa e que se relaciona com o sistema mais amplo na qual está sendo empregado. No programa, ao engendrar um espaço discursivo, à procura de identificação com os sujeitos sociais, a instância discursiva faz a aparecer operações de interação e vinculação social, configurando por meio de estratégias enunciativas, a eficácia simbólica dos discursos postos em circulação.

Os modos de enunciação radiofônica qualificam o dispositivo estudado a constituir um espaço social, de vida externa ao meio de comunicação, que aqui se pode identificar como sendo o meio (a sociedade) na qual são engendradas práticas sociais as quais deixam marcas no processo de interação com o dispositivo, e também, um espaço midiático (interno), ou seja, o que compõem o dispositivo como um todo e que apresenta possibilidades diferentes.

A atividade enunciativa empreendida no dispositivo exerce a função de interligar as quatro instâncias do dispositivo, por meio dos enunciados postos no ar pelos personagens da trama da rede que está sendo tecida. O objetivo é assegurar a interação entre as partes do dispositivo, através da interação discursiva, que mediatiza a multiplicidade de discursos dos interlocutores (o apresentador, os ouvintes, os voluntários, militantes, fãs) envolvidos.

A matriz vislumbrada nesta descrição do dispositivo entra em funcionamento a partir de lógicas de produção midiática dinamizadas, principalmente, pelo apresentador do programa. Ele determina as aberturas e fechamentos dos blocos, chama os interlocutores para o espaço midiático, os conecta por meio de seus protocolos discursivos e se insere na trama com um mediador potencialmente afetado pelas lógicas que o engendram.

As interações ocorrem pelo processo social mais amplo que é desencadeado pelos discursos empreendidos através do programa radiofônico. Os ouvintes interagem: ligam, mandam mensagens, escrevem cartas, vão até o programa, ou mesmo até a Sede Social. Suas lógicas, anteriormente preparadas por meio da audição do programa, ou seja, após serem permeados pelas lógicas mediatizadas, se estruturam como parte integrante da complexidade do mesmo, sendo reconhecidas como um sistema de resposta social, como já se inferiu anteriormente, baseado em Braga (2006). Ou seja, as lógicas mediatizadas penetram nos demais campos sociais, efetivamente relacionando-os ao dispositivo interacional, como veia nutricional de suas operacionalidades.

Estes discursos estão em atividade dentro de uma determinação contextual – neste caso radiofônico, que serve como quadro de sentidos dos enunciados. Em se tratando de contexto, a conectividade que ocorre entre a instância discursiva e a instância institucional é ancorada nos discursos produzidos no contexto do espaço de circulação.

Este processo dá margem à afetação das lógicas que estão imbricadas ao discurso, ou seja, a midiática, política e assistencialista e, sobretudo, sob a postulação protocolar da instituição radiofônica, com suas especificidades, entendendo-se que a instância discursiva supõe características de sistemáticas de interação, ou seja, constitui mecanismos através dos quais os participantes nelas se organizam.

A instância discursiva conecta-se com a social por meio dos diversos elos que interligam o âmbito de produção e recepção. Tal processo institui os sentidos do quadro enunciativo em operação, desencadeando manobras de permanência e eficácia do discurso empreendido. Também tem a pretensão de reestabelecer o sentido dos enunciados, que circulam no ambiente pressupostamente programado para que não haja perturbações de codificação e mesmo de decodificação.

A presença de múltiplos interlocutores, que compõem o dispositivo enunciativo “fecha” o espaço de *semiose* do programa, enquadrando as falas no espaço discursivo criado. Este espaço não é constituído apenas pelas falas dos atores, mas também, de outras estratégias de captura dos receptores. Como exemplo, destaca-se a sonoplastia, ou seja, efeitos sonoros postos em operação. São músicas e trilhas sonoras (*gingles*) específicos do programa radiofônico que desempenham papel indicial de que o programa está no ar.

O espaço enunciativo é onde ocorre a dinamização das falas e, por isso mesmo, serve como uma espécie de janela entre o que está dentro do dispositivo radiofônico e o que está fora, ao mesmo tempo. Isso ocorre através de interações entre os colaboradores internos e externos, que no caso, são os sujeitos que não estão diretamente ligados à estrutura do dispositivo, mas que de alguma forma vinculam-se pelos elos de contato.

É pela instância discursiva e pela sua relação com as demais instâncias, que o fechamento do quadro enunciativo formado pelo dispositivo, também enquadra o lado de fora do mesmo, ou seja, propõe protocolos de práticas sociais a partir de sua especificidade midiática, de fora para dentro do sistema. Afinal, a instância discursiva abre espaço para quem é de fora. São os sujeitos ouvintes, fãs, militantes, envolvidos de alguma forma com e pelo dispositivo. O discurso deles ganha estatuto diferencial ao ser “vigiado” pelo quadro que delimita a sua enunciação, quadro formulado a partir dos protocolos do apresentador.

Os fluxos interativos decorrentes do trabalho de natureza discursiva articulam os elos que compõem o dispositivo. Estes fluxos são engendrados por meio do contato dos sujeitos com o programa, através de vários expedientes como o telefone, pelo envio de cartas, mensagens de celular, participação ao vivo no programa, visitas à sede social, engajamento às campanhas assistencialistas e ao fã clube organizado pelo programa.

É pela instância discursiva que os sujeitos se constituem, ao interagir com o programa. Nestas condições, enunciam suas mensagens, tornam-se fãs do apresentador, acessam o *site*, frequentam a Sede Social, tornam-se voluntários das ações sociais, participam da “Missa da Saúde”, buscam os serviços gratuitos que o programa oferece, e finalmente, buscam o operador e fazem uso das lógicas midiáticas, assistencial e política, as quais permeiam o dispositivo em

constante funcionamento, e que só funciona devido a essa adesão coprodutiva.

Os sujeitos envolvidos pelo quadro enunciativo passam a conversar entre si, ou seja, a narrar suas histórias por meio das estratégias de enquadramento reguladas pelo ator principal. É o apresentador João Carlos Maciel que tem o poder de organizar a construção da teia de relações que confere sentido às práticas sociais narradas e à própria enunciação como prática social, rotineiramente lembrada pela temporalidade cíclica (diária) do programa no ar. Isso ocorre primeiramente, quando se descreveu anteriormente, o espaço físico, que não é só físico, mas é constituído, simbolicamente, para acolher o sujeito na sede da emissora, e também a manutenção da Sede Social, espaços nos quais a existência da rede vai se tecendo.

A estruturação destes ambientes, sob a afetação das lógicas vislumbradas ao longo da tese, configura-se numa operação estratégica. O ator engendra um espaço de vínculo por meio da linguagem radiofônica, mas que mobiliza, convida, estabelece uma relação de comprometimento com os sujeitos via processos de identificação e acolhimento.

A instância discursiva desenvolve uma sequência de relatos de acontecimentos e fatos que se articulam por apresentarem propriedades comuns, que nada mais são do que as histórias de vivências de sujeitos, os quais encontram no programa um “espaço terapêutico”, ou seja, um lugar onde podem falar de suas mazelas, de suas experiências vividas e encontram quem os ouça.

O discurso radiofônico, resultado das diversas ações do campo midiático sobre os demais campos sociais, constitui-se num processo de narrativização do mundo, tendo o dispositivo mais do que um suporte midiático. Parte deste suporte é, por sua vez, constituído por um aparato tecnocientífico que, no caso do rádio, apresenta funções e especificidades as quais, na sequência, vai-se analisar.

3.4.2 Instância técnica

A estruturação do dispositivo midiático está submetida a lógicas tecnológicas específicas do rádio como ferramenta que possibilita a mediação de variáveis de tempo, espaço e de conexões de práticas sociais entre sujeitos emissores e receptores.

Neste sentido, o rádio, por meio do conjunto de instrumentos técnicos que o constituem como meio de comunicação, permite o estabelecimento de uma relação discursiva e simbólica entre os sujeitos e campos sociais, como é o caso da emissora na qual o programa em análise é transmitido. Sua estrutura técnica é substrato material em que, e através do qual, as formas simbólicas são produzidas e mediadas e que conferem às mesmas determinadas

características e certas possibilidades de participação de sujeitos sociais. No caso em estudo, a instância técnica mais evidente, primeiramente, é a emissora radiofônica na qual o dispositivo estudado está inserido. A Rádio Medianeira, constituída por uma infraestrutura física e técnica (equipamentos de transmissão), é capaz de alcançar vários formatos de audiência constituída por aparelhos radiofônicos fixos (nas residências) e móveis em até cinquenta municípios do Rio Grande do Sul.

A estrutura tecnológica começa a partir dos microfones (dois) instalados no estúdio de locução, e que estão ligados à mesa de sonoplastia que transmite os sinais de rádio até a antena. O som passa pelas terminações de fios e cabos que chegam até a torre de transmissão. Como é uma emissora de Amplitude Modulada (AM), o sinal modulador da mensagem da radiofrequência, que se propaga do transmissor, é recebido pelo portador de um aparelho de rádio em sintonia com faixa de ondas médias.

Os sinais de áudio são transmitidos e somente completam seu destino, após a retransmissão nos aparelhos fixos nas residências e estabelecimentos comerciais e industriais, assim como, em aparelhos móveis como rádios portáteis e instalados em automóveis. A tecnologia dos telefones celulares transmite ondas radiofônicas, mas apenas para emissoras em Frequência Modulada (FM), o que não é o caso da transmissora do programa.

Outros dispositivos tecnológicos, utilizados para a interação entre o ator protagonista e os demais atores sociais (equipe de apoio, voluntários e mesmo os ouvintes do programa) integram esta articulação de instrumentos, como o telefone e o SMS, o *site* e as cartas enviadas ao programa e à Sede Social entram em operação. A relação do programa com os ouvintes se conecta através de pelo menos seis aparelhos de telefone, sendo que um serve para contatar a Sede Social do programa e os colaboradores internos ao dispositivo que estão neste local. O apresentador usa do microfone para falar com os colaboradores internos, também, tanto os localizados na Sede Social, como os que atuam na própria emissora, como o sonoplasta e a secretária, que estão trabalhando em sua presença, e com os quais também estabelece conversações cara a cara, numa espécie de intracontato. Trata-se de um microsistema interno de interação e que nele participam apenas os seus próprios atores.

Este espaço de conversação, com marcas de intimidade e/ou de coloquialidade é desencadeado ao longo do programa. Algumas falas são levadas ao ar, pelo comunicador, que faz questão de revelar ao ouvinte o processo interativo que ocorre entre ele e os integrantes de sua equipe, no estúdio da emissora. Mas também, quando não está no ar, João Carlos Maciel conversa com os mesmos, a fim de orientar as ações de ordem e disposições dos canais que disponibilizam os fluxos interacionais, como o telefone, as mensagens de celular, a disposição

das cartas para leitura no ar e os sujeitos que visitam o estúdio em busca do programa.

As operações técnicas, necessárias para que o programa entre no ar, são dinamizadas pelo comunicador em seu discurso: sua fala preanuncia o que virá e o que estará no ar segundo depois, autodeterminando o que a equipe no estúdio – o sonoplasta e a auxiliar de estúdio Angélica devem fazer. A orientação também é dada aos demais sujeitos, que são mobilizados a utilizar da tecnologia disponível para interagir com o programa.

Por causa de suas características técnicas específicas, entende-se que os inventos tecnológicos implicam conseqüências nas formas lingüísticas e, por sua vez, no uso da linguagem, ou seja, constituindo-se como dispositivos da própria linguagem, quando a emergência da relação entre técnica e linguagem é concomitante. A relação entre a instância tecnológica e a discursiva do dispositivo radiofônico estudado, se dá por meio de elementos que são acionados ao longo do programa, como as músicas, os *gingles* e os enunciados dos atores envolvidos. Estes elementos somente entram em cena se forem acionados tecnicamente por meio das operações do sonoplasta na mesa de som.

A íntima articulação das instâncias apresenta a capacidade de fomentar a produção de sentidos dos ouvintes, projetando por meio do som, imagens sobre o que se está ouvindo, como se viu, teoricamente, por meio de diferentes autores, no primeiro capítulo. É por meio da especificidade da tecnologia radiofônica que o apresentador mediatiza o som de sua voz, tornando-se instrumento de ampliação de sua capacidade de dinamização de práticas sociais, tanto no sistema interno do dispositivo radiofônico quanto no ambiente externo.

O apresentador se vê estimulado a criar e utilizar de uma dimensão técnica para dar maior expressão aos seus afazeres, assim ampliando a visibilidade simbólica de suas práticas sociais. Neste sentido, a instância técnica incide sua lógica operacional sobre as lógicas operacionais da linguagem radiofônica.

O enlace com a instância social é dado pela mediação proporcionada pela instância técnica. Mas os canais de interação disponibilizados vão além de simples mediadores. A simbólica que está contida nas relações estabelecidas pela articulação dos elos do dispositivo, transparece a mediação do social na tessitura de sua composição. Basta lançar um olhar sobre os modos como o pólo produtor se lança sobre a esfera social. As operações contam com a penetrabilidade que o programa possui na comunidade local.

Os fluxos interativos podem ser reconhecidos como parte integrante das práticas do cotidiano dos sujeitos receptores. Isso ocorre no caso do dispositivo que se estuda nessa pesquisa. É relevante a preocupação da emissora em manter-se atualizada com relação às possibilidades tecnológicas disponíveis para elevar a qualificação do áudio, e dar cada vez

mais condições de interatividade à comunidade, constituindo-se, assim, sua estruturação como instrumento não apenas de mediação.

A cristalização do que se entende como um regulador de práticas sociais, deve-se à relação tecnodiscursiva implementada nas operações midiáticas aqui reconhecidas, ou seja, *práticas midiáticas* e *não midiáticas*, mas que afetadas pelas lógicas da primeira, somadas às outras, interferem na processualidade da *semiose* social, engajando, informando, estimulando práticas sociais, como por exemplo, aquelas de fundo assistencialista.

O funcionamento do dispositivo radiofônico, de forma contínua, acontece pela dinamização da instância técnica que interfere, conforme aborda Ferreira (2003) gerando novas modalidades de contato e de interação nas diferentes dimensões da linguagem, e neste caso, como se vê, como forma de enquadramento do discurso radiofônico, partindo de uma lógica de enredo particularizado pela especificidade dos sujeitos nele enquadrados.

Sua incidência se aplica ao lado interno e externo do dispositivo radiofônico, quando possibilita que as mensagens circulem, ou seja, que as gramáticas discursivas do campo da produção se encontrem com as da recepção e *vice-versa*, como já se destacou no início deste subcapítulo.

Os fluxos interativos que ocorrem no e pelo dispositivo ocorrem sob protocolos advindos da gramática produtiva midiática que, em relação com gramáticas de recepção, são institucionalizadas, conforme analisaremos no texto seguinte.

3.4.3 Instância institucional

Instituições sociais podem ser entendidas como um conjunto relativamente estável de regras e recursos, junto com relações sociais que são estabelecidas com elas e que dão uma forma particular aos campos de interação. Neste sentido, para compreender a constituição da instância institucional integrando-se na estrutura do dispositivo radiofônico, parte-se do entendimento definido por Meditsch (2001), para quem o rádio é uma instituição social com características próprias que o distinguem dos demais meios de comunicação.

Para pensar sobre a formação de uma instância institucional a partir do dispositivo radiofônico, é preciso compreender, que o mesmo nada mais é, do que um dispositivo interacional, e que o processo interacional, neste caso, corresponde ao ambiente no qual o dispositivo está inserido e no espaço que constitui ao longo do tempo, no qual o social se reelabora. Nessas condições, deve-se fazer uma aproximação entre a instância institucional com as demais para compreender a sua função como integrante de uma totalidade complexa.

Então, esclarece-se que os fluxos interacionais carregam consigo os discursos colocados em operação (do comunicador, dos colaboradores e dos ouvintes fora do sistema midiático).

Neste sentido, a linguagem utilizada como material de adesão ao discurso empreendido pelo comunicador constitui-se como a porta de entrada da institucionalização deste discurso. Ou seja, as estratégias discursivas produzidas no programa constituem o conjunto de regras compartilhadas socialmente, e que tem como efeito a institucionalização dos discursos que organizam os processos sociais inerentes ao dispositivo.

São estas regras que viabilizam a interação no programa, entre os diversos sujeitos. As falas lançadas pelos atores explicitam marcas da institucionalização do discurso. Os enunciados simbolizam a instância institucional por meio das regularidades impostas aos atores em interação, que expressam seus sentidos sociais (mediatizados) a partir dessa regulação.

As práticas sociais mediatizadas pelo programa são expressas pela conversação produzida quando o programa está no ar. Neste sentido, os atores e suas relações decorrentes das estratégias de interação participam do processo de instauração e manutenção das regras institucionais.

Isso pode ser vislumbrado, mais uma vez, pela articulação dos elos. O programa opera um projeto promotor de ações assistenciais, que conta com uma Sede Social, por meio de iniciativas que propõe formas de colaboração e melhoramentos da vida de seus ouvintes (representadas pelos *elos de práticas não midiáticas*). As regras institucionais constituídas pelo campo midiático valem para as práticas do campo não midiático, ou seja, a instância institucional que se identifica nos *elos de práticas midiáticas*, também afeta a interação com os *elos de práticas não midiáticas*. A intersecção dos elos se dá por meio de vários e complexos processos de interdiscursos que dinamizam os dois lados, entrelaçando-os através de diferentes práticas.

Desta relação, nasce um dispositivo institucional formado por *elos de práticas midiáticas e não midiáticas*, cuja estabilização, num determinado sentido, visa substituir o papel e a função de outras esferas do poder (instituições como família, estado e a igreja) da estrutura social, ou seja, constituindo um espaço institucional diferenciado, no qual a negociação de ideias e percepções objetivam melhorias do espaço social, dentro e fora do sistema midiático, ou seja, na sociedade. Neste sentido, reconhece-se, ainda, que o dispositivo radiofônico revela marcas de uma instância social, a qual se analisará na sequência.

3.4.4 Instância social

Para analisar as características da constituição de uma instância social no dispositivo radiofônico, parte-se do entendimento de Braga (2006), de que não é a mídia enquanto tecnologia ou enquanto empresa que se caracteriza como dispositivo social, mas determinados subconjuntos de regras e práticas sociais, com existência social reconhecível que a constituem. Nessas condições, operações fazer com que o dispositivo desenvolva um modo de ser social, partindo de ações que constituem um social específico, agenciadas a partir de seu núcleo central, o programa.

Social porque a intersecção dos elos é viabilizada pela relação das demais instâncias (*técnica, discursiva e institucional*) e que, desta forma, potencializa a ação reguladora de práticas sociais, tanto internamente, no sistema formado pela intersecção dos elos, quanto externamente, nas práticas sociais que se relacionam com o dispositivo, e que não é possível de se vislumbrar (não é objetivo desta pesquisa), mas que deixam algumas marcas quando se engajam ao dispositivo.

Os fluxos interativos operacionalizados por meio da intersecção das instâncias deixam marcas deste social. O social está imerso em cada uma das instâncias, pois estas são os pontos de contato entre o interior e o exterior do dispositivo radiofônico. Os processos de mobilização dos sujeitos, tanto internos, quanto externos do dispositivo são feitos por meio da instância discursiva. O envolvimento dos sujeitos com os projetos fomentados pelo programa e seu articulador são operações de práticas sociais, que podem ser vislumbradas através das adesões dos sujeitos aos diversos elos dispostos como pontos de contato.

A instância social que complementa uma das partes constituintes do dispositivo radiofônico particulariza-se pela topografia do mesmo. Isso se vê pela constituição dos elos. A instância social encontra lugar no dispositivo, tornando-se espaço de contato, de fluxos contínuos de interação acionados pelas operações do mesmo.

Os processos de participação dos sujeitos no programa são desencadeados por estratégias tecnodiscursivas as quais dão voz às demandas trazidas pelos personagens de diversas histórias do cotidiano de uma comunidade, propondo a potencialização de práticas sociais diversas, mas que estejam de acordo com interesses do seu regulador. Neste sentido, o mecanismo comunicativo, ou seja, as estratégias discursivas aparecem como geradoras de entendimento e fonte de integração social.

Da análise das manifestações simbólicas, ou seja, do social que se faz presente no dispositivo se pode inferir que o programa interfere na sociedade, já que se apresenta como

instituição atuante, como agente social, um meio “posto em ato” configurando-se, ao longo dos anos, como referência de apoio às demandas – efeito da midiáticação das ações interrelacionadas entre os campos sociais. Desta forma, configura-se a instância social como parte integrante do dispositivo, a partir de um entendimento de que sua estruturação, no seio da sociedade, coloca-se como um âmbito privilegiado.

O programa exerce funções sociais como atribuição de relevância, preservação de normas, legitimação e sociabilização. Estas funções desenvolvidas pelo funcionamento do dispositivo potencializam o sistema midiático, conforme Fausto Neto (2008) à tarefa de reduzir a complexidade da sociedade, dando singularidade à instância social que ali se constitui.

A complexidade se reduz quando o dispositivo constitui, por exemplo, em um lugar pedagógico, midiaticando os relatos das experiências do social, lugar no qual os participantes da interação discutem suas operações interpretativas do mundo em que vivem. Os enunciados dos atores envolvidos na trama radiofônica configuram uma rede de sujeitos, que, ao serem afetados pela lógica midiática, narram suas observações sobre o mundo, e que falem de si para os outros de acordo com expressões do social no qual estão inseridos, primeiro reconhecendo-o e, em seguida, compartilhando-o. Mas também, falam conforme o social que ali está sendo reelaborado, dinamizado e assim configurando uma instância social constituinte do dispositivo.

As instâncias do dispositivo se cruzam a partir de operações que partem do programa. Entretanto, percebeu-se que estas operações somente repercutem em ações, ou seja, em movimentos que põe o dispositivo em funcionamento, a partir dos sujeitos que nele estão imbricados.

Neste sentido, depois da descrição do dispositivo radiofônico, na sua abrangência e, por sua vez, de sua complexidade e funcionamento, privilegia-se uma descrição do trabalho tecnoenunciativo do apresentador, enquanto principal ator do dispositivo. Desta forma, descreve-se, no próximo capítulo, algumas de suas operações voltadas para a constituição das interações. Isso será feito porque o seu trabalho enunciativo se constitui na principal operação do dispositivo, ou seja, a *performance* de um ator dinamizador dessa rede é a responsável pelos processos de interação do dispositivo e que dão vida a ele.

4 O ATOR TECENDO DOS ELOS À REDE

Os estudos sobre processos e práticas midiáticas têm enfatizado nos últimos anos, análises sobre o trabalho dos atores nos processos de engendramentos de sentidos e de comportamentos. Esta ênfase não recai sobre a dimensão biológica, no sentido de ressaltar, por exemplo, o trabalho do corpo. Mas sim, em aspectos simbólicos sobre os quais repousam as possibilidades de explicação sobre como o corpo, por exemplo, produz sentidos. Neste caso, examina-se da perspectiva da estrutura social como a atividade simbólica faz com que os atores criam papéis sociais nos quais, ao longo de sua vida, particularmente através de processos de interação social, performatizam seus comportamentos.

Nesse sentido, este capítulo apresentará três subitens que analisarão o papel do ator na dinamização dos circuitos que fazem circular os sentidos do dispositivo radiofônico. Primeiro, vai-se apresentar o que se chamou de biografia “tríade” de João Carlos Maciel. A expressão “tríade” será utilizada como forma de caracterizar o modo como se compreende a representação simbólica do ator analisado.

Na sequência, no segundo subitem, a análise recai na voz do ator e sua articulação com o todo do dispositivo, entendendo-se que a operação que mais se destaca no processo de constituição de uma rede de sujeitos, se faz através do trabalho enunciativo de João Carlos Maciel e a *performance* de sua voz.

Já o último subitem deste capítulo vai abordar as coenunciações, ou seja, o entendimento que de as estratégias discursivas que o ator propõe dinamizar são atravessadas por enunciações de outros atores, que estão presentes na *semiose* do dispositivo e fazem funcionar ações em direção à constituição de uma rede.

4.1 A BIOGRAFIA “TRÍADE” DO ATOR

Através da constituição de sua “fachada”, João Carlos Maciel representa papéis em três campos sociais distintos: o midiático, como comunicador de seu programa radiofônico, o político como vereador e, finalmente, no campo assistencialista, ao operar uma proposta de projeto assistencialista.

Neste sentido, para respaldar a noção de representação simbólica “tríade” a que se atribui à biografia do ator, faz-se uso da noção de Goffman (1985), para quem, o sujeito realiza *performances*. Essa perspectiva goffmaniana agregada a outras visões teóricas a respeito do ator social foi vislumbrada no início desta tese, quando já se salientava

singularidades do papel que desempenha o ator que dinamiza o dispositivo radiofônico aqui estudado.

Tal *performance*, no olhar de Goffman (1985) se engendra a partir da constituição da fachada. Neste sentido, a fachada é, para Goffman (1985, p. 29):

A parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a sua representação.

João Carlos Maciel tem em sua biografia marcas que revelam as condições para tornar-se o responsável pela dinamização de práticas sociais, que foram construídas ao longo de sua trajetória, e que por sua vez, constituem sua fachada.

As fachadas do ator midiático estudado são compostas por um *cenário*, ou seja, segundo Goffman (1985, p. 29): “Compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada adiante, dentro ou em cima dele”, e a fachada pessoal, que englobam os comportamentos de João Carlos Maciel. Ou seja, conforme Goffman (1985, p. 31):

Aqueles de que modo mais íntimo identificamos com o próprio ator e esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal pode-se incluir os distintivos da função ou categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes.

Inicialmente, Maciel (2010) se diz preocupado em estar bem informado, conforme suas impressões de “aparência³¹”, tanto para proveito próprio como para bem informar sua audiência. João Carlos Maciel³² nasceu em São Luiz Gonzaga e tem cinquenta e quatro anos, dos quais trinta e sete são dedicados à profissão de radialista.

É uma história onde meu pai me deu o exemplo. Meu pai é pastor luterano. Eu tenho pais adotivos. Eu não conheci meus pais biológicos. Não tive essa chance. Eu tinha seis anos, eu estava chegando na Alberto Bins, em Porto Alegre. Houve um sinistro numa loja, era dia 30 ou 29 de junho e meu pai me deu o casaco e os pertences dele e, no desembarque, ele deu seu casaco para um velinho que tava tremendo de frio. E eu fiquei pensando naquilo (MACIEL, 2010).

³¹ São “aqueles estímulos que funcionam no momento de revelar o status social do ator. Tais estímulos nos informam também sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação informal, se está realizando, ou não, uma nova fase no ciclo das estações ou no seu ciclo de vida” (GOFFMAN, 1985, p.31).

³² Entrevista dada ao pesquisador no dia 04 de janeiro de 2010.

Aos doze anos, seu pai ouvia o programa a “Voz da Cidade” da rádio Gaúcha AM, em Porto Alegre. O programa na época era apresentado por Dilamar Machado,

que contava a história de uma família que teve a casa incendiada. Daí nós tínhamos uma casa de fundos, de madeira que não estava sendo utilizada, né. Meu pai perguntou pra mim: tu levas lá na rádio um bilhetezinho de uma doação. Eu quero doar essa casa aqui dos fundos pra essa família. Daí é claro, eu levo (MACIEL, 2010).

Foram os primeiros indicativos daquilo que Maciel vivenciaria a partir dali, baseado em experiências de uma herança familiar, ou seja, índices do ator midiático formando-se permeado pela lógica assistencialista, e, também, pela já presença desta dimensão via construção radiofônica – de programa de rádio de caráter assistencial.

A partir destes momentos marcantes, iniciou a sua vida radiofônica. Com treze anos teve a sua primeira oportunidade de ir a um programa de rádio, que era apresentado por seu pai adotivo, a “Hora Luterana”, da qual se pode inferir a afetação do campo religioso em sua performance radiofônica atual. “*Eu ia com ele, trabalhava com ele e aí eu apresentava os anúncios da igreja, os anúncios feitos para o final de semana, os cultos feitos na quarta-feira e domingo, enfim, eu dava todas as notícias da igreja. E fui pegando gosto por aquilo, né*” (MACIEL, 2010).

O proprietário da emissora, conforme conta Maciel, se interessou em abrir uma vaga de estagiário ao futuro radialista e foi então que Maciel ficou encarregado de apresentar o “Ao Sabor do Improviso”, programa musical inspirado nas canções da época da jovem guarda. Para ingressar na emissora, ele contava com a liberação do Juizado de Menores. Após ter se passado um ano e meio, foi chamado para atuar na Rádio e TV Gaúcha em Porto Alegre, já com dezesseis anos, seria a primeira grande emissora na carreira.

Jovem, procurou outras emissoras e trabalhou simultaneamente em diferentes rádios da região metropolitana de Porto Alegre. “*Eu consegui trabalhar em cinco emissoras. Rádio Princesa, em Porto Alegre, Rádio Cultura, de Gravataí, Rádio União e Rádio Itaí, ambas em Porto Alegre. Também fazia chamadas na Televisão, Canal 12, na época. Os programas eram musicais, de notícia. E ainda fiquei seis meses na Rádio Capita.*” (MACIEL, 2010).

Sua ascensão como profissional do rádio chegou com um programa de gênero popular, que alcançou o primeiro lugar nas pesquisas de audiência da Rádio Itaí. A atração era à tarde e ao vivo. Maciel, ao mesmo tempo alcançou o segundo lugar das pesquisas em outra emissora, no mesmo horário na rádio Capital de Porto Alegre, onde o programa era gravado.

Meio que me senti um fenômeno. Mas pra ruim. Naquela época eu perdi a humildade, que fui buscar depois, com o trabalho com os seres humanos, fui buscar minha retomada como ser. Isso foi em 1972 e 1973. Durou seis meses essa condição. Fiquei quase 10 anos na Itaí, em Porto Alegre (MACIEL, 2011).

Naquela época, a disputa por seu trabalho profissional causou uma briga entre os proprietários das emissoras. Maciel relata que o proprietário da Itaí pediu para ele demitir-se da emissora concorrente, a Rádio Capital. Mas, por causa da admiração e respeito que tinha pelos diretores da emissora, “*sai da Itaí e fiquei na Capital. Mas foi por uma semana. Quando ele viu que eu não dei a mínima, ele foi até a Rádio Capital e pediu para que demitissem o funcionário. Mas não pedi demissão*” (MACIEL, 2011).

Dias depois, a Rádio Capital considerou que ele deveria sair e Maciel voltou a trabalhar na Itaí.

Mas a fenomenalidade que eu tinha naquela época, não me contaminou de maneira financeira. Eu deixei de ganhar um bom dinheiro pelo tratamento que eu achava mais humano e mais verdadeiro do pessoal da Capital, que era uma emissora menor que a Itaí e me pagava bem menos. Onde a pressão era menor. Porque emissoras que disputam o primeiro lugar são emissoras que exercem uma pressão psicológica na tua cabeça. Ele mandou me readmitir na Itaí e fui obrigado a aceitar para não ficar sem emprego. Fui revoltado de volta para a Itaí. Mas isso me enriqueceu (MACIEL, 2011)

O radialista ganhou notoriedade com a apresentação dos programas: “Encontro Maior” e o “Clube dos Namorados” ambos radiorrevistas, quando começa a projetar-se como profissional a partir da produção de um programa que, segundo ele, seria nos moldes do futuro programa João Carlos Maciel, ou o que ele chama de um programa de “*ação, de prestação de serviços*” (MACIEL, 2011).

Após atuar dez anos na Rádio Itaí, Maciel foi contratado pela Rádio Farroupilha em Porto Alegre, onde cria o programa com seu nome. O convite partiu do jornalista Maurício Sirotski Sobrinho, diretor do Grupo Rede Brasil Sul (RBS) que recém havia adquirido a Farroupilha junto ao grupo das Emissoras Associadas, de Assis Chateaubrian, em 1982. “*A idéia do novo programa era dar voz à comunidade*” (MACIEL, 2011).

Nesta oportunidade, ficou na emissora por apenas seis meses e foi quando o comunicador iniciou suas ações assistencialistas através do rádio. Neste período, o empresário e apresentador Silvio Santos - proprietário do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) esteve em Porto Alegre. E, de acordo com Maciel, Silvio Santos e sua equipe a partir da escuta do programa no rádio do veículo em que trafegavam, foram até a Rádio Farroupilha e na entrada do prédio, se depararam com uma fila de ouvintes que participariam do programa apresentado pelo radialista.

E aquilo despertou no Silvio Santos o interesse de me levar pra rádio Record. Levaram as gravações do meu programa para um diretor-geral na época. Então fui pra Record. Quando eu tava implantando na Farroupilha todo o sistema de rádio solidariedade da Itaí, implantei o mesmo sistema na Rádio Record, em São Paulo e foi estouro total, lá. Estourou mesmo. Aí fiquei, da primeira vez, seis anos (MACIEL, 2010).

No sexto ano, o radialista Sérgio Zambiasi, apresentador do Programa “Comando Maior” estaria disposto a concorrer a algum cargo político, e isso, levou o Grupo RBS a recontratar João Carlos Maciel para substituir Zambiasi.

Daí o Zambiasi disse pra RBS que ficaria no programa. Depois de alguns dias, me senti meio escanteado, aí peguei e liguei pra Record e disse: Eu vim pra Porto Alegre, a minha missão já tá cumprida, aqui, se vocês me quiserem de volta eu to indo pra São Paulo” (MACIEL, 2010).

E assim, Maciel voltou para a Rádio Record pela segunda vez. Passaram-se os anos e, novamente em 1994, a Rádio Farroupilha se interessa por João Carlos Maciel. Mas em vinte e quatro meses, o comunicador voltou para a Rádio Record em 1998. Insatisfeito com experiência vivenciada a partir de uma nova direção que assumira a emissora radiofônica, João Carlos Maciel decide voltar para o Rio Grande do Sul, desta vez, com outro destino: a cidade de Santa Maria.

Escolhi esta cidade por que aqui tinha algumas amizades fortes. Decidi ir vir pra um lugar pra me aquietar e desenvolver meu trabalho, a minha missão de vida que eu quero continuar, mas de uma forma menor. Mas não foi bem isso que ocorreu, que nada! Cheguei aqui e comecei a trabalhar que nem um toro (MACIEL, 2010).

Ao chegar em Santa Maria, Maciel foi em busca de uma oportunidade junto à Rádio Medianeira AM. Sua proposta era fazer um programa que pudesse unir prestação de serviço com uma espécie de *show* do rádio local, buscando trazer o ouvinte para uma participação efetiva no processo de produção do programa radiofônico e que, por meio do meio de comunicação, pudesse retomar suas ações assistencialistas, que já antes permeavam as propostas de programa de rádio que apresentara.

O radialista acreditava já na época, a partir das experiências que teve nas emissoras anteriores, que oferecer amplo espaço de interação para o ouvinte e fomentar atos de solidariedade por meio de operações discursivas, se tornaria uma proposta condizente com as expectativas da emissora e do próprio comunicador. Depois de alguns contatos, no dia 08 de março de 1999, estava no ar, na Rádio Medianeira AM, o Programa João Carlos Maciel.

Quando se fala de solidariedade, nós damos testemunhos para que pessoas se despertem. Hoje, as igrejas usam o testemunho. Oferece o testemunho do ouvinte para legitimar as ações de solidariedade. Enaltecendo este ouvinte. Dando visibilidade ao testemunho dele. Primeiro, o cara que doou, que não queria aparecer, mas sentiu-se gratificado pelo enaltecimento do ato dele. Não foi uma ação comum, não importando o tamanho da doação. Importa o tamanho do gesto. Dando testemunho de que fulano ligou, outras pessoas que nem ao fulano vão ligar também (MACIEL, 2010).

Segundo Maciel, este modelo de programa de rádio, muitas vezes é alvo de críticas por parte da sociedade, que não teria capacidade de enxergar a dimensão do trabalho que é realizado por um complexo processo de produção, que se estende para fora do campo da mídia. Maciel entende que o programa é o inverso de alguns programas radiofônicos, que apenas preenchem grades de programação.

Todos os programas radiofônicos, ou 90% deles, têm em sua inserção, 90% de abobrinha. Alguns têm lógicas outros nem tanto. Eu, dentro de toda uma mística do meu programa, não vou para o ar sem ter o que dizer. O que é ter o que dizer: é falar desde a bolsa de valores que caiu, a poupança, um documento que a pessoa perdeu, um carro que foi roubado, um cachorrinho que foi perdido. Não é só o pedido de um a cadeira de rodas. O programa tem um leque de opções. Tenta ser útil. Nós tentamos ocupar o programa com 90% de prestação de serviços (MACIEL, 2010).

O programa tenta mesclar o que o radialista apresentou quando morava em São Paulo e nas emissoras de Porto Alegre. Na opinião de Maciel, “o rádio em São Paulo é o rádio atrativo, altamente teatral. É a interpretação, a emoção trabalhada. O que vira isso: vira um rádio-ator” (MACIEL 2010).

A proposta do Programa na Rádio Medianeira iniciou assim e continua até hoje, num contínuo processo de solidificação e avanço de um sistema de prestação de serviços e mobilização solidária. Maciel salienta que as inovações que trouxe para Santa Maria são a criação da Sede Social, a campanha do Natal do Amor Maior e a Campanha de Volta às Aulas.

Nessa iniciativa, nós apostamos em atender o ofício de uma escola a cada mês e veiculamos sobre as necessidades das escolas. Buscando livros, revistas para leitura, pesquisas. O objetivo é enriquecer bibliotecas. Essa campanha ajudou várias escolas da região, até mais do que as escolas de Santa Maria (MACIEL, 2010).

O trabalho assistencialista, desenvolvido por meio do dispositivo radiofônico, é auxiliado por outra dimensão da sua biografia “tríade”, ou seja, a sua vinculação ao campo político através do papel que desempenha na comunidade santa-mariense: o de vereador. João Carlos Maciel não gosta da expressão político. Prefere ser reconhecido como “homem

público”³³ e que ingressou na política apenas para dar condições de ampliar seu trabalho social desenvolvido por meio do programa radiofônico.

Entretanto, sua história envolvendo fatos relacionados ao campo político começou cedo e a afetação do campo, também. Ainda com seis ou sete anos de idade, quando morava com sua família adotiva na cidade de Montenegro/RS, Maciel foi surpreendido com uma iniciativa de Leonel Brizola, que, na época, candidatava-se ao cargo de Deputado Estadual.

Durante um comício de Leonel Brizola, eu chorava por que queria estourar um foguete. Houve um foguetório quando Brizola chegou ao local. O candidato viu minha insatisfação e pediu para que um assessor recolhesse os foguetes, já usados, é claro, para me dar os mesmos no dia seguinte. O pai convidou ele para almoçar lá em casa. Meu pai, sendo pastor, pessoa de influência religiosa, o convidou para ir até minha casa. E meu pai falava muito dele, da dedicação dele às coisas públicas, da preocupação com as escolinhas. Mas aquele gesto me marcou. Ele fez um gesto de carinho comigo. Um cara envolvido com tanta gente é uma pessoa de grande sensibilidade. Brizola pôs a mão na minha cabeça e disse: “Este vai ser um dos meus” (MACIEL, 2011).

Depois desse fato marcante na vida do futuro vereador, veio a maturidade, e a partir de uma observação sobre os rumos da política no país, Maciel afirma que jamais pensou em ingressar nesse campo social.

Já no rádio, Maciel era visto por candidatos como uma instância de inserção dos mesmos junto aos ouvintes das emissoras nas quais trabalhava. O radialista foi convidado para assessorar candidaturas e partidos. O assédio era tanto, que resolveu conhecer intimamente a vida política, como assessor parlamentar a convite de Orestes Quércia (então candidato do Governo de São Paulo – eleito pelo PMDB).

Mas, Maciel não esperava que se desiludisse ainda mais com as ações do poder público em 1986.

Fui convidado porque eu era famoso no rádio. Tinha uma penetração muito grande numa camada da sociedade. Eles tinham o interesse de me terem na equipe. Com a minha participação, como assessor, Quércia saiu do quarto lugar para ser eleito. Esse fato despertou, em Paulo Maluf, o interesse pelo personagem João Carlos Maciel (MACIEL, 2011).

Aos vinte e oito anos Maciel passou a assessorar a campanha de Paulo Maluf para a prefeitura de São Paulo. “*Tomávamos café todas as semanas. Por meio da minha inserção boa pela rádio Record, a proposta dele é que eu me filiasse ao partido. Mas não me filiei*” (MACIEL, 2011).

³³ João Carlos Maciel. Entrevista dada ao pesquisador no dia 26 de janeiro de 2011.

Depois disso, de volta para Porto Alegre em 1992, Maciel foi convidado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para ser o responsável pela inserção da campanha de Tarso Genro nas emissoras de rádio de Porto Alegre, quando o candidato tentava ser prefeito da cidade. “*Muito envolvimento com bandeiras. A família toda se envolveu. Me apaixonei pela campanha. E justamente contra César Augusto Schirmer*³⁴, *que perdeu a eleição para Tarso*” (MACIEL, 2011).

Neste período, Maciel trabalhou na Rádio Caiçara por um breve período. Dali foi para a Rádio Farroupilha, voltou para a Caiçara, e depois para a Farroupilha novamente. Mais uma vez, o radialista teve papel importante na eleição de um candidato. Entretanto, Maciel não acreditava num envolvimento maior com o campo político.

Como assessor, ajudei o Tarso a ganhar a eleição. Mas no final, eu me decepcionei. Eu vi coisas nas campanhas. Tudo igual. Esse foi o lado que me reafirmou como ser humano fora da política. Eu não posso concordar com isso, eu não devo concordar. Então não vou aceitar filiação nenhuma. Eu sou o cara que pode te afirmar assim, ô: conheci todos os lados, e todos os lados são iguais. [...] Há uma tese, uma ideologia política. Sim, havia, para alcançar o poder. Não mais do que isso. Claro que em alguns tem se destacado um lado mais humano. Mas pra chegar ao poder, todos os passos são iguais (MACIEL, 2011).

Depois dessa experiência, João Carlos Maciel retorna a São Paulo, novamente para a Rádio Record. Apesar da recompensa financeira, o radialista estava insatisfeito com a vida agitada da cidade grande e tomou uma decisão, como relata:

A última vez que sai da Record, nesse meio tempo, eu tava vindo da Record pra casa, no trânsito, de tarde, engarrafado, na Avenida 23 de maio. Daí cheguei em casa, já com a aflição daquele trânsito que tinha tomado conta, eu já tinha percebido isso na minha vida, o tempo que eu permanecia fora de minha casa, num corredor entre trabalho e casa, eu percebia que eu estava me desgastando, a vida passando. Neste dia, era agosto de 1998, eu tava voltando pra casa, no Brooklin. Cheguei na garagem, vi as bicicletas das gurias (filhas). E vi uma fuligem preta no aro das bicicletas. E percebi que as gurias não andavam de bicicleta há muito tempo. Subi e perguntei: Cátia (esposa), quanto tempo que as gurias não andam de bicicleta? E ela respondeu: desde que nós voltamos pra São Paulo. Ali, naquela tarde, eu havia tomado uma decisão. Eu disse para a Cátia: nós estamos ganhando dinheiro, ganho um bom salário, mas tu viu que a maior parte do tempo eu fico no trânsito, nós não vivemos praticamente mais, as gurias não tem vida, vamos de volta para o Rio Grande do Sul, e não para Porto Alegre. Vamos pegar uma cidade do interior, onde eu possa desenvolver meu trabalho. Mas vamos trocar um grande salário por pouco, mas com qualidade de vida (MACIEL, 2011).

Em agosto daquele ano, Maciel busca um novo contato com a direção do Grupo RBS, que imagina a sua volta para a Rádio Farroupilha. “*Eles vibraram muito, porque acharam que*

³⁴ César Augusto Schirmer (PMDB) é prefeito de Santa Maria/RS. Ele foi eleito na última eleição municipal.

eu estaria voltando para a Rádio Farroupilha. Mas eu disse, não. Eu quero ir para interior do Rio Grande do Sul. Quería que eles me ajudassem” (MACIEL, 2011).

Coincidentemente, neste mesmo tempo, quem entra em contato com o radialista é César Augusto Schirmer. João Carlos Maciel havia sido assessor de imprensa dele na Secretaria da Agricultura do Estado do RS, no Governo de Antônio Brito, quando passou a admirar o político.

A minha noção de política mudou. Tive uma luz. Não pelos ideais políticos, mas pela aplicação dele ao trabalho público. Época essa quando eu trabalhei mais, em toda a minha vida, em quatro anos que fiquei com ele. Oito da manhã às 11 da noite. Ai que eu conheci pessoas que, de forma isolada, se dedicavam ao extremo à vida pública (MACIEL, 2011).

Logo depois desse período, Schirmer elegeu-se Deputado Federal, em 1998, quando Maciel foi novamente convidado para ser assessor de imprensa em Brasília. Mas o radialista, então ainda morando em São Paulo e trabalhando na Rádio Record, não aceitou o cargo e pediu ajuda do parlamentar para voltar ao Rio Grande do Sul. *“Schirmer me convenceu a ir morar em Santa Maria. Pois ele já previa uma candidatura a prefeito de Santa Maria na época e afirmou que eu poderia ajudá-lo neste sentido. Também falou da qualidade de vida daqui”* (MACIEL, 2011).

Mas era preciso encontrar uma emissora que estivesse interessada na proposta de João Carlos Maciel. César Schirmer teria contatado com emissoras de Santa Maria e a Rádio Medianeira AM, por meio do Diretor Geral, Luiz Ademir de Oliveira.

Este foi o cara, o Luiz Ademir, que decidiu a minha vinda para Santa Maria. A peça fundamental em Santa Maria foi a decisão que ele tomou, de me trazer para cá. Foi então que decidi que este seria o lugar para desempenhar meu trabalho social, mas que eu iria precisar de uma rede, de mecanismos pra desenvolver meu trabalho com menos dificuldades, para me dar a alegria de servir e não deixar de fazer o meu sonho. Ai comecei a encontrar dificuldades, porque a empresa não tinha toda a estrutura de que eu precisava. Na Record eu tinha os caminhões. Na Farroupilha, o que eu pedisse no departamento de transportes eu conseguia. A rádio passou a ter a preocupação de ter 10, 20 pessoas numa equipe, pra desenvolver o trabalho. Senti um problema. Falei com o Schirmer e ele me aconselhou. “Vou te ajudar. Tive que ir a luta” (MACIEL, 2010).

Iniciado o programa na Rádio Medianeira, logo Maciel se dispôs a comprar um caminhão para colocar em prática o seu projeto assistencialista, submetido às lógicas que o afetavam cada vez mais. A dimensão assistencialista da biografia “tríade” do ator ganhava estrutura e visibilidade em Santa Maria. Este é um exemplo de como a prática midiática coaduna com a prática não midiática, colocando o assistencialismo na rua, circulando no seio social.

Vendi meu carro, um Astra, na época, e Schirmer me ajudou com recursos para a aquisição do primeiro Caminhão da Solidariedade, do projeto assistencialista. Isso facilitou a doação. Há confiança na minha equipe. O povo passou a confiar ainda mais no meu trabalho. Se eu não tivesse o caminhão e uma equipe, ninguém deixaria um estranho entrar na sua casa. Isso cria identidade. E assim consegui criar uma corrente crescente de ações. Todo mundo vendo o caminhão, a equipe. Ai criei uma rede. Formando uma grande audiência, o retorno pra quem necessita de ajuda é muito mais rápido. Exemplo: chegam no programa duas famílias precisando de uma cama hospitalar. Se eu formo uma rede de audiência com 50 pessoas, eu não vou conseguir uma cama hospitalar. Mas se eu formo uma rede com 50 mil ouvintes, eu vou conseguir a primeira cama, a segunda cama e por ventura uma terceira, quarta ou quinta, para desempenhar aquela obra social (MACIEL, 2011).

Para dar andamento ao projeto assistencialista, Maciel precisava de uma equipe. Ele lembra que havia pessoas que ajudavam de maneira voluntária. Contudo, havia despesas com o caminhão, e também era necessário buscar um espaço para abrigar o projeto solidário.

Tinha que alugar um lugar pra botar as coisas, inclusive para uma outra meta: a doação de roupas e calçados e, por ventura, medicamentos. Tinha que ter uma sede. Hoje custa R\$ 1.200,00 o aluguel da sede social. Eu tinha que pagar isso. Como? Salário de rádio? Aí o Schirmer disse: Tu te candidatas. Eu conheço teu trabalho. Eu acho que tu seria um candidato em potencial pra ajudar, como tu vens ajudando, com mais força, a força política e de sustentação desse projeto. Então me candidatei pela primeira vez, em 2004, e fui o mais votado da história de Santa Maria, com 6.575 votos. O salário de vereador vai todo aplicado nas ações sociais empenhadas por todo um programa complexo, que tem uma grande equipe (MACIEL, 2011)

Apoiando-se em sua *performance* como vereador, Maciel consegue dar andamento ao projeto assistencialista que comanda a partir do programa radiofônico. Sua biografia “tríade” contribuiu para que fosse, na última eleição em 2008, novamente o vereador mais votado de Santa Maria e do Rio Grande do Sul com 8.609 votos.

Apesar de alcançar expressiva votação e popularidade entre os eleitores santamarienses, Maciel costuma reafirmar sua posição quanto ao campo político:

Sou homem público, não político. Em 2004, fui o vereador mais votado da história da cidade. Politicamente, qual é o caminho mais correto: ascensão para deputado. Dentro da filosofia partidária é. Ninguém tem um candidato para ser só aquilo ali. Ele não dá crescimento ao partido. Ficando na mesmice, ele só dá decréscimo ao partido. Ele é um personagem não bem-quisto dentro do partido. Aí vem outra eleição, em 2008. Aí eu bato o recorde no Estado para vereador. Novamente o procedimento natural, ascensão. Mas pela segunda vez a teimosia. Fui indicado para deputado estadual e já poderia pensar em deputado federal. Não. Eu optei por continuar como vereador. Então aí eu acho que divide um pouquinho a classe política carreirista ou não carreirista, mas seguindo a ambição do partido. Nem sempre é a missão do homem, mas a missão do partido. Eu contrariei todas as indicativas do partido. Não quis, não sai, preferi seguir vereador em função do meu trabalho social. Então não sou político, sou homem público (MACIEL, 2011).

Antes mesmo de ser vereador, Maciel lembra que havia criado projetos direcionados à população em nível nacional, num total de trinta e oito propostas. O mais importante, destaca, foi enviado para um parlamentar da Câmara dos Deputados há cerca de trinta anos. O projeto constava do seguinte: aula teórica e aula prática sobre meio ambiente em todos os níveis escolares, em todo o país.

Por que isso: por volta de 1980, tu imagina o Joãozinho indo para a rua numa aula prática, juntando um papel de balinha, um toco de cigarro. Ao mesmo tempo que ele faz isso no primeiro ano do fundamental, isso tudo vai criando uma consciência nacional. Pois isso vai criando uma prática. Quem sabe até não fumar este aluno não iria. Mas isso seria um trabalho complexo, pois a formação da consciência nacional demora. Esse é um deles (MACIEL, 2011).

Ao falar dos seus projetos apresentados à Câmara de Vereadores de Santa Maria, Maciel salientou a aprovação de uma proposta para dar local e tratamento adequado a lâmpadas fluorescentes, baterias de telefone celular, pilhas e outros materiais dessa categoria. Também lembrou da proposição de alteração de uma lei que institui tempo máximo de permanência em filas de agências bancárias em Santa Maria. Outro projeto, este não aprovado pelos colegas vereadores, buscava instituir a oração do “Pai-Nosso” como prática comum em sala de aula de todas as escolas municipais da cidade.

Tem um projeto técnico, tem o místico, o complexo. Há uma turbulência muito grande na relação humana entre professores e alunos. Falta de espiritualidade, falta de solidariedade, de respeito humano. Valores perdidos, né. O que eu acho: na minha concepção, dentro da sala de aula, por que não poderíamos criar, em todos os níveis, nas municipais, mas começar por aí o exemplo, e rezar a oração do Pai-Nosso, por obrigatoriedade, no início das aulas. O que isso vai dar: um pouco de espiritualidade para a sala de aula. A oração quebra paradigmas. Mais no espírito de oração, uma busca de algo maior dentro da sala de aula para fazer com que aquela sala de aula se harmonize e harmonia traz paz (MACIEL, 2011).

Para João Carlos Maciel, o rádio ajudou-o a se reeleger. Na sua concepção, somente poderia haver evolução no trabalho de vereador a partir da ampliação das suas ideias. O rádio atuaria não só como amplificador dos projetos, mas o contato social proporcionado através do meio de comunicação, também auxiliando no fomento de sugestões que possam viabilizar ações de melhoria da qualidade de vida da população.

Porém, adverte, é necessário que as ações midiáticas pelo programa radiofônico concretizem-se entre os ouvintes. *Esse trabalho tem que ser visto na rua. Então não adiantaria somente o rádio. Se eu tivesse o trabalho que eu tenho no rádio, mesmo potencial emocional, de envolvimento de pessoas nesse trabalho, e não tivesse o trabalho externo, nada seria feito” (MACIEL, 2011).*

A prática de Maciel, como vereador, procura diminuir a distância entre as necessidades do povo e o poder público. Nas quartas e sextas-feiras faz visitas aos bairros e vilas de Santa Maria. Nas segundas-feiras, atende o público junto à Sede Social do projeto assistencialista.

Lá é um ambiente que as pessoas pedem para falar. Elas se soltam. É como se fosse um consultório. No programa também é assim. Elas falam dos problemas mais íntimos que elas têm. Das suas mais extremas necessidades, angustias tanto pessoais como sociais. Elas buscam lá o amigo, o vereador, o radialista, o irmão. E eu respondo como irmão delas. Isso é real. Isso não é invenção. Até porque ela se identifica comigo, entendeu. Eu me apresento como João Carlos Maciel. Não como vereador. Lá não sou nenhum famoso, não. Eu sou o João. Eu dou um abraço nela, e dou beijo. E a recebo com carinho, com extremo zelo. Ela sente que ela é importante pra mim. Logo, eu sou importante pra ela. E o princípio de tudo está em tu fazer a pessoa importante pra ti, que um dia tu serás importante pra ela. Eu pratico isso piamente todos os dias. Dentro da minha filosofia de vida, eu sinto a necessidade diária de ajudar alguém. Isso me torna feliz. Então, na verdade, todos os dias eu me realizo em praticar uma ação. Faz diferença eu praticar 20 ou 30, não. Mas se eu posso, por que não fazê-lo? (MACIEL, 2011).

As operações midiaticizadas por João Carlos Maciel, ao longo dos anos, ganharam notoriedade e relevância junto à comunidade santamariense e região central do Rio Grande do Sul. Sua *performance* como comunicador, político e mantenedor de um projeto assistencialista reelabora-se diariamente. Por meio do dispositivo radiofônico, ora transparece mais uma dimensão, ora as outras, das três identificadas. Entretanto, uma afetando a outra, dando condições de dar andamento às estratégias que midiaticizam o social.

Conhecido como sujeito que protagoniza a cena midiática composta por inúmeros outros atores sociais (os ouvintes do programa, voluntários, padrinhos e madrinhas e coordenadores de campanhas, fãs), João Carlos Maciel agencia quadro enunciativo, que se constitui como efeito de estratégias discursivas que partem do campo midiático, a fim de constituir vínculos com os sujeitos sociais.

Cada dimensão (política, midiática e assistencialista) de alguma maneira funciona como ponto de contato com os campos sociais acionados pelo ator. A dimensão política abre a possibilidade de estabelecer relações entre o poder público (instituição) e o meio (a sociedade), o que significa uma importante estratégia para o ator, que faz uso da condição de vereador para dinamizar operações no próprio campo e nos demais.

Assim, também é com a dimensão assistencial. Ao se constituir parte da *performance* do ator, opera da mesma forma que a política e a midiática, ou seja, como fonte de relação com os sujeitos. A dimensão assistencial facilita as interações com o campo das instituições, como a prefeitura, por exemplo, e com a sociedade, que é beneficiária ou beneficiada. O

assistencialismo, neste sentido, justifica os fins das operações (o projeto assistencialista) desencadeadas pelo ator. Já a dimensão midiática exerce papel de mediatizadora das operações colocadas em curso.

Ou seja, através do campo midiático, o ator dá visibilidade às ações advindas das três dimensões, ao mediatizá-las. O ator mediatiza sua própria biografia “tríade” através de operações estratégicas possibilitadas pelo campo midiático, e que dão origem a um determinado sujeito que ganha reconhecimento e legitimidade no seio social.

Neste sentido, depois de reconhecer a biografia do ator, se abordará na sequência, a constituição e o funcionamento do que se considera o principal elemento utilizado pelo ator para dar dinamização às operações do dispositivo radiofônico: a especificidade da sua enunciação, especialmente por se constituir seu principal operador, que é a voz.

É preciso lembrar que no primeiro capítulo buscou-se um aporte teórico sobre a complexidade do dispositivo radiofônico. Naquele texto, vislumbrou-se que a importância da voz como uma dimensão imprescindível para o ator radiofônico operar suas práticas no âmbito comunicacional. Nessas condições, o trabalho enunciativo do ator, a partir dos modos de como utiliza a sua voz para engendrar um espaço de relação muito particular entre o sistema midiático e o meio (sociedade).

4.2 A VOZ DO ATOR E SUA ARTICULAÇÃO COM O “CORPO” DO DISPOSITIVO

Da biografia midiática do ator, o aspecto que mais se destaca dentro do processo de constituição de uma rede de sujeitos, se faz através do trabalho enunciativo, que dá existência ao dispositivo radiofônico, mediante a *performance* da voz. A voz do ator principal do programa, conforme explica Zumthor (1993) ao se fazer “corpo” faz funcionar a complexidade do dispositivo. Ou seja, entende-se que a materialidade do discurso do ator ganha corporalidade por meio da voz.

O rádio aporta um sistema discursivo no qual a palavra falada e os sons contextualizam a construção de dimensões icônicas como a altura, a intensidade e o tom. Neste sentido, estas dimensões apontam a voz como recurso indicial no universo de estratégias de estabelecimento de vínculos comunicacionais mediatizados. A voz, neste sentido, opera como uma condensação do corpo do ator. Sua voz se faz corpo por meio da articulação com o dispositivo radiofônico, e dele com outras vozes.

A expressão de materialidade da voz do ator é circunscrita pela faculdade discursiva específica do rádio, reconhecendo, como se viu anteriormente, um conjunto de restrições e

possibilidades que formam o quadro discursivo do programa, e que é estabelecido pelas instâncias que constituem o dispositivo radiofônico.

Lendo cartas, mensagens, avisos, notícias, conversando ao vivo e por telefone com os ouvintes submetidos aos efeitos de certas regras, e interagindo com seus colaboradores que estão ligados pelos *elos de práticas midiáticas e não midiáticas*, que constituem o programa radiofônico, a voz adquire o estatuto de um corpo que ocupa o espaço, e se apropria do tempo da comunidade de ouvintes que se entrega à audição mobilizada por este corpo.

Nessas condições, a voz do ator constitui-se numa operação, que se propõe destacar como um discurso sincero por parte do ator³⁵. É a especificidade da voz, cuja *performance* é do lugar midiático, a função de articular o discurso que afeta todo o dispositivo nos seus diferentes elos e instâncias. Uma voz que está a serviço de uma atividade de organização de circuitos interativos em direção à emergência de uma rede. Para que isso ocorra, o dizer radiofônico, uma “oralidade virtual” no entendimento de Meditsch (2001), contempla a singularidade do rádio, marcando a presença, o encontro entre o narrador e o ouvinte.

A voz do narrador incita sensações as mais diversas, e estas, por sua vez, constituem-se em ações corporificadas, vindo a constituir ao redor do ouvinte, uma imagem que não é apenas para ele, que é para todos. Nesse sentido, a voz do ator se torna a instância mais importante do quadro da enunciação, que vem sempre acompanhada de um acento apreciativo, determinado pelo tom dado a cada palavra, entendendo-se que há uma forte ligação entre o tom e os sentidos dados aos enunciados. A produção de sentidos é uma questão de interação e a identificação dos sujeitos que participam desse contato.

No fragmento a seguir, os enunciados evidenciam a encenação de uma identidade social de locutor, e que dá direito ao ator de fundar sua legitimidade em função do estatuto e do papel que desempenha junto à comunidade. Ele constrói por meio de índices verbais, um tom de fala, nem muito forte e nem muito fraco, como de um político sério, e que tem controle de si e preocupação em ser entendido, mas, acima de tudo, de ouvir.

Bom dia, meu povo, bom dia Santa Maria! Mas quê segunda-feira mais linda, meu Deus! Hein, Carlão. Um dia bonito desses é motivador. É dia de colocar as boas ações em prática. É dia de ouvir o outro. Quantas e quantas vezes queremos ser ouvidos, hein Carlão. Mas não nos damos conta de que os outros também querem, também merecem um pouquinho da atenção da gente. Então, hoje é o dia. Que essas palavras tenham o sentido de alertar, de chamar a atenção de você, minha amiga, meu amigo, que nos acompanha todos os dias. Não é só ouvir o programa João

³⁵ O ator social é “sincero” em seu desempenho quando acredita no papel que representa e nas impressões que sua fachada desperta os demais sujeitos. (GOFFMAN, 1985).

Carlos Maciel. Claro, que continue nos ouvindo, né, Carlão! Não é pra deixar de prestigiar a gente aqui, todo dia. Mas se trata de ouvir o próximo, como um sentido de solidariedade com teu irmão, aquele tá ali, do teu ladinho, todo dia, ou mesmo aquele você vê, só lá de vez em quando [...] (MACIEL, 2010)

Atravessado pela lógica do campo assistencialista, e do campo político torna-se importante não apenas “saber ouvir”, estar atento, predicado que gera como efeito de sentido uma atitude de consideração com o outro, de solidariedade com o próximo, mas também, de reconhecer o outro, de dar voz ao outro, pois um político ouve o “clamor do povo”, e ao dar ouvidos ao povo, o “faz existir”.

A entonação no fragmento acima é intimista. Causar a sensação de intimidade com o ouvinte, afirmando que é necessário dar “ouvidos ao que o outro diz”. Mas também é uma voz exortativa, indignada, didática e pelo qual se faz a *performance* dramatúrgica do ator. Assim, em relação ao objeto de estudo aqui analisado, temos a voz como o elemento determinante de ser entendido como problema de significação. Toda produção de sentido tem uma manifestação material, ou seja, elementos que compõe um conjunto de matéria significante.

Nesse sentido, deste conjunto no caso do rádio, no qual temos voz, música e ruídos advindos da sonoplastia, destaca-se aqui a pretensão do ator, na medida em que aprende que dependerá de sua voz para criar elementos com os quais irá produzir interações voltadas para a mediação do social, necessariamente se educar em fazer de seu texto, o que será conforme postula Zumthor (1993) corporificado pela voz, um texto criativo, habilmente constituído por estratégias discursivas as quais penetrarão no espaço fascinante que se criará ao longo do espaço/tempo do ouvinte.

Neste sentido, o ator do programa define o tom principal que quer conferir ao que é enunciado. Essa decisão não diz respeito à forma como Maciel quer apresentar a si próprio, mas aquela como quer mediar seu discurso, é estrategicamente tomada, relacionando suas condições de operar o dispositivo, ou seja, o campo de produção com as condições de reconhecimento da significação que será produzida.

A voz do ator principal do programa pode ser analisada a partir das características do rádio que, como postula Bachelard (1985) a quem se referiu anteriormente. O autor entende que pela sua essência, no rádio, a voz se faz imaginação que emana da boca de quem fala, a impressão de competência discursiva é uma consequência da capacidade do mesmo de fornecer, por intermédio de acentuação, articulação, sentimento e tom, uma boa interpretação do que está dizendo.

O propósito de examinar a voz a partir do texto radiofônico em sua especificidade também aponta para a reflexão acerca do que Duarte (2004, p. 122) chama de tonalização do discurso, que “diz respeito ao processo de conferência de um tom ao discurso, isto é, a produção de determinados efeitos de sentido”.

Segundo Duarte (2004) o enunciador, como sujeito operador de determinadas combinações e seleções de enunciados, capazes de produzirem as articulações responsáveis pela instauração de significado, define o tom principal que gostaria de conferir e que se projeta diretamente sobre os sujeitos da comunicação.

Quando este tom é muitas vezes reiterado, como identifica-se no objeto analisado, ele transforma-se numa operação midiática deliberadamente estratégica, ligada às práticas discursivas e sociais. Nessas condições, a tonalização entendida com uma operação, atua como processo responsável pela articulação – harmonização e compatibilização dos discursos colocados na *semiose* radiofônica.

O ator faz uso do tom como propriedade conferida ao seu discurso, agregando uma série de gradações (aumento ou diminuição de ênfase em determinado tom) a partir de regras de tonalidade, ou seja, de acordo com Duarte (2004, p. 124): “Um conjunto de regras que pautam fenômenos harmônicos, definindo os procedimentos de articulação de tons e suas possibilidades de encadeamentos, decorrentes das afinidades entre os tons e suas condições de gradação”.

Nesse sentido, pode-se identificar no ator do dispositivo radiofônico, uma série de variações possíveis. Em sua *performance* Maciel faz uso da elisão³⁶ em sua locução. O cenário que desenha, por meio das estratégias de tonalização, tem na franqueza de seu discurso a intensidade como uma das características.

A voz do ator postada a serviço da economia discursiva do programa radiofônico atua como organizadora de um espaço-temporalidade social, não só especificadamente midiático (a vida cotidiana do ouvinte).

Também é um suporte, que não indica um espaço, mas por meio do qual o som se difunde e penetra e, por último, constitui um espaço midiático, que só tem existência no próprio rádio. Estes arranjos se articulam num entrecruzamento espaço temporal discursivo com seu contexto de recepção que, neste caso, está dentro do próprio dispositivo radiofônico (atores que atuam nos *elos de práticas midiáticas e práticas não midiáticas*) e fora do dispositivo, a comunidade ouvinte.

³⁶ Para César, “a elisão é uma forma de assimilação entrecortada na fala distensa e que se relaciona com a maneira de colocarmos juntas as palavras, ou combinarmos sons dentro das frases. O fenômeno resulta da necessidade de tornar a comunicação efetiva. A emissão vocal vai se formar mais melodiosa, fluente, sonora e agradável, quando as palavras são ligadas umas às outras” (CÉSAR, 1990, p. 62).

Nessas condições, e levando-se em consideração a atuação do ator por meio de sua “*performance* mobilizadora” dos atores sociais, a fim de colocá-los sob sua regulação, o programa constitui-se num verdadeiro *show* radiofônico. A dramaturgia radiofônica, posta em evidência, se destaca no contexto em que se manifesta pelo tom da voz de Maciel, quando assume caráter de dinamizador do espaço de intensa interatividade com seus colaboradores e com o público ouvinte, constituindo um “efeito dramático” conforme Sanz (1999), como um marca estilística de suas operações discursivas.

No fragmento a seguir, o “efeito dramático” do ator tem a intenção de mostrar indignação. Também deseja expressar atitude por meio do tom da voz que dá corpo ao texto que corrobora com a intencionalidade. A enunciação é expressa com a ajuda de pronomes pessoais de primeira pessoa, o que implica ainda mais o tom de rispidez com o qual constrói a imagem de compromisso com o próximo.

Olha, sabe o que eu vou fazer, eu vou ligar pro nosso vice-prefeito e secretário da Saúde e vou pedir a solução disso hoje mesmo! Nós vamos atrás dessa informação. Pra perguntar pra ele, afinal de contas: o quê que tá acontecendo, gente?! Se isso ta dentro de uma normalidade ou não. Me dá só um tempinho. Me dá, aí, o teu telefone, o! (MACIEL, 2011).

A expressão “*olha*” é para interpelar o ouvinte. O fragmento apresenta enunciados construídos em primeira pessoa, “*eu vou ligar, eu vou pedir, me dá um tempinho*” são atos ilocutivos, ou seja, significa que o ator age dizendo que o fará. O ator, como sujeito centralizador do quadro enunciativo, é constituído por uma interdiscursividade específica, ou seja, as afetações dos campos político, assistencialista e midiático se manifestam nos modos de como abordar um tema. Maciel se constrói no ato de fala redimensionando o sujeito da enunciação.

O uso do *eu* é o reconhecimento da existência de um tu, no caso, os demais sujeitos envolvidos na trama radiofônica. Também configura o reconhecimento de outros ‘*eus*’, já que temos na *performance* elementos que compõe uma “tríade” biografia do ator. Afinal, este *eu* é o comunicador, o político e o assistencialista, ao mesmo tempo, mas com uma das biografias se manifestando como central, com mais destaque, no caso do fragmento, o político.

A rispidez do dizer pode ser notada, mesmo que em nome de um interesse pessoal consciente, já que a atitude prometida atende à uma projeção pessoal de sua capacidade de ação, não somente como comunicador que possui um programa com uma proposta de assistência social, mas como líder político na cidade.

Conforme Goffman (1985) a abordagem dramaturgica do ator tem a voz como agenciamento que dá disposição aos relatos. Os blocos do programa, criados especialmente

para que a interação com os colaboradores e os ouvintes se efetive a cada momento, são operados pela voz que, corporificada, exerce força regulamentar no discurso radiofônico, que atua sobre os atores sociais envolvidos. João Carlos Maciel tem seu comportamento orientado por normas dadas pela institucionalização de seu discurso, dada pela instância institucional, expressando uma espécie de acordo social que prescinde suas ações enunciativas.

A dramatização da voz, nesse sentido, é uma técnica de manipulação da impressão empregada para atender a uma dimensão enunciativa do ator, assumindo um tom de proximidade, propondo que o programa se torne a cada dia, um lugar de construção de uma determinada modalidade de laço social, que se solidifica através da mediação do social ali imbricado. Os enunciados são dirigidos a receptores que não são passivos, que estão ali e coproduzem o discurso por meio da adesão do mesmo. Mas, é preciso compreender de uma maneira diferente o comportamento dos ouvintes.

Na voz de João Carlos Maciel observa-se a tentativa de transmitir sensações que visam estabelecer um estreito vínculo identificatório, ou seja, que possa haver o reconhecimento entre o que é dito no campo midiático e o que circula, no que tange a dizeres, no contexto interacional em que se encontram os atores sociais.

*São mensagens. Mensagem de afeto de carinho com o programa, Carlão. 8 e 40 da manhã. Mais mensagens! Parabéns a ti e toda a tua família. Saiba que nós te amamos e torcemos por ti, diz a mensagem da ouvinte, aqui. Muito sucesso e fé em Deus. Outra mensagem recebida pelo celular. Ana Cláudia e Leonilda. Outra mensagem aqui, Carlão, meu Deus, quanta mensagem, que barbaridade! Calma aí, Carlão!
Rosana, obrigado pelo carinho maravilhoso de sempre. A todo mundo que sempre está ligado conosco, nosso muito obrigado. 18 pras 9. Toca a música do Athaide e Alexandre. Bom dia, meu povo! (MACIEL, 2010).*

As mensagens de SMS, assim como as cartas direcionadas ao programa são dispositivos interacionais instituídos pelo campo midiático, que fazem parte do contrato de leitura proposto aos sujeitos ouvintes. Sempre que lê as mensagens, a voz ganha entonação mais forte, pois são elogiosas e legitimam demonstrações de apreço ao ator.

A voz ganha ritmo mais acelerado quando Maciel agradece seus ouvintes pela participação no programa. Ele busca superar a carência visual do ouvinte (já que o rádio ativa apenas um órgão sensorial, o ouvido) fazendo interjeições vocais com intenções de expressar toda a sua satisfação em poder enunciar que a interatividade no programa é contínua, e que acontece por diversas estruturas de contato.

Maciel usa da voz para reconstruir mentalmente, para o ouvinte, as cenas que se detalham através da entonação.

[...] Olha, atenção, imaginem a cena: as manobras feitas por um motorista de caminhão. É notícia policial. Imaginem só, Imaginem só, um caminhão ocupando toda a rua, subindo nas calçadas. Porque o motorista estava bêbado, meu amigo. Mas que barbaridade. Mas que irresponsabilidade, hein, tchê! Depois perda o emprego, não sabe porquê! Bom dia meu povo! Lá vai Amado Batista! Parabéns para a Aline, na João Goulart! (MACIEL, 2010).

O ator mistura o acontecimento público com o acontecimento privado ao programa. Primeiro, relata um fato do cotidiano, da cidade, e logo em seguida, faz saudações aos ouvintes. Para tornar-se sujeito protagonista da enunciação, o discurso do ator se faz em meio a um processo de subjetivação, e que somente se efetiva quando se encontra com a escuta e outras manifestações discursivas dos seus interlocutores, no caso os ouvintes. A afetividade contida na linguagem radiofônica está expressa nessa voz por meio da continuidade que o programa oferece, nas interpelações e outras estratégias que são diárias.

Essa continuidade é uma das marcas do programa, que interpela o ouvinte a fazer um acompanhamento efetivo, se construindo discursivamente como um canal de representação dos interesses dos sujeitos sociais. A incompletude de ações propostas pelo programa, e que são dramatizadas pelos enunciados do ator, funcionam como estratégias discursivas de manutenção da audiência a longo prazo, como pode-se perceber no fragmento a seguir:

Bom, em questão de instantes, o secretário municipal de Saúde vai falar aqui no programa, então. Vamos perguntar pra ele as atuais indagações. Eu já te ligo, minha amiga. Se não conseguirmos hoje, se não conseguirmos falar com ele hoje, eu prometo que tentaremos amanhã. E mesmo assim, se não conseguirmos, vamos continuar tentando, até que tenhamos uma resposta para essa ouvinte. Até que tenhamos uma resposta para a comunidade que nos acompanha, todas as manhãs, aqui no programa João Carlos Maciel! (MACIEL, 2010).

O corpo da voz se faz presente por meio de enunciados, que expressam a emoção do operador do dispositivo radiofônico. Segundo Fabbri (1999, p. 97): “A emoção, portanto, tem algo de gestual e de icônico, ou seja, em certa medida de visível, e, contínuo de potencial e não de descontínuo”.

Num dos programas, o ator saiu em defesa dele próprio, quando recebeu a informação fora do ar, de que um radialista (de outra emissora) teria mal interpretado alguns cartazes que indicavam locais de embarque dos ônibus, que levariam os fiéis até o a “Missa da Saúde”, evento promovido pelo programa:

Caravana da Fé. Missa da Saúde. Programa João Carlos Maciel, que promove este evento. Apenas isso. Que Deus perdoe essa pessoa! Que Deus perdoe o comunicador dessa emissora que foi pro ar, fazer um absurdo de crítica, sem entender, sem conhecer. Primeiro sem conhecer a própria caravana. As pessoas que vão à Missa da Saúde, pela afronta feita ao nosso programa, ao nosso trabalho,

abençoado por Deus, diga-se de passagem, não vou ficar bem, né, querendo sempre colocar alguma coisinha pra nos magoar, viu. Mas Deus abençoe, Deus proteja, a todos nós, também, a empresa que nos ajuda tanto, a Santa Catarina Transportes, Pedro Londero e toda a família. Essa missa que existe há 12 anos, repito a pedido do pessoal de Itaara, colocamos uma faixinha e nem que não pedissem, nós colocamos a identificação dos ônibus que é a Caravana da Fé, rumo à Missa da Saúde, Programa João Carlos Maciel, que promove há 12 anos este grande encontro de fé lá em Itaara. Rezamos e entregamos a Deus [...] (MACIEL, 2011).

Os enunciados descritos acima foram ditos pelo comunicador durante o Momento de Fé (bloco que compõe o programa). Como efeito da dramatização, o ator aproveitou o momento em que faz uso de uma linguagem radiofônica intimista, com trilha sonora religiosa e uma voz com entonação especial, com ritmo diferente, desacelerado, bem cadenciado, controlando pausas fortes e fracas como se estivesse numa igreja, como se fosse um padre no momento da homilia, para responder às críticas do que chamou de “afronta feita ao nosso programa”, e ao mesmo tempo, mediatizar o evento cuja promoção é do programa, autorreferenciando-se, autoabençoando-se e autovitimizandose.

Um discurso com significado de perdão ao próximo. Como se o próximo citado (o radialista), não merecesse o mesmo tratamento, mas sim o perdão por ter mal interpretado a obra assistencialista do ator.

Nesse sentido, voltamos a recorrer a Zumthor (1993), que entendia que a *performance* do locutor radiofônico chama a atenção para a dimensão de um texto adquirir uma ação vocal. Neste caso, uma *performance* mediatizada, a possibilidade de expansão do alcance do texto por meio das ondas radiofônicas, não permite que se perca o aspecto tátil do texto que está se mediatizando.

A capacidade da linguagem radiofônica empreendida por João Carlos Maciel, de transformar ações em situações pragmáticas, tem como motor, a voz que interpela por meio de enunciados carregados de interjeições. *Ahm, oh, bah, tchê, aham, sim, sim* e outras similares, são interjeições comuns. São marcas de uma afetividade que se expressa nas entrelinhas dos enunciados e que ressoam como se transmitissem a imagem do corpo do comunicador. Para Bachelard (1985, p. 179) o rádio seria uma realização cotidiana da psique humana, no qual “[...] a ausência de um rosto que fala não é uma inferioridade; é uma superioridade; é precisamente o eixo da intimidade, a perspectiva da intimidade que vai se abrir [...]”.

O ator transmite uma imagem de autoridade, mas não de um líder apenas, mas de uma espécie de conselheiro, bajulando os possíveis aconselhados. Os conselhos são para os sujeitos fazerem algo, por si próprios. Nos enunciados e no modo (tom de voz) como são expressos, percebe-se o sentido de afetuosidade. O ator faz a convocação de *flashbacks*, e usa

de elementos de tonalização para lembrar enunciados e/ou histórias que foram contadas no programa como exemplos de atitude a serem seguidos.

Olha, ontem mesmo, aqui no programa, nós tivemos um exemplo maravilhoso de que ainda existem pessoas de bem, pessoas que surpreendem a gente. Um rapaz, que havia pedido para um amigo pagar a sua conta de luz, e este amigo perdeu o envelope com o dinheiro e a conta. Mas uma senhora encontrou e foi até o banco e pagou a conta. O rapaz esteve aqui ontem, pra dar testemunho desta obra tão bonita dessa senhora (MACIEL, 2011).

A voz do comunicador se torna o canal pela qual as intersecções das instâncias que constituem o dispositivo são ativadas. Não se pode esquecer, e deixar de observar, que a voz dos sujeitos dos *elos de práticas midiáticas* e de *práticas não midiáticas*, ou seja, os colaboradores do dispositivo, também ganham espaço de expressão por meio de suas vozes que entram no programa como interlocutores ativos e funcionam como auxiliares no processo de mediação do som do programa. Um som que ainda é formado pelas vozes de quem é de fora do sistema midiático, mas por este é acoplado, quando o acessa.

O tom da voz de Maciel funciona como estratégia de interpelação dos demais atores, como por exemplo, no fragmento a seguir.

Alô, Alô, Alô, pessoal da Kennedy, pessoal do Itararé, pessoal que está sempre ligado aqui no programa! (risos) O caminhão da solidariedade estará passado por aí esta semana, pra buscar e levar doações, é claro! O caminhão novo do programa, hein! Temos muitas doações pra fazer! Mais uma vez a comunidade atendendo ao apelo do programa, prá's famílias que vem aqui (MACIEL, 2010).

A disposição ao falar com um tom bem humorado, como no fragmento acima, sempre é marca da voz do ator quando enuncia as ações desencadeadas pelo programa no seio social. E neste processo de acessos, de contatos, de fluxos interacionais dados por convites feitos pela instância produtiva midiática, as vozes dos sujeitos outros, os ouvintes do programa são mediadas e, nestas condições, transformam-se em alimentadoras do dinamismo proposto pela voz do operador, pelo corpo do operador que se faz voz.

Assim, depois de compreender a voz e sua importância no processo de constituição de uma rede (a ser compreendida ao longo da tese), que resulta do trabalho deste dispositivo, entende-se que a articulação dos discursos que constituem os sujeitos envolvidos na trama do programa radiofônico, torna estes mesmos agentes complexificados pelo contexto social e tecnodiscursivo no qual estão envolvidos. Neste sentido, no próximo subitem se examina estratégias discursivas vislumbradas a partir da dinâmica do dispositivo em funcionamento a partir da interação com estes coenunciadores.

4.3 COENUNCIÇÕES MUDIATIZADAS: DE FRAGMENTOS DO TECIDO SOCIAL À ESTRUTURAÇÃO DE UMA REDE

Como se viu até aqui, o ator age a partir de um determinado “lugar de fala radiofônico”, do qual profere estratégias discursivas que se propõem dinamizar, dar vida/movimento ao processo de midiatização do social. A sua fala não é a única, como já se disse, mas é atravessada por enunciações que presentificam outras lógicas (política e assistencialista) bem como, aquelas que emanam dos próprios atores sociais e que tratam de fazer funcionar uma ação do dispositivo em direção à constituição de uma rede.

A partir das operações discursivas de João Carlos Maciel, é que se pode visualizar a constituição de uma zona de passagens de discursos, ou seja, ao se falar do trabalho do ator, não se fala aqui de um ator consciencial, biológico, cuja efetividade está pensada no meio – mas em um ator complexo, da perspectiva de alguém que realiza da *performance* e que se empresta da matéria discursiva para realizar a midiatização do social.

Deste lugar e segundo estratégias, engendra tais operações e que visam delas resultar uma rede discursiva/simbólica que se materializa nessa trama, por essa dinâmica lançada. Aqui se retoma a compreensão de estratégias discursivas, ou seja, conforme Verón (2006, p. 4): “Variações confirmadas dentro de um mesmo tipo de discurso ou de um mesmo gênero - P”, como uma noção que permite designar e classificar tipos de “produtos”, por exemplo, o gênero “jornais de informação geral”, entre os quais, por pertencer a um mesmo “tipo” podemos encontrar certos elementos de invariáveis conteúdos. A noção de estratégia discursiva se enlaça com o conceito de contrato de leitura, como já se abordou na introdução, ou seja, de acordo com Verón (2004, p. 174): “O que cria um vínculo entre o suporte e seu leitor”.

Neste sentido, para poder realizar o processo de construção de um espaço que engendra uma rede, descreve-se, na sequência, algumas operações através das quais o ator pretende desenvolver, dentre outras coisas, uma ação reguladora dos sujeitos, transformando-os, por exemplo, numa espécie de agenciadores de sua proposta assistencial. É graças a esta condição que as operações midiáticas ensejam a existência de um possível um lugar de coprodução aos demais sujeitos.

Dessa forma, o discurso do ator visa produzir sentidos porque está situado no quadro enunciativo de interação, que se estabelece regulado de antemão pelo próprio funcionamento do dispositivo. Assim, o rádio se constitui como sistema técnico/discursivo/social com suas características peculiares, e que por sua vez, assim como os outros dispositivos em jogo, autonomiza os quadros enunciativos postos em operação constituindo procedimentos que

visam como resultado a construção de um espaço de circulação, ou pontos de contato.

O dispositivo radiofônico constitui um espaço de circulação através da existência e manifestações dos ouvintes no estúdio, e que podem dentre outras coisas, usar o microfone para falar. Na presença dos sujeitos, o ator engendra uma espécie de “ajuntamento”, ou dizendo de outras formas, proporciona acoplagens entre discursos. A expressão é utilizada por Goffman (2010, p. 21) para caracterizar uma reunião, um encontro, um agrupamento de sujeitos a partir de regras de comportamento que são comuns a todas as situações e “exclusiva a elas é a regra que obriga os participantes a se encaixarem”.

É neste momento que há uma intersecção com a instância discursiva e social, que compõe o dispositivo radiofônico. Este, dinamizado pelo ator se configura como um espaço no qual, conforme aborda Fausto Neto (2010, p. 12) “as lógicas sobre as quais se fundam as enunciações deslocam os sujeitos discursivos para novos (inter)espaços ou dispositivos singulares [...]”, e a circulação “passa a se constituir em um dispositivo central, uma vez que as possibilidades e a qualidade das interações sociodiscursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do trabalho em dar forma à arquitetura de processos comunicacionais”, como no caso analisado.

Neste sentido, é possível identificar o quadro enunciativo de constituição de sentidos através de uma materialidade verbal, a qual, segundo Rodrigues (2009, p. 124): “Constrói o mundo no seio do qual existe e tem sentido aquilo a que os discursos se referem e que pretendem impor à audiência”.

A utilização de recursos retóricos da linguagem, entendidos aqui como processos destinados a manipular os interlocutores, são inevitáveis quando identificamos, nas estratégias discursivas de João Carlos Maciel, os encaixes das relações entre as instâncias que formam o dispositivo radiofônico. O que se percebe é a construção de um espaço relacional entre Maciel, os colaboradores que atuam nos *elos de práticas midiáticas e práticas não midiáticas* e os sujeitos de fora (ouvintes, etc.) o qual permite, portanto, a constituição da zona de contato entre sistema e meio.

Descrevendo alguns exemplos das estratégias, extraiu-se um fragmento da fala de Maciel, que ao fazer uso do microfone, midiaticiza as ações que envolvem a mobilização dos fiéis até a “Missa da Saúde” num contato realizado com sujeitos dentro do estúdio.

Maciel: Oh, Fátima, eu to recebendo no estúdio duas amigas, a Grasiela Siqueira, da Maringá e também a Grasiela dos Santos Weber, são duas Grasielas. Graciele e Grasiela. São Irmãs?

Graciele: Não.

Maciel: Quem é a Graciele?

Graciele: Eu.

Maciel: Pois é, lembrando que sábado que vem há a grande missa do Dia das Mães, a Missa da Saúde, a nossa Caravana da Fé, indo até Itaara, no sábado que vem, a grande Missa da Saúde. Vou convidar a Graciele e a Graciele para ir com a gente, que estão aqui no estúdio. Vocês duas, vão com a gente?

Graciele: Eu vou Maciel. Sempre que possível, dou um jeitinho.

Graciele: Eu quero ir. Mas não sei como fazer. Tem ônibus, né, Maciel?

Maciel: Tem, sim. Vocês têm que prestar mais atenção no programa. Pro pessoal que está em casa, peguem a senha de embarque aqui na recepção da Rádio Medianeira ou na Sede do Programa. É só pegar a senha de embarque, a passagem é gratuita. Convide sua família em casa, é gratuito. Ônibus fretados pelo programa, sábado que vem de novo, vamos estar na grande Missa da Saúde. Você não pode perder, hein. Você que precisa de ajuda, que precisa da bênção de Nossa Senhora, de Deus Pai. Você que precisa agradecer por uma bênção alcançada. É sábado que vem, Tá bom?

Nos enunciados acima, se percebe a conexão que ocorre entre os elos que formam o dispositivo analisado. A sua ação é agenciada pelo discurso do apresentador. Ao midiaticizar o evento, Maciel já midiaticiza a si próprio, como forma de autorreferenciar uma ação que parte do programa à comunidade, envolvendo os sujeitos colaboradores do campo midiático e não midiático, quando orienta que os ouvintes devem fazer atenção ao programa (numa espécie de operação coreferencial) e devem buscar a senha de embarque tanto na emissora, quando na Sede Social do programa.

Ainda observando o fragmento, o objetivo do ator é estratégico, ou seja, a partir dos elos engendrados, ele oportuniza diversos momentos de contato direto com os demais sujeitos, com os quais pretende constituir um espaço de vínculo, dentro e fora do programa propriamente dito.

Isso ocorre, por exemplo, no contato no estúdio, na Sede Social, nos eventos que promove como o “Natal do Amor Maior” e na “Missa da Saúde”, como se pode identificar nos enunciados. O ator indica que as participantes do programa no estúdio, assim como os ouvintes em casa se desloquem até a “Missa da Saúde”. No local, o ator pode contatar cara a cara com os sujeitos.

Essa “ocasião social”, expressão de Goffman (2010, p. 28-9), neste estudo, constituída estrategicamente pelo dispositivo radiofônico como um elo de contato, explica a constituição de

um acontecimento ou a realização de um evento social mais amplo, o qual fornece:

O contexto social estruturante em que situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido e (frequentemente) oficial [...] Durante uma ocasião social, um ou mais participantes podem ser definidos como responsáveis por colocar o acontecimento em marcha, orientando a atividade principal, terminando o evento e mantendo a ordem.

Noutro momento, os enunciados pretendem fazer admitir juízos acerca das práticas sociais da comunidade santa-mariense, como quando o ator, em sua *performance* dramática, pretende dar uma lição de moral nos servidores públicos, depois de receber por meio de uma ouvinte, a reclamação de mau atendimento no Posto de Saúde do Bairro Tancredo Neves em Santa Maria. No diálogo a seguir, ele opera como mediador de causas sociais.

Dona Maria: Maciel, bom dia!

Maciel: Bom dia, quem fala?

Dona Maria: é a Maria, aqui da T. Neves, Maciel. Eu quero fazer uma reclamação.

Maciel: Opa, opa. A dona Maria abriu a boca aqui no programa pra reclamar do atendimento no posto da T. Neves. O que é que disse, minha amiga?

Dona Maria: aqui é o posto de saúde, Maciel, O mau atendimento, a má vontade. No Posto de Saúde, o médico não quer atender, e atendem com a cara feia, emburrados.

Maciel: Olha, pelo amor de Deus, o secretário de Saúde nem deve tá sabendo disso. Escuta servidor público, será que tu não sabe que o patrão é o povo. Olha meu amigo, vale pra vereador, vale pra deputado, vale pra governador, vale pra prefeito, vale pra secretários, vale pra servidor público de balcão. Vale pra professores [...] ou que ganham do município ou do estado ou do Governo federal, olha, o patrão, por mais que irrite alguém, como diz o velho ditado, o cliente tem sempre razão. Mas se esse ensinamento não chegou até sua vida, olha me desculpe, mas então abandona o cargo, e deixa livre pra outro que queira trabalhar. Todo mundo sabe que o poder público é tratar com quem? É tratar com pessoas, a maioria, tratar com seres humanos, com munícipes que pagam os impostos. De onde sai o dinheiro para pagar o servidor público? [...] Repito, e é bom lembrar alguns engraçadinhos que quem nos paga é o dinheiro público [...] Dona Maria, vamos resolver isso, pode esperar viu.

Dona Maria: Tá, Maciel, a gente confia em ti, tá. Tamo todo dia aqui, no radinho, viu, Maciel.

Maciel: tá bom, Dona Maria, obrigado. Eu sei que o pessoal da T. Neves está na nossa escuta [...]

Nos enunciados acima identifica-se a uma intervenção do programa, quase em tempo real, midiaticizando, por sua ação interacional, o social, a partir de demandas trazidas pelos ouvintes. É um exemplo que pode explicar o rádio como um operador de midiaticização do social.

No mesmo trecho, pode-se compreender que a estratégia discursiva do comunicador tem uma intencionalidade de conferir, um ponto de vista de um cidadão comum, que usufrui dos serviços oferecidos pelo Estado, mas, também do servidor público, o vereador, quando se coloca como tal, ao afirmar “*que quem nos paga é o dinheiro público*”.

Maciel introduz o seu discurso a partir de provocações dirigidas por narrações de práticas sociais, que nada mais são do que narrativas do dia a dia da comunidade de ouvintes, que o colocam no lugar de mediador ou de porta voz dos que recorrem a ele para reclamar e buscar alguma solução, seja por meio do campo midiático, fazendo a midiaticização do problema e que poderá incorrer em alguma reação por parte do poder público, no caso a prefeitura que administra o posto de saúde, ou mesmo recorrendo a ele próprio como representante do Poder Legislativo do município e que teria, nesse sentido, a possibilidade de intervir como tal.

Maciel, nessas condições, a partir da sua condição legitimada de mediador, transforma o relato do ouvinte na condição de sua própria existência, encontrando seu lugar na pluralidade discursiva em jogo, ou seja, são as demandas dos ouvintes que viabilizam o programa, dando-lhe vida e possibilitando a materialização de sua ideologia.

Isso se vê quando o apresentador ganha autoridade por meio das estratégias discursivas, estabelecendo fluxos interativos nos quais a autorreferencialidade aparece com marca significativa do poder de dinamização de práticas sociais que possui em mãos.

Maciel: Zenaide, as máquinas devem voltar logo, não é

Zenaide: Claro. Deixaram tudo aqui daquele jeito, Maciel, aquele dia que as autoridades tavam tudo aqui, agora sumiram. E agora não aparece ninguém.

Maciel: Pois é, outro dia tava a governadora por aqui. Eu nunca tinha visto tanto policial na minha vida.

Zenaide: Ta vendo Maciel. Ai que eles querem aparecer!

Maciel: Pois é [...] tem muito que mudar ainda, né Zenaide!

Zenaide: Aqui é obrigado as máquina volta. Se chover as crianças não consegue ir na aula Maciel.Mas to loca.

Maciel: Aqui fizemos uma amostragem pro ouvinte, não sei se tu lembra, de um repórter que foi falar sobre os problemas nos bairros de Santa Maria.

Zenaide: Não, eu sei, a parte do Maciel, eu sempre digo, a parte do Maciel ele sempre faz.

Maciel: Faço sempre, sempre, embora eu não devo nenhuma resposta a ninguém a não ser ao meu fã, meu ouvinte, aquele que me acompanha, sabe do meu trabalho, a esse eu devo todas as explicações possíveis. Tá, então tá bom.

Zenaide: Não, mas obrigada, Maciel.

O diálogo mostra que o ator está em busca da constituição de uma espécie de discurso pragmático – intencionando resolver os problemas que lhe são dirigidos no ato da fala. São elementos do discurso, de uma racionalidade discursiva, que ao mesmo tempo, diz o que atribui ser o verdadeiro e preescreve o que é preciso fazer, como postula Goffman (2010, p. 21) quando afirma que: “A regra de comportamento que parece ser comum a todas as situações e exclusiva a elas é a regra que obriga os participantes a se encaixarem”.

Esta regulação pode ser observada quando Maciel incita o ouvinte a procurar o programa ou a sede social para buscar soluções para seus problemas. Ele os ensina como devem operar e para onde se dirigir para buscar soluções. Ensina, a todo instante, também, como devem falar. Sabe do valor do empreendimento de um discurso capaz de persuadir quem está na escuta. E desta forma, não apenas empreende a estratégias discursivas a fim de assinar contratos com os sujeitos envolvidos na *semiose* radiofônica, mas também, orienta, como se fosse um conselheiro, a falar no programa e a lidar com determinadas situações da vida cotidiana, ou seja, ensinamentos que extrapolariam os próprios limites do programa.

A ordem discursiva do ator é, no fundo, de caráter instrumental para padronizar os processos de interação e, desta forma, dinamizar os entrelaçamentos das instâncias do dispositivo radiofônico. Exemplo disso é o contato do ouvinte que foi até o estúdio pedir emprego:

Maciel: por aqui no estúdio, procurando emprego, José Fernando de Oliveira. Emprego de quê, José Fernando?

José Fernando: olha queria vê um negócio pra fora, né. Já trabalhei em chácara em Itaara. Tenho referência.

Maciel: É casado ou solteiro?

José Fernando: Solteiro

Maciel: E tem que idade?

José Fernando: 54 anos.

Maciel: Lida no campo, lavoura. José Fernando de Oliveira morra aqui na Caturrita, né. E o telefone pra contato? Perto do Bairro Conceição, lá.

José Fernando: Olha é bem facinho, hehe.

Maciel: e qual rua tu mora? Ele ficou mudo, Carlão, ele não sabe o nome da rua.

José Fernando: Chegando lá, todo mundo sabe onde eu moro. Casa 4.

Maciel: Tá bom! 10 pras 9 da manhã. Temperatura, 21 graus e meio. Nossa Senhora da Conceição, casa 4. Fico me colocando no lugar. Quando há vagas, as pessoas vão ter que ir prum bairro. Não tem telefone pra contato, não sabe o nome da rua, dá pena, é lógico de dá pena. É lamentável. Fica difícil encontrar. Mas tem muita gente ouvindo a gente. Se alguém souber de algo, chácara, uma propriedade, um sítio, entra em contato com o programa. O telefone tá no gancho, 8 pras 9 da manhã.

É para entrar na lógica da midiatização, ou seja, falar no rádio, no programa, especificadamente. Uma fala que não seja qualquer fala, mas sim, que esteja inserida no contexto espaço temporal que se institui como radiofônico, ou seja, a partir da singularidade que tem a *semiose* deste programa, precisamente.

Maciel: A Maria Lúcia está em busca de emprego está aqui. Bom Dia?

Maria Lúcia: Bom Dia.

Maciel: Que a emprego a senhora procura?

Maria Lúcia: Eu quero arrumar um emprego numa empresa ou cuidar de criança ou pessoa idosa, qualquer serviço eu quero trabalhar. Eu tenho quatro filhos, mas meu marido tá desempregado.

Maciel: Mora onde?

Maria Lúcia: Eu moro lá na Lorenzi

Maciel: Atenção Lorenzi. Daqui a pouco alguém por lá te oferece o emprego que você ta pedindo, de doméstica, ou cuidar de criança, cuidado de pessoa idosa, ou babá, qualquer tipo de serviço que dê pra trabalha eu quero. Nós ouvimos, Carlão, o apelo técnico, não é. A gente houve muito: Sou ferrador e procuro emprego de ferrador. Moro em tal lugar e quero trabalhar. Mas isso é um apelo técnico. Não é um apelo profundo, de quem vem até o microfone de rádio, com argumentação. Não é assim, gente. Sou uma pessoa de confiança, tenho referência, preciso trabalhar, quero trabalhar! É assim. O ouvinte tem que sentir isso, o ouvinte tem que sentir no ar aquilo que o coração da pessoa coloca aqui no microfone. Não apenas a parte técnica, porque a parte técnica ela é agradável pra quem ouve. Mas pra quem busca a solução não tem solução. Então não adianta vim aqui assim. Ai eu fui no programa do Maciel, e vão dizer: não consegui nada.

Mas também nem sempre é um apelo bem feito. Eu me deparo com situações aqui gente, muitas vezes, que eu fico com dó da pessoa, quando ela sai daqui, nós nos questionamos. Carlão, foi bem a pessoa? Não, não foi bem, porque não convenceu! Não tanto pela necessidade, mas pela sua qualidade, dizendo: olha, eu sou uma pessoa caprichosa,

porque todo mundo sabe que sofremos. Olha o desemprego assola dezenas de famílias. Mas quê que vale a pena: dizer eu valho a pena. Eu sou uma pessoa caprichosa. Eu tenho experiência, eu tenho responsabilidade, sou uma boa cozinheira. É dizer o quanto vale. O que pode não ser é o caso da Maria. Mas se a pessoa é uma boa cozinheira, diga:

Olha, eu me garanto na cozinha, eu sei fazer isso, seu faz aquilo. Venha com argumentos, venham para colocar no ar aquilo que convence, aquilo que faz com que alguém venha a ligar pra você, pra depois não dizer: ha, fui no Maciel e não consegui nada. É importante as pessoas virem com uma mensagem também, não é Maria. Mais ou menos isso, Maria!

Há uma regulamentação, um princípio mais amplo que concerne à atitude em geral da qual Maciel pretende gozar. A fala não é direcionada a uma pessoa que poderia se chamar de ouvinte de rádio. A fala é programada, é decididamente direcionada a uma comunidade constituída daqueles sujeitos de quem se requer ser mais do que ouvinte, mas alguém que se filie à proposta e que, em decorrência de sua filiação, partilhe com os outros membros, o discurso que se pretende colocar em circulação, como no fragmento a seguir.

Maciel: Bom dia, Eliane Tavares, da Por do Sol.

Eliane: Bom dia!

Maciel: Juntamente com a Élen, também tá aqui no estúdio, vieram pra buscar ajuda de quê?

Conta Eliane, a tua história, o teu problema, a situação que vocês tão passando, né?

Eliane: Eu morava em Gramado.

Maciel: Calma, calma. Fala devagar pro ouvinte te entender.

Eliane: Daí eu morava com meu ex-marido, só que eu moro com a mãe dele agora. Só daí como não to mais morando com ele, daí não tem mais obrigação, né, e daí...

Maciel: Ela fala baixinho, meio cochichada a coisa aqui. Vamo vê se a gente consegue extrair alguma coisa dela aqui.

Eliane: E daí tem uma filha minha que mora com ele. Só que daí mora eu e outra filha que mora com ele só que daí eu preciso arrumar uma madeira pra mim faze minha peça que ela me deu um pedaço de terreno e daí. E por isso que eu to pedindo, por que necessito dessa madeira.

Maciel: É pra você te seu cantinho no Por do Sol. Não tem telefone pra contato, não, né?

Eliane: Tem. [...]

Maciel: Quantos filhos - tenho a Emily e a Stéfany que é a do meu ex-marido. Ele é casado, agora, no caso ele não pode me ajudar por causa da outra esposa, dele, né.

Maciel: Liguem pra ela ou para o programa. Eliane, teu pedido vai se espalhar rapidamente pela cidade. Temos muita gente querida nos ouvindo. Muita gente na cidade e região nos ouvindo, Eliane. Um conta pro outro, o outro conta pra um. Daí um ajuda o outro e assim vai se formando uma corrente pra te ajudar, viu. Daqui a pouco alguém tem alguma madeira pra ajudar a Eliane. Ta lutando muito, né, Eliane.

No diálogo é possível identificar a insistente tentativa de regulação dos dizeres dos atores que interagem com ele, que tem como objetivo fazer funcionar os processos de encaixes, de engendrar os enlaces necessários para dar vida ao dispositivo. O ator se empenha em propor um esquema, um modelo de “ordem social”, ou seja, como uma estratégia para produzir interação, ou uma espécie de conjunto de normas morais que regulam a forma a qual pessoas buscam atingir objetivos.

Exemplo claro disso, é quando em contato com a coordenadora da Sede Social do programa Fátima de Vargas, o comunicador diz:

Maciel: Quando o pessoal não é de microfone não, não adianta.

Fátima: Elas estão procurando por ajuda, por cobertor. Mas toda a ajuda por cobertor é aqui, Maciel, direto na sede.

Maciel: pois é Fátima, tu poderia me ajudar a explicar isso pros nossos ouvintes, né, Fátima. [...] Tu tem que falar pro ouvinte em casa, Fátima.

Fátima: Tá, Maciel. Quando vocês tiverem doações de cobertores, acolchoados, podem mandar pelo caminhão do programa, ou ligar pra nós aqui na sede, que a nossa equipe vai buscar, não é isso, portanto.

Maciel: Eu quero que tu me ajude, mulher, pelo amor de Deus! Explique pro pessoal, como funciona o programa. Que pode fazer contato com a Sede, e que todo o material pra doação é feito por ai. Explica que temos o caminhão e que ele tem um itinerário. Que as pessoas que querem doar pro programa, precisam fazer esse caminho. Ir até a sede pra conversar contigo, Fátima. Acertar o dia e a hora de receber o pessoal do caminhão. Assim também pra receber a doação. A gente faz o contato, né, Fátima, pra saber se o pessoal vai tá em casa, pra receber a gente. Você que tá nos ouvindo em casa, precisa entender isso. Olha gente, funciona assim, e como funciona, né, Fátima.

No fragmento da fala de Maciel, acima, ele sanciona o que sua colaboradora deve dizer, ao passo que faz ao dizer. O discurso do ator se refere como aborda Goffman (2010) a uma regulamentação de interação. Ele quer que a interação ocorra, mas para isso, precisa dizer como funciona. Dizendo como funciona, faz funcionar. Ele pretende que os encontros entre os agentes do dispositivo, além de serem mediados pelo dispositivo radiofônico,

também ocorram face a face, acionando os *elos de práticas não midiáticas*.

O ator sabe que o encontro cara a cara entre os sujeitos internos à estrutura do dispositivo com os externos (a sociedade), é importante para legitimar o seu discurso. É um contato que estimula a formação de uma rede de sujeitos que não se conhecem, mas que passam a se reconhecer, de certa forma, constituindo o dispositivo um espaço de sociabilidade, uma zona de interpenetração entre o sistema midiático e a sociedade.

O fragmento acima, assim como o próximo, se trata de um diálogo entre agentes do dispositivo que refletem em tempo real sobre o próprio dispositivo, sobre sua dinamização; trazendo à tona a percepção que tem os ouvintes e de suas competências para entrar na interação. Uma enunciação dos processos que devem ser utilizados para produzir a interação e eficácia dos mesmos.

Diariamente, Maciel faz apelos à comunidade, para que se engaje no projeto social organizado pelo programa. Para isso, precisa mobilizar os agentes internos, como forma que colaborarem no processo de interação e, finalmente, de mediação de suas ações assistencialistas, como por exemplo, o oferecimento dos serviços jurídico e contábil, que configuram legitimidade às suas pretensões. Nesse sentido, mais uma vez por telefone, o comunicador interage com seus colaboradores.

Maciel: Na linha da Sede está o doutor Milton. Bom dia Nilton?!

Milton: Bom dia, Maciel;

Maciel: De plantão, Nilton?

Milton: certamente. Estamos aqui, novamente, né, Maciel, fazendo nosso atendimento jurídico, tirando dúvidas, orientando a todas às pessoas que vem até aqui à Sede, Maciel.

Maciel: Sei, sei.

Milton: É só vir aqui ou ligar pro nosso telefone, aqui direto da sede, Maciel. É o 3028-2500.

Maciel: Muito bem! Qual é a mensagem especial desta manhã de terça-feira, Nilton?

Milton: Olha, Maciel, assim oh.

Maciel: Nossa equipe está disponível a receber o povo na Sede do programa, né Milton?

Milton: Disponível, sim, muitas pessoas vêm até a Sede do programa.

Maciel: Aguardamos de coração aberto para orientar, para ajudar, né, é isso que queremos dizer, né, Milton?

Milton: Às vezes o ouvinte não tem ideia da quantidade de pessoas que vem até aqui à Sede, Maciel

Maciel: isso é muito bom, né!

Milton: é um movimento muito grande. Várias pessoas ligando também pra fazer a sua doação, também, né, Maciel. Então estamos aguardando, aqui. Qualquer dúvida, orientação, também atendimento na Sede dos voluntários, também, né. Estamos prontos de coração aberto pra atender o pessoal, aí.

Percebe-se por meio dos enunciados, a preocupação de Maciel em regular a fala do colaborador, a fim de que ele se enquadre nas condições de mediação e na concepção do projeto do programa, na radiofônica que seu discurso imprime, dentre outras coisas.

Para que as ações de doação, recolhimento das mesmas e distribuição dos objetos, o comunicador faz uso de um discurso fático, sendo redundante em sua enunciação. Pode-se inferir que a instância discursiva constitui-se não apenas como um dos modos de exibição das práticas dinamizadas pelo ator, o que corresponde à intenção de buscar credibilidade, mas também de espetáculo.

Sempre quando se autorreferencia, no sentido em que se referiu no início da tese, o ator vai se construindo no momento em que dinamiza as operações de conexão das instâncias do dispositivo. As conexões são ocasionadas pelo trabalho enunciativo do ator que media as ações que estão em andamento e seus resultados junto à comunidade, ou seja, o ator se manifesta com um cidadão ideal, legitimado por seus pensamentos, palavras e efetividade de ações e seus cúmplices nesse processo.

O êxito da interpelação se revela na capacidade do discurso procurar ocupar o espaço no mundo das significações que constituem os sujeitos envolvidos na trama do programa. E essa construção do sujeito como ator social e os novos contornos que ganha a construção dos sujeitos que são enunciados pelo comunicador, visa introduzi-los no âmbito do funcionamento do dispositivo. Para isso, o ator formula o que se pode chamar de razões para interagir, ou seja, conforme postula Goffman (2010) entende que pessoas que não se conhecem, prescindem de um motivo para entrar numa situação de engajamento.

Maciel legitima suas ações quando coloca em funcionamento uma espécie de esquema indutor, um quadro enunciativo, que propõe discursos de legitimação, e que constroem imagens de reconhecimento, a partir da convicção que ele tem de si mesmo, e dos benefícios que suas ações trazem para os sujeitos sociais.

No fragmento a seguir, há o reconhecimento dos sujeitos, ou seja, enunciações as quais colocam os ouvintes/militantes/fãs/voluntários em uma posição que lhe permite obter destes um comportamento que não teriam, não fosse a sua intervenção.

Este quadro enunciativo, também mostra as interações dos campos sociais (político e midiático, neste caso) que se acoplam a partir do trabalho do dispositivo radiofônico. Temos a fala de uma ouvinte, por telefone, do ator dinamizador e da assessora de gabinete do vereador João Carlos Maciel.

Sílvia: Maciel, se não fosse tu falando pela gente, isso não ia melhorar. O pessoal aqui da rua tá pedindo providência, faz tempo, Maciel. E só se uniu por que tu começou a falar no rádio. Começou a dizer pra gente se mexer, todo mundo junto. Não custava nada a prefeitura vir aqui fazer um trabalho com capricho, não isso que tá aí. Então a gente tem que ir onde a gente pode. Daí fui na Câmara, em nome do pessoal aqui. Até gente que eu não conhecia antes, me procurou pra falar. Daí fui na Câmara. A Júlia me recebeu muito bem, Maciel.

Maciel: olha, eu tenho recebido elogios aqui. Não sabe quantos, quantos. O tratamento, o carinho, o amor, né, que a nossa equipe trata o nosso povo. [...] Podemos não conseguir, mas não desistimos da nossa luta nunca, não é Júlia Ribas?

Júlia: é isso mesmo Maciel, a gente tá aqui, lutando, todo dia. O gabinete tá aqui, pra isso. Eu quero agradecer a lembrança da Sílvia, Maciel. A gente sempre faz de tudo pra atender o pessoal. É que nem tu disse, Maciel, a gente não desisti. Por isso que o pessoal confia na gente.

A eficácia indutora parte de uma certeza da verdade sobre o que ele está dizendo ao ouvinte. Ele mesmo autoconstrói sua imagem para que efetivamente possa constituir um sentimento de necessidade do que deve ser realizado e que é, no caso, a dinamização de práticas sociais da recepção radiofônica, estendendo sua persuasão sobre quem participa de forma voluntária do projeto assistencialista.

Ele subentende em suas falas, que é preciso que esse discurso seja não somente decodificado por estes sujeitos, mas que este discurso também seja constantemente lembrado, como presença permanente na mente, que permita que a ele se recorra sempre que necessário.

Essa continuidade faz com que uma ritualidade seja manifestada por meio da audição diária e que está impregnada de estratégias discursivas de cotidianidade, sim, mas também de uma temporalidade que se afirma ao longo do tempo.

Maciel: Temos um compromisso com nosso fã, com nosso ouvinte. Muita gente nos procura aqui, ou lá na sede, quando já não tem mais esperança. Não tem mais vontade de lutar. A gente ajuda, sempre que possível, meu caro amigo. Olha, dezenas de pessoas vem até aqui, ou lá na Sede do programa, porque acreditam na gente. Eu acredito nesse trabalho. Senão não estaria aqui, todos os dias, de braços abertos. Senão ninguém estaria aqui. A Fátima, né, Fátima?

Fátima: com certeza, Maciel.

Maciel: O Carlão, né, Carlão. O Fabiano, o Rigui. Senão não tínhamos o trabalho, incansável, Carlão, o trabalho incansável dos voluntários lá na Sede [...]

O caráter do discurso empreendido por Maciel, na fala acima, revela o seu modo de ser do sujeito enunciador, ou seja, de si mesmo. Para que estes materiais possam constituir a preparação da necessidade, ou seja, da necessidade de agir diante da eficácia pretendida pelo uso da linguagem radiofônica. Ao falar sobre as necessidades da comunidade, o discurso de Maciel constitui um poder que o constitui com o sujeito que socorre, que atende às necessidades, que busca resolver os problemas do cotidiano.

A estratégia do ator é lidar com a multidiversidade de sujeitos com quem interage. São ouvintes, pessoas carentes, militantes, são as fãs de carteirinha que recebem do ator a idealização de sua fachada, conforme Goffman, (1985, p. 40): “Moldada e modificada para se ajustar a compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada”.

Esta fachada pode ser vislumbrada pelo discurso do ator, ou seja, o fato deste discurso, dos dizeres emitidos a partir de sua fachada, visar resposta ao apelo lançado pela comunidade de ouvintes. Maciel cuida de casos mais complexos aos mais simples. Mediante uma forma de assistência, anuncia que acorrerá o sujeito que dele precisa. Num dos programas analisados, Maciel usa como exemplo, situações concretas e narra as condições de uma mulher que esteve no programa em busca de recursos para poder viajar até Balneário Camboriú. Ela morava em Santa Maria há cerca de sete meses, possui três filhos e havia acabado de se separar do marido.

Maciel: A Simone tá aqui, com os filhos, pra falar, né. O marido também está. A Simone veio até o programa pedir ajuda, né, Simone. O quê que aconteceu?

Simone: a gente chegou em Santa Maria faz uns meses, já. Daí, tentamos emprego. Mas não deu certo. Daí, tamo morando de favor, nos fundos de uma amiga, minha. O problema é que tem outra casa, lá, e tenho medo de deixar meus filhos.

Maciel: Peraê, peraê, peraê, Simone. Assim o ouvinte não consegue entender. Tu e teu marido trabalhavam, é isso?

Simone: é, mas não deu mais, eu não tinha como deixar as crianças sozinhas.

Maciel: e seu marido, parou de trabalhar porquê?

Simone: é que ele tava numa construtora, daí tava trabalhando e não pagaram ele.

Maciel: mas então, pelo que vi aqui, pelo que a Angélica me disse aqui, tu quer uma ajuda pra poder voltar pra cidade de vocês, né. É, né?

Simone: É, a gente queria ir de volta pra casa da nossa família, daí lá a gente vê.

Maciel: Bom, o apelo fica aqui no ar, então, gente. Primeiro as empresas que podem

ajudar. De repente uma família que vá, né, para a região, lá, Camboriú, né, Santa Catarina. [...] entra em contato com o programa, liga direto aqui ou no telefone dela mesma, ou lá na sede do programa.

Mas este discurso somente efetiva-se constitutivamente na *semiose* radiofônica, frente às diversas circunstâncias, acontecimentos que colocam o indivíduo em perigo e/ou situação de vulnerabilidade.

Neste momento, a instituição radiofônica, o programa em si, ao colocar em prática sua ação, conectado diretamente com o projeto assistencialista, efetivamente constitui-se num dispositivo institucional, pois institucionaliza o discurso, ou seja, sua *performance*, operacionalizada pela fachada, nos termos de Goffman (1985) envolve o ator e os demais sujeitos num processo de institucionalização, incorporando no ambiente social sobre o qual opera uma espécie de padronização de discurso, visando a legitimação do mesmo.

Nesse sentido, por vezes, o ator lança mão de estratégias de gestão do poder que possui, falando para os outros com um enunciador de um ideal social, um ideal que perpassa outros campos sociais, como o religioso. Assim, o programa, em alguns momentos, se torna igreja, e ele, o ator num mensageiro de causas e convicções religiosas, supostamente ocupando uma posição intermediária entre um outro sujeito, da ordem do divino, e os demais sujeitos, constituindo um espaço de celebração religiosa, um oratório doméstico, o que é um elo, um ponto de contato, parte da estrutura da formação de um extrato coletivo.

Por meio do acionamento do campo religioso, afetado pelo midiático, o ator consegue estender o seu campo de representação. Estrategicamente, com o propósito de estabelecer uma definição favorável de si e de seu programa, Maciel projeta suas concepções a respeito do campo religioso. Ele sabe que a comunidade religiosa, é na grande maioria católica. Esse aspecto cultural é midiaticado por meio de enunciados que dizem respeito a uma equipe de representação.

O ator evidencia, por meio do microfone, o grupo de sujeitos que cooperam na encenação de algo, que se tornou uma rotina por meio do dispositivo radiofônico, ou seja, a interação dos sujeitos com o programa com vistas a midiaticar suas práticas no campo religioso, como se pode evidenciar no fragmento a seguir.

Deus abençoe a todos os meus amigos. Ao Moacir, em Camobi, alô Moacir, a ti e a família toda, Deus abençoe. Obrigado também por me ouvir toda manhã! Para esta família que vai para Brasília, obrigado pelos que colaboram com trinta reais, cem reais. Alô, Helena da Rosa, que nos ajudou com vinte e cinco reais. Helena sempre nos ajudando em várias campanhas! Essa é a força de ajuda dos fãs do programa. Obrigado pela audiência! Ao Vicente Costa, alô Odete, Deus abençoe a todos. Adine Inácia Carbonel Dias, alô e toda a família. Bençãos e graças, em nome da

família, em nome da Fátima. Essa turma muito grande. Entregamos a Deus. Alô Sônia, Eva. Neste momento imploramos ao nosso Deus, todas as bênçãos no teu trabalho, na tua casa, no lugar onde tu estás neste momento. Vamos pedir ao nosso Pai maior. Senhor, em ti depositei a minha confiança. Vós que sabeis de tudo, pai e senhor do universo, sois o rei dos reis, voz que fizéis o morto viver e o leproso sarar, fazei que neste momento eu alcance a minha bênção, a minha graça, voz que vistes a minha angústia, a minhas lágrimas, bem sabeis, senhor, o quanto necessito alcançar essa bênção que voz peço. Ajudai-me senhor, nessa conversa, nessa oração contigo, eu suplico a tua ajuda, a tua interferência, a tua intercessão, e a ti rezo neste momento com toda a minha fé, buscando a graça, buscando a bênção, Ave Maria [...] (MACIEL, 2010).

Neste sentido, a institucionalização do discurso midiático pode ser analisado a partir de marcas do fechamento do quadro enunciativo operado pelo dispositivo radiofônico que confere admiração, sedução, envolvimento e cooptação às interações específicas do discurso que o utiliza como suporte. A inserção de um bloco especial, com hora marcada (nove horas da manhã), ou seja, o Momento de Fé é estratégico para constituir um ponto de vínculo do sistema midiático com o meio em que o dispositivo funciona como zona de interpenetração.

Por meio da afetação do campo midiático sobre o religioso, o ator formula enunciados, os quais mobilizam os demais sujeitos. Sugere um discurso edificante, de apelo à fé, aos princípios cristãos e que, de alguma forma, articulado pelo dispositivo, funciona como estratégia de interação.

Alguns enunciados funcionam como um *start* do processo de mobilização assistencialista, o que se configura como resultado da inserção do discurso radiofônico, no contexto do mundo da vida dos demais sujeitos envolvidos, ressaltando que as ações dos demais sujeitos exigem um esforço de agrupamento, de uma estrutura social, num processo de estabelecimento de uma relação fechada, e, que tem ele, o ator, a figura do dirigente, do coordenador, conforme suas observações no fragmento a seguir.

Você que está em casa, nos ouvindo todas as manhãs, se tiver alguma peça de roupas, um calçado que não esteja mais utilizando, leve até a Sede Social do programa. Colabore conosco. O Caminhão da Solidariedade vai até a sua casa e busca a sua doação. Olha, nós somos o único no Brasil que tem isso. Vamos buscar sua doação em sua casa. Qualquer coisa será bem-vinda, minha amiga. Alguém pode estar precisando. Junta uma aqui, junta outra ali, e vamos formando um grande trabalho social, coletivo, juntos. Que nem uma equipe. Quem sai ganhando é quem participa do programa, que ajuda o nosso projeto social (MACIEL, 2011).

O ator no fragmento fala que tem um projeto social, e para tanto, precisa midiaticizá-lo. Neste sentido, o que se vislumbra é que o conjunto de operações enunciativas lançadas pelo ator constitui um espaço singular de acolhimento, estruturado sob o oferecimento de novas formas de interação, segundo estratégias retóricas de caráter mobilizador. A midiaticização do

projeto, de modo autorreferencial, como se vê no fragmento acima, é uma das estratégias do ator, como forma de manutenção da proposta que se oferece à sociedade e que faz funcionar o dispositivo, dentro das lógicas a que estão submetidas às ações desencadeadas.

A instabilidade da proposta assistencialista se verifica na possibilidade dos atores sociais envolvidos com a trama não se fazerem presentes no processo, inferindo-se que os laços de vínculo estabelecidos são atados e desatados constantemente, como explica Latour (2008) quando postula que, os tipos de relações que se estabelecem hoje, podem não serem meramente sociais, mas um contínuo movimento de remontagem.

O que se identifica, no dispositivo, é que há um esforço contínuo, uma tentativa esmerada de manter a constância e a estabilidade da rede social que constitui. Os elos do dispositivo se cruzam, como no exemplo, abaixo. O ator dinamiza a fala de uma ouvinte, ao telefone, com um dos assessores jurídicos que atende junto à Sede social do programa. Ele também está ao telefone:

Maciel: A ouvinte Márcia dos Santos, moradora do bairro Itararé ligou e tem uma dúvida, né, Márcia?

Márcia: é, Maciel, eu tenho sim.

Maciel: ela tá na escuta.

Milton: Pois não!

Maciel: Ela diz que trabalha como vendedora de uma loja de calçados em Santa Maria, que recebe como pagamento o salário fixo mais uma comissão sobre as vendas, que no mês que vem vai sair de férias, quer saber qual salário receberá durante as férias, se somente o fixo ou terá direito a um salário maior devido às suas comissões que recebeu? Muito bem, é a pergunta da Márcia dos Santos. 10 e 15 da manhã.

Milton: Ok. Márcia, assim ó. O salário referente a férias é calculado com base na média de seus salários referente aos doze meses que antecederam suas férias. Como você recebe salário mais comissões sobre a venda, você deve levar em conta então a média dos salários dos doze meses e este será teu salário nas férias. Além dessas comissões e do cálculo da média, as horas extras que você eventualmente fez durante o período. Lembro a você, também, Márcia, que além desse salário que você deve receber, você deve receber mais um terço desse valor referente ao abono de férias, certo! Toda essa verba deve ser paga a você até dois dias antes de você sair de férias, tá correto, Márcia. Qualquer outra dúvida entre em contato com o programa. É só ligar aqui para a Sede do Programa João Carlos Maciel, na Rua Doutor Pantaleão, todas as terças-feiras de manhã, né, ou pelo telefone aqui.

Maciel: Doutor Milton, com é o nome da esposa?

Milton: A minha esposa é Adriane

Maciel: Adriane, um abraço de Dia das Mães, Adriane. Pra mamãe também, qual é o nome da mãe, doutor?

Milton: Dona Ceres.

Maciel: Dona Ceres, um abraço, um beijão também. Em nome do programa João Carlos Maciel.

O exemplo é de uma operação enunciativa pela qual se dá a midiaticização do social. O enlace dos sujeitos se dá via campo midiático, através de um dos *elos de práticas não midiáticas*, o serviço de assistência jurídica. Aqui, o advogado faz parte da equipe do ator. Sua fala contribui com a estratégia de interação lançada como se fosse um “tipo de conluio” conforme Goffman (1987, p. 78) ou entendimento que se ajusta no manejo com as impressões que se quer passar.

No dia 04 de abril de 2011, o comunicador referiu-se a dificuldades que as comunidades da zona rural de Santa Maria enfrentam para escoar a produção agrícola. O problema são as más-condições de trafegabilidade das estradas, que estariam esburacadas. O tema foi midiaticizado a partir de cartas, telefonemas e até mensagens de celular (SMS) recebidas pelo ator, conforme ele mesmo enuncia:

Olha, faz tempo, hein, Faz um tempão que eu venho recebendo por carta, telefone, mensagens no celular, as inúmeras reclamações do pessoal que mora nas imediações da Estrada que vai pra Banhados. Mas gente, em nome daqueles moradores, produtores rurais, caminhoneiros, as empresas, de quem faz a colheita, a safra daquela região, olha têm recantos assim, têm trechos melhor dizendo, intrafegáveis, meu amigo. Olha, é a gangorra na estrada. É simplesmente isso. Eu não sei como é que conseguem. Olha, eu faria um movimento de parar aquilo ali, tchê. De parar. Fazer um protesto, que não é possível. E tem que protestar mesmo, que não é brincadeira. Época de safra, de colheita, da grande colheita [...] E o quê que o poder público está fazendo para estas pessoas aqui, tchê. Ao longo dos anos um problema insolucionável pelo que vemos aí. Operação isso, operação aquilo, mas olha, infelizmente, Banhados pede socorro. Estrada de Banhados pede socorro, pelo amor de Deus! (MACIEL, 2001).

Aqui, as marcas de interpelação se dão pela coloquialidade como a expressão “*Olha*” e “*tchê*”, que geram sentidos de indignação do “justiceiro” que dá assistência aos sujeitos ao midiaticizar o fato e sugerir uma manifestação. Neste fragmento, o ator se desloca para a condição de gestor social, quando chama os demais sujeitos para processos de intervenção de protestos.

Assim reconhece-se que os campos midiático e não midiático representados pelos elos identificados anteriormente, desenvolvem a construção de um espaço de circulação pública que institui possibilidades de respostas às demandas que continuamente são formuladas às demais instituições. O dispositivo midiático vai se constituindo numa possibilidade de

dinamização da vida dos cidadãos (um certo tipo de social) através do oferecimento de suas instruções e competências, midiaticizadas pelas operações do dispositivo.

Assim que recebeu uma ligação de uma ouvinte reclamando da falta de professores numa escola do município, Maciel disse:

Olha como vale um fã. Olha quanto vale uma fã do programa João Carlos Maciel. É por isso que esse programa é o que é. Arroio do Sol. Eu fiquei sabendo por tabela, por um ouvinte do programa, que não tinha professor de português no início do ano. Muito bem, o quê que eu fiz: eu fui à Secretaria Estadual de Educação, levei a reivindicação, lá de Arroio do Sol e em instantes consegui a solução. Da outra vez que me procure mais rapidamente, então, viu. Não me deixe por último tá bom. (MACIEL, 2011).

No fragmento acima, pode-se observar a conexão efetivada pelo campo midiático com outros campos, como o político. É um momento em que, apoiado pela sua condição de poder, dada pelo cargo que ocupa, se apresenta como tal, como ator que também é político e que, por sua vez, não esconde que o é. Que explicita sua condição de exercer o poder que lhe está conferido. Poder conferido pelo voto do povo. Povo que é aquele que o ouve, aciona, que dinamiza por meio do programa radiofônico.

Nesse sentido, dizer a verdade no sentido do dizer verdadeiro, de defender sua verdade, que acomete seu coração e todo o seu corpo, de suas relações, constitui-se numa estratégia discursiva. De tanto falar ao outro, que acaba acreditando numa verdade, que nada mais é, do que uma descrição de uma sucessão de fatos, os quais condizem com a realidade advinda das ações propostas pelo programa, e que por sua vez, acarretam como resultado a visível ajuda, o socorro, a solução dos problemas do dia a dia dos que neste discurso se enveredam.

Esta, mais uma vez, é uma maneira de relacionar os *elos de práticas midiáticas* e os *elos de práticas não midiáticas*. A relação dos elos se constitui por operações discursivas como mais este exemplo:

Atenção, Elisabete, que pediu, na cartinha, além do roupeiro. Maciel queria conseguir uma cama de casal e um roupeiro. Nós temos um roupeiro, então, pra entregar pra ela, por enquanto, o roupeiro, né. Mas si em tempo, via a cama de casal, também. Mas por enquanto apenas o roupeirinho, viu, Elisabete, que mandou a carta ao programa, Chamei também Bairro Pôr do Sol, Nova Santa Marta, deixa eu ver quem é aqui, Adriano Pazzato, material escolar também, para ele, da campanha. É pra comparecer na Sede, dar uma chegadinha lá na Sede. Alô Camila, que mandou uma cartinha pro programa. [...] Manter contato com a Sede, que também os materiais já chegaram. Já estão lá, lembrando que estão lá pra vocês. Adriana, do Passo das Tropas, que havia pedido aqui um fogão ou sofá e um roupeiro. Por enquanto, o fogãozinho e o sofá já estão na mão, por enquanto, lá na Sede. Queremos entregar pra ti, também. Chamando pra manter contato com a sede, confirmando lá no telefone, né, o endereço, a rua. Maria, que pediu a geladeira pelo filho, também é pra manter contato com a Sede e, por último, Juliana da Silva. Alô, Juliana, que pediu, pras filhas, deixa eu ver aqui, uma beliche. Tem

duas camas de solteiro. Não é beliche, lá na Sede. (MACIEL, 2011).

Aparentemente, todo o dizer do ator é baseado numa estratégia retórica, aquilo que ele considera, em suas próprias palavras: “*Dizer com franqueza, abrir o coração*” (MACIEL, 2010), em busca de suscitar aos demais sujeitos uma imagem manipulada das impressões que deseja despertar.

Nesse sentido, Maciel se apoia no material discursivo que vem da sociedade. Faz proveito das demandas que lhe são narradas. Exemplo disso foi a reclamação de um ouvinte que esteve no estúdio do programa. Um morador de um dos principais bairros de Santa Maria (Camobi) reivindicou, por meio de uma carta, a construção de uma ponte numa das ruas que dá acesso à sua propriedade. Maciel, desta vez utilizando-se de sua competência persuasiva, dramatizou a narrativa que lhe foi trazida pelo ouvinte.

É uma aflição. Olha, só o prefeito indo e tendo pulso pra tomar uma iniciativa de resolver essas questões, aí. Eu fiquei sabendo, eu vi na lista que a Dona Valserina, que vai ser mais uma, se não der atenção a esse problema, mais uma a cortar nossas relações com a prefeitura de Santa Maria, por que eu fico chateado com isso. Olha, ontem, Dona Carmen, liguei pro secretário, ele vai ficar P da vida comigo, mas eu vou falar, eu sou de falar mesmo, eu sou bocudo, eu falo, o secretário ficou de me ligar, não me ligou. [...] não ligou até o momento. A relação com a prefeitura tá ficado cada vez mais difícil, viu. Cada vez mais difícil. E por que razão, qual é o problema: é porque estamos cobrando, isso? (MACIEL, 2011).

Maciel pretende, estrategicamente, promover a edificação do sujeito ouvinte, que deixa de ser mero ouvinte (aquele em busca apenas de informação ou entretenimento), mas aquele que pertencerá a um social (uma associação em forma de rede) que atua em função de um empreendimento maior, e desta forma, passa a protagonizar a cena social de alguma forma.

Esse protagonismo do sujeito comum se dá sob a forma de mediação dos sujeitos. De uma ampliação da visibilidade dos campos sociais que ali estão acoplados sob forma de protocolos estabelecidos pelo campo midiático a partir da ação do ator.

Quero dizer que cada fã, por mais que eu tenha muitas, tem um lugar especial no meu coração. Aliás, cada pequeninho, cada mãe, adolescente, jovens, o vô, a vô, a mãe e o pai, enfim, você que me ouve, cada um tem sempre um significado pra mim, na construção da minha vida. Se não faz idéia como a gente tem no coração o fã. (MACIEL, 2010).

Outro exemplo desse processo de construção do sujeito pode ser vislumbrado no fragmento a seguir.

No sábado, enquanto íamos à Missa da Saúde, tomamos conhecimento que uma pequenininha, chamada Carla, durante a Missa da Saúde, uma pessoa me confidenciou, foi antes de chegar na missa, foi na entrada, lá na Igreja, não acompanhei o embarque este fim de semana, mas fui direto até Pinhal, lá em Itaara, e a mãezinha dela me disse: olha, impressionante, nunca ensinei ela, que deveria rezar, eu nunca disse a ela, olha esse é o momento de falar com o papai do céu, eu nunca fiz uma referência ou comentei tal coisa, mas é impressionante, Maciel, o que acontece às nove e pouco da manhã. Ela pega o radinho, vai pro quarto dela, com o radiozinho, ela ouve o programa comigo aqui na sala ou na cozinha no rádio grande. Quando chega a Hora da Fé, ela pega o rádio que eu dei pra ela de presente, e ela liga no receptor, liga o teu programa, vai pro quartinho dela, sem a gente sequer comentar isso. Fecha a porta e reza. E reza contigo. Eu achei aquilo incomum, uma coisa incomum em minha vida como mãe e te digo, olha, graças ao teu programa, a minha filha, que tem apenas cinco anos de idade, e desde os três anos ela faz isso, ela aprendeu a rezar contigo. Ela aprendeu o caminho da fé. Ela ouve atentamente e como que se estivesse entendendo tudo, ela fala com o rádio, ela faz sinal que está entendendo ou recebendo a mensagem, ela faz a carinha de alegre, sacode a cabeça como se estivesse conversando contigo no rádio. Eu tive que te contar isso. E eu vim na Missa da Saúde só pra poder vir falar contigo e te contar essa história. [...] que Deus abençoe. Ela tá lá ouvindo neste instante, com certeza. Ela ouve durante toda a semana e inclusive aos sábados.[...] Carlinha, que papai do céu te dê muitas bênçãos na tua vida, e que este momento fortifique a tua luta como ser humano pela vida toda. Vai fortificada a tua luta [...] (MACIEL, 2011).

Maciel agencia a lógica produtiva midiática tratando de construir um espaço, em que o nome, o local de moradia, e em especial a ação dos envolvidos na trama radiofônica ganhe espaço midiático – seja referenciado como ato solidário, de bem para o próximo, e, que dessa forma operaria como se fosse uma forma de compensação. Faz pensar que o sujeito pode compensar os dissabores causados à própria vida e a vida do próximo.

Bom, tá chegando o frio. Daí quem tem pode doar para o irmão que tá do lado. E como Deus é bom com que é solidário, né, tchê, barbaridade. Tu faz bem pra si próprio e pros outros também. Uma ação de amor meu amigo, Meu Deus do Céu, olha, sem contar que você vai se sentir muito bem, meu amigo, minha amiga. (MACIEL, 2010).

O sentimento de compromisso com o programa transforma-se em compromisso consigo mesmo, no caso, o comunicador e seus militantes, todos empenhados na constituição de um canal de representação dos interesses do povo. Os sujeitos “amigo, fã, ouvinte” enunciados por Maciel constituem um sujeito relacionado à sociedade por meio de sua capacidade em atuar compromissado com o projeto social mantido pelo programa radiofônico. A instância social engendrada pelo dispositivo radiofônico se envereda a partir de diversos momentos dentro do programa radiofônico.

A sensibilização dos sujeitos envolvidos na trama radiofônica é sustentada por um discurso o qual induz a ideia de que tudo é possível.

A campanha de volta às aulas está arrecadando cadernos, lápis, canetas, olha, lápis de cor, régua, borracha. Tudo o que puder ajudar a uma instituição, a uma criança. Olha, nós temos o apelo de mães e crianças aqui, viu. Não só aqui. As mães nos procuram lá na Sede pra poder botar as crianças na escola. Então vamos ajudar, minha gente. Você que pode nos ajudar, entre contato com a gente. Olha, se tem uma coisa que é importante nessa vida é a educação dessas crianças, viu, tchê. Elas são o nosso futuro. Nada é impossível pra uma criança. Elas sonham, viu, Carlão. E acreditam nesse sonho. Queria eu que as pessoas, às vezes, também sonhassem, assim, acreditassem, assim, viu. (MACIEL, 2010)

O discurso de Maciel apresenta um inimigo, ou seja, a incapacidade do sujeito de acreditar e buscar para si, e para os seus pares a solução de seus problemas por meio da esperança, da fé, da execução de boas ações ao próximo e, por conseguinte, para si mesmo. O discurso engendra uma solução que é o inverso do se propõe como o que causa insegurança.

Assim, o panorama acima trouxe à tona algumas das estratégias discursivas postas no ar pelo ator e os demais sujeitos que coenunciam ao longo do programa radiofônico. Tais enunciações funcionam como operações de interligação, entretanto, não uma interligação simplificada entre enunciador e receptor, mas capaz de produzir uma rede de atores engajados na proposta do ator principal, como se vem inferindo ao longo da pesquisa.

Como se discutiu ao longo do capítulo, a fala do ator é complexificada, a partir do atravessamento de outras falas advindas de interlocutores que fazem parte do dispositivo, assim como dos demais, que ingressam nos circuitos por meio das diversas ações interacionais propostas para dar dinâmica a uma rede discursiva que mediatiza o social. As estratégias discursivas, fundamentadas em recursos retóricos, operam o entrelaçamento dos *elos de práticas midiáticas* e *elos de práticas não midiáticas*, assim com as lógicas que permeiam a *performance* do ator.

O objetivo deste capítulo, frente ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos no início da tese, foi discutir o desempenho do ator, suas operações na constituição de um dispositivo e sua transformação em uma rede, que se considera como um operador de mediatização do social.

Inicialmente, identificou-se o que se chamou de uma biografia “tríade” do ator, ou seja, a representação simbólica de João Carlos Maciel que, permeada pelas lógicas midiática, política e assistencialista, dá a ele condições de operar o dispositivo através de uma *performance* singular.

E sua *performance* comunicativa, neste sentido, tem como principal suporte a sua própria voz, o que se vislumbrou anteriormente. Os achados nesta análise permitem afirmar, que a voz através de estratégias de entonação, e outras se instituem numa espécie de corpo frente aos sujeitos aos quais é remetida, ou seja, voz de João Carlos Maciel se constitui como

principal elemento de enunciação do ator, da qual faz uso para articular os enlaces das instâncias, dos elos e com os sujeitos envolvidos na trama radiofônica.

E, por fim, ao analisar uma série de fragmentos, discutiu-se que a voz do ator não se pronuncia isoladamente, uma vez que é permeada por outras vozes, que reguladas por ele, trazem à tona um universo de coenunciados. Viu-se que o dispositivo é engendrado por fragmentos discursivos do tecido social de inúmeros sujeitos enlaçados e que constituem, neste sentido, as tessituras de uma complexa rede, dinamizada e mobilizada por circuitos de interação que dão vida ao mesmo.

5 CONCLUSÃO

As considerações finais de uma tese requerem uma reflexão sobre o trajeto feito e que possibilite uma elaboração sobre a proposta, o trabalho de investigação, os resultados e mesmo os efeitos sobre o lugar de pesquisador.

Partindo do problema de pesquisa, a questão central era entender como se estrutura um dispositivo e se transforma em rede de mediação do social a partir de operações de uma atividade radiofônica que envolve lógicas e práticas midiáticas e outras não midiáticas, estas de caráter político, assistencialista e de outras naturezas. Os indícios colhidos no momento de pré-observação davam conta de uma complexidade que deveria ser minuciosamente descrita, a fim de poder se olhar com mais clareza os processos comunicacionais que ali se estruturavam.

Esta pré-observação que não seria outra senão uma primeira etapa de um trabalho metodológico de aproximação do objeto envolveu diferentes vias e instrumentos. Uma delas foi a escuta do programa e de personagens envolvidos com a experiência, em vários níveis de seu funcionamento.

Tal escuta do programa João Carlos Maciel ocorreu em diferentes estágios, referida por uma exigência, pelo menos no primeiro momento, a ser a mais espontânea possível, tentando não impor condições nos modos de observar, para que o levantamento de pistas pudesse ser realizado, sem pré-inferências, pois poderiam se perder, nessa mirada, alguns elementos que auxiliariam na resposta/problema e aos objetivos da pesquisa, logo após um olhar mais acurado.

Mas o processo de observação, ao longo do percurso, já foi nos levando a algumas hipóteses de que o dispositivo o qual se analisava trazia consigo aspectos os quais se mostravam singulares. Estas particularidades se apresentaram na estrutura e funcionamento do programa e, sobretudo, numa dinâmica do que passamos a chamar de *elos de práticas midiáticas* e *elos de práticas não midiáticas*, algo que procura indicar a centralidade de um trabalho midiático na construção e funcionamento de um projeto de ação social, mas em contato relacional com outras práticas, constituído através de uma ação tecnodiscursiva.

Estas práticas, advindas de diferentes campos sociais e transformadas, principalmente, em atividades midiáticas, estavam organizadas em torno da atividade do rádio para além da sua condição de apenas instrumento, conforme propõe o foco deste estudo.

Da pré-observação às incursões mais aproximadas, entrevistas com o ator principal do dispositivo e visitas realizadas aos espaços sociais que compõem tal dispositivo radiofônico, sugeriram que a reflexão não traria à tona apenas a análise de mais um programa de rádio que

se insere na comunidade por meio de práticas técnicas, e, conforme suas lógicas, atuaria como mero mediador de campos sociais, trazendo para o espaço midiático as aflições da sociedade e possíveis soluções para tais situações.

Também não se tratava apenas de um programa que intervém na sociedade, através de uma proposta assistencialista. Sim, ele possui uma proposta assistencialista, porém constituída por uma peculiar complexidade. Não se tratava somente de um produto midiático que, partindo da lógica radiofônica, sobretudo interacional, funcionava como uma forma estratégica de alcançar a audiência, na forma de alguma prestação de serviços.

O que se evidenciou, ao longo da caminhada, é a constituição de um dispositivo operador de midiatização do social, ou seja, um dispositivo, tal sua complexidade, que só poderia se compreender através de novas imersões, novos mergulhos no contexto do sistema midiático que se desenvolve há treze anos. Um programa radiofônico que agencia práticas midiáticas e não midiáticas e que constituiu como efeito, uma rede interacional de sujeitos sociais, para fazer funcionar um serviço de um programa de ação social, de característica assistencialista e conservadora.

E então, seguindo os passos em direção aos labirintos do dispositivo, foi necessário o acesso a um mapa mais amplo e menos linear. Este mapa não seria apenas um guia, um dispositivo de orientação, como um GPS. Mas o mapa seria um roteiro teórico-metodológico para uma imersão em detalhes sobre curvas, retas, desvios ou mesmo atalhos. Assim como no campo empírico, que trazia à luz uma série de elementos com os quais se familiarizava, aos poucos, também foi necessário penetrar no campo teórico, para tatear com mais firmeza a estrada.

A primeira análise do objeto indicava pistas, inferências do que seriam marcas de um dispositivo que engendrava práticas sociais num ambiente específico, midiatizado. E como tal, necessitou-se, através do mapa construir um caminho para observar um conjunto de dimensões desta estratégia. Isto se operacionalizou através de capítulos.

Logo de partida, após as primeiras observações, como um acesso às impressões, foi necessário a organização de um certo quadro conceitual para compreender os horizontes dos debates sobre o trabalho da midiatização de práticas sociais. Buscava-se, além disso, absorver dali, a compreensão dos fenômenos que dizem respeito a esta ecologia, a esta nova forma de manifestação de processos sociais arquitetadas por lógicas e formulações midiáticas.

Como se sabe, desde o início do trabalho, havia a intenção de analisar o objeto à luz do que já se havia estudado, com o objetivo de compreender passos dados por autores situados diante de problemáticas parecidas com a da tese, imerso na discussão sobre a midiatização das práticas sociais. Na literatura já se demonstrava a produção de referências

sobre fenômenos em que a mídia opera como um dispositivo complexo, enquanto agenciador de práticas sociais.

O que se viu, de acordo com a reflexão sobre este horizonte teórico acima indicado, é que o rádio, nesse cenário, se torna mais do que um dispositivo técnico que toca música ou informa a hora certa, a previsão do tempo, ou noticia os acontecimentos do cotidiano como forma de dar legitimidade a seu papel como instituição social, incumbido de informar e entreter.

Ao se propor na tese uma descrição dos modos de como o dispositivo radiofônico se organiza para operar práticas que mediatizam o social, foi-se descobrindo que ele se mistura com aspectos significativos do contexto social em que está imerso e que faz uso deste componente social para alimentar sua dinâmica de funcionamento.

O manancial teórico examinado contribuiu para fertilizar e por em questão ideias a respeito dos modos como o dispositivo radiofônico se estrutura e realiza um trabalho de conexão interacional que visa colocar em ação uma série de práticas que, a partir do midiático, se estende para além de suas aparentes funcionalidades e para fora do seu sistema. Não somente como um mediador entre as lógicas produtivas e de recepção midiática, o dispositivo apresenta indícios de processualidades decorrentes de sua imersão na vida dos sujeitos, via circuitos de comunicação.

A estruturação do dispositivo se faz a partir de duas dimensões, segundo descrição que aqui se fez de *elos de práticas midiáticas e elos de práticas não midiáticas*. Ambos, articulados, produzem as interações reguladas por ele e que, nessas condições, a partir de seus mecanismos próprios de funcionamento, estabelecem um processo de relações entre lógicas e operações do campo midiático com outros campos sociais e vice-versa, resultando dessa dinâmica a emergência de uma rede de funcionamento de uma determinada ação social.

As ações advindas do campo midiático, mais precisamente os efeitos da dinamização de operações no interior do dispositivo, movimentam sujeitos e práticas que se agregam ao dar sentido a um determinado social, que se pode redefinir, por meio de processos em constante reelaboração, ou seja, a partir de dinamização de circuitos de comunicação interacional ativados e reativados pelo dispositivo. O que ocorre é uma transformação de campos em processos, através de fluxos ou atividades de circuitos, algo que põe em funcionamento o dispositivo.

O conjunto de elos midiáticos trata de, através de circuitos, organizar e dinamizar o dispositivo via várias funções que lhe são internas, desde aquelas primeiras como a entrada dos sujeitos no processo até àquelas que envolvem a dinamização de outras práticas, não midiáticas.

As instâncias *técnica, discursiva, institucional e social*, identificadas no dispositivo e descritas na tese, preparam o sujeito para se inserir no mesmo, dentro de sua especificidade produtiva radiofônica, que visa dispor à sociedade um espaço de organização e ativação social, a partir da articulação de um conjunto de ações específicas de aproximação que ali estão disponibilizadas, em vista da constituição de uma rede de ação.

Os circuitos estudados possibilitam ao sujeito acessar o dispositivo e se inserir no contexto instituído pela lógica midiática. Ou seja, a penetração no ambiente midiático só será permitida e bem-vinda se o indivíduo estiver submetido às lógicas produtivas que lhe são oferecidas, para não dizer impostas. Esta entrada é uma “etapa simbólica”, na medida em que o sujeito já está no ambiente, desde o qual cumpre uma série de requisitos que envolvem a sua inserção no ritual.

Com isso, ele faria uma espécie de ritual de passagem, ou seja, o dispositivo propõe determinadas condições de acesso. Tais condições, vislumbradas por meio dos elos, são modos de estabelecimento de vínculos do dispositivo com os sujeitos sociais que, ao adentrarem no seu contexto, são afetados pela lógica midiática.

Em muitos casos, estes sujeitos se constituem como “cúmplices” cooperadores do processo, voltando a acessar rotineiramente o dispositivo através dos circuitos constituídos. Levando o conteúdo (as falas e práticas internas do dispositivo) para fora do mesmo e, ao mesmo tempo, trazendo o conteúdo do fora para dentro do dispositivo.

No processo de circulação comunicativa, as pessoas que acessam o programa se tornam uma espécie de coagentes de midiatização desse projeto social ou mesmo podem ser chamados de “atores” do processo da constituição e funcionamento de circuitos comunicativos, capazes de “arrebancar” novos sujeitos ao contexto de tal ação social.

Depois de descrever os *elos de práticas midiáticas* buscou-se compreender melhor a estruturação de *elos de práticas não midiáticas*, observando-se e descrevendo a oferta de uma “arquitetura de enlace” específica, que existe a partir da manutenção e dinamização de um projeto assistencialista. Os elos os quais se identificou como não pertencentes ao campo midiático, mas que estão ligados a ele, se configuram como parte constituinte do todo do dispositivo. São portas de entrada de sujeitos e suas lógicas sociais, trazidas para o interior do sistema midiático, por meio do acoplamento dinamizado pelas operações midiáticas.

Formalizou-se através de um diagrama a constituição da paisagem do dispositivo, reunindo sistema/meio, as suas conexões, bem como o trabalho dos circuitos nesse contexto. Tal representação evidenciou o acoplamento ou encaixe do sistema midiático com o meio (sociedade) constituindo o que se passou a chamar de zona de interpenetração.

Marcados por lógicas da midiaticização, os elos se tornam espaços de sociabilidade, de troca de relações entre o sistema midiático e a sociedade. A manutenção de tais elos é gerada por lógicas midiáticas engendradas pelo dispositivo. Estes são capazes de alastrar a dinâmica de operação do sistema midiático sobre o ambiente social, ampliando as conexões, tecendo ainda mais a trama da rede que vai se constituindo e reconstituindo, de forma contínua.

Neste sentido, os elos, ao serem organizados a partir de operações e estratégias midiáticas, geram espaços de interação. Ou seja, os elos se tornam espaços de engajamento de sujeitos. Ali trabalham para por em ação a existência do dispositivo (se tornam fãs, militantes, colaboradores, amigos e ouvintes do programa, etc.) em direção ao dispositivo, constituindo uma espécie de comunidade de ação social, permeada por uma dinâmica de natureza midiática, segundo as articulações aqui mostradas. É no âmbito dessa comunidade que se estrutura e desenvolve uma atividade de organização e de funcionamento do social.

Quer-se enfatizar que o processo interacional opera por um trabalho nos âmbitos das instâncias mostradas no segundo capítulo. Suas relações permitem, de um lado, a emergência da identidade do dispositivo e, de outro, os prenúncios os quais se está reportando aqui, na conclusão.

Tais instâncias são componentes axiais nesse projeto. As conexões dos elos necessariamente se fazem por meio das especificidades de cada uma delas, no contexto do dispositivo. Mesmo cada uma apresentando sua particularidade, o que elas têm de comum é a função de interconectar os elos ao programa radiofônico, através dos circuitos que ensejam a produção de sentidos que ali são engendrados, ou seja, pelo qual se fazem os movimentos de entrada e saída do material sociodiscursivo que circula interna e externamente ao dispositivo.

É no contexto da zona de interpenetração, onde os elementos dos dois conjuntos de elos se articulam, que se ativa, de forma peculiar, a atividade simbólica desse projeto. Para compreender como esse projeto toma corpo é preciso se debruçar sobre essa estrutura em ação, que é o dispositivo aqui estudado. Sem dúvida que a especificidade radiofônica e sua estrutura “une” a dimensão sobre o qual esse projeto se constitui.

Ensejando uma atividade relacional dos dois conjuntos de elos articulados, o dispositivo faz nascer um trabalho de ação social que implica numa materialidade de dominância midiática e de aspectos de outras práticas.

Conforme se afirma ao longo da tese, esse projeto sinaliza para uma substância social conservadora, mas enfatiza-se também algo que parece um paradoxo. Se os sentidos produzidos aludem esse caráter conservador, o social ali engendrado se faz com uma atividade comunicacional complexa e inovadora na sua dinâmica interacional. Deve-se

também mencionar que tal aspecto renovador impõe alguns limites e que são vistos nesse modelo. Por exemplo, é o sistema quem ativa a vinda dos atores sociais para o trabalho dessa interação. O sistema deixa marcas do processo interacional que ele faz com a vinda dos atores, para disseminar esse processo. São afetações que tem muitas consequências, algumas delas apontadas e outras que merecem outras pesquisas.

Não se pode reconhecer que a vinda dos atores seja uma atividade automática. Pelo contrário, as simbólicas e os imaginários dos seus contextos são uma espécie de “senhas” que delas se apropria o dispositivo em produção para convertê-las em sentidos a serviço dessa mediação do social.

Um exemplo do que se afirma é que a produção do dispositivo cria vários circuitos de acessos dos atores, muitos destes identificados com suas práticas. A organização de campanhas, fã clube, o envio de cartas, a missa da saúde e outras práticas inerentes à proposição do programa radiofônico, são permeados por imaterialidades simbólicas, as quais os atores sociais envolvidos estão submetidos.

Uma das conclusões que se formula neste momento e que se evidencia por meio da tese é que diferentes campos como o político e o assistencialista, religioso e outros invadem o midiático através de processos de circuitos e suas respectivas operações tecnodiscursivas. Neste sentido, como efeito, os campos sociais, assim ativados para um trabalho operativo do dispositivo, participam do processo de mediação do social. Resulta que suas afetações constituem o dispositivo e interferem nos modos de como as operações do campo midiático são executadas para implementar este projeto. Isso se vê ao identificar os modos como o ator põe o dispositivo em funcionamento, a partir de sua *performance* “tríade”.

Por meio da voz, enquanto uma dimensão enunciativa, o dispositivo midiático põe em ação um discurso, deixando registros da diversidade de campos sociais, via práticas respectivas. Trata-se de uma dinâmica que passa pelo midiático, mas que se faz à base de acoplamentos de sentidos vindos de diferentes campos sociais.

Essa voz opera segundo estratégias e táticas e uma delas é absorver marcas do âmbito receptor para que, por meio dos processos midiáticos, constitua uma identidade única para o programa, da qual escapariam fragmentos de outras identidades. Neste momento, a estratégia do dispositivo dissimula o caráter da proposta, através de um apelo que faz à militância dos sujeitos os quais encontrariam, no dispositivo, uma única alternativa para suas demandas e carências. Parece que neste aspecto o dispositivo obscurece o que tem de regulador, justamente por causa dessa diversidade de fluxos que aqui se vislumbra.

Sem dúvida que os sujeitos comuns, ao adentrarem a “zona de interpenetração”, ativados por meio dos circuitos interativos, se tornam coenunciadores atravessados pelos campos sociais e passam a protagonizar a cena social, deixando de ser apenas mediadores. Imprimem afetações, a partir de sua complexidade, das lógicas próprias, que trazem consigo. Isso é uma estratégia que visa maximizar a instantaneidade da circulação do conteúdo levado ao ar, potencializando a constituição de novos circuitos a diante.

O ritmo da circulação está regulado pela tática da instantaneidade, que visa abreviar o tempo de acesso dos sujeitos que vão ao programa e da circulação do conteúdo gerado a partir dos fluxos interacionais. Outra tática vislumbrada e que forma um circuito interacional é o acervo da memória dos conteúdos advindos dos ouvintes através das cartas dos ouvintes. Estas são utilizadas como forma de permanência e recuperação de tais sujeitos e seus conteúdos.

A natureza do trabalho midiático admite que os demais campos deixam-se afetar, bem como se vê também afetado por vozes do “mundo da vida”. É fundamental especificar que tal trabalho midiático não se apresenta com um trabalho receptor, pois é ele quem submete essas vozes à sua sintaxe. Mas deve-se também reconhecer que em outros níveis de interação, que se fazem ao longo do processo, os indivíduos também se destacam como midiaticizadores dessa ação social, uma vez que, dentro da zona, eles são operadores dos sentidos que aí se engendram, a tal ponto que isso se manifesta na conversação do dia a dia ou nos arranjos que eles fazem para participar da ação e, finalmente, para capturar novas adesões para este projeto.

A lógica do programa é altamente voltada a um processo de conversação sobre a cotidianidade dos sujeitos. O que se quer dizer é que essa atividade interacional institui a noção de um certo social que repousa sobre a existência de uma rede na qual a problemática do “aqui e agora” parece ser equacionada.

Sabemos que as mídias, em muitos contextos e circunstâncias de programas em desenvolvimento, especialmente de caráter educativo, de saúde, etc, estiveram sempre engajadas em atividades do “campanhismo”, visando disseminar novas práticas e adoção de informações utilitárias. Porém, a experiência aqui analisada mostra que o dispositivo radiofônico, posto em funcionamento nos moldes descritos, transcende a essa dimensão acima apontada, bem como a de um mero mediador, na medida em que ele funciona como próprio operador de organização de funcionamento do projeto social.

Muitas das ações que se desencadeiam no âmbito dos elos e nas articulações entre os mesmos, são resultantes de um trabalho midiático que, nessas condições, tem uma atividade “protagônica”, especialmente na constituição de sua transformação em uma rede, nesse processo de mobilização. Possivelmente um novo tipo de discurso surge neste ambiente de

novas interações que organizam a mediatização do social.

Percebe-se que marcas discursivas evidenciam possíveis laços entre os sujeitos e este discurso mobilizador lançado pelo dispositivo. As pessoas, ao interagirem com o programa radiofônico, sugerem por meio de suas falas sua adesão aos muitos circuitos que visam sua inserção na dinâmica da rede que emerge do dispositivo. Mas também se pode supor que tal adesão pouco informa sobre a compreensão que tem das motivações deste projeto, particularmente o que significa a adesão delas, se se convertem em beneficiárias, clientes ou, também, em cooperadores e/ou militantes do “exército” que tece a ação de mobilização proposta pelo programa.

Contudo, pode-se afirmar que tal dispositivo se torna uma espécie de macro-ambiente de interação social (e nisso se dá a formação da rede), pois é um articulador de várias ações, cuja dinamização aponta a formação desta rede de mobilização conservadora.

Ao mesmo tempo que mobiliza, dá o “passo a passo” de como as pessoas podem fazer e se fazer nesta comunidade. Apesar da peculiaridade desta ação comunicativa instrumental, deve-se também admitir que outras enunciações, além daquela instância principal do dispositivo que é a de João Carlos Maciel, se fazem presentes, que não se manifestam, necessariamente, na face externa do trabalho de “costura da rede” e de outras práticas.

Pouco se sabe de um lugar interno sobre o funcionamento mais profundo desta rede. Algo que talvez exija novas pesquisas. O que se pode afirmar é que este dispositivo, através de seu principal operador, realiza um conjunto de operações que visam construir formas de acesso e contato entre a sua instância de produção e dos atores sociais. Sobre os mecanismos de constituição de tal rede esta pesquisa reconhece poder ter reunido e aqui mostrado algumas marcas das ações engendradas pelo dispositivo e seu ator, no sentido de também, preparar através de estratégias enunciativas, respostas que pretende obter.

Não podemos afirmar se o produto final gerado a partir das operações de mediatização depende apenas da competência do dispositivo em produção e das interações por ele alcançadas. Mas podemos concluir que tal atividade de mediatização engendra a existência de uma rede. Reenfatiza-se tal conclusão para chamar atenção sobre a complexidade de uma ação comunicativa, se conservadora de fundo, complexa na forma de operar.

Os fluxos interativos postos em operação e as respostas derivadas dos circuitos constituídos a partir do dispositivo levam a supor que se desenvolve aí determinada ação comunicacional contínua e que vai adiante, ou seja, que vai se ampliando em forma de rede, no corpo social. Essa se desdobra segundo um processo de circulação que não só articula e mescla os *elos midiáticos* e *não midiáticos*, mas também as lógicas dos diferentes mundos que

nela se fazem presentes.

Encerro esta tese tentando responder algumas questões. A primeira é: a tese responde à questão/problema e aos objetivos lançados como eixo desta investigação? O problema de pesquisa, que recebeu reformulações ao longo do trabalho, teve como última redação a seguinte pergunta: como se estrutura um dispositivo de mediação do social a partir de operações que envolvem a *performance* do sujeito e de suas interações com as lógicas radiofônica, política e do assistencialismo social?

A resposta está nas considerações feitas ao longo da tese. Mas de maneira complementar, ainda comenta-se o fato de que o rádio, neste caso, se estrutura num dispositivo de mediação do social a partir da sua capacidade autopoietica de produzir operações e estratégias de interação e de enunciações, como aquelas do ator principal da estratégia, João Carlos Maciel, além de coenunciações dos atores sociais que são também por ele coengendradas. Tal capacidade se manifesta no fato do dispositivo submeter aos seus postulados, lógicas de campos sociais como a radiofônica, política e do assistencialismo social, entre outras, trazidas à tona na pesquisa.

Tais lógicas se evidenciam nas ações de João Carlos Maciel. Por meio de seu discurso, ele seduz e induz. Sob um discurso preocupado com a comunidade que mobiliza, tenta tornar a lógica política e do assistencialismo despercebidas, pois os efeitos de sua produção de sentidos poderiam comprometer sua proposta de ação social, ou seja, poderia deixar de contar com a comunidade, pondo em risco a funcionalidade do dispositivo.

Neste sentido, ainda comentando considerações a respeito da resposta acerca do problema de pesquisa, evidenciou-se que, na sociedade em mediação, o desenvolvimento de um projeto com vistas a uma ação assistencialista, como no caso analisado, engendrada a partir de um dispositivo tecnodiscursivo, que é o rádio, necessita não somente da geração de conteúdos, mas do desenvolvimento eficiente de circuitos comunicacionais e que estes encontrem ressonância no próprio campo e em seu entorno social no qual está imerso. Portanto, constata-se que fazer assistencialismo (como o caso estudado), é desenvolver circuitos capazes de fazer circular, sob certas condições de controle – pelo menos previsto pela estratégia - demandas e anseios sociais.

Outra questão é: em que medida este trabalho contribui para pesquisas sobre o rádio e qual é a característica central deste meio neste projeto de mediação do social? A tese contribui para enxergar o rádio com outros olhos. É preciso enfrentar questões a respeito do veículo, partindo do entendimento do contexto da sociedade em processo de mediação. Isso representa, como se vinha esclarecendo, a compreensão de que o rádio não é mero

suporte técnico, mediador de interações entre A e B.

A investigação oferece um manancial teórico sobre diversos olhares a respeito do rádio e sua representatividade social e também a evolução de modos de entendimento a respeito do meio como dispositivo. Também como uma possibilidade metodológica, quando enfatiza que os modos de operação devem ser guiados pelos indícios/marcas/elementos/características que vão se tornando tateáveis ao longo do percurso e que vão “pedindo” que sejam desbravados, para a posterior compreensão do todo. Na medida em que se vai mergulhando nas tessituras do objeto, a tese também se revela, aos olhos deste pesquisador e de seus leitores, uma descrição analítica de elementos os quais tornam tão fascinante a pesquisa sobre processos comunicacionais.

O cruzamento dos conceitos teóricos e materiais observáveis permitiram traçar alguns aspectos sobre a atividade radiofônica, meio de operações específicas, que o transformam num importante ator na organização da vida social. Como pesquisador deste meio de comunicação deste a graduação, vem-se acompanhando os gradativos passos de evolução do veículo. Neste sentido, diante da proposta da tese, pode-se mais uma vez investir olhares sobre os modos de como o rádio sobrevive e é transformado.

A tese serve para atualizar este pesquisador, assim com os leitores desta, das consequências sociais em torno dos movimentos que se dão os processos de produção radiofônica na atualidade.

Aqui se viu que, apesar de estarmos imersos nessa nova ecologia comunicacional, com todo o desenvolvimento tecnológico, novas configurações de disponibilidade de sons e novas formas de acessá-lo, o rádio se apropria de tais configurações do mundo midiático, mas não deixa de propor modelos de processos de produção, ainda que de natureza conservadora, a presença do ouvinte no estúdio, as cartas, o telefone e outras formas tradicionais de interação.

Também, se pode afirmar que mesmo em contexto midiático, os formatos e modelos de produção radiofônica, a exemplo de décadas anteriores, desde a sua chegada ao Brasil, no século passado, vêm sofrendo mutações, mas mesmo assim ainda atingem e fazem mobilizar sujeitos das classes sociais mais baixas da população, que o mantém como “o companheiro” em seu horário nobre.

Mas junto com tudo isso e outras características comuns do veículo, aqui vislumbrou-se um programa radiofônico com singularidades. Mesmo que a proposta assistencialista do programa João Carlos Maciel seja algo comum em outras emissoras, e que alguns pesquisadores já tenham se debruçado sobre tais programas para entender suas sistemáticas (como mencionamos no primeiro capítulo), a tese evidenciou particularidades as quais também enriquecem o campo das pesquisas em comunicação.

É tal a riqueza (descrita ao longo da tese) que muitas das marcas levantadas não puderam ser apropriadamente analisadas, até porque se afastavam demais do eixo de pesquisa ou mesmo dos objetivos da tese. Mas a característica central deste meio neste projeto de mediação do social é que este se constitui num dispositivo que reúne e desenvolve um emaranhado de relações de ordem técnica e simbólica, constituindo-se numa espécie de “matriz” que orienta e produz novos modos de interpretação do social, estruturando a emergência de uma rede resultante das ações do dispositivo quando em funcionamento, sendo este o principal achado da tese, conforme já se esclareceu ao longo da pesquisa e neste texto, anteriormente. Neste sentido, a tese é relevante para o campo das Ciências da Comunicação, pois se constitui com uma das referências de pesquisas que relacionam o rádio ao contexto da mediação.

Para finalizar, a última questão: qual a contribuição da tese para a formação deste pesquisador em comunicação, especialmente no âmbito do rádio? Considera-se que o objeto merece novas imersões deste e de possíveis outros interessados. A conclusão da tese não significa o fim de uma trajetória, mas o desafio, agora com um olhar mais acurado e em melhores condições, de dar continuidade um projeto pessoal: constituir-me um assíduo pesquisador do rádio e buscar contribuir, por meio da publicação de tais estudos, com a ampliação dos conhecimentos a respeito do mesmo.

Não posso deixar de salientar os efeitos mais imediatos da tese que, junto com o doutorado, desde o começo, contribui com este professor universitário, não somente nas demandas advindas de alunos das disciplinas, como a de Projeto Experimental em Rádio, mas no fazer do dia a dia, nas mais diversas atividades da vida docente, e também, como sujeito que prestigia o rádio como fiel e crítico ouvinte.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Estética radiofônica**. Editorial Gustavo Gili, S.A. Barcelona. 1980.
- AUMONT, Jacques. A parte do dispositivo. In: **A imagem**. Campinas: Papirus, 1995.
- BACHELARD, Gaston. Devaneio e rádio. IN: **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BIANCHI, Graziela. **Mediatização radiofônica nas memórias da recepção**: marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias de relações dos ouvintes com o rádio. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, fevereiro de 2010.
- BORELLI, Viviane. **Da festa ao cerimonial midiático**: as estratégias de mediatização da teleromaria da Medianeira pela Rede Vida. (Tese de Doutorado) apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2007.
- BOUTAUD, Jean-Jaques; VERÓN, Eliseo. **Sémiotique ouverte**. Itinéraires sémiotiques em communication. Paris: Lavoisier, Hermès Science, 2007.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia** – dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **Comunicação é aquilo que transforma linguagens**. Texto a ser apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade, do XVIII Encontro da Compôs, em junho 2009.
- _____. **Dispositivos Interacionais**. Trabalho apresentado ao Grupo de trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compôs, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Junho de 2011.
- _____. “Circuitos *versus* Campos Sociais”, In: JANOTTI, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda, (Orgs.). **Mediações e mediatização**. Livro Compôs, 2012 (no prelo).
- BRECHT, Bertold. Teoria de la Radio (1927-1932). In: BASSETS, Luís. **De las ondas rojas a las radios libres**: textos para la historia de la radio. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- BRETAS, Beatriz. **Interações cotidianas**. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (Org). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da física**: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARLÓN, Mario. **Sobre lo televisivo: dispositivos, discursos y sujetos**. Buenos Aires: La Crujia, 2004.

CASTANÊDA, Maria Mercedes Zevallos. *Voces y cuerpos: el consultório médico radial como espacio discursivo en el Perú*. In: **Revista Interface: comunicação, saúde, educação**, UNESP, São Paulo: v.3, n.4, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CÉSAR, CIRO. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM - dicas e toques**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. **Estratégias de midiaticização das drogas: estudo de uma campanha de prevenção às drogas promovida na CTDIA**. (Tese de Doutorado) apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2009.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

COHN, Gabriel (Org). **Weber**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.13).

DAMAS, Susana Herrera. **Ventajas e inconvenientes de la participación de la audiencia en los programas de radio**. Madri: Revista DOXA Comunicación, n. 3, 2005.

DEL BIANCO, Nélia R. O futuro do rádio no cenário da convergência frente às incertezas quanto aos modelos de transmissão digital. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano. (Org). **E o rádio: novos horizontes midiáticos**. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

EFENDY MALDONADO, Alberto. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas, saberes. In: _____. (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ENDLER, Sergio Francisco. **Rádio Continental AM: história e narrativas**, em Porto Alegre, de 1971 a 1981. 2004. 456 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Narrativas pessoais midiaticizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. In: **Revista Famecos: mídia cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 18, n.1, p.198-211, janeiro-abril 2011.

ESTEVEES, João Pizarra. O campo do media e o desenvolvimento da sociedade moderna. In: **A ética da comunicação e os media modernos**. Lisboa: Fundação *Calouste Gulbenkian*, 1998.

FABBRI, Paolo. **El giro semiótico**. Barcelona: Gedisa, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUZA, Mauro W. (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Ensinando à televisão**. João Pessoa: UFPB, 2001.

_____. **Midiatização, prática social – prática de sentido**. Trabalho apresentado no Encontro da rede Prosul – Comunicação, Sociedade e Sentido, no seminário sobre Midiatização, UNISINOS, PPGCC, São Leopoldo, 19/12/2005 e 06/01/2006.

_____. **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antônio; VALDETTARO, Sandra (Orgs.) **Mediatización, Sociedad y Sentido** – Diálogos entre Brasil y Argentina. Colóquio Mediatización, Sociedad y Sentido, Rosario: Universidad Nacional de Rosario, p. 2-15, ago. 2010.

FERNÁNDEZ, José Luis. *Reflexiones acerca del dispositivo técnico*. In: _____. (Org.). **Los lenguajes de la radio**. Buenos Aires: Atuel, 1994.

_____. *Conductores de shows radiofónicos. Orden en el caos*. **III Congreso Internacional Latinoamericano de Semiótica**. São Paulo, 1996.

_____. La construcción de lo radiofónico: modos de producción de la novedad discursiva. In: _____. **La construcción de lo radiofónico**. Buenos Aires: La Crujia, 2008.

_____. *Acedios a la radio*. In: SCOLARI, Carlos. (Org). **El fin de los medios masivos: el comienzo del debate**. Buenos Aires: La Crujia, 2009.

_____. *La mediatización del sonido respecto de internet y la vida musical. Revisiones*. In: FAUSTO NETO, Antônio; VALDETTARO, Sandra. **Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2010.

FERREIRA, Jairo. O conceito de dispositivo: explorando dimensões de análise. In: **Revista ECOS**, Pelotas/RS: Universidade Católica de Pelotas, v. 7, n. 2, jul./dez. 2003.

_____. **Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação**. In: **Revista e-Compós**, Brasília, n.10, dez. 2007.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. In: **Revista Líbero**. (FACASPER), São Paulo, ano IX, n. 17, jun. 2006.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Unesp, 2007

FIGENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Estamos condenados a midiaticização?** Articulações conceituais em torno dos processos midiáticos. São Leopoldo: Paper, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A ordem do discurso.** Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

_____. **Microfísica do poder.** 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **A hermenêutica do sujeito.** Curso dado no *Collège de France* (1981-1982). 3. ed. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2010.

FRANQUET, Rosa. *La radio ante la digitalización: renorvarse en la incertidumbre.* In: BUSTAMANTE, Henrique (Org). **Hacia un nuevo sistema mundial de comunicación. Las industrias culturales en la era digital.** Barcelona: Gedisa, 2008.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiaticização da religião: processos midiáticos e a construção de novas religiosidades de pertencimento.** Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. (Tese de Doutorado) apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. A fala do rádio – um estudo dos percursos dos nossos erros. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCOLOTO, Valci (Orgs.). **Teorias do rádio: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2008. v. II.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

_____. **Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos.** Petrópolis: Vozes, 2010.

GOMES, Ana Ângela Farias. **A midiaticização do social: Globo e Criança Esperança tematizando a realidade brasileira.** Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

GOMES, Pedro Gilberto. A midiaticização no processo social. In: _____. **A filosofia e a ética da comunicação na midiaticização da sociedade.** São Leopoldo/RS: Unisinos. 2006.

_____. O processo de midiaticização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade. A relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (Org.). **Midiaticização e processos sociais na América Latina.** São Paulo: Paulus, 2008.

GÓMEZ VARGAS, Héctor. *Los usos sociales de la radio. Que no pare la música.* In: **Revista Estudios sobre las Culturas Contemporáneas,** Colima, v. 6, n. 16/17, 1994.

_____. *Radio, campo cultural y mediaciones. Apuestas y propuestas para pensar la radio en León.* In: **Revista Estudios sobre las Culturas Contemporáneas,** Colima, v. 1, n.1, 1995.

GRISA, Jairo Angelo. **Histórias de ouvinte: a audiência popular no rádio.** Itajaí: Univale, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social.** Madrid: Taurus, 1987.

_____. **Teoría de la acción comunicativa II: crítica de la razón funcionalista.** Madrid: Taurus, 1987.

_____. **Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos.** Madrid: Cátedra, 1989.

HAYE, Ricardo. *El arte radiofónico. Algunas pistas sobre la constitución de su expresividad.* Buenos Aires: *La Crujía Ediciones*, 2004. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JOSÉ, Carmen Lucia. Poéticas do ouvir. **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação.** Campo Grande/MS, set. 2001.

KAPLÚN, Mario. *Una pedagogia de la comunicación. Ediciones de la torre:* Madrid, 1998.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais e Linguagens na Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: junho de 2011.

KLEIN, Otavio José. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. In: **Revista Estudos em Comunicação.** Covilhã/Portugal: Labcom da Universidade Beira Interior. v. 1, p. 215 -231, abr. 2007.

KROTH, Maicon E. **As estratégias de produção e transmissão de um programa de rádio de auditório itinerante: estudo de caso do programa Gente Nossa, da Rádio Venâncio Aires 910 AM.** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Comunicação Social, (PUCRS), 2006.

LATOUR, Bruno. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red.* Buenos Aires: Manantial, 2008.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (Org). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **A teoria geral dos sistemas.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MACIEL, João Carlos. Disponível em: <<http://www.joãocarlosmaciel.com.br>>. Acesso em: 24 ago. 2011.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios como Extensão do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MARTINS, Nair Prata Moreira. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

MATA, Maria Cristina. *Rádios y públicos populares*. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 19, jan., 1988.

_____. *Radio: Memorias de la recepción. Aproximaciones a la identidad de los sectores populares*. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 22, jan., 1991.

_____. *La radio: una relación comunicativa*. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 24, jan., 1993.

_____. *De la cultura massiva a la cultura mediática*. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 51, jan.1999.

_____. *De la presencia a la exclusión. La obliteración del conflicto y el poder em la escena mediática*. **Revista Diálogos de la Comunicación**. Lima, n. 59-60, p.166-173, out. 2000.

MAZZARINO, Jane Márcia. **A cidadania da escuta: os ouvintes como produtores de sentido, inseridos no processo comunicacional mediado pelo rádio - um estudo de caso do Programa Acorda Rio Grande, da Rádio Independente de Lajeado/RS**. (Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, UNISINOS), São Leopoldo, 2001.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo/SP: Summus, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

_____. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2. ed. Florianópolis/SC: Insular, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis, SC: Insular, 2005. v. II.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

- MORAES, Ana Luiza Coiro. **A síndrome do protagonista**: uma abordagem cultural às personagens dos espetáculos de realidade da mídia. (Tese de Doutorado em Comunicação Social) - PUCRS, Faculdade de Comunicação Social, Porto Alegre, 2008.
- MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília, Paralelo 15, 2002.
- NUNES, Mônica Rebbeca Ferrari. **O mito no rádio**: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v.39, n. 1.1996.
- OLIVEIRA, Valdir de Castro. Condições e contradições da utopia radiofônica comunitária. In: PRATA, Nair (Org.). **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010, p.125-138.
- ORTIZ; MARCHAMALO. **Técnicas de comunicação pelo Rádio**. São Paulo: Loyola, 2005.
- PAIVA, Vanessa. **Uma comunidade de ouvintes**: a sociabilidade proporcionada pelo rádio. In: GERAES - **Revista de Comunicação Social**, Belo Horizonte: UFMG, n. 47, 1º sem./1995.
- _____. A mensagem Radiofônica: o acontecimento (re) significado”. In MOUILLAUD, M; DAYRELL, S. P. (Orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília, Paralelo 15, 2002.
- PESSOA, Sônia Caldas. **Itataiaia Patrulha, as histórias da vida**: A co-construção de identidades em programa radiofônico policial. (Dissertação de Mestrado em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras) – UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2004.
- PINTO, Céli Regina J. O clientelismo eletrônico: a eficácia de um programa popular de rádio. Humanas. **Revista do IFCH – UFRGS**, Porto Alegre, v.16, n.1, jan/jun.,1993.
- _____. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney**: ou como entender os meandros da linguagem do poder. São Paulo: Hucitec, 1989.
- REDE GLOBO. Disponível em: <<http://www.tvglobo.com>>. Acesso em: 24 out. 2011.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O dispositivo da enunciação. In: _____. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994.
- _____. A emergência dos campos sociais. In: REVAN, R. N. Monteiro de Santana. (Org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Terezina: Universidade Federal do Piauí, 2000, p. 98.
- _____. Autonomização do campo dos media. In: REVAN, R. N. Monteiro de Santana. (Org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Terezina: Universidade Federal do Piauí, 2000, p. 199-215.

RODRIGUES, Adriano Duarte. “A Gênese do Campo dos Media”. In: REVAN, R. N. Monteiro de Santana. (Org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan/Terezina: Universidade Federal do Piauí, 2000, p. 99-215.

_____. Considerações preliminares sobre o quadro enunciativo do discurso midiático. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro: v.12, n. 3, set./dez. 2009.

_____. **A partitura invisível**. Para uma abordagem interativa da linguagem. Lisboa: Colibri, 2001.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A aventura sociológica na contemporaneidade. In; ADORNO, Sérgio. (Org). **A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade**. Porto Alegre: UFRGS/Sociedade Brasileira de Sociologia, 1995.

SANZ, Luiz Alberto. **Dramaturgia da informação radiofônica**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

SAROLDI, Luiz Carlos. “O Narrador no rádio: Almirante e a Interatividade” In: ZAREMBA, Lilian; BENTES, Ivana. **Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea**. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, Publique, 1999.

SCOTT. Lasch. **Crítica de la información**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada - o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

SPRITZER, Mirna. **O corpo tornado voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica**. (Tese de doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2005.

THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VACA GUTIÉRREZ, Hernando. **Processo interativos midiáticos da Rádio Sutatenza com os camponeses da Colômbia**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2009.

VERÓN, Eliseo. **A Produção de sentido**. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **Esquema para el análisis de la mediatización**. *Diálogos de la comunicación*, Lima: Felafacs, n. 48, p. 9 out. 1997.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. *Prensa escrita y teoría de los discursos sociales. Producción, recepción, regulación*, 1998. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/dado/textosteoria/veron2.rtf>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

VIANNA, Graziela Valadares Gomes de Mello. **Elementos sonoros da linguagem radiofônica**: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo. Trabalho apresentado ao Grupo de trabalho Práticas interacionais e linguagens na comunicação do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFGRS. Porto Alegre, junho de 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília: Unb, 1994. v.1.

WINOCUR, Rosalía. *La participación en la radio, una posibilidad negociada de ampliación del espacio público*. In: *Revista Diálogos de la Comunicación*. Lima, v. 58, n. 55, p. 37-46, ago. 2000.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.